

UNESP – Universidade Estadual Paulista ‘Júlio de Mesquita Filho’



**Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara**

CAROLINE CARNIELLI BIAZOLLI



**CLÍTICOS PRONOMINAIS NO PORTUGUÊS DE SÃO
PAULO: 1880 A 1920 – UMA ANÁLISE SÓCIO-HISTÓRICO-
LINGUÍSTICA**

**Araraquara - SP
2010**

CAROLINE CARNIELLI BIAZOLLI

**CLÍTICOS PRONOMINAIS NO PORTUGUÊS DE SÃO
PAULO: 1880 A 1920 – UMA ANÁLISE SÓCIO-HISTÓRICO-
LINGUÍSTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista ‘Júlio de Mesquita Filho’, Campus de Araraquara - SP, como requisito à obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de Pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosane de Andrade Berlinck

Bolsas: CNPq e FAPESP

Araraquara - SP
2010

Biazolli, Caroline Carnielli

Clíticos pronominais de São Paulo: 1880 a 1920: uma análise sócio-histórico-linguística / Caroline Carnielli Biazolli – 2010

230 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) –
Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus
de Araraquara

Orientador: Rosane de Andrade Berlinck

1. Linguística histórica. 2. Sociolinguística. 3. Língua Portuguesa.
I. Título.

CAROLINE CARNIELLI BIAZOLLI

**CLÍTICOS PRONOMINAIS NO PORTUGUÊS DE SÃO
PAULO: 1880 A 1920 – UMA ANÁLISE SÓCIO-HISTÓRICO-
LINGUÍSTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista ‘Júlio de Mesquita Filho’, Campus de Araraquara - SP, como requisito à obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de Pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Rosane de Andrade Berlinck

Bolsas: CNPq e FAPESP

Data da aprovação: 19/05/2010

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Rosane de Andrade Berlinck
Departamento de Linguística e Língua Portuguesa / FCLAr – UNESP

Membro Titular: Prof^ª. Dr^ª. Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale
Departamento de Letras / UFSCar

Membro Titular: Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves
Departamento de Estudos Linguísticos e Literários / IBILCE – UNESP

Araraquara, 19 de maio de 2010.

Àquela que, com o seu abraço acolhedor, faz com que eu me sinta sempre amada e protegida. A Mercedes, minha doce mãe.

AGRADECIMENTOS

Ao Divino Pai Eterno e a São Jorge, por atenderem, no tempo estipulado por Eles, as minhas preces. Agradeço pela benção contínua a mim e a todos que eu amo.

Aos meus queridos pais, Roberto e Mercedes, os pilares da minha vida, por me ensinarem, através de atitudes, a vencer os desafios. Ao lado deles, a cada dia, aprendo a ser uma pessoa melhor. Faltam palavras para agradecer tudo que fizeram, e ainda fazem, por nossa família. O que tenho e, principalmente, o que sou, devo a esses dois guerreiros.

À minha irmã, Cláudia, pelo seu zelo por mim, desde a infância. Os estranhamentos e as diferenças existem, porém, com ela, sei que sempre poderei contar. Juntas, ainda vivenciaremos muitas experiências.

Ao meu sobrinho/afilhado, Felipe, de apenas um ano, muitas vezes, fonte de minha inspiração. Olhá-lo, atentando-se para toda a sua pureza e a sua inocência, confesso: enche-me de esperança.

Aos meus antigos e recentes amigos e amigas, pelas alegrias compartilhadas, pelos conselhos relevantes e pelos gestos a mim dispensados nos momentos difíceis. Um dos segredos da minha felicidade é tê-los ao meu lado.

À Prof^a. Dr^a. Rosane de Andrade Berlinck, um exemplo a ser seguido como ser humano e professora/orientadora, por serem notáveis a sua amabilidade e a sua competência profissional. Em todas as circunstâncias, sempre muito atenciosa, esteve presente. Agradeço o voto de confiança depositado em mim, quando me aceitou como sua orientanda, para desenvolver esta pesquisa – que tanto me encanta – e todos os ensinamentos que o nosso convívio me proporcionou. A minha gratidão é enorme. Nesses dois anos, pude, também, conquistar uma especial amiga.

À Prof^a. Dr^a. Marymarcia Guedes, pela forma carinhosa como me acolheu, orientando-me, a partir do segundo ano de minha Graduação, durante a Iniciação Científica. Os seus conhecimentos, a mim repassados, conduziram-me à escolha de prosseguir os meus estudos.

À Prof^a. Dr^a. Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale e à Prof^a. Dr^a. Renata Maria Facuri Coelho Marchezan, membros da banca examinadora do exame de Qualificação, pelas sugestões pertinentes feitas com o propósito de enriquecer a minha pesquisa.

Aos membros da banca examinadora do exame de Defesa, Prof^a. Dr^a. Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale, novamente, e Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves, pela

leitura detalhada de minha dissertação, pelos valiosos comentários e, a partir destes, por fazerem com que eu pudesse confirmar o meu desejo de continuar pesquisando nessa área.

À Prof^a. Dr^a. Silvia Rodrigues Vieira, de quem recebi, além de incentivo, proveitosos esclarecimentos – acerca do tema desta investigação, que nos fascina –, durante nossos encontros em eventos acadêmicos.

Aos docentes do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, da FCLAr, pelas disciplinas ministradas e pelas pesquisas desenvolvidas, proporcionando a nós, alunos, um programa de Pós-Graduação de altíssima qualidade.

Aos funcionários do setor de Pós-Graduação da FCLAr, pela disposição que sempre me dedicaram.

A todos, citados acima, o meu MUITO OBRIGADA! A partir de nossos laços, pude aprender a acreditar no tempo, na amizade, na sabedoria e no amor!

Finalmente, agradeço ao CNPq e à FAPESP, pelos apoios financeiros. Àquele, por ter concedido a mim uma bolsa de pesquisa durante quatro meses; esta, por financiar este estudo durante o tempo restante.

*“Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.”*

Ricardo Reis

(PESSOA, 2009, p. 75)

RESUMO

O presente estudo, sob as proposições da Linguística Histórica e da Sociolinguística Variacionista, averigua a posição dos clíticos pronominais, adjungidos a um único verbo ou a mais de um verbo, em orações presentes em textos jornalísticos produzidos na cidade de São Paulo e no município interiorano paulista de Rio Claro, no período que abrange o final do século XIX e o início do século XX, em particular, entre os anos de 1880 a 1920. Opta-se pelo referido recorte espacial por se tratar de localidades com perfis, em termos, diversos, fazendo-se uma análise para verificar prováveis semelhanças e particularidades do emprego dos pronomes clíticos nessas regiões. Quanto ao recorte temporal, trata-se de um período pouco investigado do ponto de vista linguístico e relevante pelo conjunto de fatos históricos que o caracterizam – nos cenários internacional e nacional, até mesmo na cidade e no estado de São Paulo – e pelas transformações observadas no seio das sociedades, com consequências inclusive no uso que os seus membros fazem da língua. A escolha do material utilizado como fonte de extração dos dados, os jornais, justifica-se pelo fato de eles, assim como outros meios do domínio discursivo jornalístico, serem compostos por textos de naturezas diversas – diferentes gêneros textuais –, possibilitando identificar, de acordo com aspectos formais e funcionais, os papéis dos interlocutores e o contexto situacional em que são produzidos (maior ou menor monitoramento), a presença de variantes padrão e não-padrão; neste caso, observando-se o uso das formas conservadoras e inovadoras em relação à norma vigente quanto à colocação dos pronomes clíticos. Baseando-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguísticas, portanto, investigam-se quais variáveis independentes linguísticas e não-linguísticas motivam, dentro da oração, determinada posição dos pronomes clíticos, indicando-as, somente as mais relevantes, a partir dos resultados absolutos, percentuais e pesos relativos. Faz-se uso, para esse fim, da análise estatística fornecida pelo pacote de programas GOLDVARB. Como objetivo geral, pretende-se, com esta pesquisa, colaborar com a descrição do Português Brasileiro e a construção da história interna e externa da variedade paulista.

Palavras-chave: Posição dos clíticos pronominais. Gênero Textual. Norma linguística. Português paulista. Imprensa paulista. Variação e mudança linguísticas.

ABSTRACT

The present study, under the assertions of Historical Linguistics and Variationist Sociolinguistics, verifies the position of clitic pronouns, associated to a single verb or associated to more than one verb, in clauses which are part of journalistic texts produced in São Paulo city and in Rio Claro town, located in the interior of São Paulo State. The period analyzed embraces the end of the XIX century and the beginning of the XX century, particularly, between the years 1880 and 1920. This spatial cut is due to the diverse profile of the locations, what is analyzed to verify probable similarities and particularities of the clitic pronouns uses in those areas. Concerning the time cut, the period has had little investigation from the linguistic point of view, but it is relevant by the historical facts which distinguish it – in the national and international sceneries and even in São Paulo city and State – and also by the transformations observed in the societies, with consequences also present in the use of the language by their members. The materials used as data extraction source, the newspapers, were chosen because of their diverse nature of texts, just as other means of the journalistic discourse domain. This choice enables the presence of standard and non-standard variations and the identification of the roles of the interlocutors and the situational context in which they are produced (with higher or lower monitoring), according to formal and functional aspects. In this case, the use of conservative and innovator forms related to the present standard, while placing the clitic pronouns, are observed. Based on the theoretical and methodological purposes from the Theory of Linguistic Change and Variation, therefore, there is an investigation of which independent linguistic and non-linguistic variables motivate, inside the sentence, a certain position of the clitic pronouns. These positions, the most relevant ones, are indicated by the absolute results, percentage and weights. In order to fulfill this purpose, the statistic analysis of the GOLDFARB programs is used. It is intended as a general objective, with this research, to collaborate with the description of the Brazilian Portuguese and with the construction of the internal and external history of the *paulista* variety.

Keywords: Clitic pronouns position. Textual Genres. Standard language. *Paulista* Portuguese. *Paulista* Press. Linguistic change and variation.

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

Quadro 1 – Sistema dos Pronomes Pessoais da Língua Portuguesa.	52
Quadro 2 – Sistema dos Pronomes Pessoais Portugueses.	58
Quadro 3 – Sistema, remodelado, dos Pronomes Pessoais Portugueses.	59
Quadro 4 – Clíticos não-reflexos e reflexos, consoante a pessoa gramatical e a forma casual a que correspondem.	60
Quadro 5 – Tipos de Pronomes Clíticos em Português.	62
Quadro 6 – Cronologia Histórica do Grupo Estado.	91
Quadro 7 – Cronologia Histórica da cidade de São Paulo: 1880 a 1920.	96
Quadro 8 – Distribuição geral dos gêneros textuais entre as predominâncias dos usos dos pronomes enclíticos e proclíticos nos jornais das cidades de São Paulo e de Rio Claro, de 1880 a 1920, para lexias verbais simples.	146
Quadro 9 – Relação das variáveis independentes linguísticas selecionadas e eliminadas, ordenadas segundo os maiores valores de significância, a partir das análises dos dados presentes nos jornais das cidades de São Paulo e de Rio Claro, para lexias verbais simples.	150
Quadro 10 – Levantamento geral dos fatores linguísticos que favorecem a próclise ou a ênclise, em lexias verbais simples, conforme os resultados averiguados nos jornais da cidade de São Paulo.	175
Quadro 11 – Levantamento geral dos fatores linguísticos que favorecem a próclise ou a ênclise, em lexias verbais simples, conforme os resultados averiguados nos jornais da cidade de Rio Claro.	175
Quadro 12 – Levantamento geral dos fatores linguísticos que favorecem as posições cl V1 V2 ou V1 cl V2 ou V1 V2 cl, conforme os resultados averiguados nos jornais da cidade de São Paulo.	213
Quadro 13 – Levantamento geral dos fatores linguísticos que favorecem as posições cl V1 V2 ou V1 cl V2 ou V1 V2 cl, conforme os resultados averiguados nos jornais da cidade de Rio Claro.	214
Figura 1 – Edital no exemplar do jornal “O Estado de São Paulo”, de 1890.	100
Figura 2 – Partes do Edital no exemplar do jornal “Diário do Rio Claro”, de 1894.	101
Figura 3 – Notícia no exemplar do jornal “O Estado de São Paulo”, de 1905.	102
Figura 4 – Notícia no exemplar do jornal “O Rio Claro”, de 1915.	103
Figura 5 – Aviso no exemplar do jornal “A Província de São Paulo”, de 1880.	104

Figura 6 – Aviso no exemplar do jornal “O Diário do Rio Claro”, de 1894.	104
Figura 7 – Anúncio no exemplar do jornal “O Estado de São Paulo”, de 1905.	105
Figura 8 – Anúncio no exemplar do jornal “O Rio Claro”, de 1915.	105
Figura 9 – Classificados no exemplar do jornal “O Estado de São Paulo”, de 1910.	106
Figura 10 – Classificado no exemplar do jornal “Correio do Oeste”, de 1880.	106
Figura 11 – Parte do Editorial no exemplar do jornal “O Estado de São Paulo”, de 1895. ..	108
Figura 12 – Parte do Editorial no exemplar do jornal “O Tempo”, de 1885.	109
Figura 13 – Parte do Artigo no exemplar do jornal “A Província de São Paulo”, de 1880. .	110
Figura 14 – Parte do Artigo no exemplar do jornal “A Semana Militar”, de 1920.	110
Figura 15 – Parte da Resenha no exemplar do jornal “O Estado de São Paulo”, de 1920. ..	111
Figura 16 – Parte da Resenha no exemplar do jornal “Correio do Oeste”, de 1880.	112
Figura 17 – Parte da Crônica no exemplar do jornal “O Estado de São Paulo”, de 1920. ...	113
Figura 18 – Parte da Crônica no exemplar do jornal “O Tempo”, de 1885.	113
Figura 19 – Carta do leitor no exemplar do jornal “O Estado de São Paulo”, de 1885.	114
Figura 20 – Carta do leitor no exemplar do jornal “A Mocidade”, de 1920.	115
Figura 21 – Nota no exemplar do jornal “O Estado de São Paulo”, de 1905.	116
Figura 22 – Nota no exemplar do jornal “A Semana Militar”, de 1920.	116
Figura 23 – Comentário no exemplar do jornal “O Estado de São Paulo”, de 1890.	117
Figura 24 – Comentário no exemplar do jornal “O Rio Claro”, de 1900.	117

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Gráficos 1 e 2 – Distribuições gerais das ocorrências de próclise e ênclise em lexias verbais simples, nos jornais das cidades de São Paulo e de Rio Claro, de 1880 a 1920.	138
Gráfico 3 – Distribuição percentual dos pronomes clíticos nas lexias verbais simples dos jornais da cidade de São Paulo – 1880 a 1920.	151
Gráfico 4 – Frequências de próclise em contextos do verbo hospedeiro do pronome clítico em início, ou não-início, absoluto na oração, nos jornais das cidades de São Paulo e de Rio Claro.	172
Gráficos 5 e 6 – Distribuições gerais das ocorrências das posições pré, intra e pós-complexos verbais, nos jornais das cidades de São Paulo e de Rio Claro, de 1880 a 1920.	176
Gráfico 7 – Frequências da posição cl V1 V2 em contextos do complexo verbal hospedeiro do pronome clítico em início, ou não-início, absoluto na oração, nos jornais das cidades de São Paulo e de Rio Claro.	204
Gráfico 8 – Frequências da posição V1 cl V2 em contextos do complexo verbal hospedeiro do pronome clítico em início, ou não-início, absoluto na oração, nos jornais das cidades de São Paulo e de Rio Claro.	204
Gráfico 9 – Frequências da posição V1 V2 cl em contextos do complexo verbal hospedeiro do pronome clítico em início, ou não-início, absoluto na oração, nos jornais das cidades de São Paulo e de Rio Claro.	205
Tabela 1 – Distribuição geral das ocorrências de clíticos pronominais nos jornais das cidades de São Paulo e de Rio Claro.	137
Tabela 2 – Número de ocorrências e percentuais da colocação dos pronomes clíticos em lexias verbais simples nos jornais da cidade de São Paulo, de 1880 a 1920.	139
Tabela 3 – Pesos relativos da colocação dos pronomes clíticos em lexias verbais simples nos jornais da cidade de São Paulo, de 1880 a 1920.	139
Tabela 4 – Número de ocorrências e percentuais da colocação dos pronomes clíticos em lexias verbais simples nos jornais da cidade de Rio Claro, de 1880 a 1920.	140
Tabela 5 – Pesos relativos da colocação dos pronomes clíticos em lexias verbais simples nos jornais da cidade de Rio Claro, de 1880 a 1920.	141

Tabela 6 – Número de ocorrências e percentuais dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com os gêneros textuais dos jornais da cidade de São Paulo, de 1880 a 1920.	143
Tabela 7 – Pesos relativos da colocação dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com os gêneros textuais dos jornais da cidade de São Paulo, de 1880 a 1920.	143
Tabela 8 – Número de ocorrências e percentuais dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com os gêneros textuais dos jornais da cidade de Rio Claro, de 1880 a 1920.	145
Tabela 9 – Pesos relativos da colocação dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com os gêneros textuais dos jornais da cidade de Rio Claro, de 1880 a 1920.	145
Tabela 10 – Número de ocorrências e percentuais dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com o tipo de clítico, nos jornais da cidade de Rio Claro, de 1880 a 1920.	151
Tabela 11 – Pesos relativos da colocação dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com o tipo de clítico, nos jornais da cidade de Rio Claro, de 1880 a 1920.	152
Tabela 12 – Número de ocorrências e percentuais dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com a função do clítico, nos jornais da cidade de Rio Claro, de 1880 a 1920.	156
Tabela 13 – Número de ocorrências e percentuais dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com a função do clítico, nos jornais da cidade de São Paulo, de 1880 a 1920.	157
Tabela 14 – Pesos relativos da colocação dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com a função do clítico, nos jornais da cidade de São Paulo, de 1880 a 1920.	157
Tabela 15 – Número de ocorrências e percentuais dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com as formas verbais, nos jornais da cidade de São Paulo, de 1880 a 1920.	161
Tabela 16 – Pesos relativos da colocação dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com as formas verbais, nos jornais da cidade de São Paulo, de 1880 a 1920.	161
Tabela 17 – Número de ocorrências e percentuais dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com as formas verbais, nos jornais da cidade de Rio Claro, de 1880 a 1920.	164

Tabela 18 – Pesos relativos da colocação dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com as formas verbais, nos jornais da cidade de Rio Claro, de 1880 a 1920.	165
Tabela 19 – Número de ocorrências e percentuais dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com o tipo de verbo, do ponto de vista lógico-semântico, nos jornais da cidade de Rio Claro, de 1880 a 1920.	167
Tabela 20 - Número de ocorrências e percentuais dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com o tipo de verbo, do ponto de vista lógico-semântico, nos jornais da cidade de São Paulo, de 1880 a 1920.	167
Tabela 21 – Pesos relativos da colocação dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com o tipo de verbo, do ponto de vista lógico-semântico, nos jornais da cidade de São Paulo, de 1880 a 1920.	168
Tabela 22 – Número de ocorrências e percentuais dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com a presença, ou ausência, de elemento proclisador na oração, nos jornais da cidade de São Paulo, de 1880 a 1920.	169
Tabela 23 – Pesos relativos da colocação dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com a presença, ou ausência, de elemento proclisador na oração, nos jornais da cidade de São Paulo, de 1880 a 1920.	169
Tabela 24 – Número de ocorrências e percentuais dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com a presença, ou ausência, de elemento proclisador na oração, nos jornais da cidade de Rio Claro, de 1880 a 1920.	169
Tabela 25 – Pesos relativos da colocação dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com a presença, ou ausência, de elemento proclisador na oração, nos jornais da cidade de Rio Claro, de 1880 a 1920.	169
Tabela 26 – Número de ocorrências e percentuais dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com o verbo hospedeiro do pronome clítico em início, ou não-início, absoluto na oração, nos jornais da cidade de São Paulo, de 1880 a 1920.	173
Tabela 27 – Pesos relativos da colocação dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com o verbo hospedeiro do pronome clítico em início, ou não-início, absoluto na oração, nos jornais da cidade de São Paulo, de 1880 a 1920.	173
Tabela 28 – Número de ocorrências e percentuais dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com o verbo hospedeiro do pronome clítico em início, ou não-início, absoluto na oração, nos jornais da cidade de Rio Claro, de 1880 a 1920.	173

Tabela 29 – Pesos relativos da colocação dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com o verbo hospedeiro do pronome clítico em início, ou não-início, absoluto na oração, nos jornais da cidade de Rio Claro, de 1880 a 1920.	173
Tabela 30 – Número de ocorrências e percentuais da colocação dos pronomes clíticos em complexos verbais nos anos de 1880 a 1920, nos jornais da cidade de São Paulo.	177
Tabela 31 – Número de ocorrências e percentuais da colocação dos pronomes clíticos em complexos verbais nos anos de 1880 a 1920, nos jornais da cidade de Rio Claro.	178
Tabela 32 – Número de ocorrências e percentuais da colocação dos pronomes clíticos em complexos verbais nos jornais da cidade de São Paulo, de 1880 a 1920.	179
Tabela 33 – Número de ocorrências e percentuais da colocação dos pronomes clíticos em complexos verbais nos jornais da cidade de Rio Claro, de 1880 a 1920.	179
Tabela 34 – Número de ocorrências e percentuais dos pronomes clíticos em complexos verbais, de acordo com os gêneros textuais dos jornais da cidade de São Paulo, de 1880 a 1920.	181
Tabela 35 – Número de ocorrências e percentuais dos pronomes clíticos em complexos verbais, de acordo com os gêneros textuais dos jornais da cidade de Rio Claro, de 1880 a 1920.	182
Tabela 36 – Número de ocorrências e percentuais dos pronomes clíticos em complexos verbais, de acordo com o tipo de clítico, nos jornais da cidade de São Paulo, de 1880 a 1920.	186
Tabela 37 – Número de ocorrências e percentuais dos pronomes clíticos em complexos verbais, de acordo com o tipo de clítico, nos jornais da cidade de Rio Claro, de 1880 a 1920.	188
Tabela 38 – Número de ocorrências e percentuais dos pronomes clíticos em complexos verbais, de acordo com a função do clítico, nos jornais da cidade de São Paulo, de 1880 a 1920.	188
Tabela 39 – Número de ocorrências e percentuais dos pronomes clíticos em complexos verbais, de acordo com a função do clítico, nos jornais da cidade de Rio Claro, de 1880 a 1920.	192
Tabela 40 – Número de ocorrências e percentuais dos pronomes clíticos em complexos verbais, de acordo com as formas verbais de V1, nos jornais da cidade de São Paulo, de 1880 a 1920.	195

Tabela 41 – Número de ocorrências e percentuais dos pronomes clíticos em complexos verbais, de acordo com as formas verbais de V1, nos jornais da cidade de Rio Claro, de 1880 a 1920.	195
Tabela 42 – Número de ocorrências e percentuais da colocação dos pronomes clíticos em complexos verbais, de acordo com a forma verbal de V2, nos jornais da cidade de São Paulo, de 1880 a 1920.	199
Tabela 43 – Número de ocorrências e percentuais da colocação dos pronomes clíticos em complexos verbais, de acordo com a forma verbal de V2, nos jornais da cidade de Rio Claro, de 1880 a 1920.	199
Tabela 44 – Número de ocorrências e percentuais da colocação dos pronomes clíticos em complexos verbais, de acordo com a presença ou ausência de elemento proclisador na oração, nos jornais da cidade de São Paulo, de 1880 a 1920.	201
Tabela 45 – Número de ocorrências e percentuais da colocação dos pronomes clíticos em complexos verbais, de acordo com a presença ou ausência de elemento proclisador na oração, nos jornais da cidade de Rio Claro, de 1880 a 1920.	202
Tabela 46 – Número de ocorrências e percentuais da colocação dos pronomes clíticos em complexos verbais, de acordo com o início ou não-início absoluto do complexo verbal na oração, nos jornais da cidade de São Paulo, de 1880 a 1920.	206
Tabela 47 – Número de ocorrências e percentuais da colocação dos pronomes clíticos em complexos verbais, de acordo com o início ou não-início absoluto do complexo verbal na oração, nos jornais da cidade de Rio Claro, de 1880 a 1920.	206
Tabela 48 – Número de ocorrências e percentuais da colocação dos pronomes clíticos em complexos verbais, de acordo com a presença ou ausência de elemento interveniente entre os verbos, nos jornais da cidade de São Paulo, de 1880 a 1920.	207
Tabela 49 – Número de ocorrências e percentuais da colocação dos pronomes clíticos em complexos verbais, de acordo com a presença ou ausência de elemento interveniente entre os verbos, nos jornais da cidade de Rio Claro, de 1880 a 1920.	207
Tabela 50 – Número de ocorrências e percentuais da colocação dos pronomes clíticos em complexos verbais, de acordo com o tipo de complexo verbal, nos jornais da cidade de São Paulo, de 1880 a 1920.	209
Tabela 51 – Número de ocorrências e percentuais da colocação dos pronomes clíticos em complexos verbais, de acordo com o tipo de complexo verbal, nos jornais da cidade de Rio Claro, de 1880 a 1920.	209

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	20
1.1 Objetivos	21
1.2 Hipóteses	22
1.3 Metodologia	24
2 ORIENTAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS	27
2.1 Os estudos linguísticos no século XX: algumas considerações	27
2.2 Pressupostos da Sociolinguística Variacionista: a primazia da dimensão sócio-histórica na investigação da língua	30
2.3 O papel das <i>normas</i> em processos de variação e mudança linguísticas	35
2.3.1 Delimitando-se conceitos no campo da norma linguística	36
2.3.2 A norma-padrão do PB – e outras possíveis realizações –, no final de século XIX e início do século XX	38
2.4 Gêneros: conceitos, conflitos e outras características	40
2.4.1 Os gêneros textuais como subsídios para pesquisas sociolinguísticas – contribuição e relevância	45
2.4.2 Os gêneros do jornal	47
3 O TRATAMENTO DOS CLÍTICOS PRONOMINAIS SOB DIVERSAS ÓTICAS ...	50
3.1 O enfoque dos pronomes – priorizando-se os átonos – nas gramáticas tradicionais	50
3.2 A abordagem descritiva do sistema de pronomes pessoais portugueses - os clíticos em destaque	56
3.3 Os clíticos pronominais em estudos diversos da linguística atual	66
4 PARÂMETROS DE ANÁLISE DOS DADOS	78
4.1 A composição do <i>corpus</i>	78
4.2 As Variáveis Dependentes	80
4.3 As Variáveis Independentes	82
4.3.1 Variáveis Independentes Extralinguísticas	82
4.3.1.1 Ano do jornal analisado	82
4.3.1.1.1 História do Brasil: final do século XIX e início do século XX	83
4.3.1.2 Jornal estudado	86

4.3.1.2.1	Resumo histórico do periódico “A Província de São Paulo”, posteriormente “O Estado de São Paulo”	87
4.3.1.2.2	Informações dos jornais rioclarenses	91
4.3.1.3	Cidade onde o periódico é publicado	92
4.3.1.3.1	A contextualização sócio-histórica, política e econômica do estado e da cidade de São Paulo (de 1880 a 1920)	92
4.3.1.3.2	Recortes da história da cidade de Rio Claro	96
4.3.1.4	Gêneros textuais averiguados	99
4.3.2	Variáveis Independentes Linguísticas	117
4.3.2.1	Grupos de Fatores observados quando o clítico pronominal está adjunto a uma Lexia Verbal Simples	118
4.3.2.1.1	Tipo de clítico	118
4.3.2.1.2	Função do clítico	120
4.3.2.1.3	Formas Verbais	122
4.3.2.1.4	Tipo de verbo, do ponto de vista lógico-semântico	126
4.3.2.1.5	Ocorrência, ou não, de elemento proclisador na oração	128
4.3.2.1.6	Verbo hospedeiro do pronome clítico em início, ou não-início, absoluto na oração	129
4.3.2.2	Grupos de Fatores observados quando o clítico pronominal está adjunto a um Complexo Verbal	129
4.3.2.2.1	Formas Verbais do primeiro verbo	129
4.3.2.2.2	Forma Verbal do segundo verbo	132
4.3.2.2.3	Presença ou Ausência de elementos intervenientes entre os verbos do Complexo Verbal	133
4.3.2.2.4	Tipo do Complexo verbal	134
5	DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS	136
5.1	Lexias Verbais Simples: Próclise x Ênclise	137
5.1.1	Lexias Verbais Simples: Variáveis Independentes Extralinguísticas selecionadas	138
5.1.1.1	Variável JORNAL ESTUDADO	139
5.1.1.2	Variável GÊNERO TEXTUAL	141
5.1.2	Lexias Verbais Simples: Variáveis Independentes Linguísticas selecionadas	149
5.1.2.1	Variável TIPO DE CLÍTICO	150
5.1.2.2	Variável FUNÇÃO DO CLÍTICO	156

5.1.2.3 Variável FORMAS VERBAIS	161
5.1.2.4 Variável TIPO DE VERBO, do ponto de vista lógico-semântico	167
5.1.2.5 Variável PRESENÇA, ou AUSÊNCIA, de ELEMENTO PROCLISADOR na oração	168
5.1.2.6 Variável Verbo hospedeiro do pronome clítico em INÍCIO, ou NÃO-INÍCIO, ABSOLUTO na oração	172
5.1.3 Síntese: A colocação pronominal em Lexias Verbais Simples, consoante aspectos linguísticos	175
5.2 Complexos Verbais: Pré-Complexo Verbal x Intra-Complexo Verbal x Pós-Complexo Verbal	176
5.2.1 Complexos Verbais: Variáveis Independentes Extralinguísticas	177
5.2.1.1 Variável ANO DO JORNAL ANALISADO	177
5.2.1.2 Variável JORNAL ESTUDADO	179
5.2.1.3 Variável GÊNERO TEXTUAL	180
5.2.2 Complexos Verbais: Variáveis Independentes Linguísticas	183
5.2.2.1 Variável TIPO DE CLÍTICO	183
5.2.2.2 Variável FUNÇÃO DO CLÍTICO	188
5.2.2.3 Variável FORMAS VERBAIS de V1	194
5.2.2.4 Variável FORMA VERBAL de V2	199
5.2.2.5 Variável PRESENÇA, ou AUSÊNCIA, de ELEMENTO PROCLISADOR na oração	201
5.2.2.6 Variável Complexo Verbal hospedeiro do pronome clítico em INÍCIO, ou NÃO-INÍCIO, ABSOLUTO na oração	205
5.2.2.7 Variável PRESENÇA ou AUSÊNCIA de ELEMENTO INTERVENIENTE entre os verbos do complexo verbal	207
5.2.2.8 Variável TIPO DE COMPLEXO VERBAL	208
5.2.3 Síntese: A colocação pronominal em Complexos Verbais, consoante aspectos linguísticos	212
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	215
7 REFERÊNCIAS	223

1 INTRODUÇÃO

São muitos os trabalhos que tratam dos clíticos pronominais, inclusive quanto à posição que ocupam numa oração. Pode-se encontrar uma vasta bibliografia em que são retratados, ora tomados por sua face fonológica, ora por sua natureza morfossintática, nas gramáticas da língua portuguesa e nos mais variados estudos linguísticos. No entanto, quanto à colocação, no que se refere a sua abordagem nos estudos de cunho teórico-explicativo e descritivo, não se deve inferir que todas as circunstâncias, sejam elas de valor linguístico ou social, já tenham sido relatadas; pelo contrário, acredita-se que as pesquisas que ainda pretendem discorrer sobre os clíticos pronominais, principalmente aquelas que se voltam à análise dos grupos de fatores¹ que determinam a escolha de suas variantes – sabe-se que, adjuntos a um único verbo, os pronomes átonos podem ocupar as posições proclítica, mesoclítica ou enclítica e, adjungidos a um complexo verbal, podem se alternar nas posições pré-complexo verbal (cl V1 V2), intra-complexo verbal (V1 cl V2) ou pós-complexo verbal (V1 V2 cl) –, possam contribuir de maneira significativa ao que se conhece, até agora, sobre esses condicionamentos.

A presente investigação – integrada ao subprojeto **Mudança Gramatical do Português de São Paulo**: expressão pronominal e preposicional dos argumentos, do projeto temático **História do Português Paulista** (Proc. FAPESP no. 06/55944-0) –, sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista (ou Sociolinguística Laboviana) e da Linguística Histórica, debruça-se sobre o estudo da posição dos pronomes clíticos, utilizando-se, como matriz das análises, produções jornalísticas elaboradas no final do século XIX e início do século XX, particularmente entre os anos de 1880 a 1920, e oriundas das cidades de São Paulo e Rio Claro. Observa-se o comportamento desses pronomes, em contextos de um ou mais de um verbo, a fim de que se permita, além de contribuir com a descrição da história do Português Brasileiro (doravante PB), e variedade paulista, averiguar as preferências de colocação, modificadas, consoante outras pesquisas apontam², num curto intervalo de tempo.

Considera-se que, no correr do século XIX, a norma escrita brasileira buscou se identificar com o padrão lusitano – firmado com o Romantismo –, fixando-se, entre outros fenômenos, quanto à “famigerada” questão da colocação pronominal, determinadas regras, sem qualquer esforço de investigação, mas na base do mais puro arbítrio. Assim, referente à

¹ “[...] elementos condicionadores do uso de regras variáveis, de natureza linguística e extralingüística.” (TARALLO, 2007, p. 86)

² Cf. Cyrino (1996, 1997), Pagotto (1992, 1996), entre outros.

posição dos clíticos pronominais, no período referido, atesta-se, no PB, uma sintaxe que espelhava os usos do Português Europeu (doravante PE); no entanto, ao mesmo tempo, devido à natural coexistência das normas linguísticas, notam-se usos que fazem emergir uma sintaxe brasileira³, que, por terem sido incorporados na prática linguística dos falantes, tornaram-se recorrentes e mais produtivos.⁴

Baseado na proposta teórico-metodológica da Teoria da Variação e Mudança Linguísticas, este estudo considera fundamental um levantamento dos possíveis elementos condicionadores, linguísticos e não-linguísticos, que estariam, desde o período observado, a controlar os usos alternados – mencionados no primeiro parágrafo desta seção – da colocação dos clíticos pronominais. Insere-se, no âmbito dos aspectos extralinguísticos elencados, considerações pertinentes acerca dos gêneros textuais, remetendo-se, assim, a pesquisa em questão, também a conceitos referentes a essa esfera de reflexão.

Desse modo – além desta seção em que ainda são arrolados os objetivos, as hipóteses e a metodologia que norteiam a referida pesquisa –, apresentam-se, adiante, detalhadamente, outras seis seções que abordam: as orientações teórico-metodológicas consideradas, o tratamento, sob diversos pontos de vista, dos clíticos pronominais, os parâmetros utilizados para as análises dos dados coletados, os resultados alcançados, as considerações finais do referido estudo e, enfim, as referências bibliográficas utilizadas.

1.1 Objetivos

O presente estudo apresenta como objetivo geral a verificação da posição dos clíticos pronominais – referentes à primeira, segunda e terceira pessoas do singular e do plural, não-reflexivos e reflexivos, podendo exercer diferentes funções sintáticas –, na modalidade escrita, tendo como fonte de análise jornais da cidade de São Paulo e do município interiorano de Rio Claro, no período que compreende o final do século XIX e o início do século XX, isto é, entre os anos de 1880 a 1920. Busca-se identificar as variantes predominantes, e em quais contextos, observando-se o pronome clítico adjunto a lexias verbais simples e a complexos verbais.

Dentre os objetivos específicos, em se tratando de uma pesquisa que se pauta pelas premissas da Sociolinguística Variacionista e da Linguística Histórica, como anteriormente

³ A saber, a generalização da próclise, implementando-a também em início absoluto de sentença, e, no caso de construções com complexos verbais, a próclise ao verbo principal.

⁴ Cf. Pagotto (1998), Cavalcante, Duarte e Pagotto (no prelo).

descrito, pode-se incluir a descrição dessas variantes, segundo os condicionamentos linguísticos e extralinguísticos que influenciam as suas realizações.

Pretende-se, ainda, após o detalhamento das situações e dos contextos determinantes para a escolha de cada variante, cotejar os resultados obtidos nos jornais da capital com os observados nos jornais rioclarenses, averiguando-se se há semelhanças entre os índices de ocorrências de cada alternativa e entre os fatores elencados como decisivos para suas aparições, assim como caracterizar as peculiaridades encontradas dentre os dados de cada localidade.

Por fim, objetiva-se com esta pesquisa, contribuir com os estudos que fornecem dados importantes para o conhecimento dos aspectos da constituição do PB e para a construção da história externa e interna da variedade paulista do português, ainda não completamente reveladas.

1.2 Hipóteses

Diversos estudos⁵ evidenciaram a existência de diferenças entre determinadas estruturas da gramática do PB e da gramática do PE já no final do século XIX, acentuando-se durante o século XX, principalmente em suas últimas décadas. Um dos temas em que há maior divergência em relação às tendências seguidas pelo PB e pelo PE é a colocação do pronome átono, observando-se usos particulares desse pronome, adjunto a um, ou a mais de um, verbo, utilizado na modalidade oral ou escrita, nas duas variedades.

A opção por uma pesquisa que se concentre na análise de um material linguístico produzido nos últimos anos do século XIX e nos primórdios do século XX se justifica, por um lado – seguindo a concepção de que linguagem e sociedade ou, mais precisamente, língua, cultura e sociedade estão relacionadas –, pelos relevantes acontecimentos sociais, culturais, históricos e políticos que marcaram, naquela época, o plano nacional e inclusive a cidade e o estado de São Paulo; e, por outro, pela importância em se verificar a validade das conclusões

⁵ Cf. Tarallo (1996, p.70), em que o autor apresenta quatro grandes mudanças sintáticas: “1. a re-organização do sistema pronominal que teve como consequência mais importante a implementação de objetos nulos no sistema brasileiro de um lado, e sujeitos lexicais mais frequentes de outro (cf. Tarallo, 1983, 1985); 2. a mudança sintática ocorrida nas estratégias de relativização como consequência direta da mudança no sistema pronominal (cf. Tarallo, 1983, 1985); 3. a re-organização dos padrões sentenciais básicos (cf. Berlinck, 1988, 1989) e, diretamente relacionado a esta ordem SVO rígida em estado de emergência à época, o enrijecimento do princípio de adjacência na marcação do acusativo (cf. Ramos, 1989, 1991); 4. e, finalmente, uma quarta mudança no sistema brasileiro, diretamente ligada às três anteriores, será apresentada como evidência cabal de que os dois sistemas continuam a distanciar-se um do outro: os padrões sentenciais em perguntas diretas e indiretas (cf. Duarte, 1991).”

dos trabalhos⁶ já existentes que ressaltam a nítida predominância, em relação a um só verbo, da ênclise no século XIX, sendo substituída, no século XX, pela próclise – tida como a forma mais produtiva do PB atual –, e o caráter inovador do PB, quanto aos complexos verbais, no século XX, com a próclise ao segundo verbo.

Embora se reconheça a tendência conservadora da linguagem escrita, espera-se, no período selecionado, encontrar dados que apontem uma convivência relevante entre as diferentes colocações dos pronomes átonos – inclusive, usos que fossem de encontro às prescrições da norma-padrão⁷ vigente naquela época, revelando traços próprios do PB –, assinalando, dessa forma, mesmo que discretas, influências da modalidade falada na modalidade escrita. Isso porque o material utilizado, os jornais, concentra, através da linguagem, o que há de maior prestígio sociocultural, e, também, pelo seu dinamismo e pela necessidade de criar certa identidade com o leitor (a ponto de refletir, aceitar e incorporar o uso que ele faz), possibilita a manifestação de distintas variantes linguísticas não-padrão. Ainda que determinados fatos, descobertos a partir de relevantes estudos⁸, apontem para uma norma brasileira, no final do século XIX fortemente enraizada no modelo europeu, não se pode deixar de declarar que esse período continuou a ser um momento de afirmação nacional e que os falantes do PB já possuíam sua própria variedade, sua própria gramática.

Quanto à preferência por jornais das cidades de São Paulo e de Rio Claro, outra hipótese pode auxiliar no entendimento dessa seleção. Ao confrontar os perfis de ambas as cidades – enquanto São Paulo, capital, estava em desenvolvimento mais acelerado, com um fluxo mais intenso de pessoas, vindas de vários lugares, compartilhando, entre outras, as suas formas de falar; Rio Claro, ao contrário, no interior do estado, embora bastante próspera no período a ser investigado, caracterizava-se por uma economia fundada na agricultura, sendo um espaço regrado e mais homogêneo –, espera-se que as diferenças constatadas determinem usos linguísticos diversos para cada região. Em outras palavras, nos jornais de São Paulo, tendendo essa cidade à inovação, presume-se haver, de um modo geral – sem se atentar, nesse momento, a contextos linguísticos –, maior aceitação das novas formas tidas como preferidas: a próclise, em relação a verbos simples, e as posições intra-complexo verbal (inovação do PB) e pós-complexo verbal, referentes a mais de um verbo; enquanto na produção do interior, por manter um ideal de conservação, inclusive para a língua, imagina-se um maior uso dos

⁶ Cf. Cyrino (1996, 1997), Pagotto (1992, 1996), entre outros.

⁷ O conceito de **norma-padrão** é explanado na subseção 2.3.

⁸ Cf. Pagotto (1998), entre outros.

pronomes clíticos na posição pós-verbal, em relação a um verbo, e na posição pré-complexo verbal, de alta frequência nos séculos XVI a XVIII, considerando-se os complexos verbais.

Deve-se, ainda, fazer menção à questão dos gêneros textuais, que constitui outra proposição a ser verificada no desenrolar desta pesquisa. Pelos motivos descritos acima, e se adotando a posição de que o domínio discursivo⁹ jornalístico, em particular o jornal, é composto por vários gêneros textuais, identificados a partir das dimensões que se referem à função e organização, entre outras¹⁰, pode-se esperar, quanto à colocação pronominal, usos diversificados relacionados, frontalmente, com os gêneros em que os pronomes clíticos estão inseridos – cabe lembrar que os textos são as materializações dos gêneros. Supõe-se, de forma geral, segundo as particularidades de cada gênero, a observação, nesses textos, ora do domínio da ênclise (a um único verbo) e da posição pré-complexo verbal (relacionada a mais de um verbo), tidas como as formas linguísticas conservadoras, ora de um uso mais acentuado da posição pré-verbal, quando o pronome estiver unido a apenas um verbo, e intra-verbal, quando investigados complexos verbais, consideradas as formas linguísticas inovadoras.

Acredita-se, além disso, porém não com menor afincamento, que a posição dos pronomes clíticos também será alternada de acordo com os aspectos morfossintáticos e semânticos das orações em que aparecem. As hipóteses de cunho linguístico são mais bem detalhadas na subseção 4.3.2. A seguir, entre outras ponderações, são explicitadas as variáveis dependentes¹¹ e as variáveis independentes¹² consideradas nesta investigação.

1.3 Metodologia

Em primeiro lugar, priorizam-se a seleção e a coleta do *corpus* de análise desta pesquisa, constituído por textos escritos que compõem determinados jornais das cidades de São Paulo e de Rio Claro, no período de 1880 a 1920. São observados os periódicos “A Província de São Paulo”, que, a partir de 1890, renomeado, passa a ser “O Estado de São

⁹ “Domínio discursivo constitui muito mais uma “esfera da atividade humana” no sentido bakhtiniano do termo do que um princípio de classificação de textos e indica *instâncias discursivas* [...]. Não abrange um gênero em particular, mas dá origem a vários deles, já que os gêneros são institucionalmente marcados. Constituem práticas discursivas nas quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que às vezes lhe são próprios ou específicos como rotinas comunicativas institucionalizadas e instauradas de relação de poder”. (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

¹⁰ Ainda podem ser apontados como aspectos adotados para identificação e análise dos gêneros textuais o conteúdo e meio de circulação, os atores sociais envolvidos e atividades discursivas implicadas, o enquadre sócio-histórico e atos retóricos praticados, como melhor discorrido na subseção 2.4.

¹¹ A definição de **variável dependente** é discutida na subseção 4.2.

¹² A definição de **variável independente** é discutida na subseção 4.3.

Paulo”, produzidos na capital, e os jornais “Correio do Oeste”, “O Tempo”, “Diário do Rio Claro”, “O Rio Claro”, “A Mocidade” e “A Semana Militar”, do município de Rio Claro. Os dois primeiros podem ser encontrados, microfilmados, no Arquivo Público do Estado de São Paulo e, também, no Arquivo Edgard Leuenroth, localizado na Universidade Estadual de Campinas. Quanto aos jornais rioclarenses, localizam-se, também em microfilme, apenas no Arquivo Público do Estado de São Paulo¹³. Quanto à variedade de periódicos consultados para a cidade interiorana, explica-se pelo fato da inexistência da conservação de um mesmo jornal que mantivesse uma linearidade cronológica. Assim, para que os resultados averiguados nas duas localidades pudessem ser contrastados, foram escolhidos, dentre um número restrito, os jornais de Rio Claro que mais se aproximavam da época compreendida pela pesquisa e das características salientes nos jornais da cidade de São Paulo.

Pelo cunho teórico, pelos objetivos e pelo fenômeno linguístico abordado neste estudo, desenvolve-se a análise de um exemplar, em sua totalidade, de cinco em cinco anos. Assim, analisam-se, para São Paulo, “A Província de São Paulo”, em 1880 e 1885, e “O Estado de São Paulo”, em 1890, 1895, 1900, 1905, 1910, 1915 e 1920; e, para Rio Claro, “Correio do Oeste”, em 1880; “O Tempo”, em 1885; “Diário do Rio Claro”, em 1894; “O Rio Claro”, em 1900, 1905, 1910 e 1915, e “A Mocidade” e “A Semana Militar”, em 1920. Para o último ano, em relação às produções rioclarenses, por serem encontrados somente jornais que não se voltam totalmente à tendência seguida pelos outros exemplares, opta-se pela observação de dois periódicos diferentes¹⁴.

Ainda seguindo o arcabouço teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, esta pesquisa se utiliza, para melhor organizar as análises, tornando-as as mais fidedignas possíveis, e para a mais clara compreensão dos resultados, do programa estatístico GOLDVARB-X, a fim de que sejam estabelecidas as análises unidimensionais (ou univariadas)¹⁵ e multidimensionais (ou multivariadas)¹⁶ e os cruzamentos necessários.

Para fins de descrição dos resultados, assim como feito em Vieira (2002, 2003, 2007), separaram-se os contextos em que os pronomes clíticos aparecem adjuntos a verbos simples

¹³ Deve-se registrar que, quando iniciada a coleta do material linguístico a ser utilizado, no início do primeiro semestre de 2008, os jornais de Rio Claro não estavam disponíveis nem no Arquivo de Rio Claro nem no Museu Histórico e Pedagógico de Rio Claro.

¹⁴ Na seção referente aos resultados (seção 5), faz-se esclarecimento acerca dos dados extraídos desses dois jornais e, conseqüentemente, de como foram utilizados nas análises.

¹⁵ Segundo Guy e Zilles (2007), as análises univariadas são casos em que se testam o efeito de uma variável independente sobre uma variável dependente.

¹⁶ “A análise se chama “multivariada” porque permite investigar situações em que a variável lingüística em estudo é influenciada por vários elementos do contexto, ou seja, múltiplas variáveis independentes. A investigação mede os efeitos, bem como a significância dos efeitos, dessas variáveis independentes sobre a ocorrência das realizações da variável que está sendo tratada como dependente.” (GUY & ZILLES, 2007, p.105)

daqueles em que estão ligados a complexos verbais. Dessa forma, consideram-se, para o primeiro caso, como variável dependente, as posições pré e pós-verbal do pronome átono, observando-se os seguintes grupos de fatores, não-linguísticos e linguísticos: 1- ano do jornal; 2- nome do jornal; 3- cidade; 4- gênero textual em que o clítico está inserido; 5- tipo de clítico; 6- função do clítico; 7- formas verbais; 8- tipo de verbo, do ponto de vista lógico-semântico; 9- ocorrência de possível atrator na oração, e 10- posição do verbo ao qual o clítico está adjungido: início ou não-início absoluto na oração¹⁷.

Para os casos de complexos verbais, apresentam-se, como variável dependente, os clíticos nas posições pré-complexo verbal (cl V1 V2), intra-complexo verbal (V1 cl V2), ou pós-complexo verbal (V1 V2 cl), e as seguintes variáveis independentes, extralinguísticas e linguísticas: 1- ano do jornal; 2- nome do jornal; 3- cidade; 4- gênero textual em que o clítico está inserido; 5- tipo de clítico; 6- função do clítico; 7- formas verbais de V1; 8- forma verbal de V2; 9- ocorrência de possível atrator na oração; 10- posição do complexo verbal ao qual o clítico está adjungido: início ou não-início absoluto na oração; 11- ocorrência de elemento interveniente entre os verbos do complexo verbal, e 12- tipo de complexo verbal¹⁸.

Finalmente, deve-se observar, ao encerrar o levantamento e as discussões sobre os resultados, se os objetivos propostos foram atingidos e se as hipóteses iniciais foram comprovadas, almejando-se acrescentar mais informações ao estudo da posição dos clíticos pronominais, muitas vezes já descrito, porém jamais finito.

¹⁷ Todas essas variáveis são especificadas na seção 4.

¹⁸ Todas essas variáveis são especificadas na seção 4.

2 ORIENTAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Quaisquer tipos de estudo, das mais diversas naturezas, para que sejam bem estruturados e possam transmitir credibilidade, devem ser pautados por alguma(s) teoria(s), não podendo ser diferente quanto às pesquisas que tratam do fenômeno linguístico. Segundo Faraco (2005), as teorias são sistemas de princípios gerais capazes de dar um tratamento que torna os fatos inteligíveis, compreensíveis, mostrando como eles se articulam entre si e se influenciam mutuamente. Nesta seção, apresentam-se, primeiramente e de maneira sucinta, as principais perspectivas emergidas, no século passado, para o tratamento científico da língua. Na sequência, detalham-se as abordagens adotadas nesta investigação; isto é, discutem-se pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguísticas, questões referentes às normas linguísticas e noções fundamentais acerca dos gêneros textuais, inclusive dos gêneros presentes nos jornais.

2.1 Os estudos linguísticos no século XX: algumas considerações

As investigações sobre as línguas se mantiveram, e ainda se mantêm, de acordo com os propósitos do pesquisador, direcionadas pelas teorias consideradas mais apropriadas em determinado período: “[...] em cada época, as teorias lingüísticas definem, a seu modo, a natureza e as características relevantes do fenômeno lingüístico. E, evidentemente, a maneira de descrevê-lo e de analisá-lo.” (ALKMIN, 2001, p. 22).

Pode-se dizer que, desde o nascimento da linguística moderna, no início do século XX, dois discursos divergentes, em relação à maneira de refletir sobre a língua, merecem destaque. O primeiro, suscitado por Ferdinand de Saussure (1857-1913), que constituiu a visão dominante nos estudos linguísticos durante muito tempo, insiste na forma da língua. O segundo, representado pelas ideias precursoras de Antoine Meillet (1866-1936), afirma a relevância das funções sociais da língua.

Embora Saussure reconheça a importância de considerações de natureza etnológica, histórica e política, o linguista privilegia o caráter formal e estrutural do fenômeno linguístico: “[...] à Lingüística interna, as coisas se passam de modo diferente: ela não admite uma disposição qualquer; a língua é um sistema que conhece somente a ordem própria.” (SAUSSURE, 2001, p. 31). Ao se propor a estudar um determinado aspecto do complexo fenômeno da linguagem – o sistema (a *langue*) em uma perspectiva sincrônica –, o

Estruturalismo saussuriano, desse modo, fundamentou-se na recusa em levar em consideração o que existe de social na língua.

Paralelamente a essa proposta estruturalista, nos primeiros anos do século XX, surge com Meillet uma concepção mais sociológica do falante e da língua. Há a busca pela convergência de uma abordagem interna e de uma abordagem externa dos fatos linguísticos.

Faraco (2005, p. 153) certifica:

Em Meillet, a língua não é mais concebida como um organismo vivo e autônomo (como em Schleicher), nem como uma realidade eminentemente psíquico-subjetivista (concepção forte entre os neogramáticos e profundamente arraigada no pensamento lingüístico posterior); nem como um sistema autônomo de relações puras (como em Saussure); mas como um fato social [...].

Embora, no que concerne às pesquisas linguísticas, ambas as perspectivas – estrutural e social – sempre estivessem, e ainda estão, presentes, verifica-se que o Estruturalismo sincrônico de Saussure, e seus desdobramentos – correntes teóricas que continuam a privilegiar a dimensão estrutural da língua, mas observam, e tentam explicar, a variabilidade, sempre fundamentada em razões motivadoras internas do próprio sistema –, constituíram, até meados da década de 60, o modelo teórico hegemônico dentro da linguística. Assim, primeiramente, quanto à questão da mudança linguística, diz-se, segundo Lucchesi (2004, p. 25) que:

Ao tentar apreender a dimensão estrutural e estruturante do fenômeno lingüístico através da sua concepção de língua, Saussure é obrigado a descartar a intervenção das relações sócio-históricas no processo lingüístico, e condena ao ostracismo a questão da mudança.

Para Labov (2008), os linguistas que trabalham dentro da tradição saussuriana insistem em que as explicações dos fatos linguísticos sejam derivadas de outros fatos linguísticos, não de quaisquer dados externos do comportamento social.

Seguindo, novamente, a tendência formalista, apta à caracterização da forma independentemente de significado e função comunicativa, a partir da década de 1950, Noam Chomsky (1928 –), linguista norte-americano, enriquece o cenário das discussões sobre linguagem. Para ele, e para todos os adeptos do Gerativismo, vale a concepção neogramático-descritiva de um sistema homogêneo como único objeto legítimo de análise:

A teoria lingüística se ocupa de um falante-ouvinte ideal, numa comunidade de fala completamente homogênea, que conhece sua língua perfeitamente e não é afetado por condições gramaticais irrelevantes tais como limitações de memória, distrações, alterações de atenção e interesse, e erros (aleatórios ou característicos) ao aplicar seu conhecimento da língua em desempenho real.¹⁹ (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006, p. 60)

Apesar de Chomsky especificar o seu objeto de estudo como sendo, por um lado, as representações mentais subjacentes ao processamento lingüístico (conhecimento da linguagem) e, por outro, o próprio processamento lingüístico (conhecimento colocado em prática no comportamento verbal dos falantes), privilegiou-se no programa de investigação da gramática gerativa, sumariamente, o que concerne à língua interna. Assim, a abordagem gerativista, naquele momento – nos primórdios da década de 50 –, também não se preocupa com a variação, optando, metodologicamente, por um modelo descritivo baseado numa comunidade lingüística idealizada, isto é, como se todos os falantes mantivessem um comportamento verbal uniforme. Quando trata da questão histórica, e por conseguinte da mudança lingüística, se extremamente necessário, explana-as como motivadas por aspectos cognitivos.

Em reação à repercussão da Teoria Gerativa, à sua interpretação da mudança e aos seus procedimentos metodológicos, assim como a todas as concepções que excluía a natureza social, histórica e cultural da língua, aparecem, dessa vez mais proeminentes, as tendências voltadas à realidade social da linguagem. Na década de 1960, com base nas contribuições da Dialectologia, e a partir das relevantes reflexões do linguista norte-americano William Labov (1927 –) acerca da interação entre língua e sociedade, fixa-se o termo **Sociolingüística** à área da lingüística que procura interpretar a história das línguas, integrando-a com a vida e a história das sociedades que as falam. Como define Silva-Corvalán (1989, p. 01)²⁰:

¹⁹ *Linguistic theory is concerned primarily with an ideal speaker-listener, in a completely homogeneous speech-community, who knows its language perfectly and unaffected by such grammatically irrelevant conditions as memory limitations, distraction, shifts of attention and interest, and errors (random or characteristic) in applying his knowledge of the language in actual performance.* (CHOMSKY, 1965, p. 03).

²⁰ Nossa tradução.

A sociolinguística é uma disciplina independente, com uma metodologia própria, desenvolvida principalmente nos Estados Unidos e no Canadá a partir dos anos sessenta, que estuda a língua em seu contexto social e se preocupa essencialmente em explicar a variabilidade linguística, sua inter-relação com fatores sociais e o papel que esta variabilidade desempenha nos processos de mudança linguística.²¹

Nessa concepção, a língua deixa de ser concebida como um objeto homogêneo, redefinindo-se como uma realidade heterogênea, em que sistematicidade e variabilidade não se excluem. Para que determinada variação linguística (que pode implicar uma mudança) seja completamente analisada, precisa ser averiguada em termos de sua estrutura interna e externa.

De acordo com Labov (2008), os estudos pioneiros que ressaltavam os aspectos sociais não obtiveram o êxito merecido devido à falta da inclusão em seus trabalhos de dados reais; para ele, “o eclipse do grupo de lingüistas “sociais” se deve primordialmente às limitações de seus próprios trabalhos e escritos sobre o contexto social da língua”. (LABOV, 2008, p.310).

Atualmente, a Sociolinguística trabalha com situações concretas, com “o objeto bruto, não-polido, não-aromatizado artificialmente” (TARALLO, 2007, p.18), correlacionando as variações existentes na expressão verbal a fatores linguísticos e extralinguísticos.

A importância de uma nova maneira de conceber o objeto de estudo – a língua –, como um objeto intrinsecamente ligado à realidade social, histórica e cultural de seus falantes em vez de um objeto autônomo, transforma, segundo Lucchesi (2004, p. 163),

[...] a sociolingüística variacionista num dos candidatos a suceder o estruturalismo como modelo hegemônico no estágio atual da ciência lingüística, cuja gênese é definida pelo acirramento da contradição entre mudança e sistema no seio do estruturalismo [...].

2.2 Pressupostos da Sociolinguística Variacionista: a primazia da dimensão sócio-histórica na investigação da língua

Na Sociolinguística, oferece-se ao falante não um sistema unitário e imutável, que se impõe irredutivelmente, mas um sistema sobre o qual o falante, de acordo com a prática linguística em questão, seleciona, entre as variedades existentes, a que deseja utilizar. Há a

²¹[...] *la sociolingüística es una disciplina independiente, con una metodología propia, desarrollada principalmente en los Estados Unidos y Canadá a partir de los años sesenta, que estudia la lengua en su contexto social e se preocupa esencialmente de explicar la variabilidad lingüística, de su interrelación con factores sociales y del papel que esta variabilidad desempeña en los procesos de cambio lingüístico.* (SILVA-CORVALÁN, 1989, p.01)

concepção da heterogeneidade, opondo-se, inclusive, à visão anterior de que a comunidade de fala é normalmente homogênea. Resgata-se, também, sob essa perspectiva, a historicidade, isto é, o processo histórico de constituição da língua.

Embora algumas pesquisas já haviam sido realizadas, ou estavam sendo, como já mencionado, foi com os estudos da comunidade de *Martha's Vineyard* (dissertação de mestrado – 1962) e da estratificação social do inglês falado em Nova Iorque (tese de doutorado, publicada em 1966), de William Labov, que se estabeleceram as bases teórico-metodológicas da pesquisa Sociolinguística Variacionista e, assim, pôde-se reabrir a questão da mudança linguística, muitas vezes descartada, segundo a corrente teórica em voga. Assim como Meillet, Labov define a língua como um fato social.

Deve estar claro, quanto à mudança linguística, que não há interpretações únicas. Os julgamentos dependerão da orientação teórica adotada. As concepções que apreendem a língua como resultado de um longo e ininterrupto processo histórico, motivado, entre outros, por aspectos sociais, como é o caso da Sociolinguística, tomam a mudança linguística como “um processo contínuo e o subproduto inevitável da interação lingüística” (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006, p. 87). Nessa perspectiva, procura-se acompanhar a história social e cultural dos falantes, correlacionando-a com a história da língua, buscando sempre realizar o encaixamento estrutural e social dos fenômenos da mudança.

Nesta pesquisa, a noção de língua adotada é a que a toma sob a perspectiva da visão sociointeracionista. Considera-se a linguagem como um conjunto de atividades e uma forma de ação, tornando-se inaceitável a língua como sistema autônomo e como simples forma. Como assegura Faraco (2005, p.24), “A língua é uma realidade heterogênea, multifacetada, e as mudanças lingüísticas emergem dessa heterogeneidade.”

Adota-se, portanto, em muitos estudos sociolinguísticos, e em particular neste, para a análise da variação e da mudança, “em função de ser teoricamente coerente e metodologicamente eficaz para a descrição da língua” (MOLLICA, 2004, p. 14), a Teoria da Variação e Mudança Linguísticas, proposta por Weinreich, Labov e Herzog (1968) e Labov (1972, 1982, 1994, 2001).

Baseados em fundamentações empíricas, os autores propõem uma teoria que rompa com o axioma da homogeneidade, que afirma só ser possível detectar estrutura num recorte que homogeneize o objeto, tornando teoricamente irrelevante a variabilidade. Pregam, ao contrário, o axioma da heterogeneidade ordenada. “Buscam assim caminhos teóricos para harmonizar os fatos da heterogeneidade (a língua como uma realidade inerentemente variável)

com a abordagem estrutural (a língua como uma realidade inerentemente ordenada).” (FARACO, 2006, p.13).

Percebe-se que, na visão desses estudiosos, há a aceitação de variações, e possíveis mudanças, no interior das línguas, motivadas por aspectos linguísticos e outros externos, propiciando uma descrição mais real do funcionamento do objeto de estudo de todos aqueles que se dedicam à Linguística, isto é, a língua. Assim:

A chave para uma concepção racional da mudança lingüística – e mais, da própria língua – é a possibilidade de descrever a diferenciação ordenada numa língua que serve a uma comunidade. [...] Um dos corolários de nossa abordagem é que numa língua que serve a uma comunidade complexa (i.e., real), a *ausência* de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional. (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006, p.36)

Em relação às mudanças, tem-se que qualquer parte da língua pode mudar, desde aspectos fonéticos até aspectos de sua organização semântica e pragmática. Podem ocorrer isoladas, mas também podem estar inter-relacionadas. Mesmo que os falantes não as percebam, as mudanças sempre estão ocorrendo. Às vezes, podem se dar de forma discreta, abrupta – uma mudança simultânea de gramática por parte de um grande número de falantes, apesar da improbabilidade desse acontecimento –, mas a maioria das investigações mostra que se dão de forma lenta e gradual. Isso porque, além de ter que se garantir a intercomunicação permanente dos falantes,

Pode-se considerar que o processo de variação lingüística se desenrola em três etapas. Na origem, a mudança se reduz a uma variação, entre milhares de outras, no discurso de algumas pessoas. Depois ela se *propaga* e passa a ser adotada por tantos falantes que doravante se opõe frontalmente à antiga forma. Por fim, ela se *realiza* e alcança a regularidade pela eliminação das formas rivais. (LABOV apud CALVET, 2002, p. 87)

Nota-se que a variação – condição essencial para que se dê a mudança – ocorre, justamente, quando duas ou mais variedades passam a se confrontar dialeticamente no universo das relações sociointeracionais.

Cabe ainda mencionar que, embora seja uma das características da mudança a sua regularidade, esta se apresenta relativizada. Os processos de mudança são complexos, não sendo, em alguns casos, uniforme a sua difusão, tanto no interior da língua quanto entre os diversos grupos de falantes.

Embora inicialmente grande parte dos estudos variacionistas tenha abordado apenas os sons da língua – isso se deve às próprias características das variações no nível fonético, que são, usualmente, mais frequentes que fenômenos de natureza sintática ou morfológica e que

não envolvem relações de significado lexical ou gramatical –, para que a Teoria da Variação e Mudança Linguísticas contribua ao estudo da língua em seu contexto social, assim como esclarece Labov (2008), todos os tipos de variação, nos níveis fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico, lexical e pragmático da língua, merecem atenção e devem ser investigados.

Quando o estudo se circunscreve às premissas da Sociolinguística Variacionista, considera-se a variabilidade inerente ao fenômeno linguístico, como já mencionado. No entanto, necessita-se ir além desse reconhecimento; observações minuciosas das correlações entre as variedades linguísticas e fatores sociais, geográficos e estilísticos devem ser feitas. Como afirmam Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 107):

Certamente não basta apontar a existência ou a importância da variabilidade: é necessário lidar com os fatos de variabilidade com precisão suficiente para nos permitir incorporá-los em nossas análises da estrutura linguística.

Às alternâncias condicionadas por fatores sociais, dá-se o nome de **variação diastrática**; às justificadas por questões geográficas, **variação diatópica**, e às variedades motivadas por ambientes de interação e estilo, **variação diafásica**. Relevante, quanto ao terceiro tipo de variação, é o fato de que o uso de cada variante não é homogêneo no nível do indivíduo. Dependendo do contexto em que se encontra (mais ou menos formal), o locutor usa ora uma, ora outra possibilidade. Segundo Camacho (2001, p. 60),

A *variação estilística* ou de *registro* é o resultado da adequação da expressão às finalidades específicas do processo de interação verbal com base no grau de reflexão do falante sobre as formas que seleciona para compor seu enunciado.

Ainda em direção a uma teoria da mudança linguística empiricamente fundamentada, Weinreich, Labov e Herzog (2006) ressaltam alguns princípios cruciais que envolvem o surgimento e a expansão de uma nova variante, a saber: os **fatores condicionantes**, os **encaixamentos estrutural e social**, a **transição**, a **avaliação** e a **implementação**. Os autores insistem nos fundamentos empíricos “por causa do descaso, consciente ou inconsciente, com os princípios empíricos que permeiam alguns trabalhos mais influentes na lingüística de hoje” (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006, p. 38), numa referência à abordagem associal da linguagem.

Ao explicitar os encaixamentos, apontam-se também os fatores condicionantes. Deve-se determinar o conjunto de mudanças possíveis e as condições possíveis para a mudança. Para que se obtenha uma visão adequada do condicionamento das mudanças, deve-se encaixá-las no quadro geral da estrutura e das relações sociais. Dessa forma, “[...] a tarefa do lingüista

não é tanto demonstrar a motivação social de uma mudança quanto determinar o grau de correlação social que existe e mostrar como ela pesa sobre o sistema lingüístico abstrato.” (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006, p.123).

Outra característica que deve ser discutida é a maneira como as mudanças ocorrem (*transição*). Como já citado, as pesquisas indicam para o fato de elas não serem discretas, difundindo-se, tanto no interior da língua quanto em dimensões extralingüísticas, em tempos, situações e direções diferenciados.

A avaliação subjetiva que o falante faz da língua, da variação e, mais especificamente, da mudança pode ser determinante para o percurso da história de determinada língua. Paiva e Duarte (2006, p. 145) afirmam que Weinreich, Labov e Herzog

[...] se opõem ao pressuposto de um falante passivo, a quem a estrutura lingüística se impõe como tal. Admitem, ao contrário, um falante ativo, que pode atuar no sentido de acelerar ou reter processos de mudança na língua da comunidade, na medida em que se identifica com eles ou os rejeita.

Quanto à implementação de uma mudança, para Labov (1982), configura-se num dos problemas mais difíceis a ser desvendado. Compreender por que uma mudança se inicia em determinada época e lugar, e não em outros, constitui um grande desafio por serem muitos os fatores, lingüísticos e não-lingüísticos, envolvidos no processo. A esse respeito, Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 124) constatam que “[...] é provável que todas as explicações a serem propostas no futuro próximo serão *a posteriori*.”

Buscando sintetizar a proposta da perspectiva adotada, é possível assegurar que língua e variabilidade estão essencialmente ligadas, e que a

Sociolingüística encara a diversidade lingüística não como um problema, mas como uma qualidade constitutiva do fenômeno lingüístico. Nesse sentido, qualquer tentativa de buscar apreender apenas o invariável, o sistema subjacente – se valer de oposições como “língua e fala”, ou competência e performance – significa uma redução na compreensão do fenômeno lingüístico. (ALKMIN, 2001, p. 33)

Portanto, esta pesquisa se pauta nos pressupostos da Linguística Histórica, cujo objetivo é a investigação e descrição das línguas através do tempo, analisando detalhadamente as mudanças, e na orientação teórica variacionista, para desenvolver o estudo sintático proposto, a posição do pronome clítico no final do século XIX e início do século XX. Defende-se a heterogeneidade das línguas como sistemática e natural, o enraizamento da questão histórica nessa heterogeneidade e a correlação inseparável entre língua e contexto social. O aprofundamento, nesse quadro teórico, justifica-se, entre outros aspectos, por serem

os estudos variacionistas, baseados na teoria laboviana, segundo Oliveira (2008, p. 93-94), os que

[...] têm permitido apresentar uma descrição mais estruturada da variação. Tais estudos têm sustentação na regra variável em oposição à categórica; nas variáveis dependentes e independentes, lingüísticas e extralingüísticas; e, por fim, no tratamento estatístico que permite a correlação entre as variáveis.

2.3 O papel das *normas* em processos de variação e mudança lingüísticas

Faz-se necessário, também, dentre as discussões teóricas que norteiam a presente investigação, discorrer a respeito das normas lingüísticas, apostando-se na inter-relação entre elas, variação e mudança lingüísticas. Nota-se, atualmente, maior atenção a esse aspecto por parte dos estudos que consideram a língua como uma realidade sociocultural e histórica. No entanto, ainda há um vasto conjunto de questões a ser refletido.

Sabe-se que cada comunidade lingüística se caracteriza por um determinado conjunto de normas, sendo essa diversidade produto da própria heterogeneidade nela presente, a partir das redes de relações sociais estabelecidas em seu interior. Considerando-se a realidade lingüística brasileira, tem-se, claramente, a impossibilidade de descrevê-la a partir de um recorte dicotômico, estruturando-a em pólos estanques: **norma padrão** *versus* **norma não-padrão**.

Ainda, numa sociedade complexa, observa-se, no intercâmbio social, o inevitável contato entre essas muitas normas. Disso, de acordo com Faraco (2008, p. 44), pode-se inferir que

Não existe, em suma, uma norma “pura”: as normas absorvem características umas das outras – elas são, portanto, sempre hibridizadas. Por isso, não é possível estabelecer com absoluta nitidez e precisão os limites de cada uma das normas – haverá sempre sobreposições, desdobramentos, entrecruzamentos.

Adiante, após mencionar a inexistência de um modelo teórico, no interior dos estudos lingüísticos, capaz de solucionar toda essa complexidade, o autor acrescenta que:

Por outro lado, a lingüística histórica tem demonstrado que o contato e a hibridização das normas são fatores que favorecem o desencadeamento de mudanças lingüísticas em diferentes direções (cf., para mais detalhes, L. Milroy, 1980 – entre outros). Portanto, assim como não há norma “pura”, não há também nenhuma norma estática. (FARACO, 2008, p. 44-45)

Tendo por foco a constituição do PB, assume-se, nesta pesquisa, a presença das **normas padrão, culta e vernácula** ou **popular**, estabelecida, ainda que sob terminologias e aberturas diversas, em muitos estudos que tratam como tema principal a questão da norma linguística no Brasil. (LUCCHESI e LOBO, 1988, LUCCHESI, 1994, 2002, BAGNO, 2002, 2003, FARACO, 2008).

Assim, atentar-se à mútua ligação entre o que “se deve dizer” – oriundo de valores subjetivos determinados por aspectos sociais, culturais e ideológicos – e o que “é dito” – resultado do real comportamento linguístico de determinada comunidade – pode contribuir com a percepção da variação e mudança linguísticas, permitidas por qualquer sistema linguístico.

Na sequência, discutem-se as noções de norma linguística, enfatizando, de acordo com o período que esta investigação abrange, a norma-padrão linguística brasileira do final do século XIX e início do século XX.

2.3.1 Delimitando-se conceitos no campo da norma linguística

Segundo Lucchesi (2002, p. 69), “Eugênio Coseriu não foi o primeiro a teorizar sobre o conceito de NORMA no âmbito do estruturalismo, mas é seguramente dele a mais refinada e elegante elaboração sobre o tema que esse modelo produziu”.

Diante do esquema saussuriano – *langue/parole*, sistema/fala –, que não admitia a “variabilidade como fenômeno intra-sistêmico, nem dispunha de estratos intermediários entre sistema e indivíduo” (FARACO, 2008, p.36), não abordando a heterogeneidade social constitutiva da língua, Coseriu (1921-2002) acrescenta o conceito de **norma** – nível de abstração intermediário entre a fala e o sistema, que abrange certas variantes que, não tendo valor funcional, são relativamente constantes e frequentes dentro da comunidade de fala (Lucchesi, 2002). Passa-se, então, de um modelo dicotômico para uma perspectiva tricotômica – fala, norma, sistema.

Assim, tecnicamente, o termo **norma** é caracterizado como o conjunto de fenômenos linguísticos frequentes, habituais numa dada comunidade de fala. Não se percebe, a priori, caráter prescritivo (outro possível ângulo para avaliá-la, explicitado abaixo) no tratamento do assunto em questão. No entanto, ao continuar afinando o conceito de **norma**, Coseriu (1979) a aponta como coercitiva – envolta por imposições sociais e culturais –, impossibilitando ao indivíduo sua liberdade de expressão, garantida pelo sistema, evidenciando-se, então, traços anteriormente não apontados.

Ressalta-se que, embora tenha surgido no âmbito da Teoria Estruturalista, o conceito de **norma** pode ser, e é, tomado por outros quadros teóricos, preocupados com a diversidade que constitui as línguas. Desse modo, estudos variacionistas igualam norma e variedade²².

Deve-se mencionar, também, a possibilidade de empregar, no uso atual, a palavra **norma** com mais de um sentido. Além da palavra com o significado de normal, utilizada nos estudos linguísticos, como acima descrito, o termo **norma** assume, no funcionamento monitorado da língua, o sentido de preceito. Para Rey (2001, p. 115),

Antes de toda tentativa de definir a “norma”, a consideração lexicológica mínima descobre por trás do termo dois conceitos, um atinente à observação, o outro à elaboração de um sistema de valores, um correspondente a uma situação objetiva e estatística, o outro a um feixe de intenções subjetivas. A mesma palavra, utilizada sem precaução, corresponde ao mesmo tempo à idéia de média, de frequência, de tendência geralmente e habitualmente realizada, e à de conformidade de uma regra, de juízo de valor, de finalidade designada.

No que concerne à realidade linguística do Brasil, pode-se verificar uma significativa diferença entre o que está previsto na norma-padrão e o uso efetivo, por parte dos brasileiros de qualquer região do país, da língua portuguesa. Assim, a **norma-padrão**, termo proposto por muitos linguistas para identificar “algo que está fora e acima da atividade linguística dos falantes” (BAGNO, 2003, p.64), segundo Bagno (2003, p.65),

É uma *norma*, no sentido mais jurídico do termo: “lei”, “ditame”, “regra compulsória” imposta de cima para baixo, decretada por pessoas e instituições que tentam regradar, regular e regulamentar o uso da língua. E é também um *padrão*: um modelo artificial, arbitrário, constituído segundo critérios de bom-gosto vinculados a uma determinada classe social, a um determinado período histórico e num determinado local.

Quanto à expressão **norma-culta**, muitas vezes é usada intercambiavelmente, de forma errônea, com o termo **norma-padrão**, já que retratam duas realidades distintas; ou, ainda, utilizada para designar a norma assegurada em dicionários e gramáticas, que, segundo Faraco (2008, p.23), “melhor seria identificada se fosse denominada de *norma gramatical*, considerando as distâncias e mesmo os conflitos que há, no caso do Brasil, entre o uso culto efetivo e muitos dos preceitos estipulados nos chamados instrumentos normativos”. Na verdade, porém, **norma-culta** deve ser compreendida como “a norma lingüística praticada,

²² “[...] utilizo *variedade* de acordo com a definição já bem estabelecida na sociolingüística. Este termo designa as características lingüísticas (fonéticas, morfossintáticas, lexicais etc.) de um dado conjunto de falantes, delimitado por características sociais (zona de residência, classe socioeconômica, grau de escolaridade, faixa etária etc). [...]” (BAGNO, 2003, p.30)

em determinadas situações (aquelas que envolvem certo grau maior de monitoramento), por aqueles grupos sociais que têm estado mais diretamente relacionados com a cultura escrita” (FARACO, 2008, p. 56).

Ressalta-se, entretanto, que, embora a norma-padrão não deva ser confundida com a norma-culta, aquela se aproxima mais desta do que das demais normas, já que “os codificadores e os que assumem o papel de seus guardiões e cultores saem dos estratos sociais usuários dessa norma” (FARACO, 2008, p. 80). De acordo com Faraco (2008, p. 80),

Se é um fator de aproximação, é também um fator de tensão porque o inexorável movimento histórico da norma culta/comum/*standard* tende a criar um fosso entre ela e o padrão, ficando este cada vez mais artificial e anacrônico, se não houver mecanismos socioculturais para realizar os necessários ajustes.

Por fim, para designar “as variedades linguísticas utilizadas por falantes sem escolaridade superior completa, com pouca ou nenhuma escolarização, moradores da zona rural ou das periferias empobrecidas das grandes cidades” (BAGNO, 2003, p. 59), na literatura linguística, adota-se o termo **norma-vernácula** ou **popular**. Bagno (2002, 2003), preocupado com o possível comprometimento de **popular** com **inculto**, **errado**, propõe, para a caracterização das variedades linguísticas próprias dos grupos sociais menos prestigiados, o uso da expressão **variedades estigmatizadas**.

Contudo, ainda diante desse processo de apreciação das normas, deve-se sublinhar que a diferenciação feita entre elas, por determinados segmentos sociais, é baseada em valores socioculturais e políticos, como já mencionado, inclusive pelo fato de não haver critérios linguísticos capazes de sustentar uma hierarquização qualitativa entre as normas.

2.3.2 A norma-padrão do PB – e outras possíveis realizações –, no final de século XIX e início do século XX

Observa-se, desde o início da colonização do Brasil, intensificando-se durante os séculos posteriores, principalmente a partir do século XIX, a dualidade linguística vigente entre os indivíduos que pertenciam às elites dos centros urbanos e aqueles que, presentes em vastas regiões, utilizavam-se de uma língua portuguesa fruto de diversas alterações. De acordo com Lucchesi (2002, p. 78),

Essa dicotomia entre a fala das elites cultas orientadas para o padrão europeu e a fala da grande maioria da população brasileira, marcada por amplo processo de variação produzido pelo contato massivo do português com as línguas africanas e indígenas, dará o tom do cenário lingüístico brasileiro ao longo do século XIX, um período importante, pois é nele que se inicia o processo de formação do Estado brasileiro, com a independência ocorrida em 1822.

Na segunda metade do século XIX, assegura-se, por parte das elites brasileiras, a criação de um projeto político que visava à construção de uma nação que se aproximasse, ao máximo, das realidades vivenciadas nos países europeus. A obsessão por se distanciar de tudo que pudesse ser oriundo do “vulgo” (“para usar uma expressão comum nos textos dos intelectuais do século XIX”, segundo Faraco (2008, p. 110)) se estendeu, também, à própria língua materna, buscando-se uma identidade linguística além-mar. Para Pagotto (1998), que desenvolve o seu estudo a partir da comparação dos textos constitucionais brasileiros de 1824 e 1891, durante o século XIX, uma nova norma escrita foi codificada, não se tratando da substituição de formas da escrita que haviam caído em desuso por formas da oralidade brasileira, mas, sim, por formas da escrita pautadas nos moldes lusitanos. Desse modo, o autor ainda ressalta a possível interpretação paradoxal da referida mudança, já que, por ter o Brasil se tornado independente, esperar-se-ia um processo de construção, em termos linguísticos, que privilegiasse as suas características particulares. A aparente contradição se desfaz quando se considera os propósitos do projeto europeizante, acima descrito.

Referindo-se, ainda, à norma-padrão brasileira, constituída nos anos oitocentistas, Faraco (2008) afirma que

A década de 1880 será o momento do mais significativo avanço da lusitanização da norma escrita. Como destaca Guimarães (1996), é a década em que se intensifica o processo de gramatização brasileira do português com a multiplicação das gramáticas. E, particularmente, é a década em que se faz um esforço de definição das “estruturas corretas” da língua. E a década seguinte fecha o século XIX com a criação da Academia Brasileira de Letras, outro instrumento importante da voz conservadora [...]. (FARACO, 2008, p. 126)

De encontro às ideias desse projeto padronizador, ainda havia outra parcela da elite letrada brasileira, destacando-se, dentre outros, José de Alencar e Gonçalves Dias, detentora de um discurso mais nacionalista, que manifestava a necessidade do abasileiramento da língua escrita. Como destaca Faraco (2008, p.114), os adeptos desse pensamento,

Tomavam em particular a diferença lexical como fator de enriquecimento da língua (Alencar vai falar também nas diferenças de sintaxe) e defendiam seu franco aproveitamento na literatura que aqui se produzia.

Entretanto, para esses intelectuais, o problema estava em “como admitir o uso como critério de legitimação e a inevitabilidade da transformação das línguas e, ao mesmo tempo, manter o português popular excluído de qualquer legitimação” (FARACO, 2008, p.116).

Na direção que aponta para a adoção de uma língua – verdadeiramente – brasileira, encaixa-se, ainda, nos primórdios do século XX, o movimento estético-literário denominado Modernismo, fazendo com que tal polêmica ressurgisse. Segundo Bagno (2003, p. 97),

No decorrer do século XX, apesar da tentativa (amplamente frustrada) da escola e de outras instituições de incutir e preservar um padrão de língua extremamente lusitanizado, fica nítido e evidente que a língua que realmente serve de instrumento de interação social dos brasileiros, inclusive dos que pertencem às camadas médias e altas da população, a língua que de fato pode ser classificada de materna, é um português brasileiro muito diferente do português falado em Portugal e, mais ainda, da norma-padrão tradicional.

Desse modo, então, pode-se apontar, ainda que considerada a prevalência de uma norma-padrão brasileira semelhante às orientações do PE, no final do século XIX e início do século XX, a possibilidade de usos linguísticos que remetam às peculiaridades do português aquém-mar, ainda que em número restrito.

2.4 Gêneros: conceitos, conflitos e outras características

A investigação acerca dos gêneros não é recente. Observa-se que esteve, na tradição ocidental, particularmente voltada aos gêneros literários, “cuja análise se inicia com Platão para se firmar com Aristóteles, passando por Horácio e Quintiliano, pela Idade Média, o Renascimento e a Modernidade, até os primórdios do século XX” (MARCUSCHI, 2008, p. 147). Verifica-se, atualmente, o contínuo interesse pela abordagem desse tema, porém sob novas visões.

No cenário concernente ao estudo dos gêneros, destacam-se, nas primeiras décadas do século XX (embora tenham sido lidos, e alcançado o merecido reconhecimento, em anos posteriores), os pensamentos do filósofo e linguista russo Mikhail M. Bakhtin (1895-1975). Para ele,

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no *todo* do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*. (BAKHTIN, 1992, p. 279)

Nota-se que as reflexões bakhtinianas se originam a partir da concepção, imprescindível àqueles que consideram a perspectiva sócio-histórica e dialógica da língua, da interconexão entre a utilização da linguagem e as atividades humanas. Assim, “os enunciados devem ser vistos na sua função no processo de interação” (FIORIN, 2008, p. 61).

Quanto às três partes que constroem o todo que constitui o enunciado, Fiorin (2008, p. 62) as esclarece considerando que:

O conteúdo temático não é o assunto específico de um texto, mas é um domínio de sentido de que ocupa o gênero. [...] A construção composicional é o modo de organizar o texto, de estruturá-lo. [...] O ato estilístico é uma seleção de meios lingüísticos. Estilo é, pois, uma seleção de certos meios lexicais, fraseológicos e gramaticais em função da imagem do interlocutor e de como se presume sua compreensão responsiva ativa do enunciado.^{23 24}

Além disso, o autor ainda menciona, em relação ao fato de Bakhtin apontar os gêneros como tipos relativamente estáveis de enunciados, que “o acento deve incidir sobre o termo relativamente, pois ele implica que é preciso considerar a historicidade dos gêneros, isto é, sua mudança” (FIORIN, 2008, p. 64). A isso, enfim, acrescenta: “Ademais o vocabulário acentuado indica uma imprecisão de características e das fronteiras dos gêneros” (FIORIN, 2008, p. 64).

Hoje, fundamentadas na herança bakhtiniana, sobressaem-se, nos planos nacional e internacional, diversas perspectivas teóricas que, de acordo com os seus objetivos, lidam diferentemente com a questão dos gêneros. Segundo Marcuschi (2008, p. 152), “como

²³ A compreensão responsiva ativa do enunciado, que parte do destinatário, está, entre outros aspectos, presente no conceito, discutido por Bakhtin, de **Dialogismo**. “Toda linguagem é dialógica, ou seja, *todo enunciado é sempre um enunciado de alguém para alguém*. [...] Daí a noção de gênero como enunciado responsivo “*relativamente estável*”, o que está de acordo com a idéia de linguagem como atividade interativa e não como forma ou sistema”. (MARCUSCHI, 2008, p. 20)

²⁴ Para um detalhamento do conceito de Diálogo, ver Marchezan (2005).

Bakhtin é um autor que apenas fornece subsídios teóricos de ordem macroanalítica e categorias mais amplas, pode ser assimilado por todos de forma bastante proveitosa.” Para ele, “Bakhtin representa uma espécie de bom-senso teórico em relação à concepção de linguagem” (MARCUSCHI, 2008, p. 152). No entanto, devido à abundância das fontes e tendências de análise, pode-se, algumas vezes, encontrar dificuldades na condução desse assunto.

Embora se reconheçam as diferenças entre a **teoria de gêneros do discurso** ou **discursivos** e a **teoria de gêneros de texto** ou **textuais**, privilegiar-se-á, neste trabalho, os aspectos comuns ressaltados por ambas as vertentes. Para Rojo (2005, p. 199), aqueles que se dedicam a pesquisas norteadas pela primeira teoria

[...] partirão sempre de uma análise em detalhe dos aspectos sócio-históricos da situação enunciativa, privilegiando, sobretudo, a *vontade enunciativa* do locutor – isto é, sua finalidade, mas também e principalmente sua *apreciação valorativa* sobre seu(s) *interlocutor(es)* e *temas(s)* discursivos –, e, a partir desta análise, buscarão as marcas lingüísticas (formas do texto/enunciado e da língua – composição e estilo) que refletem, no enunciado/texto, esses aspectos da situação. Isso configura não uma análise exaustiva das propriedades do texto e de suas formas de composição (gramática) – buscando as invariantes do gênero –, mas uma descrição do texto/enunciado pertencente ao gênero ligada sobretudo às maneiras (inclusive lingüísticas) de configurar a significação.

Por outro lado, cabe aos estudiosos que se filiam à segunda abordagem, segundo a autora,

[...] fazer uma descrição mais propriamente *textual*, quando se trata da materialidade lingüística do texto; ou mais *funcional/contextual*, quando se trata de abordar o gênero, não parecendo ter sobrado muito espaço para a abordagem da significação, a não ser no que diz respeito ao “conteúdo temático”. (ROJO, 2005, p.189)

No presente estudo – que objetiva verificar o uso dos pronomes clíticos nos gêneros presentes nos jornais, materializados pelos textos, tornando-se indispensável sua classificação quanto às funções que exercem e as formas que neles predominam – julga-se necessário se servir, concomitantemente, das particularidades salientes da teoria dos gêneros discursivos, buscando os significados dos discursos de cada gênero, e das características próprias da teoria dos gêneros textuais, voltando-se às estruturas/organizações dos textos que os corporificam.

Assim, dentre as semelhanças, merece ser destacado que, em ambos os enfoques, os gêneros – orais e escritos – são considerados produtos histórico-sociais de grande heterogeneidade, que estão em ininterrupto movimento – alguns desaparecem, outros voltam sob formas parcialmente diferentes, ou ainda emergem outros gêneros –, apontando-se como justificativa para o surgimento dos inusitados tipos a aparição de novas motivações sociais.

Apesar dos gêneros poderem apresentar qualidades individuais, essas duas posições patenteiam, inclusive, a impossibilidade de serem estabelecidas, com clareza, as fronteiras que os distinguem. (COSTA, 2008).

Diante das considerações expostas, e das próximas a serem apontadas, assenta-se a posição adotada por esta pesquisa. Os gêneros textuais²⁵ são compreendidos como fenômenos históricos, vinculados à vida cultural e social, concretizados através da linguagem (MARCUSCHI, 2005, 2006, 2008). São interativos, nunca surgem num grau zero, já que são condicionados por outros (BAZERMAN, 2005).

Pode-se dizer, por representarem as mais diversas atividades comunicativas, que a classificação dos gêneros não é feita de modo exato e fácil, a ponto de sua identificação parecer difusa e aberta. “Os gêneros textuais são dinâmicos, de complexidade variável e não sabemos ao certo se é possível contá-los todos, pois como são sócio-históricos e variáveis, não há como fazer uma lista fechada, o que dificulta ainda mais sua classificação” (MARCUSCHI, 2008, p. 159). Embora seja complicado nomear cada gênero textual, as denominações não são criações individuais, mas rótulos constituídos histórica e socialmente.

Em meio às observações de Bakhtin (1992), relidas e utilizadas pelos estudos posteriores, como já citado, também está a variedade dos gêneros, considerada vasta e justificada pelo fato dos gêneros variarem conforme as circunstâncias, a posição social e o relacionamento pessoal entre os interlocutores. Segundo Bakhtin (1992), as maneiras típicas diversas de se dirigir a alguém e as variadas concepções típicas do destinatário são as particularidades constitutivas que determinam a diversidade dos gêneros do discurso.

Deve-se destacar, ainda, entre os obstáculos presentes no momento da caracterização e nomeação de determinado gênero textual, a possibilidade de este assumir traços que, em sua origem, não lhe são próprios. De acordo com Marcuschi (2005, 2008), no caso dos gêneros, além da **heterogeneidade tipológica** – que diz respeito a um gênero realizar sequências de vários tipos textuais²⁶ –, tem-se a **intertextualidade inter-gênero** (MARCUSCHI, 2005) ou

²⁵ Ainda que consideremos as peculiaridades dos conceitos de gênero do discurso e gênero textual, após explicitarmos a perspectiva tomada nesta pesquisa, usaremos **gênero textual** para fazer menção tanto aos aspectos da significação, da importância valorativa do emissor e do tema quanto a uma descrição mais propriamente textual. Reforça-se a ideia de que para classificá-los todas essas características devem ser observadas.

²⁶ “Tipo textual designa uma espécie de construção teórica [...] definida pela natureza lingüística de sua composição [...] O tipo caracteriza-se muito mais como seqüências lingüísticas (seqüências retóricas) do que como textos materializados; a rigor são modos textuais. Em geral, os *tipos textuais* abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: *narração, argumentação, exposição, descrição, injunção*. O conjunto de categorias para designar tipos textuais é limitado e sem tendência a aumentar [...]”. (MARCUSCHI, 2008, p. 154-155)

intergeneridade (MARCUSCHI, 2008) – quando um gênero adquire funções e formas de outros –, evidenciando, cada vez mais, o aspecto dinâmico que possuem.

Assim, para que os gêneros sejam nomeados, mesmo que hoje a tendência dominante seja muito mais de explicar como eles se constituem e circulam socialmente, necessita-se atentar para os seguintes critérios: a forma estrutural, o propósito comunicativo, o conteúdo, o meio de transmissão, os papéis dos interlocutores e o contexto situacional (MARCUSCHI, 2006, 2008). Ainda que as dificuldades existam, ao refletir e analisar os gêneros sob esses aspectos, os conflitos para designá-los ficam menos acentuados.

Outro ponto a ser ressaltado, em relação à produção dos gêneros textuais, para também melhor compreendê-los, é que, embora alguns sejam tidos como entidades flexíveis²⁷, em certo grau, coíbem os usuários de fazer escolhas totalmente livres. De acordo com Marcuschi (2008, p.156),

[...] os gêneros têm uma identidade e eles são entidades poderosas que, na produção textual, nos condicionam a escolhas que não podem ser totalmente livres e aleatórias, seja sob o ponto de vista do léxico, grau de formalidade ou natureza dos temas.

Desse modo, apropriados a suas especificidades, por um lado, estão abertos a opções, estilo, criatividade e variação e, por outro, impõem restrições e padronizações, “[...] já que estamos imersos numa sociedade que nos molda sob vários aspectos e nos conduz a determinadas ações” (MARCUSCHI, 2008, p. 162).

A possibilidade de optar por formas menos ou mais standardizadas pode se referir ao fato de os gêneros se distribuírem pela oralidade e pela escrita num contínuo, desde os mais informais aos mais formais e em todos os contextos e situações da vida cotidiana. Assim, os gêneros ligados à esfera privada podem ser menos marcados à orientação formal e os gêneros destinados à esfera da vida pública podem estar mais condicionados por valores normativos, distanciando-se, em medidas cada vez maiores, da informalidade. Verifica-se, em certos casos, que alguns chegam a ser rígidos.

Observa-se, diante do rico conteúdo envolvido pelo estudo dos gêneros textuais, que suas reflexões se tornaram, atualmente, indispensáveis àqueles que anseiam estudar a linguagem, ainda que pelas óticas mais diversas. Ao pesquisar sobre determinado material linguístico concreto, o estudioso se ocupa, inevitavelmente, de uma observação minuciosa acerca da natureza e da diversidade dos gêneros, relacionando-os com as diferentes esferas da atividade humana. Segundo Bakhtin (1992, p. 282),

²⁷ Ressalvam-se aqueles que não são propícios à manifestação de estilos individuais, os gêneros estereotipados, por exemplo: documentos oficiais, bastante ritualizados e sem variações notáveis.

Ignorar a natureza do enunciado e as particularidades de gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo linguístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida.

Assim, por apresentar propriedade multidisciplinar, o estudo dos gêneros pode englobar uma análise do texto e do discurso e uma descrição da língua e visão da sociedade, e ainda tentar responder a questões de caráter sociocultural no uso da língua de maneira geral. Deve-se, entretanto, apostar numa investigação que abarque discussões de uso e de categorias internas – ou seja, de natureza formal e linguística –, ao mesmo tempo, para que sejam obtidos, através de um detalhamento adequado, resultados coerentes.

2.4.1 Os gêneros textuais como subsídios para pesquisas sociolinguísticas – contribuição e relevância

As pesquisas sociolinguísticas têm demonstrado que toda e qualquer língua é um conjunto heterogêneo de variedades e que essa falta de homogeneidade, imanente da língua, aparentemente caótica e aleatória, é, na verdade, regular, sistemática e previsível, visto que é controlada por variáveis estruturais e sociais. Cabe ao pesquisador que se interessa pelos fenômenos linguísticos no decorrer do tempo optar, fundamentado nos pressupostos da Linguística Histórica e da Sociolinguística Variacionista, por uma descrição particular que, através da análise de aspectos internos e extralinguísticos, identifique e esclareça as possíveis mudanças já implementadas e as que se encontram em progresso.

Para que esses objetivos sejam alcançados, apesar de pertinente e de ser tida como o meio mais apropriado, os estudiosos nem sempre poderão recorrer à modalidade falada como matriz de suas informações. As investigações que se reportam a períodos mais remotos da língua podem fazer uso, para coleta e análise de dados, apenas, de documentos escritos. Todavia, embora a escrita apresente, por sua história e funções sociais, uma realidade mais estável e permanente que a língua falada, pode-se considerar que os textos escritos, assim como as produções orais, variam de acordo com suas finalidades e condições de criação, podendo abranger desde os que representam um estilo mais informal²⁸ até os que se encaixam

²⁸ Nota-se, no estilo informal, por parte do falante/escritor, o mínimo grau de atenção dada às formas empregadas.

num estilo mais formal²⁹. Para identificá-los, portanto, deve-se levar em conta quem os produz, a quem são destinados e, primordialmente, em quais contextos se materializam.

Segundo Labov (2008, p.91),

Os lingüistas sempre tiveram consciência dos problemas de variação estilística. A prática normal é pôr essas variantes de lado – não porque sejam consideradas menos importantes, mas porque as técnicas da lingüística são tidas como inadequadas e insuficientes para lidar com elas.[...] Uma vez que a influência do condicionamento estilístico sobre o comportamento lingüístico é considerada meramente estatística, ela leva à afirmação de probabilidade mais do que de regra e é, portanto, desinteressante para muitos lingüistas.

No entanto, em sua tese de doutoramento – *The Social Stratification of English in New York*, de 1966, como já informado acima –, ao analisar as variáveis fonológicas, num total de cinco, além de relacionar o uso de suas variantes a aspectos linguísticos e a determinadas questões sociais, Labov salienta a importância de observar suas realizações nos mais diversos estilos. Para isso, lista os seguintes **estilos contextuais**: casual, cuidadoso, leitura, lista de palavras e pares mínimos³⁰. Assim como nesse estudo de Labov, alguns estudos sociolinguísticos recentes, que trabalham com a modalidade falada, têm mostrado – embora não se utilizando, na íntegra, da lista de estilos contextuais estabelecida por Labov (1966) – que há certa tendência à correlação entre situações informais e o uso preferencial de variantes não-padrão, já que esses contextos pressupõem menor atenção à produção dos enunciados; por outro lado, em contextos mais formais, em que a monitoração ao uso da língua é maior, constata-se a ocorrência mais frequente de formas padrão.

Para verificar se essas relações também estão presentes em textos escritos, fonte de extração dos dados que remetem à reconstrução da história da língua, deve-se considerar a noção de **gêneros textuais**. Na medida em que os textos materializam os gêneros, torna-se possível, após caracterizá-los formal e funcionalmente, averiguar se o uso das variantes – inovadoras e conservadoras –, de determinada variável, condiz com a tendência apontada pelos estudos que lidam com a língua falada. Sugere-se que a análise seja feita a partir de vários gêneros, para que o contraste – entre a frequência de formas estigmatizadas e a ocorrência de formas de prestígio, de acordo com as especificidades de cada gênero textual – seja mais bem visualizado.

Ademais, tem-se que as mudanças que se efetuam nos gêneros textuais são indissociáveis das mudanças da vida social que, por sua vez, entre outros aspectos,

²⁹ Quanto ao estilo formal, verifica-se o contrário. Há um maior monitoramento das formas linguísticas utilizadas.

³⁰ Ver Labov (2008).

condicionam as mudanças na língua. Logo, consideram-se complexas e pertinentes as relações entre variação e mudança linguísticas e gêneros textuais.

2.4.2 Os gêneros do jornal

A distribuição dos gêneros textuais, como já descrito, reflete a própria organização da sociedade, pressupondo-se, dessa maneira, que um estudo sócio-histórico desses gêneros possa ser uma das formas de compreender o próprio funcionamento da língua no período elencado. Quanto aos gêneros do jornal, as suposições não poderiam ser diferentes. São considerados fenômenos históricos, específicos de determinado tipo de produção linguística e concebidos para alcançar os fins sociais pleiteados – oriundos das manifestações culturais de cada sociedade.

O estudo dos gêneros jornalísticos, há um bom tempo, além de propiciar informações relevantes para os profissionais da área do jornalismo e fornecer recursos para aqueles que buscam aprofundar seus conhecimentos a respeito do tema, tem despertado grande interesse nos estudiosos que se dedicam aos fatos da língua, por serem reconhecidos como uma rica fonte de extração e análise de dados. Segundo Bonini (2004, p.-.), “Apesar dessa longa história, no entanto, pouco se sabe sobre os gêneros do jornal, de um modo mais sistemático, no que toca a temas como os fundamentos desta categoria, os princípios que a instauram e os seus limites.”

Assim, somados ao fato do número de estudos que focalizam os gêneros do jornal de forma meticulosa até agora ser limitado, podem ser indicados outros princípios que explicam o porquê de os gêneros jornalísticos não serem facilmente classificáveis. Há, no jornal, um contínuo expositivo, o que dificulta estabelecer as delimitações entre os gêneros que o formam. Em outras palavras, “[...] as fronteiras entre os gêneros são frouxas, do ponto de vista de como a enunciação se dá.” (BONINI, 2006, p. 65). De acordo com Bonini (2006, p.65),

A vagueza nas fronteiras intergêneros pode ser observada de dois pontos de vista: o estrutural e o semântico-pragmático. O estrutural, neste caso, diz respeito ao modo como o jornal se organiza e o semântico-pragmático corresponde ao modo como os textos são enunciados.

Ainda quanto à definição, pode-se asseverar que “[...] nenhuma classificação lógica de gêneros é possível. A demarcação dela é sempre histórica, quer dizer, só vale para um momento específico da história [...]” (TOMASHEVSKY *apud* MEDINA, 2001, p. 49), justificando-se, assim, a dificuldade encontrada nesta pesquisa para nomeá-los. Nos jornais do

século XIX e início do século XX, nem sempre são aplicáveis os tipos de gêneros descritos para os jornais atuais. Observa-se que as discussões sobre esses aspectos ainda são preliminares. No entanto, deve-se ressaltar que, embora sofram alterações com o tempo, as especificações dos gêneros não são dispensáveis; ao contrário, são importantes para que sejam compreendidos quais os gêneros vigentes e quais as perspectivas jornalísticas de determinada época.

Contudo, ao selecionar um rótulo para determinado gênero jornalístico, necessita-se averiguar se este corresponde a uma unidade materializável na forma de texto, se é praticado na comunidade discursiva como uma unidade textual e se está relacionado às atividades centrais do jornal observado (BONINI, 2003a).

Em um jornal, percebe-se também, como dito anteriormente, de acordo com os recursos linguísticos utilizados e a função comunicativa almejada, que nos textos, representantes dos gêneros, podem se concentrar variantes linguísticas padrão e não-padrão.

Cabe, aqui, inclusive para enriquecer o quadro teórico em questão, discorrer a respeito do tratamento do jornal, visto como **suporte**³¹ **convencional** em Marcuschi (2005, 2008) e **suporte convencionalado** em Bonini (2003b, 2004, 2006). Ambos os autores afirmam que, embora bastante importante para o estudo dos gêneros, a discussão sobre suporte, ainda pouco considerada no meio acadêmico, está em andamento. Entretanto, quanto aos tipos, Marcuschi (2008) elege dois: (i) **suportes convencionais** e (ii) **suportes incidentais**. Para ele,

Há suportes que foram elaborados tendo em vista a sua função de portarem ou fixarem textos. São os que passo a chamar de *suportes convencionais*. E outros que operam como suportes ocasionais ou eventuais, que poderiam ser chamados de suportes incidentais, como uma possibilidade ilimitada de realizações na relação com os textos escritos. (MARCUSCHI, 2008, p. 177)

Para o autor, o jornal, diário e mesmo semanal, é nitidamente um suporte convencional com muitos gêneros. Produzido para fixar os textos e assim torná-los acessíveis para fins comunicativos, cumpre regularmente sua finalidade. Por outro lado, Bonini (2006), que considera “ir mais no sentido de tentar caracterizar o que vem a ser um “portador” de texto e, mais especificamente, em que nível se dá essa interferência do suporte no gênero e vice-versa” (BONINI, 2006, p. 60), acredita existir o **suporte físico** e o **suporte convencionalado**, ocorrendo, no primeiro caso, uma distinção nítida, porém, no segundo, uma sobreposição entre gênero e suporte. Segundo o autor,

³¹ “Entendemos aqui como suporte de um gênero um *locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto.” (MARCUSCHI, 2008, p. 174)

[...] um gênero pode ser convencionado como suporte de um outro gênero (ou de outros). O jornal, nesse sentido, é um típico exemplar de suporte convencionado que eu tenho denominado de hipergênero, uma vez que é um gênero constituído por vários outros. (BONINI, 2006, p. 61)

Para Bonini (2004), o jornal deve ser considerado um gênero que abriga outros, isto é, um hipergênero porque preenche quesitos como propósitos comunicativos próprios, organização textual característica, embora ainda não conhecida em seus detalhes, e produtores e receptores definidos. Para ele, “sendo o gênero um material sígnico relativamente compartilhado entre os membros de determinada comunidade, e que, tendo o jornal a mesma propriedade sígnica do gênero, ele seria também um tipo de gênero [...].” (BONINI, 2003, p. 72)

Ressalta-se, por fim, que os gêneros jornalísticos, além de serem utilizados como aporte, para diversos fins, para pesquisas que investigam os fenômenos linguísticos, sob as mais diferentes orientações teóricas, segundo Medina (2001, p.50),

Com certeza servem para orientar os leitores a lerem os jornais, permitindo-os identificar as formas e os conteúdos dos mesmos. Servem, também, como um diálogo entre o jornal e o leitor, pois é através das exigências dos leitores que as formas e os conteúdos dos jornais se modificam. Os gêneros servem ainda para identificar uma determinada intenção, seja de informar, de opinar, de interpretar ou de divertir.

3 O TRATAMENTO DOS CLÍTICOS PRONOMINAIS SOB DIVERSAS ÓTICAS

Para que sejam acrescentadas informações ao quadro dos estudos que envolvem, sob os mais distintos aspectos, questões sobre os clíticos pronominais, é necessário que se levantem os principais pontos até então discutidos. Eis o que se faz nesta seção. Apontam-se considerações acerca dos pronomes, com ênfase nos clíticos pronominais e, na maior parte dos casos, privilegiando o tema da posição, presentes nas gramáticas tradicionais, em abordagens descritivas e em determinados estudos linguísticos, fundamentados, entre outras, na Teoria da Variação e Mudança Linguísticas e na Teoria de Princípios e Parâmetros.

Ademais, apropriando-se das palavras de Vieira (2002, p. 408):

Sem dúvida, o tema da ordem dos clíticos é ‘fértil’ para diversas especulações científicas na busca de respostas a questões advindas da interface gramatical. Trata-se de uma *aventura* em que o *retorno* é garantido, mas certamente para novas *partidas*.

3.1 O enfoque dos pronomes – priorizando-se os átonos – nas gramáticas tradicionais

Muitas gramáticas tradicionais (doravante GTs) afirmam em seus prefácios serem descritivas ou haverem tentado reunir, para a produção do compêndio em questão, preocupações descritivas e normativas em relação ao estudo da língua (PEREIRA, 1956 [1907], SAID ALI³², 1964 [1927], ROCHA LIMA, 2000 [1957], BECHARA, 2001 [1960], CUNHA, 1970, CUNHA & CINTRA, 2001 [1985]). No entanto, a partir do material consultado, pode-se apontar ainda para a predominância de recomendações de como se falar e se escrever bem; em outras palavras, nas GTs, por mais que os estudiosos queiram nelas incorporar registros de uma língua funcional, são, em escala maior, destacadas prescrições dessa língua.

Antes de se concentrar nos aspectos percorridos sobre os pronomes átonos, cabe fazer menção, de um modo geral, à maneira como essas gramáticas caracterizam os pronomes. Pode-se considerar, segundo Said Ali (1964, p. 61), assim como para os outros gramáticos, que o “pronome é a palavra que denota o ente ou a ele se refere, considerando-o apenas como pessoa do discurso”. O autor continua, acrescentando:

Os pronomes ou fazem as vezes de um nome substantivo, ou se juntam a um nome como adjetivos. No primeiro caso chamam-se Pronomes Absolutos ou Pronomes Substantivos; no segundo são Pronomes Adjuntos ou Pronomes-Adjetivos. (SAID ALI, 1964, p. 61)

³² Embora se reconheça Said Ali como um historiador da Língua Portuguesa, as considerações feitas pelo autor, aqui expostas, encaixam-se com os comentários oriundos das gramáticas tradicionais elencadas nesta subseção.

Do ponto de vista semântico, os pronomes são vazios, tendo significação essencialmente ocasional, identificada pelo conjunto da situação. Segundo Bechara (2001, p. 162),

os pronomes estão caracterizados porque indicam dêixis (“o apontar para”), isto é, estão habilitados como verdadeiros gestos verbais, como indicadores, determinados ou indeterminados, ou de uma dêixis contextual a um elemento inserido no contexto, como é o caso, por exemplo, dos pronomes relativos, ou de uma dêixis *ad oculos*, que aponta ou indica um elemento presente ao falante.

Classificam-se, os pronomes, em seis espécies: pessoais, possessivos, demonstrativos, relativos, interrogativos e indefinidos. Deve-se ressaltar, por estar entre os propósitos desses compêndios e por assim ser feito em relação a todos os tópicos enumerados, o detalhamento, incluindo definições e empregos adequados, de cada espécie; porém, para os devidos fins, restringe-se, esta pesquisa, ao aprofundamento apenas dos pronomes pessoais do caso oblíquo, átonos.

Quanto às características fundamentais, os pronomes pessoais, nas GTs, são definidos “por denotarem as três pessoas gramaticais; por poderem representar, quando na 3ª pessoa, uma forma anteriormente expressa; por variarem de forma, segundo: a) a função que desempenham na oração; b) a acentuação que nela recebem.” (CUNHA, 1970, p. 200). Assim, consideram-se os pronomes que desempenham a função de complementos verbais – diretos ou indiretos –, distinguindo-se, quanto à acentuação, das formas tônicas, pronomes átonos.

Constrói-se, então, o sistema dos pronomes pessoais para a língua portuguesa:

		Pronomes Pessoais Retos	Pronomes Pessoais Oblíquos	
			Átonos	Tônicos
Singular	1ª pessoa	Eu	Me	Mim
	2ª pessoa	Tu	Te	Ti
	3ª pessoa	ele, ela	lhe, o, a, se	ele, ela, si
Plural	1ª pessoa	Nós	Nos	Nós
	2ª pessoa	Vós	Vos	Vós
	3ª pessoa	eles, elas	lhes, os, as, se	eles, elas, si

Quadro 1³³ – Sistema dos Pronomes Pessoais da Língua Portuguesa.

Fonte: Bechara (2001, p. 164)

Observa-se que os pronomes pessoais são todos utilizados como Absolutos, ou Substantivos. Têm singular e plural, e formas de nominativo, acusativo e dativo. Os da 3ª pessoa distinguem o gênero. As formas pronominais clíticas **o, a, os, as** sempre substituirão os substantivos que funcionarem como objetos diretos; enquanto os pronomes **lhe, lhes** assumirão as funções de objetos indiretos. Quanto aos outros pronomes átonos – **me, te, se, nos, vos** –, podem atuar como objeto direto ou indireto, dependendo do complemento solicitado pelo verbo que acompanham. Sobre isso, Bechara (1978) afirma ser somente o verbo o elemento que apontará a função sintática do pronome átono ou tônico. Pode-se ainda indicar que as formas oblíquas da 1ª e 2ª pessoas servem tanto de pronome pessoal propriamente dito como de pronome reflexivo³⁴. A 3ª pessoa (do singular e do plural) tem como reflexivo um pronome com as formas **se, si, consigo**. Ao especificar essa reflexividade, encontram-se os pronomes recíprocos³⁵, representados pelas formas **nos, vos** e **se**. Ademais, nessas gramáticas, além das partes destinadas às alterações fonéticas das formas pronominais **o, a, os, as** e às combinações e contrações dos pronomes átonos, ainda são apontados outros empregos que esses pronomes podem desempenhar, tais como – apenas para citação –: o

³³ Quadro adaptado de Bechara (2001, p. 164). O grifo, em relação aos pronomes oblíquos átonos, é nosso.

³⁴ “Quando o objeto direto ou indireto representa a mesma pessoa ou a mesma coisa que o sujeito do verbo.” (CUNHA & CINTRA, 2001, p. 279).

³⁵ “As formas do reflexivo nas pessoas do plural (nos, vos, se) empregam-se também para exprimir a reciprocidade da ação.” (CUNHA & CINTRA, 2001, p.279).

pronome oblíquo átono como sujeito de um infinitivo³⁶; a sua aplicação enfática³⁷; o seu uso como pronome de interesse³⁸ (também conhecido por dativo ético ou de proveito) e, também, em relação ao pronome *se*, os valores que este pode assumir³⁹.

Na sequência, as GTs se preocupam, a partir do apontamento do que é e do que não é permitido e adequado, com a colocação dos pronomes átonos nas orações, com um ou mais verbos. De acordo com Bechara (2001, p.581),

A colocação, dentro de um idioma, obedece a tendências variadas, quer de ordem estritamente gramatical, quer de ordem rítmica, psicológica e estilística, que se coordenam e completam. O maior responsável pela ordem favorita numa língua ou grupo de línguas parece ser a entonação oracional.

O gramático que, assim como os outros estudiosos, adota que “a posição normal dos pronomes átonos é depois do verbo (ênclise)” (ROCHA LIMA, 2000, p. 450), acredita também, quanto à colocação dos pronomes pessoais átonos, ser esta uma questão de fonética sintática, em que, segundo Said Ali (1964, p. 204): “Certas causas de ordem fonética podem entretanto determinar o deslocamento das referidas formas pronominais⁴⁰ para antes do verbo”. Justificam-se assim as divergências em relação a esse tema entre o PB e o PE, já que “A pronúncia brasileira diversifica da lusitana; daí resulta que a colocação pronominal em nosso falar espontâneo não coincide perfeitamente com a do falar dos portugueses.” (SAID ALI, 1964, p. 205).

Dentre as normas expostas, sempre reiteradas nas GTs, privilegiando-se os usos da modalidade escrita e presentes na fala das pessoas cultas (exemplos retirados, em sua maioria, das obras dos considerados “bons escritores”), estão as seguintes:

- Com formas verbais finitas.

A- A posição normal, como acima referido, é o pronome átono estar depois do verbo.

Tal fato se dá:

- a) quando o verbo abrir o período:

³⁶ Exemplos: Mandei-*o* sair. (CUNHA & CINTRA, 2001, p. 302) / Deixe-*me* falar. (CUNHA & CINTRA, 2001, p. 302) / Mandam-*te* entrar. (CUNHA & CINTRA, 2001, p. 302) / Fez-*nos* sentar. (CUNHA & CINTRA, 2001, p. 302).

³⁷ Exemplos: O meu avô, nunca *o* vi rezando. (José Lins do Rêgo) (CUNHA, 1970, p. 216) / Ao médico e ao abade, fala-*lhes* sempre a verdade. (CUNHA, 1970, p. 217).

³⁸ Exemplos: Não *me* estragues o rebôco do muro. (CUNHA, 1970, p. 217) / Ânimo, Brás Cubas, não *me* seja palerma. (Machado de Assis) (CUNHA, 1970, p. 217).

³⁹ O *se* pode, assim como está descrito nas GTs, em face das unidades léxicas que com o pronome concorrem, apresentar-se como: a) objeto direto; b) objeto indireto; c) sujeito de um infinitivo; d) pronome apassivador; e) símbolo de indeterminação do sujeito; f) palavra expletiva, e g) parte integrante de certos verbos que geralmente exprimem sentimento, ou mudança de estado.

⁴⁰ “[...] me, te, se, lhe, o, a, nos, vos, lhes, os, as [...]” (SAID ALI, 1964, p. 204).

(1) *Cosi-me* muito à parede, e *vi-o* passar com as suas calças brancas e engomadas... (Machado de Assis). (CUNHA, 1970, p. 221);

b) quando o sujeito vier imediatamente antes do verbo, em orações afirmativas ou interrogativas:

(2) O combate demorou-*se*. (ROCHA LIMA, 2000, p. 450);

c) nas orações coordenadas sindéticas:

(3) Estudam ou divertem-*se*? (ROCHA LIMA, 2000, p. 450).

B- É obrigatória a próclise:

a) nas orações que contêm uma palavra negativa quando entre ela e o verbo não há pausa:

(4) Não *me* parece; acho os versos perfeitos. [MA. 1, 69]. (BECHARA, 2001, p. 589);

b) em orações iniciadas com pronomes e advérbios interrogativos:

(5) Quantos *lhe* dá? [MA. 1, 97]. (BECHARA, 2001, p. 589);

(6) Quando *o* verei novamente? (CUNHA, 1970, p. 221);

c) em orações iniciadas por palavras exclamativas, bem como nas orações que exprimem desejo:

(7) Que o vento *te* leve os meus recados de saudade! (F. Namora, RT, 89). (CUNHA & CINTRA, 2001, p. 310);

(8) Deus *o* proteja, amigo! (CUNHA, 1970, p. 222);

d) nas orações subordinadas:

(9) É clara e arrepiada a casa [para onde *nos* mudamos]. (ROCHA LIMA, 2000, p. 452);

e) com advérbios e pronomes indefinidos, sem pausa:

(10) Sempre *me* recebiam bem. (BECHARA, 2001, p. 589);

(11) Todos os barcos *se* perdem, entre o passado e o futuro. (Cecília Meireles) (CUNHA, 1970, p. 223).

- Com as formas não-finitas.

- Com o infinitivo, a regra geral é a ênclise:

(12) Viver é adaptar-*se*. (ROCHA LIMA, 2000, p. 452);

- A ênclise é de rigor se o pronome for **o(s)** ou **a(s)**, e o infinitivo vier regido da preposição **a**:

(13) Estou inclinado a perdoá-*lo*. (ROCHA LIMA, 2000, p. 452);

- Com o gerúndio, a regra geral é a ênclise:

(14) Cumprimentou os presentes, retirando-*se* mudo como entrara. (ROCHA LIMA, 2000, 453);

- Haverá próclise se o gerúndio vier precedido da preposição **em**:

(15) Ninguém, desde que entrou, em *lhe* chegando o turno, se conseguirá evadir à saída. [RB.2, 30]. (BECHARA, 2001, p. 591).

- Com as locuções verbais.

A - Verbo principal no infinitivo ou no gerúndio.

a) sempre a ênclise no infinitivo ou no gerúndio:

(16) O roupeiro veio interromper-*se*. (R. Pompéia, A, 37). (CUNHA & CINTRA, 2001, p. 314);

(17) [...] Ia desenrolando-*se* a paisagem. (R. Correia, PCP, 304). (CUNHA & CINTRA, 2001, p. 314).

B- Próclise no verbo auxiliar, quando ocorrem as condições exigidas para a anteposição do pronome a um só verbo.

(18) Rita é minha irmã, não *me* ficaria querendo mal e acabaria rindo também (Machado de Assis). (CUNHA, 1970, p. 224);

(19) Que é que *me* podia acontecer? (G. Ramos, A., 152). (CUNHA & CINTRA, 2001, p. 315);

(20) Como *se* vinha trabalhando mal! (CUNHA, 1970, p.224);

(21) Ega *lhe* subiu ao quarto, onde outro criado *lhe* estava preparando o banho. (Eça de Queirós, O, II, 329). (CUNHA & CINTRA, 2001, p. 316).

C- A ênclise ao verbo auxiliar, quando não se verificam essas condições que aconselham a próclise.

(22) Por trás da serra, ia *se* erguendo a lua. (Raimundo Correia). (CUNHA, 1970, p. 224).

D- Quando o verbo principal está no particípio, o pronome átono não pode vir depois dele.

(23) Tenho-*o* encontrado. / Não *o* tenho encontrado. (CUNHA, 1970, p. 225).

Observa-se, ainda, a enumeração de outras possibilidades, como, por exemplo, nos casos em que se recomenda a ênclise com um só verbo finito. Salvo quando se tratar de início de período, em qualquer dos outros dois casos, mencionados acima, pode, contudo, ocorrer a posição pré-verbal. Há as alternativas consoante os propósitos do falante. Dessa forma, também, “Outras vezes, o lugar do pronome átono pode ser determinado pelo intuito de dar à oração estrutura mais agradável ao ouvido.” (SAID ALI, 1964, p. 207). Tem-se, por fim, uma exaustiva lista de regras que garantem o uso “correto” dos pronomes átonos nas orações e, não se infringindo os critérios expostos, a recomendação de que a colocação desses pronomes seja uma questão pessoal de escolha, importando-se com questões eufônicas.

Embora as GTs tentem salientar determinadas diferenças, na fonética, na morfologia e na sintaxe, entre o PB e o PE, estas são feitas de modo comedido, identificando-se, ainda, uma tendência irrestrita às normas portuguesas; negando-se, assim, muitas vezes, a realidade linguística brasileira. Mesmo que as GTs indiquem a alternativa, vitoriosa, no falar do Brasil, de se iniciar o período com o clítico, a preferência pela próclise nas orações absolutas, principais e coordenadas não iniciadas por palavra que exija ou aconselhe tal colocação, e o uso, quase categórico, da interposição do pronome átono nas locuções verbais, sem se ligar por hífen ao auxiliar, pouco demonstram no sentido de valorizar essas particularidades, reforçando, sempre, a ideia de que os bons escritores adotam as prescrições conservadoras. Mostram-se, portanto, não abertas nem à incorporação de construções praticadas pelos falantes mais escolarizados.

Ao contrário do que defendem as GTs, refuta-se nesta pesquisa que o ideal linguístico para o Brasil esteja sempre próximo do padrão europeu, a fim de que se alcance, um dia, neste país, a identidade entre as línguas escrita e falada, mesmo sendo a última apenas em seu uso bem aceito.

3.2 A abordagem descritiva do sistema de pronomes pessoais portugueses - os clíticos em destaque

Um estudo descritivo, conduzido de maneira sistemática, objetiva e coerente, deve expor os fatos funcionais de uma dada língua, num dado momento, analisando-se a estrutura – ou configuração formal – que, nesse período, a caracteriza. Assim, de acordo com as finalidades previstas, é isento de caráter purista e normativo, privilegiando-se reflexões, a partir de pormenorizadas descrições, sobre o funcionamento interno dessa língua. Encaixam-se, portanto, nesse cenário, o modo como os mais diversos aspectos da língua portuguesa são

discutidos em Camara Jr.⁴¹ (1976 [1972], 2004 [1969]) e Mateus et al. (2003 [1983])⁴², focando-se, aqui, nos questionamentos referentes aos pronomes, especificamente os clíticos pronominais.

Segundo Camara Jr. (1976, p. 89), quanto à definição dos pronomes,

Toda língua possui um sistema de formas, destinadas a situar os elementos do mundo bio-social, que interessam à expressão lingüística, no quadro de um ato de comunicação. Em vez de serem representados por formas lingüísticas que os evoquem e simbolizem de acordo com o conceito que tem de cada um deles a comunidade falante, como sucede nas formas nominais e nas formas verbais, eles passam a ser indicados pela posição que ocupam no momento de uma mensagem lingüística. Essas formas, assim meramente indicativas, ou dêiticas em sentido amplo, são os pronomes.

Para o autor, portanto, os pronomes são caracterizados pela noção gramatical de pessoa, destacando-se que

Há um falante – *eu*, que pode associar a si uma ou mais pessoas – *nós*, constituindo a primeira pessoa do singular, ou P1, e a primeira pessoa do plural, ou P4. A eles se opõe um ouvinte (segunda pessoa do singular ou P2) – *tu*, ou mais de um ouvinte (segunda pessoa do plural ou P5) – *vós*. Todos os seres que ficam fora do eixo falante – ouvinte, constituem a terceira pessoa do singular, ou P3, ou a terceira pessoa do plural (P6) – *ele*, com o feminino *ela*, e *elas*, com o feminino *elas*, respectivamente (alternância submorfêmica /ê/ : /è/ no radical feminino). (CAMARA JR., 2004, p. 117).

Acrescenta o estudioso que a essas formas pronominais pessoais, definidas como retas, empregadas isoladamente ou como o sujeito de uma oração, caracterizando-se como formas tônicas e livres, colocam-se, ao lado, outras duas séries de formas, tidas como oblíquas. Quanto às últimas, de acordo com Camara Jr. (2004, p. 117),

⁴¹ A língua portuguesa descrita é a da variedade brasileira, “tal como é usada pelas classes ditas “cultas” num registro formal, isto é, adequado às situações sociais mais importantes.” (CAMARA JR., 2004, p. 18).

⁴² Ainda que a **Gramática da língua portuguesa**, de Mateus et al. (2003), privilegie fundamentalmente a norma de Portugal e que esta pesquisa se ocupe da variedade brasileira do português, considera-se relevante observar o tratamento dispensado, nessa obra, aos pronomes átonos, salientando-se ser – até mesmo pela questão da utilização e da colocação dos clíticos pronominais ser uma das diferenças, no nível morfológico e sintático, mais facilmente apreensível, entre as variedades do PE e do PB – recorrente a menção, nessa gramática, a aspectos do PB que envolvam esse fenômeno. Ademais, obter o conhecimento da língua portuguesa como um todo é essencial para se aprofundar nas peculiaridades da variedade brasileira. Cabe, no entanto, mencionar que, embora apresente maior pendor descritivo e linguagem técnica, observam-se, na **Gramática da língua portuguesa**, de Mateus et al. (2003), semelhanças, em relação aos padrões de colocação dos pronomes clíticos, entre a descrição nela proposta e os pontos levantados, referentes a esse assunto, nas GTs.

Uma é adverbial, isto é, usada como forma dependente junto a um verbo, para expressar um complemento, que fonologicamente é uma partícula proclítica ou enclítica do verbo; respectivamente: *me, nos; te, vos; o, a*, ou *lhe; os, as*, ou *lhes*. Outra série oblíqua é a de partículas que funcionam sob a subordinação de uma preposição [...]. Fonologicamente, são partículas tônicas, cabendo em regra uma posição proclítica à preposição subordinante.

Obtém-se, assim, o seguinte sistema de pronomes pessoais portugueses:

P 1: eu ; me ; mim ; comigo.
P 2: tu ; te ; ti ; contigo.
P 4: nós; conosco.
P 5: vós; convosco.
P 3: ele (a) ; o(a)
<i>lhe</i>
P 6: +/S/ ; +/S/.

Quadro 2 – Sistema dos Pronomes Pessoais Portugueses.
Fonte: Camara Jr. (2004, p. 118)

Camara Jr. (2004), quanto às formas oblíquas átonas descritas acima, ressalta certas ocorrências estruturais que considera relevantes. No que concerne às terceiras pessoas – singular e plural –, o autor marca a oposição dos pronomes **o**, **a**, de um lado, e, de outro lado, o pronome **lhe**, considerando-se aqueles, definidos como objetos diretos, como complementos de certos verbos ativos, “em que a ação, partida do sujeito, recai diretamente num outro ser, que é objeto dessa ação” (CAMARA JR., 2004, p. 118); e, este, com a função de objeto indireto, subordina-se ao verbo por intermédio da preposição **a**. Sobre as formas adverbiais de P4 e P5, segundo o autor, só aparentemente são diversas das formas retas **nós** e **vós**. “A sua única marca distintiva é que, como partículas átonas, perdem a vogal média aberta /ò/, do quadro das vogais tônicas e ficam na realidade com um /u/ do quadro vocálico átono final.” (CAMARA JR., 2004, p. 118). Cabe mencionar, contudo, a preocupação de Camara Jr. em explicitar que a distribuição feita a respeito dos pronomes pessoais da língua portuguesa é algo meramente teórico, já que em nenhuma localidade é seguida exatamente da maneira como se apresenta.

Dentre as alternâncias, confirmadas pelo uso efetivo por parte dos falantes, no conjunto do sistema dos pronomes pessoais da língua portuguesa, estão a perda de P5 como

plural exclusivo de P2⁴³ e a substituição de **vós**, para o ouvinte (singular ou plural), por um tratamento de terceira pessoa, em que se descartam as formas verbais correspondentes a P5 – utiliza-se o verbo na terceira pessoa e marca a posição do ouvinte pelas palavras **você** e **senhor(a)**, por exemplo –, mantendo-se as formas oblíquas adverbiais de terceira pessoa⁴⁴. Porém, Camara Jr. (2004) indica que, em área do Rio de Janeiro, a utilização de **você**, como tratamento íntimo, ainda permite a colocação da forma adverbial **te** ao lado de **o**, **a** ou **lhe**, tornando-se todas permutáveis. Tem-se, por fim, ao mesmo tempo em que se usa **lhe** como forma adverbial correspondente a **você** e **o senhor**, a eliminação de **o(s)**, **a(s)** e **lhe(s)** em benefício de **ele(s)**, **ela(s)**, em qualquer emprego na frase.

Desse modo, em relação ao sistema dos pronomes pessoais portugueses – funcionalmente substantivos – o autor conclui suas reflexões apresentando o quadro, visto acima, remodelado, como transcrito na sequência, que, segundo ele, focando-se na língua escrita e na língua oral formulada, é o ensinado nas escolas de nosso país.

<p>P 1: eu ; me ; mim ; comigo.</p> <p>P 2: você; o senhor (fem. a senhora) ; o (fem. a), lhe. tu ; te ; ti ; contigo.</p> <p>P 4: nós; conosco.</p> <p>P 5: Primeira série de P 2 + /S/.</p> <p>P 3: ele (a) ; o(a) , lhe.</p> <p>P 6: P 3 + /S/.</p>
--

Quadro 3 – Sistema, remodelado, dos Pronomes Pessoais Portugueses.
Fonte: Camara Jr. (2004, p. 120-121)

Na **Gramática da língua portuguesa**, de Mateus et al. (2003), que contempla a norma-padrão do PE (ver nota 42), as análises realizadas dos aspectos da língua portuguesa são pautadas em correntes teóricas diversas que garantem uma explicação satisfatória dos assuntos em questão. No caso do capítulo que interessa a esta pesquisa, intitulado **Tipologia e distribuição das expressões nominais**, escrito por Brito, Duarte e Matos (2003), as descrições são sustentadas a partir das ideias presentes na Teoria da Regência e da Ligação,

⁴³ “Um novo sistema se sobrepõe em que a série *vós* é um singular, como P2, para assinalar, em contraste com a série *tu*, uma atitude de distanciamento e acatamento social para com um único ouvinte.” (CAMARA JR., 2004, p. 119).

⁴⁴ “[...] (*eu o ouço, eu lhe falo*) [...]” (CAMARA JR., 2004, p. 120).

de Noam Chomsky. São explorados no texto, sob o ponto de vista das condições que regulam os seus valores referenciais, as expressões referenciais, as anáforas e os pronomes. Enfatizam-se, nesta apresentação, apenas as ideias relevantes para os pronomes, em especial os aspectos referentes à sintaxe dos pronomes clíticos.

Como já se sabe, os pronomes pessoais denotam a pessoa gramatical das entidades participantes no ato de qualquer comunicação, correspondendo os pronomes clíticos às formas átonas do pronome pessoal que ocupam a posição dos complementos verbais. Segundo as autoras, os pronomes clíticos também são denominados Pronomes Átonos ou Clíticos Especiais: “A designação de pronomes átonos é a corrente na tradição gramatical (cf. SAID ALI, 1908; CUNHA & CINTRA, 1984; BECHARA, 1999); a noção de clíticos especiais foi introduzida por Zwicky (1977).” (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 826, nota 60).

Apresenta-se, a seguir, conforme a pessoa gramatical e o caso a que se referem, a distribuição dos clíticos não-reflexos e reflexos, proposta por Brito, Duarte e Matos (2003).

Pessoas Gramaticais	Clíticos não-reflexos		Reflexos
	Acusativo	Dativo	Acusativo / Dativo
1ª singular	me	me	Me
2ª singular	te	te	Te
3ª singular	o/a	lhe	Se
1ª plural	nos	nos	Nos
2ª plural	vos	vos	Vos
3ª plural	os/as	lhes	Se

Quadro 4⁴⁵ – Clíticos não-reflexos e reflexos, consoante a pessoa gramatical e a forma casual a que correspondem.

Fonte: Brito, Duarte e Matos (2003, p.827)

No entanto, ressaltam as autoras o fato de os pronomes clíticos não se restringirem apenas à denotação da pessoa gramatical. Assim, além de denotarem as entidades envolvidas em uma comunicação – como nos exemplos (24) e (25) –, podem também desempenhar a função de um predicado (exemplo (26)) ou ocorrer para deansitivisar determinado verbo – exemplo (27).

(24) (a) Ele viu-*me* ontem na praia. (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 827).

⁴⁵ O grifo, em relação aos clíticos, é nosso.

(b) Eu ofereci-*lhes* um gelado (a cada um). (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003. p. 827).

(25) (a) As crianças lavaram-*se* rapidamente antes de ir para a escola. (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003. p. 827).

(b) Eles cumprimentaram-*se* um ao outro cerimoniosamente. (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003. p. 827).

(26) Simpático para nós, eles sempre assim *o* foram. (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003. p. 827).

(27) Os cafés entornaram-*se* devido ao desequilíbrio do empregado. (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003. p. 827).

Os pronomes clíticos, assim como outras classes de palavras – artigos e preposições, referidos também como Clíticos Simples –, por apresentarem atonicidade, são dependentes de unidades lexicais com acentuação própria, que se designam como seus hospedeiros. Diferentemente dos clíticos simples, que se cliticizam na palavra que lhes segue imediatamente, os pronomes clíticos dependem acentualmente de uma classe de palavras específica, o verbo. Assim, todos exigem um hospedeiro verbal. Ainda, Brito, Duarte e Matos (2003) acrescentam que os pronomes clíticos divergem dos artigos e das preposições, que sempre precedem as palavras que os acolhem, por não terem uma posição fixa relativamente ao verbo, podendo precedê-lo (próclise), segui-lo (ênclise) ou ocorrer no seu interior (mesóclise).

Quanto à tipologia dos pronomes clíticos na língua portuguesa, segundo as autoras,

[...] é possível distinguir diferentes tipos de clíticos, tendo por critérios: (i) o seu potencial referencial ou predicativo; (ii) a possibilidade de receberem um papel temático; (iii) a sua referência específica ou arbitrária; (iv) a capacidade de ocorrerem em construções de redobro de clítico e de extracção simultânea de clítico; (v) e a faculdade de funcionarem como um afixo capaz de alterar a estrutura argumental de um predicado. (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003. p. 835)

Assim, as autoras optam por um detalhamento dos tipos de clíticos especiais em português, apresentado, de maneira resumida, no quadro abaixo.

Tipo de clítico	Especificação	Exemplos
Clíticos com conteúdo argumental	* pronominais (não-reflexos) e anafóricos (reflexos e recíprocos) * se-nominativo	(26) Convidavam- <i>na</i> constantemente para cantar em conhecidas bandas de jazz. (27) Encontraram- <i>se</i> na Faculdade ao fim da manhã. (28) Trabalha- <i>se</i> demais.
Clítico argumental proposicional ou predicativo	* clítico demonstrativo	(29) Que era culpado, ele não <i>o</i> declarou abertamente. (30) Umás pestes, estas crianças sempre <i>o</i> foram.
Clíticos quase-argumentais	* se passivo * dativos ético e de posse	(31) Venderam- <i>se</i> hoje muitos livros na feira do livro. (32) Acaba- <i>me</i> depressa os trabalhos de casa! (33) Dói- <i>me</i> a cabeça.
Clítico com comportamento de afixo derivacional	* clítico ergativo / anticausativo	(34) O barco virou- <i>se</i> .
Clítico sem conteúdo semântico ou morfossintático	*clítico inerente	(35) A Maria apaixonou- <i>se</i> por aquele homem encantador.

Quadro 5 ⁴⁶ – Tipos de Pronomes Clíticos em Português ⁴⁷.

As autoras, para completar a descrição acerca dos clíticos pronominais, tratam a questão da ordem desses pronomes, assegurando que, como já apontado, “no português moderno, os padrões de colocação dos pronomes clíticos são uma das propriedades sintáticas que distingue as gramáticas de diferentes variedades nacionais da língua portuguesa.” (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 847).

⁴⁶ Informações extraídas de Brito, Duarte e Matos (2003).

⁴⁷ Para um aprofundamento das características específicas de cada tipo de clítico especial, ver Brito, Duarte e Matos (2003, p. 835-844).

Sobre as posições proclítica e enclítica, ambas são verificadas no português moderno; no entanto, em muitos contextos, não podem se permutar livremente. Segundo as autoras, dentre outros aspectos que limitam essa alternância, o PE respeita uma generalização sobre a colocação de formas clíticas identificada como **Lei de Tobler-Moussafia** – “As formas clíticas não podem ocupar a posição inicial absoluta de frase” (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 849), por exemplo, “*Lhe canta os parabéns!*” (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 849). Contudo, deve-se registrar a indicação, feita pelas estudiosas, de que essa proposição de caráter geral não é válida para outras línguas românicas, inclusive para o PB.

Brito, Duarte e Matos (2003) concluem que, na variedade europeia do português moderno, o padrão básico, não marcado, de colocação dos pronomes clíticos é a ênclise – aceita em frases finitas de todos os tipos e em muitas frases não-finitas –, caracterizando-se, também, como a variante em expansão nessa variedade. Sobre a próclise, pode-se dizer que é preferida de acordo com certos aspectos de natureza sintático-semântica ou prosódica, presentes na oração. As autoras listam quais elementos – conhecidos como Atratores de Próclise ou Proclisadores – são responsáveis pela colocação do pronome clítico antes do verbo. Segundo elas, para que os atratores induzam a próclise, “é necessário que *c-comandem e precedam o hospedeiro verbal do clítico [...]*” (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 853).

A seguir, são expostos os atratores de próclise, de acordo com a referida gramática observada até aqui.

- Operadores de negação frásicos e sintagmas negativos.

(28) O João não / nunca *me* telefonou. (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 854).

(29) Ninguém / nada *o* demoveu. (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 854).

- Sintagmas-Q interrogativos, relativos e exclamativos.

(30) (a) Quem *te* disse que eu ia hoje jantar contigo? (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 854).

(b) A pessoa a quem *me* apresentaste na conferência é interessante. (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 854).

(c) Que belo estalo (que) *lhe* deste! (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 854).

- Preposições ou advérbios.

(31) O Pedro pediu à Maria para *lhe* telefonar logo. (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 854).

(32) Visto que / porque se despachou tarde, o João não passou cá por casa. (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 854).

- Quantificadores distributivos e grupais como *todos*, *ambos* e *qualquer*.

(33) (a) Qualquer colega / qualquer um *te* empresta esse programa. (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 855).

(b) Todos os imprevistos / todos / tudo / *a* põe(m) doente. (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 855).

- Quantificadores indefinidos e existenciais como *alguém* e *algo*.

(34) Alguém / algo *te* enganou. (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 856).

- Quantificadores generalizados como *bastantes* e *poucos*.

(35) Poucas pessoas / poucos *se* importam com isso. (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 856).

• Conjunções correlativas com um elemento de polaridade negativa (*não só... mas / como também, nem...nem*) e conjunções correlativas disjuntivas (*ou...ou, ora...ora, quer...quer, seja...seja*).

(36) (a) Não só a Maria *o* insultou como (também) o Pedro *lhe* bateu. (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 856).

(b) Nem a Maria *o* insultou, nem o Pedro *lhe* bateu. (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 856).

(c) Ou a Maria *lhe* faz todas as vontades, ou o Pedro *se* zanga. (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 856).

(d) Quer *te* agrade, quer não *te* agrade, vou à festa. (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 856).

- Constituintes ligados discursivamente em construções apresentativas.

(37) (a) Aqui *se* assinou a paz. (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 856).

(b) Isso *te* dissemos todos. (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 856).

A respeito das perífrases verbais, as autoras discutem o fenômeno conhecido como Subida de Clítico – que se resume na escolha de um verbo do qual o pronome clítico não é dependente para hospedeiro verbal. Os exemplos, abaixo, elucidam esse fenômeno, apresentando-se sublinhados os verbos principais de que os clíticos dependem.

(38) (a) O João tinha-*a* já convidado várias vezes. (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 857).

(b) O convite foi-*lhe* finalmente enviado. (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 857).

(c) O João ia-*se* esquecendo do convite. (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 857).

(d) O João não *a* tinha convidado. (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 857).

(e) O convite não *lhe* foi nunca enviado. (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 857).

(f) O João não *se* ia esquecendo do convite. (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 857).

Por fim, deve-se, ainda, dar destaque à consideração, presente no encerramento do capítulo, em que se faz menção à sobrevivência de uma gramática antiga, acerca da mesóclise – colocação alternativa à ênclise nas formas de futuro e de condicional. As autoras declaram haver dados de aquisição, produções de falantes de variedades populares e, em geral, de gerações mais novas, que denotam o emprego cada vez mais recorrente da ênclise em seu lugar, na variedade europeia do português moderno, como mostram os exemplos (39) e (40).

(39) ?Telefonarei-*te* mais vezes.

(12 anos, 6º. ano de escolaridade, modo escrito). (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 866).

(40) ?Na conjuntura socio-econômica, poderá-*se* verificar um saldo bastante positivo.

(prova específica de acesso ao ensino superior, modo escrito). (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 866).

Pode-se considerar, portanto, em relação aos levantamentos descritivos postos em evidência, que – embora analisem a língua portuguesa sem preocupações normativistas –, por

pautarem suas observações levando em conta os usos linguísticos considerados cultos, nas modalidades escrita e falada, ainda há falta de compreensão dos fatos reais da língua.

3.3 Os clíticos pronominais em estudos diversos da linguística atual

Observam-se, particularmente nas variedades do PB e do PE, inúmeros trabalhos acadêmicos que se restringem a determinados aspectos a respeito dos clíticos pronominais. Isto porque, dentre outros motivos, devido às suas propriedades, um estudo detalhado acerca dos pronomes clíticos envolve tanto aspectos fonéticos quanto morfossintáticos – como já comentado na seção Introdução.

Quanto à ordem desses pronomes, pode-se dizer que a extensa e rica lista de pesquisas que a aborda é fruto do fato desse assunto ser um forte indicador das divergências entre as variedades da língua portuguesa. Privilegiando-se os propósitos desta investigação, apresenta-se, nestas linhas, uma síntese de quatro estudos considerados relevantes pelos resultados obtidos, e pelo modo pertinente como são explicados – referindo-se, o primeiro, à análise das formas pelas quais se realiza o objeto direto (OD) anafórico no PB, o que inclui a participação dos clíticos acusativos – Duarte (1986, 1989); o segundo, ao estudo diacrônico da posição dos clíticos no PB, tentando-se elucidar alguns pontos desse processo que culminaram nas diferenças entre o PB e o PE – Pagotto (1992, 1996); o terceiro, à mudança na posição dos clíticos e à queda de suas ocorrências, relacionando-as ao fenômeno do objeto nulo, a partir de dados encontrados em peças teatrais brasileiras – Cyrino (1996, 1997); e, o quarto, à ordem dos clíticos pronominais, nas variedades do PB, do PE e do português moçambicano (PM) – Vieira (2002, 2003, 2007, 2008).

Duarte (1986, 1989) realiza uma pesquisa, fundamentada no modelo sociolinguístico desenvolvido por Labov, em que são apontados os condicionamentos linguísticos, sociais e estilísticos que atuam na escolha de diferentes formas para a representação do OD anafórico, analisando-se, para isso, a língua falada, a partir de entrevistas com informantes paulistanos e a fala veiculada pela televisão, e a língua escrita, através de textos produzidos por alunos do 2º grau e outros selecionados de maneira menos sistemática, em jornais, revistas, propagandas e legendas de filmes.

Computadas todas as ocorrências de OD anafórico na fala dos informantes e nos textos gravados da fala de *media*, a autora pôde identificar as seguintes variantes, para a referida variável:

- Uso do clítico acusativo.

(41) *Ele veio do Rio só para me ver. Então eu fui ao aeroporto buscá-lo. (fala de informante)* (DUARTE, 1986, p. 15).

- Uso do pronome lexical.

(42) *Eu amo o seu pai e vou fazer ele feliz. (novela)* (DUARTE, 1986, p. 15).

- Uso da categoria vazia [SNe].

(43) *A FEBEM é um dos elos dessa corrente que cria o menor infrator; não é ela o único responsável, o único elo que cria (e), e como tal ela não consegue recuperar (e).* (entrevista) (DUARTE, 1986, p. 16).

- Uso de SNs lexicais.

(44) *Ela vai ver a Dondinha e o pai da Dondinha manda a Dondinha entrar, e ela pega um facão... (fala de informante)* (DUARTE, 1986, p. 16).

- Uso de SNs lexicais com determinante modificado.

(45) *(E o dinheiro?) Se pelo menos eu soubesse onde ele escondeu esse dinheiro... (novela)* (DUARTE, 1986, p. 16).

- Uso do pronome demonstrativo **isso**.

(46) *É um Senador da República, mas é estrangeiro: não vota em Presidente da República. Nós não podemos fazer isso no Brasil. (entrevista)* (DUARTE, 1986, p. 17).

Das variantes de realização do OD anafórico descritas acima, a menos utilizada no *corpus* de modalidade falada analisado, de acordo com Duarte (1986, p.68), “é o clítico acusativo (4,9%), seguindo-se o uso do pronome lexical (15,4%), os SNs lexicais plenos e o pronome demonstrativo “isso” (17, 1%) e, finalmente, o uso de uma categoria vazia (62,6%).” Aponta-se, portanto, o desaparecimento do clítico na fala e a produtividade do uso da categoria vazia.

Quanto aos dados obtidos na modalidade escrita, embora tenham sido observados os textos escritos por dois grupos distintos de alunos cursando o 2º grau, ao considerá-los conjuntamente, “observa-se a preferência pelo clítico, seguindo-se o uso de [SNe], e

finalmente, a repetição do SN, um resultado que aponta para uma diferença grande entre fala e escrita.” (DUARTE, 1986, p.51). Sobre os textos veiculados na imprensa, a autora constata que, em *editoriais* de jornais, um dos recursos mais utilizados é o de SNs lexicais com determinantes diversos, seguindo-se do uso dos clíticos, em que foram computadas 76 ocorrências, das quais 18 (23,7%) exibiam o pronome proclítico e 58 (76,3%), o pronome enclítico, preferencialmente com verbos no infinitivo. A respeito do apagamento do objeto, parece que esta variante começa a ganhar aceitação em estilos mais formais. Em *artigos* de jornais, as ocorrências de objeto direto vazio são frequentes; em *propaganda* transmitida pela televisão, são constantes os usos de categorias vazias, podendo-se, também, embora de modo mais esporádico, encontrar o emprego de pronome lexical; em *noticiários*, podem-se observar ocorrências de categoria vazia; e, finalmente, em *legendas de filmes*, as variantes não-padrão são recorrentes – pronome lexical, SNs lexicais, categoria vazia.

No que concerne aos condicionamentos linguísticos influentes para a realização das variantes, segundo Duarte (1986, 1989), os resultados indicam que o clítico ainda resiste em estruturas simples (SVO) em que ocorra um tempo simples, preferencialmente um infinitivo; já o uso do pronome lexical é extremamente favorecido pela estrutura complexa da frase em que ocorre e pelo traço [+animado] do antecedente, enquanto o uso da categoria vazia privilegia de modo altamente relevante o traço [-animado], não dependendo da estrutura sintática em que esteja presente. A respeito dos fatores sociais averiguados – escolaridade e faixa etária –, foram considerados significativos quando a fala em situação mais formal é atestada. Nota-se um aumento no uso do clítico e de SNs lexicais e um decréscimo no uso do pronome lexical e da categoria vazia por parte dos informantes com 3º grau e dos informantes com 2º grau pertencentes à faixa etária mais alta.

Dentre as conclusões, pode-se listar, segundo Duarte (1986, p. 69), que:

O clítico é considerado pelos informantes como uma forma pedante para a fala e mais adequada à língua escrita, enquanto o pronome lexical é bem aceito na fala, embora com justificativas que revelam preconceitos relativos a formas típicas da língua falada. Os textos escritos por jovens cursando o 2º grau atestam o fato de que eles têm presente a noção de informalidade ligada ao uso do pronome lexical, não se registrando uma só ocorrência desta variante. Aliás, textos escritos que simulam a língua falada apresentam o pronome lexical, o que também confirma sua associação ao estilo informal. O mesmo não se pode dizer da categoria vazia, que já não se restringe à fala informal, penetrando de maneira significativa na fala em contextos formais e nos textos escritos.

Reforça-se, ainda, por esta pesquisa tratar dos clíticos pronominais, que os resultados apresentados em Duarte (1986, 1989) confirmam o comportamento, visto naquela época e descrito por estudiosos da área, dos clíticos no PB. Apontava-se para o fato de esses pronomes estarem atravessando um período de ‘crise’ no português falado do Brasil, que poderia até mesmo ameaçar a sobrevivência de alguns deles na língua falada e trazer algumas modificações à língua escrita.

O estudo de Pagotto (1992, 1996), que explora a face sintática dos clíticos pronominais, observando-se a mudança na posição por eles ocupada no nível superficial da sentença, encaixa-se “na linha de pesquisa lançada por Tarallo e Kato (1989) no que faz de básico – a partir das diferenças observadas na sintaxe das línguas, buscar explicações para a variação e a mudança linguísticas no âmbito interno da língua.” (PAGOTTO, 1992, p. 2).

O autor acredita na possibilidade das diferenças entre o PB e o PE, em relação ao clítico, estarem associadas ao próprio fenômeno da perda dos clíticos, em PB. Sabe-se, como já apontado em outros estudos⁴⁸, que a posição ocupada pelos clíticos no nível superficial da sentença constitui uma das mais radicais diferenças entre as variedades – brasileira e europeia – da língua portuguesa. Com verbos simples, o PB generaliza a próclise em todas as situações, enquanto o PE realiza a próclise ou a ênclise, segundo regras bem definidas. Já em relação à posição dos clíticos em grupos verbais, a próclise ao segundo verbo é agramatical em PE e constitui uma grande inovação do PB.

Para verificar como o clítico teria se comportado diacronicamente na sentença, o autor investiga aspectos da posição ocupada pelos clíticos em quatro situações fundamentais:

a) Em sentenças com um único verbo.

(47) “Eu te adoro, viu?” (Arquivo de cartas pessoais de S. L. – 2ª metade do século XX) (PAGOTTO, 1992, p. 46).

b) Em sentenças com grupos verbais.

(48) “Porém devo dizer-lhe a verdade” (Cartas do Rio de Janeiro do Marquês de Lavradio – 2ª metade do século XVIII) (PAGOTTO, 1992, p. 49).

c) Em sentenças infinitivas e gerundivas.

⁴⁸ Ver capítulo I – Os clíticos na Teoria Gerativa – algumas hipóteses sintáticas para o nosso trabalho – em Pagotto (1992).

(49) “esem embargo de elle mo não participar ofui buscar para terra, fazendolhe honrras melitares” (– Governadores do Rio de Janeiro – Correspondência activa e passiva – 1ª metade do século XVIII) (PAGOTTO, 1992, p.48).

d) Em sentenças com advérbios pré-verbais.

(50) “... e hoje se não conserva senão o dito destacamento” (Documento Histórico do Espírito Santo – 2ª metade do século XVIII) (PAGOTTO, 1992, p.54).

O autor, a partir da análise de cartas e documentos oficiais datados desde o século XVI, reúne um total de 1436 dados, salientando encontrar, em relação a um único verbo na sentença, do século XVI ao século XVIII, os clíticos em próclise de uma maneira bastante consistente – o percentual se mantém em torno dos 85% em quase todos os períodos desses séculos – e, a partir do século XIX, um aumento no percentual de ênclise, chegando a 71% e 46%, na 1ª e 2ª metades do século XX, respectivamente. Quanto à posição do clítico em grupos verbais, do século XVI ao XVIII, a próclise ao primeiro verbo é altamente majoritária, chegando-se em alguns períodos a atingir os 100%, no entanto, também é retratado o caráter inovador do PB atual, no que diz respeito à próclise ao segundo verbo, encontrando-se tal realização, à exceção de um dado na 2ª metade do século XVIII, apenas no *corpus* do século XX.

Utilizando-se da metodologia laboviana de coleta e processamento de dados, após ter optado por controlar quatro variáveis dependentes – a saber: A) posição do clítico em sentenças com um único verbo; B) posição do clítico em sentenças com grupos verbais; C) posição do clítico em sentenças com verbos sozinhos precedidos de negação ou advérbio, e D) posição do clítico em sentenças com grupos verbais precedidos de negação ou advérbio –, Pagotto (1992, 1996) considera os seguintes grupos de fatores condicionantes, responsáveis pela alternância quanto à ordem dos clíticos: o estatuto do(s) verbo(s); o tipo de sujeito da sentença; a presença – ou ausência – de atratores antes do verbo; o tipo da sentença; a estrutura básica da sentença; o tipo de clítico; o papel temático desse clítico; o tipo de fonte – carta pessoal, processo criminal, escritura ou testamento; o período de tempo, separados por cinquenta anos; e, por fim, os dados ainda foram controlados por documento ou série de documentos, a fim de que se observasse se não haveria enviesamento nos resultados.

Interpretando-se os dados à luz da Teoria Gerativa, conclui-se que o movimento do verbo e o movimento longo dos clíticos, característicos do português clássico, teriam sido

perdidos, levando-se ao padrão de próclise generalizada no PB e à reanálise dos clíticos, que teria ocasionado o desaparecimento de alguns deles. Segundo Pagotto (1996, p. 202),

Os resultados mostraram um português clássico relativamente estável no que diz respeito às regras de posição dos clíticos na sentença. O processo de mudança do qual resultou o PB fez com que este último perdesse a possibilidade de subida do clítico nos grupos verbais, a próclise à negação e a ênclise em sentenças infinitivas e gerundivas. Nos dois primeiros casos, foi argumentado que houve a perda do movimento individual do clítico; no segundo caso, foi argumentado que a perda de movimento do verbo teria sido a razão do atual padrão do PB.

Para o autor, lidar com a posição dos clíticos é lidar com regras de movimento, sendo estas actantes de um papel central na gramática de uma língua.

Deve-se, ainda, mencionar, de acordo com o autor, que:

Podemos dizer que estamos diante de um fenômeno de mudança acabado, no que diz respeito à posição dos clíticos, embora a língua como um todo ainda esteja em processo de mudança – isto é – existe a sensação de que os clíticos tendem a desaparecer do português, mas por outro lado, há a certeza de que, caso sobrevivam, a sua posição é radicalmente pré-verbal. (PAGOTTO, 1992, p. 158)

A fim de discorrer sobre a reanálise da categoria vazia em posição de objeto, os trabalhos de Cyrino (1996, 1997), fundamentados na Teoria de Princípios e Parâmetros⁴⁹, enfocam a mudança dos clíticos no PB sob dois aspectos: a posição desses pronomes e a queda de suas ocorrências. Nota-se que uma mudança paramétrica abrange outras mudanças ocorrendo na língua simultânea ou quase simultaneamente. Assim, a investigação sobre a mudança do objeto nulo no PB deve começar pela observação do fenômeno da mudança dos clíticos.

Ao analisar peças brasileiras elaboradas nos séculos XVIII, XIX e XX, por considerá-las a melhor representação do vernáculo, a autora procurou identificar sentenças com pronomes clíticos – 1^a, 2^a, 3^a pessoas do singular e plural, acusativo, dativo e reflexivo – que pudessem comprovar suas distribuições quanto à colocação, através do tempo. Dentre as 2.000 sentenças coletadas, foram consideradas apenas 1.000, já que era nítido o decréscimo no uso de clíticos, tornando-se desproporcional o número de dados para cada metade de século averiguada. Segundo Cyrino (1996, p. 167),

⁴⁹ Segundo esse modelo teórico, para se observar uma mudança paramétrica, é necessário se identificar na história de determinada língua construções que estariam relacionadas com a diferenciação na fixação de um parâmetro.

As mudanças ocorridas mostram claramente que, quanto à próclise, o pronome clítico no século XVIII podia subir (*climb*) até mesmo a uma posição acima de NEG. No século XX, ele encontra-se sempre proclítico ao verbo mais baixo (*lower verb*) numa locução verbal. Quanto à ênclise, ocorria em 100% dos casos nas estruturas com o imperativo afirmativo, sentenças com infinitivo impessoal e sentenças com gerúndio (do tipo “Chegando em casa, ...”), no século XVIII. No século XX a ênclise ficou realmente restrita ao pronome *o, a* quando há um infinitivo. Nos outros casos, há próclise, mesmo nos julgados *impossíveis* para o PE (cf. Rouveret, 1989), ou seja, no imperativo afirmativo e no início de sentenças (havendo 100% de ocorrência deste tipo em 1981).

No que concerne à posição do clítico pronominal com locução verbal⁵⁰, constata-se diminuições no uso da ênclise ao verbo principal ou ao verbo auxiliar e no uso da próclise ao verbo auxiliar, obtendo-se um acréscimo de ocorrências de próclise ao verbo principal. Para Cyrino (1996, p. 168), “o pronome clítico não é mais móvel no século XX – ele fixa-se ao verbo mais baixo.” A autora ainda conclui que, mesmo havendo partícula atrativa na estrutura, o clítico tende a fixar-se à esquerda do verbo principal; e, com a presença da palavra “não”, o clítico, com o decorrer do tempo, não aparece mais acima de NEG. Portanto, os resultados alcançados mostram que, quanto à mudança na posição dos clíticos, em PB, a ênclise é progressivamente abandonada; que há também uma mudança nos padrões de ocorrência da próclise, ou seja, a ocorrência de *clitic climbing* (subida do clítico) é progressivamente abandonada, e, que a possibilidade de o clítico subir para uma posição acima de VP vai lentamente deixando de existir. Porém, a estudiosa acredita que a mudança diacrônica ocorrida no PB deva ser mais bem analisada, ampliando-se o período contemplado pela análise.

Quanto à queda dos clíticos,

Os dados em Cyrino (1990b) também mostram que na 1ª. metade do século XVIII havia 85% de ocorrência de clíticos contra 17% de falta de clíticos (posições vazias – objetos nulos). Na 1ª. metade do século XIX, a ocorrência de clíticos já havia caído para 58% contra 42% de sentenças sem o clítico (e sem o pronome lexical). (CYRINO, 1996, p. 174).

Para se chegar a esses dados, foram examinados 2.308 dados extraídos, novamente, de peças teatrais de autores brasileiros, especialmente comédias, de diversas épocas. Verifica-se que, além do clítico de 3ª. pessoa ter sido o primeiro a ter uma queda significativa, é o clítico

⁵⁰ Em nota de rodapé, a autora explicita o que considera **locução verbal** em seu trabalho. De acordo com ela, “locução verbal” significa a ocorrência de dois verbos, como em: *Maria poderá comprar um carro no próximo ano. [...].* (CYRINO, 1996, p. 177). Ainda acrescenta que faz referência aos auxiliares, modais e aspectuais apenas como “auxiliares”.

“o” proposicional o primeiro a desaparecer no PB. Assim, a origem do objeto nulo pode estar vinculada à queda desse tipo de clítico. Sobre os clíticos de 1^a. e 2^a. pessoas, atesta-se que ainda ocorrem no PB, contudo em uma proporção bastante reduzida.

Por fim, segundo Cyrino (1996, p. 175), “através da análise de dados diacrônicos, há motivos para supor que a reanálise que levou ao objeto nulo do PB estaria relacionada às reanálises diacrônicas que levaram à mudança no sistema de clíticos dessa língua.”

A investigação de Vieira (2002, 2003, 2007, 2008), que resultou em sua tese de doutoramento, apresentada, em sua totalidade ou parte dela, posteriormente, sob as formas de capítulo de livro ou artigos, aprofunda-se em reflexões sobre a ordem dos clíticos, nas variedades do PB, do PE e do PM, nas modalidades oral e escrita, considerando-se o pronome átono em sentenças em que aparece ligado a um único verbo ou a um complexo verbal.

A ordem dos clíticos, como já apresentado, é um tema interdisciplinar. De acordo com Vieira (2007, p. 123),

É um fato sintático, por se tratar de ordem de palavras, mas também morfológico – por lidar com uma categoria pronominal que se reveste de características semelhantes às de um afixo, em alguns casos – e, ainda, fonético – pelo fato de um clítico ser um elemento átono que se apóia em outros vocábulos para, juntos, formarem um só vocábulo fonológico.

Assim, justifica-se a escolha da autora em analisar os contextos morfossintáticos que favorecem uma dada variante e os elementos de base prosódica que poderiam justificar padrões distintos de cliticização fonológica. Deve-se citar que a referida pesquisa se baseia nos princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista e da Fonética Acústica.

Quanto à preferência pelos clíticos pronominais como fenômeno de estudo, tem-se que “[...] a ordem dos clíticos constitui forte ilustração de um fenômeno que advém da inter-relação de diferentes níveis gramaticais, legítimo caso de interface, que, por isso mesmo, ainda não se encontra de todo elucidado na(s) Gramática(s) do Português.” (VIEIRA, 2002, p. 23).

Dentre os objetivos da pesquisa, estão: (1) revelar a variante mais recorrente por modalidade em cada uma das variedades do Português; (2) reconhecer os condicionamentos – linguísticos e não-linguístico – que determinam a opção do falante por uma dada variante; (3) realizar o levantamento das características prosódicas, e (4) discutir a natureza dos clíticos na Língua Portuguesa, após os objetivos anteriores terem sido atingidos.

O *corpus* utilizado foi constituído – no que se refere à modalidade oral – por enunciados provenientes dos bancos de dados, para o PB, do NURC (Norma Urbana Culta Carioca), PEUL (Programa para Estudos do Uso da Língua) e APERJ (Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do estado do Rio de Janeiro); para o PE, do CRPO (Corpus de Referências do Português Contemporâneo), e, para o PM, do banco PPOM (Panorama do Português Oral de Maputo). A apreensão dos dados relacionados à modalidade escrita foi realizada a partir de textos de revistas e/ou jornais. Para o PB, foram examinados o Jornal do Brasil e O Globo; para o PE, o Jornal de Notícias, o Diário de Notícias e O Público, e, para o PM, o Jornal Notícias e a Revista Tempo.

Em Vieira (2002, 2003, 2007, 2008), foram analisadas 5.196 ocorrências de pronomes átonos, distribuídas pelas modalidades oral e escrita das três variedades do Português, considerando-se, separadamente, para fins descritivos, as lexias verbais simples, num total de 4.167, e os complexos verbais, totalizando 1.029 casos. Segundo a autora (2002, p.83), “foram consideradas complexos verbais quaisquer construções constituídas por mais de um vocábulo verbal e em que o último deles é uma forma não-finita, o que engloba as tradicionais locuções verbais e, ainda, estruturas que configuram duas orações.”

Os resultados da ordem dos clíticos nas lexias verbais simples – observando-se o material referente à modalidade oral – revelam, primeiramente, que a colocação intraverbal está em desuso na Língua Portuguesa, não ocorrendo, em qualquer das três variedades estudadas, nenhum caso de mesóclise. Quanto à próclise e a ênclise, verifica-se que o PE e o PM possuem certo equilíbrio dos dados pelas duas variantes, diferentemente dos resultados apontados para o PB, em que há um predomínio da próclise (89%). No que tange à modalidade escrita, deve-se registrar que a mesóclise também não ocorre com expressividade; no PB, por exemplo, não há sequer uma ocorrência. Acerca dos casos de próclise e ênclise, as três variedades, em termos de percentuais, organizam-se semelhantemente – PB: 54% de próclise e 46% de ênclise; PE: 55% de próclise e 44% de ênclise, e PM: 58% de próclise e 40% de ênclise –, confirmando o poder nivelador dessa modalidade.

Para essa variável dependente, foram observadas as seguintes variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas: (1) tipo de oração; (2) presença de possível atrator na oração; (3) distância entre o atrator e o grupo clítico-verbo; (4) tempo e modo verbais; (5) tipo de clítico; (6) valor do *se*; (7) função do clítico; (8) tonicidade da forma verbal; – para o *corpus* oral – (9) faixa etária; (10) escolaridade, e – para o *corpus* escrito – (11) tipo de texto.

A ordem dos clíticos nos complexos verbais pôde ser observada a partir da definição dos fatores constitutivos da variável dependente, destacando-se:

- Colocação pré-complexo verbal (pré-CV ou cl V1 V2).

(51) *suponho eu... claro que não me tenho dedicado aos problemas do ensino* (PE oral, inq. 1378) (VIEIRA, 2003, p. 45).

- Colocação intra-complexo verbal (intra-CV ou V1 cl V2).

(52) *mamãe não podia me acompanhar... então nem cheguei a ir* (PB oral/NURC, inq. 261) (VIEIRA, 2003, p. 45).

- Colocação pós-complexo verbal (pós-CV ou V1 V2 cl).

(53) *porque posso dizer que é a partir do namoro que pode vir a manter-se um casamento rijo que dificilmente será – poderá divorciar-se* (PM oral, inq. AM23VRA).

De acordo com Vieira (2003, p. 46), quanto aos clíticos em complexos verbais,

Cumprê ressaltar um ponto chave na compreensão do fenômeno, que diz respeito à possibilidade de não haver correspondência entre a posição dos pronomes no enunciado e a sua ligação fonológica. Não se pode determinar, pela simples audição das ocorrências, que, em um dado como < pode me dar >, o < me > esteja ligado ao < pode > ou ao < dar >.

Dessa forma, a autora diz considerar, naquela etapa da análise, “tão somente a posição do pronome em relação ao verbo e não a possível ligação prosódica do pronome com o elemento à sua esquerda ou à sua direita.” (VIEIRA, 2003, p. 46). Faz-se necessário lembrar que a cliticização fonológica foi investigada pela estudiosa no *corpus* constituído especialmente para a análise prosódica, que, dada a finalidade deste estudo, não será apresentada aqui.

A atuação das seguintes variáveis independentes foi detalhada: a) linguísticas: (1) tipo de clítico; (2) valor do *se*; (3) função do clítico; (4) presença de atrator na oração; (5) distância entre o atrator e o grupo clítico-verbo; (6) tempo e modo verbais de V1; (7) forma do verbo não-flexionado; (8) presença de sintagma no interior do complexo verbal, e (9) composição do complexo verbal, e b) extralinguísticas: – para o *corpus* oral – (1) faixa etária e (2) escolaridade, e – para o *corpus* escrito – (3) tipo de texto. Sobre os resultados, as três variedades concretizaram com maior frequência a variante intra-complexo verbal.

Destacar-se-á, na sequência, por uma questão dos propósitos traçados nesta pesquisa, os resultados – compreendendo as lexias verbais simples e os complexos verbais – averiguados em relação à variedade brasileira.

Assim, quanto aos dados de um único verbo, o PB mostra um comportamento peculiar em cada modalidade, sugerindo-se que, embora se aprenda o português, no Brasil, como língua materna, estabelece-se, na escola, uma norma bastante divergente da que naturalmente é aprendida.

Os números indicam que a ordem não-marcada é a próclise, sendo estes os raros contextos que determinam o uso da ênclise no PB oral: (i) de ordem linguística – os pronomes **o/ a (s)** e **se**, este em estrutura de indeterminação, apassivação e, menos frequentemente, em contextos sem a presença de um tradicional atrator, e (ii) de ordem não-linguística – a fala de indivíduos com mais de 55 anos de idade. Na modalidade escrita, tornam-se relevantes no condicionamento do fenômeno: a presença de atrator do pronome na oração, o tipo de oração e a distância entre o atrator e o grupo clítico-verbo. Segundo os resultados, não favorecem a variante pré-verbal no PB escrito: a ausência de um atrator, a conjunção coordenativa e a locução adverbial, principalmente quando não se encontram juntos do grupo clítico-verbo; os pronomes **o/ a (s)** e o pronome **se** indeterminador/ apassivador, e as orações ditas independentes, em primeiro plano, e as coordenadas sindéticas e as subordinadas reduzidas de infinitivo, que atuam no segundo plano.

Nos dados de complexos verbais, do PB oral, predominam a variante intra-complexo verbal (90% dos casos), independentemente da ação de qualquer elemento condicionador. A construção pré-complexo verbal, nos contextos de perífrases verbais, parece bastante artificial, atuando, então, a variável extralinguística escolaridade, no condicionamento do fenômeno. O grau de instrução do informante colabora no sentido de favorecer a anteposição do pronome ao complexo verbal. A variante pós-complexo verbal se restringe a construções com o segundo verbo no infinitivo, seguido, principalmente, do clítico acusativo de 3ª. pessoa. O **se** reflexivo / inerente tende a ficar adjacente a V2 – verbo que o domina sintaticamente na maioria dos casos – e o **se** indeterminador / apassivador localiza-se na adjacência de V1. A ordem dos clíticos nos complexos verbais é sensível ao tipo de estrutura do complexo verbal e, por fim, a forma do particípio não acolhe pronome posposto.

Na modalidade escrita, segundo a autora, devido ao restrito número de dados obtidos, fornece-se somente um panorama da distribuição percentual das ocorrências em relação aos grupos de fatores controlados. Registra-se, assim, no PB escrito, um número bastante reduzido de complexos verbais, com a seguinte distribuição pelas variantes: pré-complexo verbal – 25%; pós-complexo verbal – 20%; e intra-complexo verbal – 55%. Observa-se o comportamento particular do pronome **o, a (s)**, no sentido de favorecer a variante pós-complexo verbal; quanto ao pronome **se**, especificamente, não se verifica a variante pré-

complexo verbal quando o valor assumido é de um reflexivo/inerente e, ao contrário, não se registra a variante pós-complexo verbal quando se trata do **se** indeterminador/apassivador. Os casos de clíticos em posição pré-complexo verbal ocorrem em contextos com a presença de possíveis operadores de próclise. No entanto, não se confirma a efetiva atuação dos operadores de próclise, uma vez que, independentemente da presença de tais elementos, a variante intra-complexo verbal (e até a pós-complexo verbal) é verificada. Confirma-se, ainda, na modalidade escrita do PB, que a variante supostamente enclítica a V1, prescrita pela gramática tradicional, ocorre em contextos muito particulares, como o de início de oração e, ao que parece, de acordo com a autora, restrita à estrutura do tipo verbo **poder + se**. Por fim, em relação ao tipo de complexo verbal, destaca-se o comportamento obtido para o complexo bioracional com mesmo referente-sujeito, em que o pronome fica junto do verbo que determina a sua existência em termos sintáticos.

Após realizar um aprofundamento sobre a face prosódica do fenômeno, a autora ainda disserta sobre a natureza da ordem dos clíticos, mencionando, entre outras ponderações relevantes que sustentam a sua posição, que “o pronome átono no Português é um elemento híbrido, que, de um lado, partilha características compatíveis com as de um afixo, e, de outro, se comporta como um vocábulo.” (VIEIRA, 2003, p. 56).

Conclui-se, diante dos trabalhos expostos nesta seção, a relevância do tema – posição dos clíticos pronominais – para a descrição do português em suas mais diversas variedades, levando-se, através das prescrições e dos dados, quanto a esse assunto, a possíveis informações sobre as normas subjetivas e objetivas das épocas selecionadas.

As informações, presentes na subseção referente ao tratamento da referida questão nos compêndios gramaticais, permitirão, quando detalhados os resultados oriundos desta pesquisa, melhor compreensão da análise da relação entre as regras prescritas pela norma-padrão, vigente naquela época – e, atualmente, por meio de vários mecanismos institucionais, ainda conservada – e os usos efetivos dos pronomes átonos. Os usos fornecidos, ainda que por vieses diferenciados, nas obras – aqui, tomadas como descritivas – e nos estudos linguísticos, mencionados acima, que lidam, de algum modo, com a cliticização dos pronomes, também auxiliarão o entendimento dos dados obtidos neste estudo.

Deve-se compreender, ainda, que as possibilidades de o pronome átono se posicionar antes, no meio, ou depois de um ou mais verbos são favorecidas, como explicitados no decorrer desta seção, por fatores não só estruturais, mas também sociais, estilísticos e rítmicos.

4 PARÂMETROS DE ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, relatam-se os procedimentos adotados para o alcance de uma análise válida e confiável que retrate o fenômeno linguístico observado em questão: a posição dos pronomes clíticos, em textos jornalísticos, no período que compreende o final do século XIX e o início do século XX. Discorre-se a respeito da constituição do *corpus* escolhido como matriz das análises, destacando-se, em seguida – por se tratar de um estudo circunscrito às premissas da Sociolinguística Variacionista (ou Laboviana ou Quantitativa⁵¹) –, o envelope de variação considerado, isto é, apresentam-se as variantes correspondentes à variável da posição dos clíticos pronominais – adjuntos a um único verbo ou a mais de um –, e, por fim, enumeram-se os elementos condicionadores, não-linguísticos e linguísticos, que se acredita motivarem a utilização de determinada variante, detalhando-os a fim de ser evidenciada a relevância da escolha de cada um no que concerne às explicações sobre a colocação dos pronomes átonos.

4.1 A composição do *corpus*

Após definidos os objetivos e as hipóteses desta pesquisa, e, também, levando-se em conta as limitações – referentes às produções disponíveis para análises que privilegiam as mudanças das línguas no eixo do tempo – que pairam sobre os estudos linguísticos históricos, optou-se por uma amostra⁵² composta de jornais das cidades de São Paulo e Rio Claro. Reconhece-se que as formas linguísticas em documentos históricos são muitas vezes distintas das formas vernáculas, podendo refletir usos da variedade normativa; no entanto, destaca-se, novamente, a opinião defendida no presente estudo de que nos periódicos, por serem formados por vários gêneros textuais, que podem ocorrer como formas rígidas ou inovadoras ou mistas, há a convivência de formas linguísticas padrão e não-padrão. Desse modo, os textos presentes nos jornais são materiais relevantes para estudos de variação e mudança linguísticas.

Segundo Sanches e Cantos (*apud* BERBER SARDINHA, 2004, p. 18), *corpus* é

⁵¹ “O modelo de análise linguística proposto por Labov é também rotulado por alguns de “sociolinguística quantitativa”, por operar com números e tratamento estatístico dos dados coletados.” (TARALLO, 2007, p. 08)

⁵² Alguns autores consideram distintos os termos *amostra* e *corpus*, usados, erroneamente, como sinônimos. Segundo Guy e Zilles (2007, p. 115), “em sentido estrito, *corpus* designa o conjunto de ocorrências (de realizações de um fonema, de itens lexicais ou de construções sintáticas) selecionadas e extraídas do acervo do pesquisador. Nesse caso, também poderíamos falar em amostra, mas talvez seja uma boa prática reservar para isso o termo *corpus* e assim ganhar clareza.”

Um conjunto de dados lingüísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso lingüístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para descrição e análise.

Assim, depois de escolhidos os jornais de São Paulo e Rio Claro⁵³, partiu-se para a coleta dos dados – sentenças que apresentavam o clítico pronominal – observando-se todos os gêneros que compunham o jornal.

Da análise, excluíram-se as ocorrências obtidas em folhetins, em poesias – encontradas em número restrito – e em textos republicados de outros jornais. Interessa a esta investigação a escrita procedente daqueles que representavam o jornal averiguado e, também, de seus leitores, uma vez que, entre os possíveis aspectos extralingüísticos que condicionam determinado uso lingüístico, está a história do próprio jornal (quem o produz, a quem se destina e em qual meio circula), dada a dificuldade na recuperação de informações acerca do escritor de cada texto publicado⁵⁴.

Os exemplares, dos dias 04/01/1880, 06/01/1885 – do jornal “A Província de São Paulo” –, 08/01/1890, 03/01/1895, 08/01/1900, 18/01/1905, 03/01/1910, 02/01/1915, 02/01/1920 – do jornal “O Estado de São Paulo” –, 02/05/1880 – do jornal “Correio do Oeste” –, 23/07/1885 – do jornal “O Tempo” –, 21/11/1894 – do jornal “Diário do Rio Claro” –, 30/11/1900, 26/12/1905, 06/01/1910, 03/01/1915 – do jornal “O Rio Claro” –, 03/04/1920 – do jornal “A Mocidade” – e 28/03/1920 – do jornal “A Semana Militar” – foram examinados minuciosamente, registrando-se, de acordo com o avanço dos anos, no caso dos periódicos da capital paulista, modificações em suas estruturas e funções comunicativas, refletindo-se, de forma justificável, também, na aparição de outros gêneros textuais, não

⁵³ Para mais detalhes, ver subseção 1.3.

⁵⁴ Ainda foram encontrados, porém excluídos das análises, 64 dados de mesóclise – 59 nos jornais da cidade de São Paulo e 5 nos jornais rioclarenses – e 41 construções, estando presentes 34 nos jornais da capital paulista e 7 nos jornais da cidade de Rio Claro, que apresentavam mais de um pronome clítico adjungido ao verbo, ou ao complexo verbal, ou, no caso das lexias verbais simples, continham um elemento interveniente entre o clítico pronominal e o verbo hospedeiro. (Exemplos: a) *De Benedicto Ayrea da Silva, pedindo que se declare sem efeito o acto em virtude do qual se lhe concedeu aposentadoria [...]*. (“A Província de São Paulo”, 1890), b) *Sem preocupar-nos da concorrência de preço que só se nos pode fazer a detrimento da qualidade [...]*. (“O Estado de São Paulo”, 1900), c) *Que sensações, que ansiedades, que sustos, que sobressaltos se não sentem em torno daquela mesa!* (“O Rio Claro”, 1915) e d) *Mas, o que se esperava do innominado missivista, e o que lhe, certamente, cumpria, não era senão que demonstrasse, com a <Artinha> do padre Pereira na solenissima dextra magistral, o bom e o perfeito de uma versão assim tão largamente divulgada por este pobre mundo do Christo.* (“O Estado de São Paulo”, 1910)).

identificados nos primeiros exemplares estudados. Quanto às produções rioclarenses, devido à pluralidade de jornais analisados, notam-se, entre eles, diversos registros de gêneros, quando observados relacionados aos anos.

Para a constituição deste *corpus*, cabe citar, enfrentaram-se situações longe da ideal, como exemplares, microfilmados, em péssimo estado de leitura e a, já citada, não obtenção da série completa de um único jornal rioclarenses. Contudo, evidencia-se, através da “arte de fazer o melhor uso de maus dados” (MATTOS & SILVA, 2009, p. 7)⁵⁵, a riqueza para esta pesquisa, sob muitos aspectos, das informações obtidas.

A seguir, arrolam-se as variáveis, dependentes e independentes, consideradas pelo estudo em questão.

4.2 As Variáveis Dependentes

A variação linguística constitui fenômeno universal. Às formas em variação, dá-se o nome de **variantes**. As variantes linguísticas são, portanto, as diversas formas alternativas de se dizer a mesma coisa, em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade⁵⁶. Em conjunto, configuram um fenômeno variável, nomeado, tecnicamente, como **variável dependente**.

De acordo com Mollica (2004, p. 11), “uma variável é concebida como dependente no sentido que o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores (ou variáveis independentes) de natureza social ou estrutural.”

Assim, como variáveis dependentes, foram consideradas as seguintes estratégias de realização, referente à posição, do clítico pronominal na oração:

- Quando adjungido a uma lexia verbal simples.

- **Clítico em posição pré-verbal (próclise):**

(54) *Assim promette na medida progressiva de suas forças auxiliar ao commercio, á lavoura, ás artes, industrias, sciencias; e literatura, tratando os assumptos que lhes digam respeito, e abrindo espaço a todos os talentos e aptidões que em suas paginas queiram apparecer.* (“A Província de São Paulo”, São Paulo, 1880 – gênero Editorial).

⁵⁵ [...] *art of making the best use of bad data.* (LABOV, 1994, p. 11)

⁵⁶ Deve-se frisar, no entanto, que as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação social e/ou estilística. (LABOV, 1972, 1982, 2001)

(55) *Que mais quer S. S. que **lhe provamos** se a reclamação que publicamos está datada e assignada.* (“Correio do Oeste”, Rio Claro, 1880 – gênero Editorial).

- Clítico em posição pós-verbal (ênclise):

(56) ***Recommenda-se** tambem a Cerevisina para o tratamento do acne [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1905 – gênero Anúncio).

(57) *No parecer da Illustrada Commissão de Recursos Municipaes **affirma-se** que a recorrida, offendendo um direito que a recorrente adquiriu, atacou flagrantemente o patrimonio da mesma.* (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1905 – gênero Edital).

- Quando adjungido a um complexo verbal.

- Clítico em posição pré-complexo verbal (cl V1 V2):

(58) *[...] a << Província de São Paulo >> ha conseguido cobrir a sua despeza com a receita, o que **lhe tem proporcionado** uma carreira livre e desassombrada dos perigos que cercam as emprezas jornalisticas entre nós.* (“A Província de São Paulo”, São Paulo, 1880 – gênero Editorial).

(59) *[...] que é d’ella, da igualdade prégada nas suas leis sabias, que **nos devem vir** todas as liberdades!?* (“Diário do Rio Claro”, Rio Claro, 1894 – gênero Editorial).

- Clítico em posição intra-complexo verbal (V1 cl V2):

(60) *Na <garden-party> **fez-se ouvir** o bello grupo de amadores musicaes [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1910 – gênero Notícia).

(61) ***Quereis vos tornar** sympathicos?* (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1910 – gênero Anúncio).

- Clítico em posição pós-complexo verbal (V1 V2 cl):

(62) *Se **quizerem vender-lhes** qualquer limonada purgativa em logar do Pó Rogé, desconfiem [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1905 – gênero Anúncio).

(63) *Lá fóra, o crepusculo da tarde desdobra suavemente o seu manto sobre a terra e, o solemne, magestoso e sublime espectaculo dessa hora mágica, **parece associar-se** com immenso respeito, ao crepusculo tambem, d’aquella existência [...].* (“A Semana Militar”, Rio Claro, 1920 – gênero Crônica).

Definem-se, aqui, como complexos verbais – em parte, assim como em Vieira (2002, 2003, 2007, 2008) – quaisquer tipos de construções que apresentem dois verbos e em que o último deles é uma forma não-finita. Cabe destacar, ainda, que não foram consideradas características prosódicas para a verificação das posições dos clíticos pronominais, relacionadas aos verbos, nas orações.

4.3 As Variáveis Independentes

A cada variante correspondem certos contextos que a favorecem – **variáveis independentes**. Assim, as variáveis independentes ou grupos de fatores podem ser de natureza externa ou interna à língua. De acordo com a intensidade com que influem na realização das variantes, aumentam ou diminuem a frequência de ocorrência de determinado uso.

4.3.1 Variáveis Independentes Extralinguísticas

Segundo Camacho (2001, p. 57-58), “toda língua comporta variantes: (i) em função da identidade social do emissor, (ii) em função da identidade social do receptor, (iii) em função das condições de produção discursiva.” Nesta pesquisa, no conjunto de variáveis externas à língua, reúnem-se fatores sociais (ano e cidade da publicação do exemplar e qual o jornal analisado) e contextuais (grau de formalidade, através da reflexão acerca dos gêneros textuais). Aqueles se referem a aspectos sócio-históricos; estes, a características circunstanciais que envolvem o evento de fala.

4.3.1.1 Ano do jornal analisado

A presente pesquisa abrange as produções jornalísticas do final do século XIX e início do século XX, mais precisamente dos anos de 1880 a 1920. Por questões teórico-metodológicas, foi examinado um exemplar de cada ano, divididos em intervalos de cinco anos (1880, 1885, 1890, 1895, 1900, 1905, 1910, 1915 e 1920).

A realidade heterogênea da língua, notando-se a sua configuração estrutural se alterar continuamente no tempo, está também, e principalmente, correlacionada com fatores da história da sociedade que a fala. Por se tratar de um estudo sócio-histórico-linguístico, é

cabível que se façam considerações a respeito dos acontecimentos nacionais que marcaram o período em questão. A pretensão está longe de buscar justificar o comportamento linguístico, em relação ao uso do clítico pronominal, a partir da breve reconstituição histórica do Brasil, apresentada a seguir, mas, serve para refletir que tamanha agitação social não pode ter sido inócua às questões da língua.

4.3.1.1.1 História do Brasil no final do século XIX e início do século XX

Nos últimos anos do Segundo Reinado (1840-1889), o governo imperial, instituído em 1822, mostrava-se obsoleto e impossibilitado de corresponder às recentes aspirações de uma sociedade que, a partir das modernizações, modificava-se. O surgimento de movimentos em prol da reforma no ensino, da separação entre a Igreja e o Estado e de reformas eleitorais – exigindo-se eleições diretas e o fim do voto censitário – se intensificava (SILVA, 1992). Deve-se mencionar, ainda, que muitos membros da elite dominante, no final do Império, colocavam-se contra a excessiva centralização política e administrativa que caracterizavam tal regime. Segundo Rezende e Didier (2005, p. 485), esses indivíduos,

Queriam aprofundar o processo de modernização, tendo mais autonomia para fazer investimentos, mas eram impedidos pela ação das forças políticas que ainda dominavam o Parlamento. Essa burguesia agrária, que se estruturava e ganhava força sobretudo no Sudeste, via na monarquia um obstáculo para a realização de seus projetos. Tudo isso proporcionava adesões ao Partido Republicano, que ampliava seus quadros políticos e fundava jornais e clubes para a divulgação de suas idéias.

Desse modo, nesse cenário, de disputas pelo governo, o imperador e os conservadores tinham contra si não apenas os liberais, mas também militares positivistas⁵⁷, republicanos e abolicionistas. Nota-se que o Exército representava as classes médias, contrapondo-se ao elitismo aristocrático do governo imperial e das outras forças armadas – Marinha e Guarda Nacional – que representavam e pertenciam à elite proprietária (SILVA, 1992). Assim, de acordo com Silva (1992), o declínio do Império se deve às transformações ocorridas na sociedade brasileira na segunda metade do século XIX⁵⁸; à decadência da aristocracia tradicional; ao aparecimento de uma nova aristocracia cafeeira mais dinâmica, moderna, rica e

⁵⁷ Cabe lembrar que a Guerra do Paraguai (1864 a 1870) foi fundamental para a modernização e a politização do Exército brasileiro. “Vitorioso na guerra, o Exército adquire uma consciência política que o transformou num notável instrumento de defesa do abolicionismo e do republicanismo, e o levou a contestar frontalmente o regime monárquico que o menosprezava e pretendia neutralizá-lo após a guerra.” (SILVA, 1992, p. 177)

⁵⁸ Nesse período, ocorreram a extinção do tráfico negreiro, um relativo desenvolvimento industrial, um considerável crescimento da produção cafeeira e da imigração, a sistematização do trabalho assalariado, a abolição dos escravos e a proclamação da República. (SILVA, 1992)

poderosa – cuja intervenção na política nacional conduziu o país ao regime republicano –; à apatia do governo imperial no atendimento aos desejos das diferentes camadas sociais que exigiam mudanças significativas, à Questão Militar⁵⁹, à Questão Religiosa⁶⁰ e à abolição da escravidão.

No entanto, quanto ao término da escravatura, segundo Costa (*apud* REZENDE; DIDIER, 2005, p. 485),

A abolição não é propriamente causa da República, melhor seria dizer que ambas, Abolição e República, são sintomas de uma mesma realidade, ambas são repercussões, no nível institucional, de mudanças ocorridas na estrutura econômica do país que provocaram a destruição de esquemas tradicionais.

Destaca-se, ainda, que a economia cafeeira foi o fator de estabilidade política do Império. De acordo com Koshiba e Pereira (2004), o maior centro produtor de café foi o Vale do Paraíba e, posteriormente, o Oeste Paulista. Segundo os autores, em relação ao Vale,

De 1830 a 1880, aproximadamente, toda a energia econômica do lugar voltou-se para o cultivo de café vendido em concorrência ao mercado europeu em expansão. Tornou-se, por isso, o estabilizador da economia do Império, a ponto de se dizer, na época, que “o Brasil é o Vale”. (KOSHIBA; PEREIRA, 2004, p. 297)

Adiante, acrescentam:

A estagnação e decadência do Vale do Paraíba não significaram a decadência da cafeicultura, que encontrou no chamado Oeste Paulista um novo alento. Seu núcleo inicial foi Campinas (Oeste Velho), difundindo-se para Mogi-Guaçu e chegando à região de Ribeirão Preto (Oeste Novo) por volta de 1880. Em seguida, a cultura se expandiu para o extremo-oeste paulista e atingiu o Paraná já no início do século XX. (KOSHIBA; PEREIRA, 2004, p. 297)

Assegura-se, portanto, que a cultura cafeeira teve, de fato, grande relevância para a definição da nova trajetória histórica do Brasil. Rezende e Didier (2005) atestam que não se pode compreender o Segundo Reinado sem analisar a economia cafeeira, uma vez que o café

[...] serviu para recuperar o dinamismo da economia; deslocou definitivamente o pólo central de desenvolvimento do Nordeste para o Sudeste; propiciou uma alteração estrutural na produção, com a gradativa substituição da mão-de-obra escrava pelo trabalho livre; criou condições para que uma nova elite política assumisse o comando da nação; possibilitou a instalação de ferrovias no país, que facilitaram a comunicação entre as áreas produtoras e os portos. (REZENDE; DIDIER, 2005, p. 387)

⁵⁹ Encontra-se o cerne da Questão Militar no contexto de choques de classes citado nas linhas anteriores.

⁶⁰ “Todas as determinações do papa só passavam a ter validade no Brasil depois da aprovação explícita do imperador. A constatação a isso materializou-se a Questão Religiosa.” (SILVA, 1992, p. 177)

Em relação à República, proclamada em 1889, muitos estudiosos apontam que o novo regime, nomeado República Velha ou Primeira República, de 1889 a 1930, não acarretou profundas transformações estruturais. O sistema econômico continuou tendo por base a agroexportação⁶¹; o país permaneceu na dependência do capital e dos mercados internacionais, e as relações sociais praticamente não se alteraram, já que a massa trabalhadora, rural e urbana, continuou excluída da vida pública (SILVA, 1992). Entretanto, para Sodré (*apud* COSTA, 1968, p.25),

A República importava, sem dúvida, em dar alguns passos à frente, na alteração de uma estrutura obsoleta. O Império era a reação e o atraso, e o conformismo com ambos. A República abria perspectivas e reformas intransferíveis.

Como já mencionado, quando anunciada, a República teve como principais personagens, além dos grandes proprietários rurais (cafeicultores), os militares. Nos primeiros cinco anos da vida republicana, estes exerceram o poder político, denominando-se, então, o período como República da Espada. Em 1894, o poder foi transferido para os civis, com a vitória, nas eleições presidenciais, do paulista Prudente de Moraes. Contudo, apenas com Campos Sales, sucessor de Moraes, é que o formato característico da República Velha é assumido, evidenciando-se a ‘política dos governadores’.⁶² Daí em diante, os grandes proprietários de São Paulo e Minas Gerais se alternaram no poder, originando o que ficou conhecido como ‘política do café-com-leite’. Assim, a República Velha também pode ser chamada de República Oligárquica.

Outro ponto a ser destacado, com a abolição da escravatura e a continuação do café como a principal renda da economia brasileira durante a República, é a intensificação da imigração no Brasil, nas primeiras décadas do século XX. Observou-se que

Os italianos formavam o maior contingente, seguidos pelos portugueses e pelos espanhóis; da parte oriental do mundo, vieram os japoneses e os sírio-libaneses. Mais de 50% dos recém-chegados desembarcaram e se fixaram no estado de São Paulo. O restante se espalhou por outras regiões do centro-sul. (KOSHIBA; PEREIRA, 2004, p. 350)

⁶¹ Ressalta-se a economia cafeeira paulista, nesse período, por ter se desenvolvido na transição do trabalho escravo para o livre, e com ampla possibilidade de expansão nas terras férteis do Oeste, como a mais próspera das economias agroexportadoras. Por essa razão, a industrialização se desenvolveu mais rapidamente em São Paulo. (KOSHIBA; PEREIRA, 2004) A respeito da história da cidade de São Paulo, ver a subseção 4.3.1.3.1.

⁶² “Esse sistema, dirigido pelo presidente da república e pelos presidentes de São Paulo e de Minas Gerais, era um arranjo segundo o qual as elites dirigentes de todos os níveis apoiavam-se reciprocamente. Com uma população predominantemente rural e baixos níveis de participação política (só 1 a 3% da população votava nas eleições federais, antes de 1930), prevalecia, no interior, o coronelismo, i.e., o poder do chefe político, o que fazia irrelevantes os agrupamentos políticos urbanos, pelo menos até a década de 1920.” (LOVE, 1982, p. 09)

A agricultura se transformava em empreendimento capitalista. Tal desenvolvimento gerou necessidade premente de transporte, financiamento e produtos manufaturados, criando-se, por sua vez, ferrovias, bancos e indústrias, responsáveis pela ampliação do mercado interno e crescimento das cidades. Afirma-se, portanto, que a urbanização foi um fenômeno característico da República Velha.

Contudo, não se pode deixar de mencionar que, com a urbanização e a industrialização, tornando-se o Brasil um país moderno, vários problemas surgiram. Sobressaem-se a questão social que abarcava a conflituosa relação entre a classe dominante e trabalhadores livres, brasileiros e imigrantes e complicações, nos municípios, de ordem infraestrutural.

Nota-se o acelerado crescimento da industrialização durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Assim, o incremento desse setor e o conseqüente desenvolvimento da vida urbana, culminando em novas forças sociais e políticas, marcaram o início da crise do regime oligárquico, intensificado nos anos 20. Essas novas forças urbanas que passaram a viver em ambientes de industrialização, urbanização e desenvolvimento social e político se transformaram em forças de contestação ao velho regime (SILVA, 1992).

Por fim, a República Oligárquica, em processo de desagregação, implodiu-se em 1930, ano da revolução que resultou na ascensão de Getúlio Vargas ao poder.

4.3.1.2 Jornal estudado

Os jornais analisados foram “A Província de São Paulo”, que em 1890 passa a ser “O Estado de São Paulo”, da capital paulista, o “Correio do Oeste”, “O Tempo”, o “Diário do Rio Claro”, “O Rio Claro”, “A Mocidade” e “A Semana Militar”, da cidade de Rio Claro.

Acredita-se na relevância do conhecimento acerca da história do jornal observado para a interpretação dos dados. Deve-se investigar a finalidade da publicação do jornal, a responsabilidade social que detinha e a qual público era direcionado. Na sequência, discorre-se sobre os fatos que marcaram o surgimento e a vida do jornal da cidade de São Paulo, durante os anos de 1880 a 1920. No que concerne aos jornais rioclarenses, devido à carência de registros, não foi possível realizar esse tipo de levantamento. Assim, apenas alguns outros aspectos são retratados.

4.3.1.2.1 Resumo histórico do periódico “A Província de São Paulo”, posteriormente “O Estado de São Paulo”

Grande parte da imprensa brasileira, emergida durante o século XIX, lançava-se na sociedade – intervindo no espaço público –, com a finalidade de difundir, a partir da palavra escrita, determinadas opiniões, crenças e valores, defendidos por um conjunto de indivíduos com os mesmos interesses. Segundo Luca (2005, p. 133-134),

Os aspectos comerciais da atividade eram secundários diante da tarefa de interpor-se nos debates e dar publicidade às propostas, ou seja, divulgá-las e torná-las conhecidas. A imprensa teve papel relevante em momentos políticos decisivos, como a Independência, a Abdicação de D. Pedro I, a Abolição e a República.

Assim, nesse cenário, destaca-se o surgimento, em São Paulo, do jornal “A Província de São Paulo”, fundado em 1874 por treze militantes republicanos – encontra-se, também, o registro de terem sido dezesseis militantes – que aceitaram a proposta, divulgada pelos participantes da Convenção de Itu, de 1873, da criação de um diário com ideias voltadas ao combate da Monarquia e da escravidão. A primeira edição foi publicada em 04 de janeiro de 1875. Com o advento da República, recebeu o nome de “O Estado de São Paulo” (FERNANDES, 1998), sendo, atualmente, o mais antigo dos periódicos em circulação na capital.

Quanto à relevância da fundação desse jornal – apresentado, nos primeiros anos, sob o formato de quatro páginas e um número reduzido de colunas, devido à restrita tecnologia da época –, justifica-se pelo fato de “A Província de São Paulo” ter sido, através dos textos publicados de Francisco Rangel Pestana e Américo de Campos (os primeiros redatores do periódico em questão), o primeiro grande divulgador do ideário republicano e abolicionista. De acordo com Pontes (2009, p.2),

Sua tiragem inicial era de 2.000 exemplares, bastante significativa para a população da cidade, estimada em 31 mil. Pode-se dizer que a partir de então o jornal foi crescendo com a cidade e influenciando cada vez mais a evolução política do país, com a enorme responsabilidade de ser o principal veículo da mais republicana das cidades brasileiras.

No princípio do século XX, após o advento da República e durante o transcorrer de seu primeiro período, conhecido como República Velha (1889 – 1930), com a modernização das técnicas de impressão e ilustração, houve o aumento no número de páginas e colunas, a elaboração de exemplares mais atrativos e, conseqüentemente, maiores tiragens. Em janeiro de 1890, já com o nome de “O Estado de São Paulo”, a tiragem havia atingido a marca de 8

mil. Doze anos depois, Júlio Mesquita, redator desde 1885 e genro de José Alves de Cerqueira César, um dos fundadores do periódico, tornou-se o único proprietário. No mesmo ano de 1902, juntos, redator e fundador, lideraram a 1ª dissidência republicana, fomentando, então, uma linha de oposição sistemática aos governos estadual e federal.

No entanto, referente às inovações do início do século passado, reflexo também do espantoso crescimento da cidade de São Paulo, pode-se notar que não se limitaram apenas às modificações na produção, organização, direção e financiamento, mas chegaram também a interferir no conteúdo do jornal. Cabe destacar, também, que

A mudança fundamental, contudo, expressou-se no declínio da doutrinação em prol da informação, aspecto facilitado pelas agências internacionais, cuja presença no Brasil teve início nas primeiras décadas do século passado – *Havas, Reuters, Associated Press* e *United Press Association* – e pelas redes de sucursais dos principais diários no país e exterior. Consagrou-se a idéia de que o jornal cumpria a nobre função de informar ao leitor o que se passou, com rigoroso respeito à “verdade dos fatos”. (LUCA, 2008, p.152-153)

Apesar do referido jornal indicar apoio a determinada posição política, de acordo com a época, sempre se declarou editorialmente independente, livre para veicular qualquer tipo de informação. Para Luca (2008, p. 162-163), contudo,

Tal liberdade diante de poderes constituídos era considerada essencial para o livre exercício da crítica, vista como indispensável ao pleno funcionamento do jogo democrático. Análises a respeito da trajetória do jornal bem evidenciaram os limites e as ambigüidades desse apregoado liberalismo, cuja fidelidade flutuava ao sabor das circunstâncias e diminuía sensivelmente diante de riscos efetivos de transformações sociopolíticas mais profundas.

Em 1926, “O Estado de São Paulo” apoiou a fundação do Partido Democrático (PD), na capital, organizado para combater as práticas oligárquicas perrepostas – referentes às ações do Partido Republicano Paulista (PRP) – e os poderes por elas estabelecidos. Quatro anos mais tarde, o jornal apoiou a “Aliança Liberal” e a candidatura de Getúlio Vargas à presidência, em oposição a Júlio Prestes, o candidato oficial do PRP. Nesse mesmo ano, atingiu a tiragem de 100 mil exemplares e lançou aos domingos um suplemento em rotogravura, com grande destaque para as ilustrações fotográficas. Nesse período de modificações, contínuas, a imprensa pôde conhecer múltiplos processos de inovação tecnológica que acarretaram o aumento das tiragens, como já mencionado, a variedade de formatos e tipos de papel, a melhor qualidade das impressões e o menor custo do impresso, propiciando um ensaio da comunicação em massa. (ELEUTÉRIO, 2008).

No ano de 1932, “O Estado de São Paulo”, juntamente com alguns aliados, liderou a Revolução Constitucionalista. O jornal, a cidade e o estado de São Paulo, a fim de melhorias, reivindicavam eleições livres e uma Constituição. Para Cohen (2008, p. 112), “A “celebração do progresso” marca o periodismo paulista do início do século XX. A cidade de São Paulo era enaltecida como o palco das transformações e modernizações constantes.”

Em 1964, o periódico apoiou o movimento militar que depôs o presidente João Goulart, opondo-se, posteriormente, aos radicais de extrema direita que objetivavam a perpetuação dos militares no poder. Dois anos depois, o Grupo Estado lançou o “Jornal da Tarde” – diário que retrata de um modo diferenciado os problemas urbanos. Em 1968, as produções do Grupo passaram a ser censuradas, por adotarem uma posição contrária ao regime militar. No lugar das notícias banidas, colocavam-se poemas de Camões e receitas culinárias. No entanto, apesar das dificuldades, o Grupo Estado continuou a criar outros meios de divulgação: em 1970, surgiu a “Agência Estado” e, em 1972, o “Estúdio Eldorado”. No ano de 1993, a cor do logotipo do cabeçalho de “O Estado de São Paulo”, por escolha dos assinantes, passou a ser azul. Três anos depois, Ruy Mesquita, jornalista, tornou-se o diretor responsável do jornal.

Ainda, dentre as inovações, ocorreu, em 2000, a fusão dos *sites* da “Agência Estado”, “O Estado de São Paulo” e “Jornal da Tarde”, resultando num portal, ainda em funcionamento, que transmite as notícias em tempo real. De acordo com Pontes (2009, p. 8), “muitos outros projetos estão em andamento, no intuito de divulgar publicamente o enorme acervo histórico e cultural de O Estado de São Paulo [...]”

Deve-se, por fim, sem haver uma profunda discussão acerca do rótulo – já que isso não se encaixa dentre os propósitos desta investigação – apenas mencionar que, para alguns estudiosos da história da imprensa brasileira, o jornal “O Estado de São Paulo”, assim como o “Correio Paulistano” e “O Diário Nacional”, constitui a grande imprensa paulistana. Para Luca (2008, p. 149),

A expressão grande imprensa, apesar de consagrada, é bastante vaga e imprecisa, além de adquirir sentidos e significados peculiares em função do momento histórico em que é empregada. De forma genérica designa o conjunto de títulos que, num dado contexto, compõe a porção mais significativa dos periódicos em termos de circulação, perenidade, aparelhamento técnico, organizacional e financeiro.

Desse modo, conclui-se que “O Estado de São Paulo”, segundo Eleutério (2008, p. 88-89),

Amparado em sólidos capitais, conjugou a ideologia elitista das classes dirigentes com um veio de defesa do cidadão. Marcado pelo arrojo dos avanços técnicos, o jornal garantiu seu lugar como um dos principais veículos de comunicação de São Paulo e mesmo do Brasil, durante a maior parte do século XX.

A seguir, apresentam-se alguns fatos da cronologia histórica do Grupo Estado, ocorridos entre os anos ao redor do período compreendido pela presente pesquisa – 1880 a 1920.

Cronologia Histórica do Grupo Estado	
1882	- Em janeiro, ocorre nova alteração societária. Rangel Pestana passa a ser o maior cotista.
1884	- Alberto Salles entra na sociedade injetando capital, tornando-se diretor-gerente. - Américo de Campos e José Maria Lisboa saem contrariados com a campanha antilusitana empreendida pelo novo sócio e fundam o “Diário Popular”.
1885	- Júlio Mesquita se torna redator ao lado de Rangel Pestana. - De outro lado, o antilusitanismo de Alberto Salles quase leva o jornal à falência (todos os anunciantes portugueses boicotam a empresa). - Alberto Salles retira-se e o jornal é salvo por Júlio Mesquita.
1888	- “A Província de São Paulo” passa a pertencer à firma Rangel Pestana & Cia. - Júlio Mesquita, além de redator, torna-se gerente. - O formato do jornal aumenta.
1891	- Rangel Pestana, doente e desgostoso com a República, afasta-se do jornal, cedendo sua participação à Cia. Imprensa Paulista.
1895	- A propriedade do jornal passa da Cia. Imprensa Paulista para J. Filinto & Cia. - José Filinto da Silva é o gerente e Júlio Mesquita, o redator.
1896	- A tiragem atinge 10.000 exemplares. - Sai o primeiro “Almanaque do Estado”.
1897	- Francisco Mesquita, pai de Júlio Mesquita, se associa à firma J. Filinto & Cia.
1906	- Nestor Pestana entra para o jornal e começa a trabalhar como redator.
1907	- A empresa proprietária do jornal passa a ser uma sociedade anônima em 27 de dezembro.
1908	- É importada uma máquina “ <i>Albert</i> ”: o jornal passa a ter 16 páginas e a composição passa a ser feita com linotipos, abandonando-se o antigo processo manual feito por 40 tipógrafos. - É aberta uma sucursal em Lisboa.
1911	- Abertura de uma sucursal em Roma, dirigida por Nicolau Ancona Lopes.
1912	- Nestor Pestana assume interinamente a chefia da redação. - Armando de Salles Oliveira e, em seguida, Ricardo Figueiredo assumem a gerência.
1915	- Em maio é lançada a edição vespertina de “O Estado de São Paulo”, que passa a ser conhecida pelo nome de “Estadinho”, quando Júlio de Mesquita Filho inicia sua carreira de jornalista, como colaborador.

1916	- Sai o segundo “Almanaque do Estado”. - A tiragem média do jornal atinge 35.000 exemplares, com edições diárias oscilando de 16 a 20 páginas.
1921	- Em fevereiro deixa de circular “O Estadinho”. - Três meses depois, Júlio de Mesquita Filho assume a secretaria de “O Estado de São Paulo”.

Quadro 6⁶³ – Cronologia Histórica do Grupo Estado.

4.3.1.2.2 Informações dos jornais rioclarenses

O jornal “Correio do Oeste”, de 1880, lançado nesse mesmo ano, tinha como editor-gerente Nicolao Wendling. Nele, um órgão imparcial, aceitavam-se, mediante pagamento, anúncios e artigos a pedido, devidamente responsabilizados. As matérias de interesse geral eram publicadas gratuitamente. No cabeçalho, indicava possuir diversos colaboradores. O exemplar analisado apresentava quatro páginas.

Quanto ao periódico “O Tempo”, de 1885, publicado pela primeira vez em 1882, era dirigido pelo bacharel Eduardo de Camargo Neves e gerenciado por José David Teixeira. Os anúncios e os comunicados, nele contidos, também eram de responsabilidade dos autores. O exemplar averiguado era constituído de quatro páginas.

“O Diário do Rio Claro”, de 1894, havia sido fundado em 1886, e, no exemplar observado, constava como responsável por sua direção José Davio Teixeira. O número de páginas permanecia igual ao dos jornais dos anos anteriores.

O jornal “O Rio Claro”, dos anos de 1900 a 1915, apresentava Manoel Fernandes de Oliveira, de acordo com as datas, em determinada função. No início aparecia como diretor e redator para, posteriormente, ocupar a posição de diretor-proprietário. Em 1905, era publicado às terças-feiras, sextas-feiras e domingo, enquanto o jornal “O Rio Clarinho” era impresso às quartas-feiras, quintas-feiras e sábados. Em 1910, o jornal possuía, também, um redator político, Dr. J. Teixeira Junior, e um redator secretário, Tenente-coronel Zulmiro de Campos. O número de páginas em todos esses exemplares também é quatro.

Os periódicos “A Mocidade” e “A Semana Militar”, de 1920, lançados, respectivamente, em 1919 e 1918, são os que, em termos, mais se distanciam das características presentes tanto nos jornais da cidade de São Paulo quanto nos jornais rioclarenses. “A Mocidade”, definido como um jornal crítico, literário e humorístico, de propriedade e direção do “Grupo dos Diabinhos”, era publicado aos domingos e, envolto por

⁶³ Informações extraídas, e adaptadas, de Pontes (2009), no *link* **Conheça o jornal**, no site <http://www.estadao.com.br/home/>.

um tom irreverente, apontava características bastante particulares, como uma redação dita ambulante e a frase “AMISADE e ALTIVEZ”, posta como a “divisa” do jornal. O exemplar analisado apresentava oito páginas, sendo uma preenchida por um sumário. Quanto ao jornal “A Semana Militar”, denominado propriedade da “Sexta Companhia de Metralhadoras” e sob o lema “O Exército é a Escola Normal do Patriotismo”, com quatro páginas, embora tenha apresentado algumas poucas matérias com assuntos interessantes a essa esfera da sociedade, foram encontrados, nele, praticamente, os mesmos, e na mesma proporção, gêneros textuais vistos nos exemplares dos outros jornais. Ocupavam as posições de redator-chefe e redator-secretário Gonçalves Meira e Cabo Wenefledo Toledo, nessa ordem.

4.3.1.3 Cidade onde o periódico é publicado

Os jornais eram publicados, como já referido, nos municípios de São Paulo e Rio Claro. Embora esta variável independente extralinguística não tenha sido considerada nas análises realizadas pelo programa estatístico, já que as rodadas para os dados provenientes das duas localidades foram feitas separadamente, deve-se ressaltar a presença, dentre os objetivos norteadores desta pesquisa, da comparação dos perfis de ambas as cidades – acreditando-se na hipótese das possíveis diferenças refletirem, quanto à posição dos pronomes clíticos, usos diversos –, tornando-se importante um levantamento histórico sobre esses dois espaços geográficos.

4.3.1.3.1 A contextualização sócio-histórica, política e econômica do estado e da cidade de São Paulo (de 1880 a 1920)

Os traços básicos da história do estado, e particularmente da cidade, de São Paulo são transformações econômicas, rearticulações geográficas e mobilidades sociais. Quanto à capital, segundo Queiroz (2004, p. 17),

Qualquer que seja o ângulo ou período escolhido para conhecer-lhe a história, terá de conter uma perspectiva dinâmica e levar em conta que a referida história está intimamente mesclada à do Estado, à do país e à do sistema de forças internacionais em que este se insere.

Os acontecimentos paulistas retratam um continuado processo de crescimento. Apura-se, de acordo com Love (1982, p. 17), que

Em 1872, a cidade possuía cerca de 31.000 habitantes; em 1970, a grande São Paulo ocupava o oitavo lugar entre as maiores áreas metropolitanas do mundo, com 6.000.000 de habitantes na capital propriamente dita e 8.000.000 no total. O crescimento demográfico do estado, embora menos rápido, foi também espetacular. De uma população de 840.000 pessoas em 1872, São Paulo atingiu a cifra de 18.000.000, em 1970, quase equivalente ao total de habitantes no estado de Nova York, no mesmo ano.⁶⁴

Como anteriormente descrito, o café, em meados do século XIX, tornou-se o principal produto de exportação no estado de São Paulo. A transferência do foco da produção cafeeira do Vale do Paraíba para o Oeste Paulista, liderada por Campinas e estimulada pela implementação de estradas de ferro, foi de fundamental importância para o desenvolvimento econômico da cidade de São Paulo (NOZOE, 2004). Para Nozoe (2004, p. 100),

A hegemonia econômica de São Paulo na rede de cidades paulistas consolidou-se, contudo, somente a partir das últimas décadas do século XIX, quando passou a abrigar, nos limites de seu território, o mais importante mercado de mão-de-obra livre e um expressivo número de estabelecimentos industriais e bancários.

Além da economia cafeeira, ainda se apresentaram como propulsoras do desenvolvimento da cidade de São Paulo a criação da Academia de Direito e a introdução das ferrovias. Esses fatos podem delimitar três fases, provavelmente distintas, da história da capital paulista (CAMPOS, 2004). “Com o apoio material fornecido pelo café, operou-se a passagem de uma maneira de viver, característica do “arraial dos sertanistas”, para o “burgo dos estudantes” e para a futura metrópole, orgulhosa de sua paulistanidade.” (CAMPOS, 2004, p. 251)

Dentre outros serviços – destaque aos relacionados à saúde pública, por exemplo –, o estado paulista também foi pioneiro nos feitos no campo da educação. Comprova-se que,

No final do período imperial, o estado apresentava o mesmo quadro triste predominante no resto do país, isto é, o analfabetismo era quase total. Em 1890, considerando-se todos os grupos de idade, apenas 15% de toda a população brasileira era alfabetizada; a taxa paulista estava a um ponto abaixo da nacional. [...] São Paulo ocupava o décimo lugar entre todos os demais componentes da Federação. Mas, já em 1920 subiria para o segundo lugar, com 30% do total da população já alfabetizados. (LOVE, 1982, p. 132)

Quanto à composição étnica e racial da população paulista, pode-se apontar profundas alterações após o declínio da Monarquia. Durante toda a República Velha, o fluxo de imigrantes – e em anos seguintes, o fluxo de migrantes – foi grande. Tem-se que, “no fim do

⁶⁴ O autor utiliza, em todo o texto, as palavras ‘capital’ e ‘São Paulo’ para se referir à cidade de São Paulo e ao estado de São Paulo, respectivamente.

século XIX e no início do século XX, São Paulo era uma das maiores cidades de imigração no mundo” (HALL, 2004, p. 121).

Adiante, o autor ainda acrescenta, referente à política de mão-de-obra elaborada pelos fazendeiros de café, na capital paulista:

Conseguiram criar um mercado de trabalho capitalista no campo, desde o fim do século XIX, por meio de um amplo programa de imigração subsidiado pelos governos do Estado e da nação, transferindo assim os custos consideráveis do sistema à sociedade como um todo. (HALL, 2004, p. 121)

Desse modo, a inserção de imigrantes, principalmente os europeus, com padrões culturais e hábitos de consumo diversos dos observados até então, resultou em relevantes mudanças na vida econômica e social da cidade de São Paulo (SAES, 2004).

Ressalta-se, também, que São Paulo foi o centro do mais importante acontecimento artístico que ocorreu no país: o movimento modernista, durante as décadas de 1920 e 1930. Do ponto de vista cultural, como também em outros aspectos, a capital dominava o estado. Distingue-se, também, durante esses anos, a imprensa paulista. Segundo Love (2004, p. 130),

Entre 1911 e 1929, praticamente dobrou o número de jornais diários em São Paulo, atingindo um total de 66, superior à circulação em qualquer outro estado da federação e representando o dobro dos que eram publicados no Distrito Federal. Não se têm dados completos sobre a tiragem desses jornais, mas é certo que a distribuição aumentou muito durante a Primeira República. [...] os jornais que circulavam na cidade de São Paulo dispunham de uma grande vantagem: o acesso a uma rede ferroviária que permitia atingir até mesmo os leitores em cidades localizadas no sertão remoto, no próprio dia da publicação.

Para Cruz (2004, p. 360), “o movimento de crescimento e circulação da imprensa periódica acompanha o próprio ritmo de desenvolvimento da Cidade.” A autora, à frente, afirma: “ampliando socialmente seus conceitos de difusão, renovando sua linguagem e seu estilo, a imprensa ganha a Cidade.” (CRUZ, 2004, p. 361)

Conclui-se que, embora não se possa abstrair os aspectos negativos que emergiram com a proeminência, em várias diretrizes, do estado e da capital paulista, a história de São Paulo reproduz “uma experiência de pioneirismo e prosperidade, de exploração e de destruição, mas, acima de tudo, uma história de crescimento sem paralelo.” (LOVE, 1982, p. 53).

Expõem-se, na sequência, os fatos considerados importantes que ocorreram na cidade de São Paulo, por volta dos anos de 1880 a 1920. Torna-se, ainda mais, nítida a singular expansão das atividades sociais, políticas, culturais e financeiras alcançada por esse espaço do território brasileiro.

Cronologia Histórica da cidade de São Paulo: 1880 a 1920	
Ano	Efeméride
1882	- Instalado o Centro Abolicionista de São Paulo, tendo como presidente honorário Luís Gama.
1886	- Iniciada a publicação de <i>O Amigo do Povo</i> , dedicado aos interesses dos operários. - O imperado D. Pedro II visita São Paulo pela última vez.
1887	- Publicados os livros <i>Pátria Paulista</i> , de Alberto Sales, e <i>São Paulo Independente</i> , de Martim Francisco, que pregavam a separação de São Paulo para formar nova nação. - Iniciada a publicação de <i>Redenção</i> , jornal abolicionista que defendia a libertação imediata dos escravos, dirigido por Antonio Bento de Sousa e Castro.
1889	- Inaugurado o Banco de São Paulo, em sessão no edifício da Caixa Filial do Banco do Brasil. - Instalado o governo republicano provisório de São Paulo, integrado por Prudente de Moraes Barros, Francisco Rangel Pestana e Coronel Joaquim de Sousa Mursa.
1890	- Eleitos os primeiros senadores por São Paulo no regime republicano: Prudente de Moraes, Campos Sales e Rangel Pestana. Também eleitos 22 deputados.
1891	- Fundada a Companhia Matarazzo. - Inaugurada a avenida Paulista, que é pavimentada apenas em 1916. - Sancionada a lei federal que torna os municípios autônomos quanto à vida econômica e administrativa e fixa em dezesseis o número de vereadores.
1893	- Iniciada a publicação do jornal em italiano <i>Fanfulla</i> , fundado e dirigido por Vitalino Rotellini, ainda em circulação.
1895	- Fundados o Partido Monarquista de São Paulo e o Partido Republicano Parlamentar.
1897	- Iniciada a publicação do jornal em alemão <i>Deutsch-Zeitung</i> , que atualmente é bilíngue.
1901	- Fundados o Partido Republicano Dissidente de São Paulo, sob a orientação política de Prudente de Moraes.
1905	- Criada a Pinacoteca do Estado, que começa a funcionar regularmente em 1911. - Promulgada a segunda Constituição do Estado de São Paulo.
1907	- Criado o Arquivo Municipal, para recolher e organizar o antigo Arquivo da Câmara de São Paulo e os acervos das intendências. Foi reorganizado em 1935, sob orientação de Mário de Andrade.
1908	- Chegam os primeiros imigrantes japoneses, desembarcados do navio Kasato-Maru e instalados na Hospedaria dos Imigrantes.
1911	- Criadas a empresa Indústrias Reunidas Matarazzo.
1912	- Criadas a Sociedade de Cultura Artística e a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (a atual sede foi inaugurada em 1920). - Inaugurados o Banco Comercial do Estado de São Paulo, sob direção de José Maria Whitaker, e a Mappin & Webb B. Limited. - Decretado feriado o dia 25 de janeiro, data de fundação da Cidade.

1913	- Criada a Associação Kagoshima do Brasil, por imigrantes japoneses, com a intenção de auxiliar a imigração de seus conterrâneos.
1914	- Iniciada a publicação de <i>A Cigarra</i> , sob a direção de Gelásio Pimenta, a revista de variedades mais popular na Cidade. Foi publicada até a década de 1960.
1915	- Iniciada a publicação do jornal <i>O Menelick</i> , primeiro jornal da comunidade negra de São Paulo.
1916	- Estabelecida eleição direta para prefeito.
1917	- Iniciada a maior greve operária da história da Cidade, com a paralisação do Cotonifício Rodolfo Crespi, sucedida pela adesão dos operários de outras fábricas.
1919	- Instalada a oficina de montagem de veículo Ford. - Fundados o Centro dos Industriais de Fiação e Tecelagem de São Paulo (a primeira associação patronal da Cidade). - Iniciada greve operária que se estende por quase um mês.

Quadro 7⁶⁵ – Cronologia Histórica da cidade de São Paulo: 1880 a 1920.

4.3.1.3.2 Recortes da história da cidade de Rio Claro⁶⁶

A cidade de Rio Claro, situada na região Central, está, atualmente, a cento e setenta e três quilômetros da cidade de São Paulo, destacando-se, desde tempos remotos, como uma das localidades mais proeminentes do interior paulista. Rio Claro, segundo Dean (1977, p. 15), “tinha sido teatro de transições importantes: do regime colonial para o de sesmarias, do império para a república (sua sede foi uma das primeiras a criar um diretório do Partido Republicano) e da escravatura para o trabalho livre”.

Na sequência, o pesquisador estrangeiro, acrescenta:

Seus fazendeiros encontravam-se entre os de maior influência na política provincial e mesmo nacional. Além disso, a sede municipal de Rio Claro, devido a circunstâncias geográficas, tornou-se um centro urbano de certo destaque, como centro ferroviário, industrial e de serviços, e sua economia serve de exemplo para a diversificação que viria a se tornar uma extraordinária característica do estado de São Paulo. (DEAN, 1977, p.15)

A referida cidade, a partir de meados do século XIX, mostrou-se bem próspera, sem que fossem anuladas, no entanto, as naturais diferenças vigentes em relação à capital do estado de São Paulo. Após o início do cultivo do café, em Rio Claro, e com a inauguração do ramal férreo, em 1876, ligando-a a Campinas, pôde-se sentir o acelerar do desenvolvimento, refletindo-se em melhoras na infra-estrutura urbana da cidade e intensificando-se a sua expressão econômica.

⁶⁵ Informações extraídas, e adaptadas, de Gallota (2004) e Gallota; Porta (2004).

⁶⁶ A maior parte das informações contidas neste texto foi extraída dos sites <http://www.rioclaro.sp.gov.br>, <http://www.visiterioclaro.com.br> e <http://www.achetudoeregiao.com.br> (Acessos em: 12 nov. 2009), devido às dificuldades na busca de livros que relatassem a história do município de Rio Claro, salvo o de Dean (1977).

Quanto ao seu processo de ocupação, datado no início do século XVIII, no ano de 1718, sabe-se que ocorreu devido à descoberta de ouro na região de Mato Grosso. As suas terras, até então inaproveitadas e ermas, passaram a ser pouso de bandeirantes e aventureiros que atravessavam a Província de São Paulo em busca desse objeto valioso. Assim, esses primeiros habitantes, nas margens do Ribeirão Claro, acomodaram-se, estimulando o surgimento de um pequeno comércio que suprisse as necessidades primárias da região.

A partir das concessões de sesmarias, no começo do século XIX, deu-se o efetivo processo de ocupação da região, dirigindo-se ao local poderosos fazendeiros, acompanhados de agregados, escravos, força e dinheiro. Dentre os primeiros povoadores, destacaram-se: Manoel Paes de Arruda, Francisco Costa Alves, Antônio Paes de Barros e Nicolau Pereira de Campos Vergueiro.

Em meio às preocupações dos novos habitantes do local estava, também, a da formação de um patrimônio religioso. Assim, algumas terras foram doadas para a construção de uma capela dedicada a São João Batista. O povoado, então, recebeu o nome de São João Batista do Ribeirão Claro, sendo elevado à categoria de Capela Curada, com a nomeação do Padre Delfino da Silva Barbosa como o seu cura.

Posteriormente, com a transferência da imagem de São João Batista a uma nova capela, ainda inacabada, situada na região do Largo da Matriz, verificou-se, ao seu redor, o início de uma aglomeração de casas para moradias e para negócios.

Em 1832, de acordo com o Conselho Geral da Província, o povoado foi elevado à categoria de freguesia de Itu. Nesse mesmo ano, organizada pelos grandes proprietários rurais, fundou-se a Sociedade do Bem Comum – extinta quando os seus interesses foram de encontro aos do governo provincial –,

cujo objetivo era atuar como um governo local, enquanto se enviava à província uma petição para que incorporasse a área formalmente. A Sociedade decidiu onde seria o centro da vila, um ato político significativo, pois determinaria o custo do transporte para cada fazendeiro. Como o centro constituía um patrimônio, isto é, terra doada, a Sociedade arrogou-se o direito de dividi-lo em lotes e vendê-los. Os fundos foram usados para objetivos da administração local e para a construção da igreja. (DEAN, 1977, p. 36)

A Assembleia Provincial de São Paulo, em março de 1845, criou o Município de São João Batista do Rio Claro. O município, atento à necessidade da constituição de sua administração política, em novembro do mesmo ano, teve a sua Câmara empossada. Em 1857, o município foi emancipado, criando-se, no ano de 1859, a comarca de São João do Rio Claro. O nome Rio Claro foi aceito somente em 1905.

Quanto à agricultura desenvolvida na região, desde as primeiras décadas do século XIX, foram dois tipos de lavouras – a cana-de-açúcar e o café – que se mantiveram em destaque ao lado da atividade de pecuária, sempre contínua. No entanto, a valorização do povoado – projetando-se econômica e politicamente – se deu com a cultura cafeeira. De acordo com Dean (1977, p.154),

Em 1886, Rio Claro era o terceiro maior produtor de café da província. A derrubada de matas virgens e o plantio de novas árvores não se completara. Havia ainda 16153 hectares de floresta em 1905, mais de 10 por cento de sua área, ainda que parte da mesma pudesse ser constituída de capoeira. O apogeu da produção de café deu-se em 1901, quando 14824 toneladas foram colhidas, mas então Rio Claro já não se encontrava entre os dez principais municípios cafeeiros de São Paulo [...].

Devido à cafeicultura, até 1842, verificou-se a chegada de grande número de escravos para o trabalho nas fazendas e, por volta de 1850, representados por imigrantes europeus, houve a vinda de trabalhadores livres, acentuando-se mudanças nos costumes da população ali existente.

Os imigrantes alemães foram os pioneiros; em seguida, os italianos. Porém, tantas outras nacionalidades – imigrantes portugueses, espanhóis, árabes, austríacos, e outros – puderam contribuir com o desenvolvimento local.

Nos últimos anos do século XIX, em São João do Rio Claro, já se esboçava o início de um processo de industrialização, através da abertura de um número significativo de pequenas fábricas manufatureiras artesanais, instaladas por imigrantes acostumados a realizar tais trabalhos em seus países de origem. No entanto, começou-se a expansão industrial entre as décadas de 1930 e 1970, reforçada com a criação, em 1970, de um distrito industrial.

Ainda, cabe salientar que a cidade de Rio Claro foi a primeira da Província de São Paulo e a segunda do Império a receber energia elétrica, a partir de um contrato da Câmara Municipal com a firma Real e Portella. Anos depois, em 1895, representando o pioneirismo dos empresários locais, inaugurou-se a Usina Hidrelétrica Corumbataí, que passou a fornecer a energia para a cidade.

Assim, a partir dos fatos evidenciados, destaca-se, novamente, que, embora Rio Claro possua aspectos de uma cidade interiorana, já que o é, sempre se mostrou em contínua progressão.

4.3.1.4 Gêneros textuais averiguados

Admite-se, quanto aos gêneros textuais, a controvérsia existente em classificá-los como um grupo de fatores de natureza linguística ou extralinguística. Sabe-se, no entanto, da imprescindibilidade de caracterizá-los quanto aos seus aspectos formais e funcionais. Decidiu-se, nesta pesquisa, incluí-los no âmbito dos fatores externos à língua, por relacioná-los, analogamente, aos estilos contextuais elencados no estudo de Labov (1966), considerando-os representantes das mais diversas atividades comunicativas. Abaixo, apresentam-se os gêneros textuais encontrados nos jornais.

- **Edital:**

Segundo Costa (2008), o Edital é o gênero materializado por um texto que expressa determinada ordem – ou aviso, ou postura, ou citação – oficial, divulgado em local próprio e visível, como é o caso dos jornais, meios de comunicação de massa, para conhecimento geral ou dos interessados. Pode assumir, como já observado nos periódicos da época apreendida em questão, diversas características: administrativa, política, eclesiástica, etc. Quanto à organização textual, verifica-se, na maioria das vezes, um título, para indicar o assunto que será tratado, e, como desfecho, local e o nome do responsável pela emissão da mensagem. De acordo com os temas explicitados, variam a extensão dos textos e o modo de utilizar os elementos linguísticos. No entanto, predomina o uso de construções mais próximas das consideradas padrões.

Serviço de passagem em balsas sobre o Rio Parahyba, no Bairro Alto e no mesmo rio em Santa Branca.
 Pela repartição de obras publicas se faz sciente que recebem-se propostas até o dia 10 de Janeiro vindouro, ao meio dia, para contratar-se o serviço de passagens acima indicados, pelo tempo de um anno.
 As propostas serão entregues nesta directoria, em carta fechada, competentemente selladas, com as firmas reconhecidas, indicarão no involucro o nome do proponente e serviço ao qual propõe-se.
 Os proponentes mencionarão em suas propostas o local de sua residencia, o preço por extenso pelo qual se obrigam a executar os serviços, incluindo os reparos e conservação das balsas, durante o tempo do contracto, que será lavrado segundo as prescripções do regulamento vigente.
 Declara-se que as propostas serão abertas em segunda ao encerramento da concorrência.
 Directoria geral de obras publicas,
 S. Paulo, 10 de Dezembro de 1889.
 O secretario.—*Manoel Quirina dos Santos,* 30-2

Figura 1⁶⁷ – Edital no exemplar do jornal “O Estado de São Paulo”, de 1890⁶⁸.

⁶⁷ “Serviço de passagem em balsas sobre o Rio Parahyba, no Bairro Alto e no mesmo rio em Santa Branca.

Pela repartição de obras publicas se faz sciente que recebem-se propostas até o dia 10 de Janeiro vindouro, ao meio dia, para contratar-se o serviço de passagens acima indicados, pelo tempo de um anno.

As propostas serão entregues nesta directoria, em carta fechada, competentemente selladas, com as firmas reconhecidas, indicarão no involucro o nome do proponente e serviço ao qual propõe-se.

Os proponentes mencionarão em suas propostas o local de sua residencia, o preço por extenso pelo qual se obrigam a executar os serviços, incluindo os reparos e conservação das balsas, durante o tempo do contracto, que será lavrado segundo as prescripções do regulamento vigente.

Declara-se que as propostas serão abertas em segunda ao encerramento da concorrência.

Directoria geral de obras publicas, S. Paulo, 10 de Dezembro de 1889.

O secretario – Manoel Quirina dos Santos.”

⁶⁸ O texto foi escrito em 10 de Dezembro de 1889, porém publicado no exemplar de 1890.

O doutor Joaquim José Saraiva Junior, juiz de direito nesta comarca de S. João do Rio Claro.
 Faço saber aos que este edital com prazo de 30 dias virem ou delle noticia tiverem que por Ubaldino Leite Penteado foi me feita a petição do teor seguinte:—«Excellentissimo cidadão d. doutor juiz de direito da comarca. Por seu advogado e procurador abaixo assignado, conforme a procuração junta sob numero um, diz Ubaldino Leite Penteado, lavrador residente nesta comarca, o seguinte:—1º. Que a legitimo titulo e não contestada posse foram proprietarios do sitio denominado «dos Pereira», outr'ora Riberão de Cabeça, Antonio Rodrigues da Silva e sua mulher d. Maria Gertrudes; —2º. O

S. João do Rio Claro, 30 de Outubro de 1894. Eu, Heliodoro Antonio da Costa Ferreira, escrivão, subscrevi. Joaquim José Saraiva Junior. (Estava sellado).

Figura 2⁶⁹ – Partes do Edital no exemplar do jornal “Diário do Rio Claro”, de 1894.

- **Notícia:**

A Notícia se caracteriza por um texto em que há a narrativa de determinados acontecimentos – ou informações –, interessantes ao leitor, recentes ou atuais, comuns a todos os dias, ocorridos nos mais diversos locais. Repara-se, particularmente nos jornais paulistanos do início do século XX, em relação aos periódicos do final do século XIX, a ampliação no número de notícias publicadas, que, além das colhidas na própria cidade, incluíam aquelas advindas do exterior – através das agências internacionais contratadas pelas empresas jornalísticas – e de outros municípios. De acordo com Costa (2008, p. 142),

⁶⁹ “O doutor Joaquim Saraiva Junior, juiz de direito nesta comarca de S. João do Rio Claro.

Faço saber aos que este edital com prazo de 30 dias virem ou delle noticia tiverem que por Ubaldino Leite Penteado foi me feita a petição do teor seguinte: – <Excellentissimo cidadão doutor Juiz de direito da comarca. Por seu advogado e procurador abaixo assignado, conforme a procuração junta sob numero um, diz Ubaldino Leite Penteado, lavrador residente nesta comarca, o seguinte: – 1º. Que a legitimo titulo e não contestada posse foram proprietarios do sitio denominado <dos Pereira>, outr'ora Riberão da Cabeça, Antonio Rodrigues da Silva e sua mulher d. Maria Gertrudes; –2º. [...].

[...]

S. João do Rio Claro, 30 de Outubro de 1894. Eu, Heliodoro Antonio da Costa Ferreira, escrivão, subscrevi Joaquim Saraiva Junior (Estava sellado).”

Quanto ao objetivo, calcado num compromisso ético, a notícia visa informar os leitores o mais neutramente possível e com grande fidedignidade. Por isso o predomínio da 3ª pessoa, numa linguagem que tenta conciliar registros lingüísticos formais e informais, seleção lexical própria, numa busca de comunicação eficiente e de grande aceitação social.

No entanto, inclusive quanto à veracidade e à imparcialidade dos fatos, consoante o perfil do jornal selecionado, é que são delimitadas as propriedades de uma Notícia. No caso dos jornais paulistas, verificam-se textos não-descuidados quanto às formas-padrão. Em síntese, deve informar quem fez o que, a quem, quando, onde, como, por que e para que.

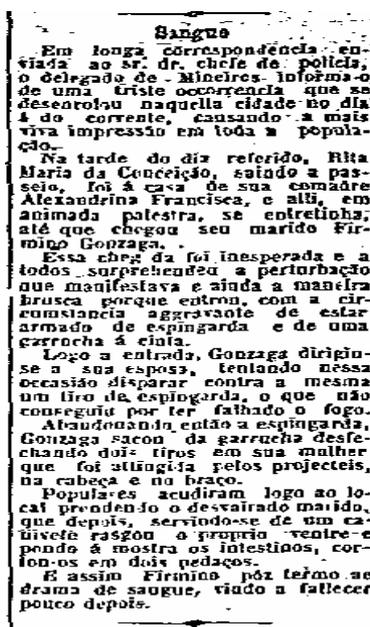


Figura 3⁷⁰ – Notícia no exemplar do jornal “O Estado de São Paulo”, de 1905.

⁷⁰ “Sangue

Em longa correspondencia enviada ao sr. dr. chefe de policia, o delegado de Mineiros informa-o de uma triste occorrença que se desenrolou naquella cidade no dia 4 do corrente, causando a mais viva impressão em toda a população.

Na tarde do dia referido, Rita Maria da Conceição, saindo a passeio, foi á casa de sua comadre Alexandrina Francisca, e allí, em animada palestra, se entretinha, até que chegou seu marido Firmino Gonzaga.

Essa chegada foi inesperada e a todos surpreendeu a perturbação que manifestava e ainda a maneira brusca porque entrou, com a circumstancia aggravante de estar armado de espingarda e de uma garrocha á cinta.

Logo a entrada, Gonzaga dirigiu-se a sua esposa, tentando nessa occasião disparar contra a mesma um tiro de espingarda, o que não conseguiu por ter falhado o fogo.

Abandonando então a espingarda, Gonzaga socou da garrocha desfechando dois tiros em sua mulher que foi attingida pelos projecteis, na cabeça e no braço.

Populares acudiram logo ao local prendendo o desvairado marido, que depois, servindo-se de uma canivete rasgou o proprio ventre e pondo á mostra os intestinos, cortou-os em dois pedaços.

E assim Firmino pôz termo no drama de sangue, vindo a fallecer pouco depois.”

A Chimica contra o fogo

Os peritos prophetizam que, dentro duns cinco annos, as substancias chemicas terão suplantado a agua como meio de combater os incendios.

Nas cidades, já se apagam quasi todos os incendios pequenos com extintores chemicos, e portanto, só falta um novo passo para se chegar ao uso de canhões especiaes destinados ao lançamento de substancias chemicas pulverisadas, ou bombas extintoras, nos edificios em que se manifeste algum grande incendio.

Como argumento contra o uso da agua, cita-se o caso d'um incendio pequeno que occasionou perdas no valor de 5 contos, ao passo que as occasionadas pela agua empregado para o apagar se elevaram a 20 contos.

Figura 4⁷¹ – Notícia no exemplar do jornal “O Rio Claro”, de 1915.

- **Aviso**

O Aviso é materializado por um texto que contém uma informação ou declaração, curta e objetiva, prestada a outrem. Por funcionarem, nos referidos jornais, em sua maioria, como comunicados sobre alterações no comando de determinados comércios, os Avisos se apresentavam redigidos quase sempre do mesmo modo, reftreando-se um uso inovador, no que concerne às escolhas linguísticas.

⁷¹ “A Chimica contra o fogo

Os peritos prophetizam que, dentro duns cinco annos, as substancias chemicas terão suplantado a agua como meio de combater os incendios.

Nas cidades, já se apagam quasi todos os incendios pequenos com extintores chemicos, e portanto, só falta um novo passo para se chegar ao uso de canhões especiaes destinados ao lançamento de substancias chemicas pulverisadas, ou bombas extintoras, nos edificios em que se manifeste algum grande incendio.

Como argumento contra o uso da agua, cita-se o caso que occasionou perdas no valor de 5 contos, ao passo que as occasionadas pela agua empregado para o apagar se elevam a 20 contos.”

Ào commercio

O abaixo assignado faz sciente que comprou ao sr. Carlos Biagini a sua refinação de assucar, sita á ladeira de S. João n. 6, livre e desembaraçada de qualquer onus, como consta do inventario com o qual recebeu a mesma; se algum tiver qualquer reclamação a fazer, apresente-se até o dia 10 de Janeiro proximo futuro, em cuja data deverá ser realizado o pagamento da compra.

S. Paulo, 30 de Dezembro de 1879 3—2
Selmi Angelo.

Figura 5⁷² – Aviso no exemplar do jornal “A Província de São Paulo”, de 1880⁷³.

Club Democrata Campo Alegrensê

Avisa-se aos srs. socios n'esta club, que a partida correspondente a este mez, foi marcada para o dia 24 do corrente.

Campo Alegre, 12 de Novembro de 1894.

O secretario
P. Acosta y

Figura 6⁷⁴ – Aviso no exemplar do jornal “O Diário do Rio Claro”, de 1894.

- **Anúncio:**

O Anúncio é representado por um texto por meio do qual se divulga algo ao público, ou seja, cria-se uma mensagem, em prol de determinada instituição, com objetivos comerciais, políticos, culturais, religiosos, etc. Nos exemplares examinados, percebe-se que, com o acelerado progresso, no início do século XX, especialmente nos periódicos da cidade de São Paulo, houve o aumento das páginas destinadas à publicação desse gênero textual e mudanças em relação à sua estrutura e linguagem, surgindo empresas especializadas para a sua elaboração. Segundo Eleutério (2008, p. 94), “os anúncios iriam atender e estimular o

⁷² “Ao commercio

O abaixo assignado faz sciente que comprou ao sr. Carlos Biagini a sua refinação de assucar, sita á ladeira de S. João n. 6, livre e desembaraçada de qualquer onus, como consta do inventario com o qual recebeu a mesma; se algum tiver qualquer reclamação a fazer, apresente-se até o dia 10 de Janeiro proximo futuro, em cuja data deverá ser realizado o pagamento da compra.

S. Paulo, 30 de Dezembro de 1879.

Selmi Angelo.”

⁷³ O texto foi escrito em 30 de Dezembro de 1879, porém publicado no exemplar de 1880.

⁷⁴ “Club Democrata Campo Alegrensê

Avisa-se aos srs. socios n'esta club, que a partida correspondente a este mez, foi marcada para o dia 24 do corrente.

Campo Alegre, 12 de Novembro de 1894.

O secretario

P. (—)”

consumo da classe média emergente e da elite, dispostas a folhear as páginas dos periódicos, ávidas por novos produtos trazidos pela industrialização e a urbanização.” A presença dos Anúncios nos jornais, principalmente em número elevado, abria novas perspectivas, no setor econômico, para a imprensa.

CASA A. CAHEN
Em frente à LOJA DA FLORA



Colossal sortimento de óculos e pince-nez, navalhas, canivetes, tesouras e outras miudezas.
Antigo depósito de artigos dentários

Officina para concertos de óculos e pince-nez
Compram-se ou trocam-se por outros artigos: dentes avulsos, retalhos de platina e dentaduras

Importação directa
Apromptam-se com perfeição receitas de oculistas

Rua S. Bento, 60 - S. PAULO - Caixa postal, 190

Figura 7⁷⁵ – Anúncio no exemplar do jornal “O Estado de São Paulo”, de 1905.

CURA DAS FLORES BRANCAS

Nas cidades populosas e nos climas quentes, dois terços das mulheres soffrem de flores brancas.

A Leucorréa ou flores brancas

tem por causa a anemia e é considerada como signal de debilidade, sendo tambem muitas vizes conseqüencia do artritismo.

O tratamento racional é aquelle que tem acção sobre o fundo da molestia

O remédio por excellencia é

A SAUDE DA MULHER

para uso interno, formula privilegiada dos pharmaceuticos Daut & Lagunilla, Rio.

A SAUDE DA MULHER é indicada em todos os incommodos de origem uterina: — Suspensão, Regras escassas e dolorosas, hemorragias e inflamação do utero.

⌘⌘⌘ Vende-se em todas as Pharmacias do Brazil ⌘⌘⌘

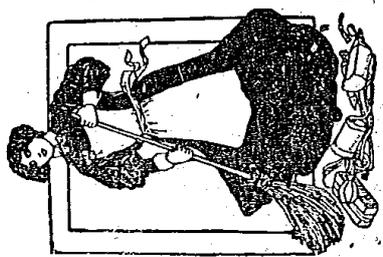


Figura 8⁷⁶ – Anúncio no exemplar do jornal “O Rio Claro”, de 1915.

⁷⁵ “CASA A. CAHEN

Em frente à LOJA DA FLORA

Colossal sortimento de óculos e pince-nez, navalhas, canivetes, tesouras outras miudezas.

Antigo depósito de artigos dentários

Officina para concertos de óculos e pince-nez

Compram-se ou trocam-se por outros artigos: dentes avulsos, retalhos de platina e dentaduras

Importação directa

Apromptam-se em perfeição receitas de oculistas

Rua S. Bento, 60 - S. Paulo - Caixa Postal, 190”

⁷⁶ “CURA DAS FLORES BRANCAS

Nas cidades populosas e nos climas quentes, dois terços das mulheres soffrem de flores brancas.

- **Classificado:**

Quanto ao Classificado, distingue-se do Anúncio no que tange a quem o produz, já que é realizado por cidadãos comuns, e aos seus propósitos, menos abrangentes.



Figura 9⁷⁷ – Classificados no exemplar do jornal “O Estado de São Paulo”, de 1910.

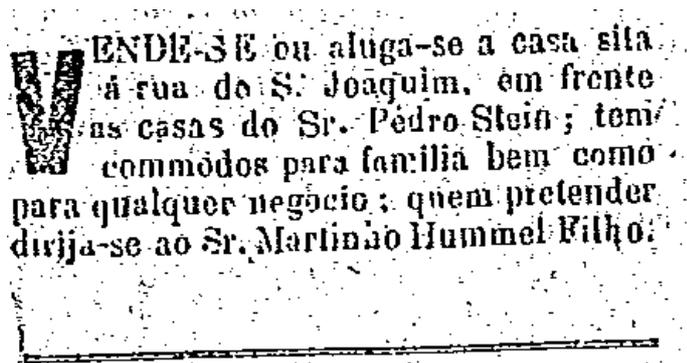


Figura 10⁷⁸ – Classificado no exemplar do jornal “Correio do Oeste”, de 1880.

A Leucorrhéa ou flores brancas tem por causa a anemia e é considerada como signal de debilidade, sento também, muitas vezes consequencia do arthritismo.

O tratamento racional é aquelle que tem acção sobre o fundo da molestia.

O remedio por excellencia é

A SAUDE DA MULHER

para uso interno, forma privilegiada dos pharmaceuticos Dauat & Lagunilia, Rio.

A SAUDE DA MULHER é indicada em todos os incommodos de origem uterina: –Suspensão, Regras escassas e dolorosas, hemorrhagias e inflamação do utero.

Vende-se em todas as Pharmacias do Brazil.”

⁷⁷ “Medico

Para interior offerece-se um medico de longa experiencia. Cartas nesta redacção a V. P.”

“Aluga-se

Vende-se ou permuta-se uma chácara com bellissima casa com todas as commodidades para familia de tratamento, bem arborizada e 10 minutos do largo da Sé.

Trata-se com o proprietario, a rua Santa Iphigenia, n. 193.”

⁷⁸ “VENDE-SE ou aluga-se a casa sita á rua do S. Joaquim, em frente as casas do Sr. Pedro Stein; tem commodos para familia bem como para qualquer negocio; quem pretender dirija-se ao Sr. Martinho Hummel Filho.”

- **Editorial:**

O Editorial, de acordo com SOUZA (2009, p. 95), “é classificado como pertencente ao eixo do argumentar, por discutir problemas sociais controversos que implicam sustentação, refutação e negociação de tomada de posição”. Detalhando-o, é representado pelo texto em que se discute uma questão ou assunto – de maior repercussão no momento –, apresentando-se o ponto de vista do jornal, da empresa jornalística ou do redator-chefe. A autora, adiante, acrescenta:

A função do editorial é articular um discurso que consiga conciliar as opiniões de todos os que sustentam financeiramente a empresa jornalística. [...] Assim, o editorial é um gênero que reflete de forma mais nítida a situação de produção, ou seja, o posicionamento do jornal articulado ao jogo de interesses econômicos, sociais e políticos.” (SOUZA, 2009, p.96)

Nota-se que, frequentemente, os editoriais presentes nos exemplares dos referidos anos não eram assinados. Porém, quando o eram, constava-se a assinatura do redator-chefe, por extenso, ou a indicação, no final do texto, de uma letra em maiúsculo – a inicial do nome de alguma pessoa. Quanto à posição no jornal, ocupavam, na maioria das vezes, a primeira página, logo entre as primeiras colunas. Em larga escala, apareciam com título. Destaca-se, ainda, a fim de se aproximar do leitor, para convencê-lo a aceitar determinada opinião, a clareza, através da estruturação textual, na apresentação dos fatos.

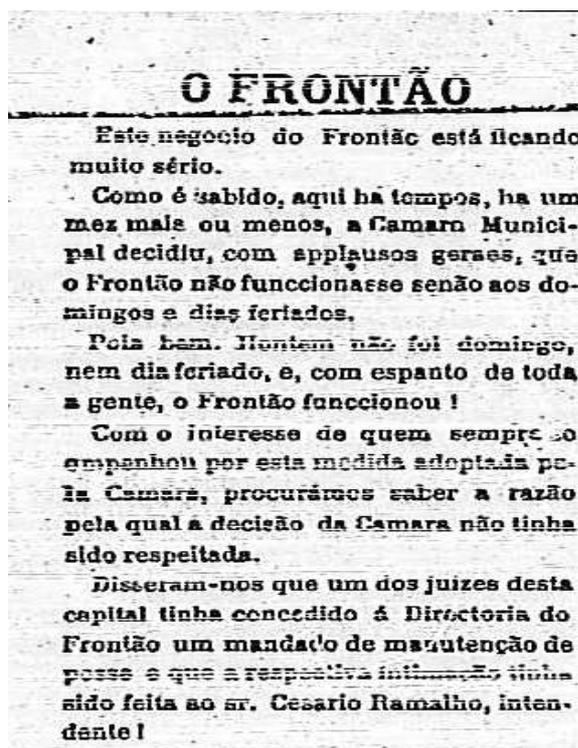


Figura 11⁷⁹ – Parte do Editorial no exemplar do jornal “O Estado de São Paulo”, de 1895.

⁷⁹ “O FRONTÃO

Este negocio do Frontão está ficando muito sério.

Como é sabido, aqui há tempos, há um mez mais ou menos, a Camara Municipal decidiu, com applausos geraes, que o Frontão não funcionasse senão aos domingos e dias feriados.

Pois bem. Hontem, não foi domingo, nem dia feriado, e, com espanto de toda a gente, o Frontão funcionou!

Com o interesse de quem sempre se empenhou por esta medida adoptada pela Camara, procurámos saber a razão pela qual a decisão da Camara não tinha sido respeitada.

Disseram-nos que um dos juizes desta capital tinha concedido á Directoria do Frontão um mandado de manutenção de posse e que a respectiva intimação tinha sido feita ao sr. Cesário Ramalho, intendente!

[...].”

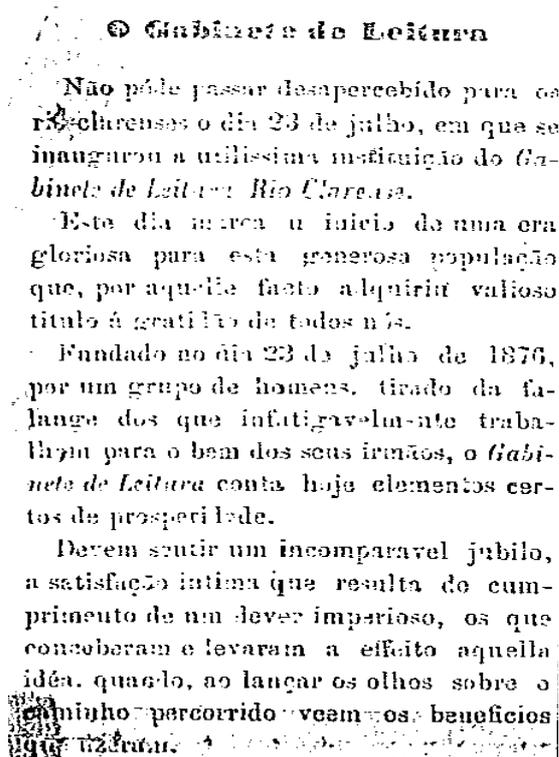


Figura 12⁸⁰ – Parte do Editorial no exemplar do jornal “O Tempo”, de 1885.

- **Artigo:**

O gênero Artigo é materializado por textos de opinião, dissertativos ou expositivos, que trazem interpretações do autor (não necessariamente um jornalista) sobre um fato ou tema variado – político, cultural, científico, etc. A estrutura composicional pode variar bastante, mas sempre desenvolve, explícita ou implicitamente, uma opinião sobre o assunto, com um fecho conclusivo, a partir das ideias construídas.

⁸⁰ “O Gabinete de Leitura

Não pôde passar desaperecebido para os rio-clarenses o dia 23 de julho, em qua se inaugurou a utilissima instituição do Gabinete de Leitura Rio Clarensa.

Este dia marca o inicio de uma era gloriosa para esta generosa população que, por aquelle facto adquiriu valioso titulo á gratidão de todos nós.

Fundado no dia 23 de julho de 1876, por um grupo de homens, tirado da falange dos que infatigavelmente trabalham para o bem dos seus irmãos, o Gabinete de Leitura conta hoje elementos certos de prosperidade.

Dizem sentir um incomparavel jubilo, a satisfação intima que resulta do cumprimento de um leve imperioso, os que conceberam e levaram os olhos sobre o caminho percorrido veem os beneficios que fizeram. [...].”

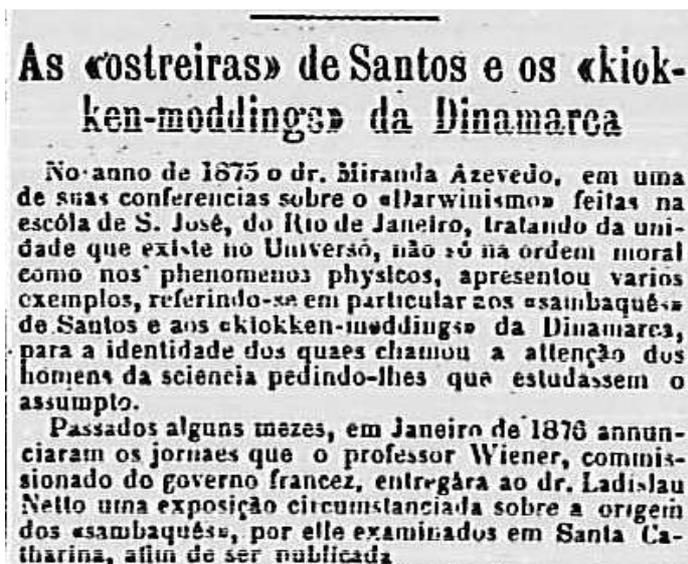


Figura 13⁸¹ – Parte do Artigo no exemplar do jornal “A Província de São Paulo”, de 1880.



Figura 14⁸² – Parte do Artigo no exemplar do jornal “A Semana Militar”, de 1920.

⁸¹ “As <ostreiras> de Santos e os <kioken-moddings> da Dinamarca

No anno de 1875 o dr. Miranda Azevedo, em uma de suas conferencias sobre o <Darwinismo> feitas na escola de S. José, do Rio de Janeiro, tratando da unidade que existe no Universo, não só na ordem moral como nos phenomenos physicos, apresentou varios exemplos, referindo-se particular aos <sambaquês> de Santos e aos <kioken-moddings> da Dinamarca, para a identidade dos quaes chamou a attenção dos homens da sciência pedindo-lhes que estudassem o assumpto.

Passados alguns mezes, em Janeiro de 1876 annunciaram os jornaes que o professor Wiener, commissionedo do governo francez, entregára ao dr. Ladislau Netto uma exposição circumstanciada sobre a origem dos <sambaquês>, por elle examinados em Santa Catharina, afim de ser publicada.

[...].”

⁸² “Longe da vista, longe do coração?!”

Infelizmente muito verdadeiro é o brocardo: “longe da vista, longe do coração”. Ninguem lhe poderá mudar o genio, nem corrigir a sua tendencia. Temos uma cousa que nos consola: a sentença é verdadeira, mas

- **Resenha ou Crítica:**

Trata-se de um texto, de extensão maior que a da sinopse, em que se faz uma apreciação, crítica ou informativa, de um trabalho intelectual ou de um desempenho artístico, com o objetivo de orientar o público leitor. Verificaram-se resenhas acerca de obras literárias e representações teatrais.

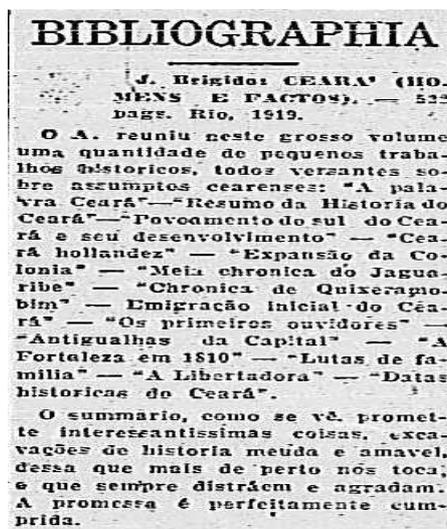


Figura 15⁸³ – Parte da Resenha no exemplar do jornal “O Estado de São Paulo”, de 1920.

não condiz com os nossos sentimentos humanitarios, não encontra apoio no coração dos brasileiros. Para nós tem ella alguma cousa as barbara, é deshumana, desnaturada.

[...].”

⁸³ “BIBLIOGRAPHIA

J. Brígido: CEARÁ' (HOMENS E FACTOS). — 532 pags. Rio, 1919.

O A. reuniu neste grosso volume uma quantidade de pequenos trabalhos históricos, todos vareantes sobre assumptos cearenses: “A palavra Ceará” — “Resumo da História do Ceará e seu desenvolvimento” — “Ceará hollandez” — “Expansão da Colônia” — “Meia chronica do Jaguaribe” — “Emigração inicial do Ceará” — “Os primeiros ouvidores” — “Antigualhas da Capital” — “A Fortaleza de 1810” — “Lutas de família” — “A Libertadora” — “Datas históricas do Ceará”.

O summario, como se vê, promete interessantissimas coisas, excavações de historia metida e amavel, dessa que mais de perto nós toca, e que sempre distráem e agradam. A promessa é perfeitamente cumprida.

[...].”

A Sra. D. Carolina Bellarino faz hoje o seu beneficio no theatro desta cidade, e so valém pompas de annuncios, vamos ficar de queixo cahido diante das maravilhas de sua festa.

Aproveitemo-nos o vão... munidos de salva vidas para o passeio no fundo dos mares!

O Sr. Calazans malvado! vai mostrar como se alinhava e remete ás caldeiras de Pedro Botelho, o proprio pae de seu filho assassinado pelo proprio filho do pae. Dizem que é uma scena de grande effeito, e de igual moralidade, àquella do matricida em que a mãe é alinhavada pelo filho, e onde se demonstra a crueldade da fera do filho da mãe!

Figura 16⁸⁴ – Parte da Resenha no exemplar do jornal “Correio do Oeste”, de 1880.

- **Crônica:**

A Crônica tem como característica tratar de assuntos cotidianos. Quanto ao estilo, geralmente é um texto simples, de interlocução direta com o leitor, com marcas bem típicas da oralidade. Quando predominantemente narrativa, possui trama quase sempre pouco definida, sem conflitos densos. Também pode ser do tipo argumentativo ou expositivo, como textos de opinião sobre temas diversos. Segundo Costa (2008), a crônica jornalística consolida o simulacro de relato informal de um “causo”, acentuando-se uma aproximação entre enunciador e leitor. Geralmente, percebe-se um linguajar menos rebuscado, recuperando-se os fatos de maneira menos densa e formal.

⁸⁴ “A Sra. D. Carolina Bellarino faz hoje o seu beneficio no theatro desta cidade, e se valém pompas de annuncios, vamos ficar de queixo cahido diante das maravilhas de sua festa.

Aproveitemo-nos o vão... munidos de salva vidas para o passeio no fundo dos mares!

O Sr. Calazans malvado vai mostrar como se alinhava e remete ás caldeiras de Pedro Botelho, o proprio pae de seu filho assassinado pelo proprio filho do pae. Dizem que é uma scena de grande effeito, e de igual moralidade, àquella do matricida em que a mãe é alinhavada pelo filho, e onde se demonstra a crueldade da fera do filho da mãe!

[...].”



Figura 17⁸⁵ – Parte da Crônica no exemplar do jornal “O Estado de São Paulo”, de 1920.

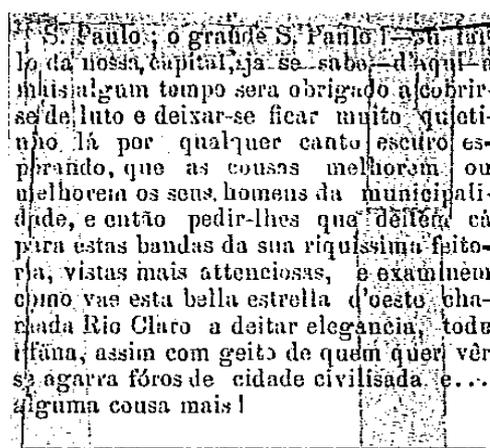


Figura 18⁸⁶ – Parte da Crônica no exemplar do jornal “O Tempo”, de 1885.

⁸⁵ “A cidade de S. Paulo vista por um pariziense

Vós todos conheceis o velho proverbio francez “la critique est facile, l'art est difficile”. Nada mais verdadeiro; e estou certo de que, para traduzir esse pensamento, todas as línguas possuem uma expressão adequada.

Quando da minha chegada a São Paulo, uma coisa, entre mil outras, me impressionou particularmente: a immensa extensão da cidade — um quociente excessivo de kilometros quadrados para uma população de 550.000 habitantes. E se se considera o tempo que é preciso para ir do norte ao sul, de leste a oeste da cidade, fica-se simplesmente estupefacto — sobretudo com bandos que param a cada 40 metros.

[...].”

⁸⁶ “S. Paulo; o grande S. Paulo — (—), já se sabe — d' aqui — a mais algum tempo será obrigado a cobrir-se de luto e deixar-se ficar muito quietinho lá por qualquer canto escuro esperando, que as cousas melhorem ou melhorem os seus homens da municipalidade, e então pedir-lhes que deem cá para estas bandas da sua riquíssima feitora, vistas mais attenciosas, e examinem como vae esta bella estrella d' oeste chamada Rio Claro a deitar elegância, (—), assim com jeito de quem quer vê se agarra fóros de cidade civilizada e... alguma cousa mais!

[...].”

- **Carta do Leitor:**

Sobre a Carta do leitor, no que concerne aos periódicos do final do século XIX e início do século XX, pode-se, primeiramente, dizer que nem sempre eram escritas no formato de carta, visto que em nem todas havia a presença de alguns elementos básicos indispensáveis – para a formulação desse gênero –, como local e data, saudação, corpo, despedida e assinatura. Atualmente, o leitor a envia à redação do jornal para manifestar seu ponto de vista sobre as matérias que leu; entretanto, observa-se, naqueles exemplares, textos produzidos pelos leitores contendo considerações acerca dos mais variados temas, utilizando-se, muitas vezes, o espaço do jornal para divulgar acontecimentos pessoais.



Figura 19⁸⁷ – Carta do leitor no exemplar do jornal “O Estado de São Paulo”, de 1885.

⁸⁷ “<Srs. redactores. –Acabo de lêr no vosso conceituado jornal, de hontem, uma noticia extrahida do Oeste de São Paulo, folha que se publica em Casa Branca, na qual se diz tratar eu de montar um grande estabelecimento para o fabrico de manteiga nos Campos do Jordão, e ter eu ido á Europa com o fim de estudar os processos e machinismos empregados nesse ramo industrial.

Comquanto ache tal empresa perfeitamente exequivel e mesmo de grande futuro na provincia de S. Paulo, cabe-me, sómente a bem da verdade, rectificar a dita noticia, declarando que nunca pretendi realisal-a (–).

Ovvi algures que um distincto filho desta provincia, fizera estudos sobre tal industria na Europa para encaminhal-a entre nós, tendo, porém, abandonado a idéa, de volta para o Brazil. Dahi talvez a confusão.

Agradecendo a vv. ss. pela inserção destas linhas, subscrevo-me com estima de vv.ss., att.º, ver e cr.º. – Alonso Fonseca.>”

Porque não amo

Ao meu amigo A. R. N.

Quantas vezes, com a cabeça entre as mãos fico a pensar nesse sentimento, que em meu peito não existe ha muito tempo.

Eu te conto.

Quando ainda não conhecia a força de um olhar, quando pela primeira vez fiquei preso por encantadores olhos, senti em meu peito não sei que de extranho. Era o amor que nelle penetrava com toda a sua força, ora a illusão, que um dia iria me levar a descrença. Assim foi. Decorreram dois annos de felizes idyllios.

Mas... um dia conheci quão falsa era aquella joven a quem eu dedicava o mais puro dos affectos.

O véo da descrença cobriu de lucto o meu pobre coração. E nelle só existe hoje trevas e mais trevas.

Que aquella que tu amas saiba comprehender toda a grandesa do teu affecto é o que de coração deseja o teu amigo

D. PRETO

Figura 20⁸⁸ – Carta do leitor no exemplar do jornal “A Mocidade”, de 1920.

- Nota:

A Nota é o relato curto de um acontecimento, isto é, uma notícia curta. Nos jornais do período estudado, em grande número, reportavam fatos relacionados à sociedade proeminente da época. Os assuntos retratados eram das mais diversas naturezas, desde realizações de festas de casamento e de boas-vindas a notas de falecimento. Ressalta-se o caráter dinâmico e informativo.

⁸⁸ “Porque não amo

Ao meu amigo A. R. N.

Quantas vezes, com a cabeça as mãos fico a pensar nesse sentimento, que em meu peito não existe ha muito tempo.

Eu te conto.

*Quando ainda não conhecia a força de um olhar, quando pela primeira vez fiquei preso por encantadores olhos, senti em meu peito não sei que de extranho. Era o amor que nelle penetrava com toda a sua força, era a illusão, que um dia **iria me levar** a descrença. Assim foi. Decorreram dois annos de felizes idyllios.*

Mas... um dia conheci quão falsa era aquella joven a quem eu dedicava o mais puro dos affectos.

O véo da descrença cobriu de lucto o meu pobre coração. E nelle só existe hoje trevas e mais trevas.

Que aquella que tua mas saiba comprehender toda a grandesa do teu affecto é o que de coração deseja o teu amigo.

D. PRETO”

Esteve hontem no palacio, despedindo-se do sr. dr. Jorge Tibyriçá, o chefe de policia de Minas, sr. dr. Christiano Brasil.

Figura 21⁸⁹ – Nota no exemplar do jornal “O Estado de São Paulo”, de 1905.

Natalicio

Está jubiloso o nosso particular amigo Dr. Luiz Aranha, promotor publico de Limeira. Pois, o seu lar amoravel acha-se em fêstas, com o natalicio do seu estremecido filhinho Carlos Eduardo, que veiu ao mundo a 13 do fluente, completar a sua justa felicidade.

Ao bondoso Luiz e à dignissima D. Aparecida as nossas mais sinceras felicitações, de permeio com os votos verdadeiros de risonhas venturas ao que auguramos ao seu prigenito.

Figura 22⁹⁰ – Nota no exemplar do jornal “A Semana Militar”, de 1920.

- **Comentário:**

O Comentário se refere a uma observação, esclarecedora ou crítica, expositiva e/ou argumentativa, sobre qualquer assunto, isto é, considera-se um Comentário determinada ponderação, geralmente curta, acerca de um texto, um evento, um ato, etc. Na maior parte das vezes, o conteúdo observado nos textos que materializam esse gênero apresenta caráter malicioso sobre os atos ou palavras de alguém.

⁸⁹ “Esteve hontem no palacio, despedindo-se do sr. dr. Jorge Tibyriçá, o chefe de policia de Minas, sr. dr. Christiano Brasil.”

⁹⁰ “Natalicio

Está jubiloso o nosso particular amigo Dr. Luiz Aranha, promotor publico de Limeira. Pois, o seu lar amoravel acha-se em fêstas, com o natalicio do seu estremecido filhinho Carlos Eduardo, que veiu ao mundo a 13 do fluente, completar a sua justa felicidade.

Ao bondoso Luiz e à dignissima D. Aparecida as nossas mais sinceras felicitações, de permeio com os votos verdadeiros de risonhas venturas ao que auguramos ao seu prigenito.”

Durante a noite de ante-hontem conservou-se apagado o combustor de gaz n. 1310 da rua de Santo Amaro.
 O palife do combustor esqueceu-se de que a divisa do gaz é — ex-fumo dare lucem. A companhia deve espevitar-lhe a memoria e fornecer-lhe uma caixa de phosphoros.

Figura 23⁹¹ – Comentário no exemplar do jornal “O Estado de São Paulo”, de 1890.

O «Jornal do Brazil» ouviu dizer que vao entrar em concertos as caldeiras das machinas do cruzador-torpedeiro «Tamoyo».
 Dos navios ultimamente construidos na Europa o «Tamoyo» é o mais novo e entretanto já se acha neste estado !...
 E é com unidades de combate desta natureza que o Brasil se acha preparado para repellir uma aggressão de ex rangeiro ?
 Que vergonha !

Figura 24⁹² – Comentário no exemplar do jornal “O Rio Claro”, de 1900⁹³.

4.3.2 Variáveis Independentes Linguísticas

Os condicionamentos linguísticos, aqui, apresentam-se em relação ao *corpus* dividido em dois grupos: (i) clíticos adjungidos a um único verbo e (ii) clíticos adjungidos a um complexo verbal. Tem-se como relevante tal separação a fim de uma caracterização detalhada

⁹¹ “Durante a noite de ante-hontem conservou-se apagado o combustor de gaz n. 1310 da rua de Santo Amaro. O palife do combustor esqueceu-se de que a divisa do gaz é — ex-fumo dare lucem. A companhia deve espevitar-lhe a memoria e fornecer-lhe uma caixa de phosphoros.”

⁹² “O Jornal do Brazil ouviu dizer que vao entrar em concertos as caldeiras das machinas do cruzador-torpedeiro Tamoyo.

Dos navios ultimamente construidos na Europa o Tamoyo é o mais novo e entretanto já se acha neste estado!

E é com unidades de combate desta natureza que o Brasil se acha preparado para repellir uma aggressão de estrangeiro?

Que vergonha!”

⁹³ Ainda foi encontrado, apenas no exemplar do ano de 1915 do jornal “O Estado de São Paulo”, o gênero Entrevista. Por estar presente apenas nesse impresso foi descartado da análise.

das possibilidades de colocação do clítico pronominal, e os contextos internos que as favorecem, diante de casos diversos, em relação ao núcleo verbal da oração.

4.3.2.1 Grupos de Fatores observados quando o clítico pronominal está adjunto a uma Lexia Verbal Simples

4.3.2.1.1 Tipo de clítico

Opta-se por controlar os clíticos individualmente, com o intuito de confirmar certos comportamentos específicos, descritos em estudos acerca do tema, de cada pronome átono. Supõe-se que os pronomes de 1ª e 2ª pessoas, por se referirem aos interlocutores do discurso, apareçam em posição de maior destaque, ocupando, assim, com maior frequência, a posição pré-verbal. Os clíticos acusativos de 3ª pessoa e o pronome **lhe(s)** tendem a ocupar a posição pós-verbal, considerando-se que seus usos podem estar condicionados à norma prescrita pela escola. Considerando-se a propensão à ênclise do **se** passivador, aposta-se para o pronome **se**, inerente ou reflexivo e indeterminador, a mesma inclinação. Abaixo, estão alguns exemplos extraídos do *corpus* desta pesquisa.

- **Me:**

(64) [...] e elle **me vem** com a <Historia do Simão de Mantua>, e **me puxa** para a <Princesa Magalona>, e **me atira** para a frente com o <Diabo coxo>, então é melhor ir cuidar de outra coisa [...]. (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1910 – gênero Resenha ou Crítica).

(65) Já **me parece** que estou tomando caldo de phocas. (“Correio do Oeste”, Rio Claro, 1880 – gênero Resenha ou Crítica).

- **Te:**

Foi registrado apenas 1 dado com o pronome **te**, adjungido a uma lexia verbal simples.

(66) Quando ella secar **lembras-te**, ao menos, que já esqueceste de mim [...]. (“A Semana Militar”, Rio Claro, 1920 – gênero Carta do Leitor).

- **O(s), A(s) e as formas variantes (FV):**

(67) *Perto da aldeia de Jesergetz, deixámos uma columna alleman aproximar-se a cerca de trezentos passos das nossas posições e em seguida **a recebemos** com fogo cerrado [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1915 – gênero Notícia).

(68) *[...] o preto Marianno, pertencente a um fazendeiro deste municipio, trazendo consigo o seu filho, ingenuo, menor de 13 annos, para **mostral-o** a autoridade [...].* (“O Tempo”, Rio Claro, 1885 – gênero Notícia).

- **Lhe(s):**

(69) *[...] mas, a população de Siak os deteve, **impedindo-lhes** de perseguir os rebeldes [...].* (“O Estado de São Paulo, São Paulo, 1915 – gênero Notícia).

(70) *Em Gênova, o banqueiro Peloso foi assaltado por gatunos que **lhe roubaram** vinte e nove mil liras.* (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1900 – gênero Nota).

- **Se:**

(71) ***Vende-se** um terreno com 23 braças [...].* (“A Província de São Paulo”, São Paulo, 1880 – gênero Classificado).

(72) *Que pela exposição acima feita **se evidencia** que é o suplicante senhor e possuidor de terras no sitio dos Pereiras [...].* (“Diário do Rio Claro”, Rio Claro, 1894 – gênero Edital).

- **Nos:**

(73) *A ideia de fundação de uma universidade no Estado de S. Paulo não **nos parece** bem alagada, a julgarmos pelos donativos conhecidos.* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1890 – gênero Editorial).

(74) *Prometemos para hoje exemplos das duas enumeradas modalidades de semelhante torpeza. **Desobriguemo-nos** desse empenho.* (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1900 – gênero Artigo).

- **Vos:**

(75) *Se não **vos fôr** possivel vir pessoalmente, mandae buscar os folhetos Vigor e Saúde [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1905 – gênero Anúncio).

(76) *Tende caspa? **Livrae-vos** della – pedindo em todas lojas e pharmacias o nunca esperado sabonete **Mysterioso** [...].* (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1910 – gênero Anúncio).

4.3.2.1.2 Função do clítico

Devido à sua diversidade, os pronomes átonos podem assumir distintas funções sintáticas, o que, possivelmente, está associado a alternâncias na ordem de colocação. Assim, torna-se relevante o controle deste grupo de fatores. Podem ser apontadas para os pronomes **me**, **te**, **o(s)/a(s)** e **formas variantes, lhe(s), nos** e **vos**, ressaltando-se determinadas particularidades, as seguintes funções sintáticas:

- **Acusativo:**

(77) *A Constituinte já não se contenta com o pouco que possa obter em favor de suas idéias? O novo anno tornou-a também intransigente!* (“A Província de São Paulo”, São Paulo, 1880 – gênero Comentário).

(78) *Que têm os homens para me dar em face de tamanho sacrificio? Cousa alguma, porque o que elles possuem não me induziria a tamanho sacrificio!* (“A Semana Militar”, Rio Claro, 1920 – gênero Artigo).

- **Dativo:**

(79) *Junto ao n.32 do 15 de Novembro, importante publicação do Estado do Paraná, nos veio uma folhinha para isso.* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1890 – gênero Nota).

(80) *Com o coração constricto e humilhado, entrego os direitos da conservação ao milagroso S. Jeronymo, e a bondade inafavel de Santa Barbara, pedindo-lhe que afugente a fulminante faísca para que não venha destruir este edificio de carne [...].* (“Correio do Oeste”, Rio Claro, 1880 – gênero Crônica).

- **Dativo Ético**⁹⁴:

(81) *Um delles, que não conheço quem seja, pois que modestamente cala o seu nome illustre, ajustou a si mesmo a bem talhada carapuça, e me saiu com a seguinte contradicta, de par com inoffensivos remoques, que não vêm ao ponto: [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1910 – gênero Resenha ou Crítica).

⁹⁴ No jornal “O Tempo”, de Rio Claro, de 1885, encontrou-se 1 registro do clítico **se**, adjungido a uma lexia verbal simples, com a função de **Dativo Ético**: *Espalhou-se por toda essa gente que fugira aos saltimbancos que ha pouco aqui estiveram um urso, e que esse temido animal apparecia [...] comido por enorme quantidade de cães, que a elle se jantavam em infernal batida.* (gênero Crônica).

(82) *Comprehendemos – bem claramente – a intenção e necessidade de S.S. querer occultar ao publico o procedimento revoltante, e por consequencia desmoralizado, dos seus subordinados; mas nesse caso faria melhor ficar calado – não **sahir-nos** ao encontro com rompantes de Hespanhol.* (“Correio do Oeste”, Rio Claro, 1880 – gênero Editorial).

- **Dativo de Posse:**

(83) *Ahi o assassino, juncto a uma pilha de saccos, desfechou, á queima roupa, tres tiros na frente direita da desgraçada, **varando-lhe** o craneo. [...]* (“O Estado de São Paulo, São Paulo, 1890 – gênero Notícia).

(84) *Muitas vezes, a febre que **lhe requeima** o organismo fal-a delirar e então, seus lábios descorados se entreabrem n’um sorriso de martyr que abraça com prazer [...].* (“A Semana Militar”, Rio Claro, 1920 – gênero Crônica).

- **Predicativo:**

(85) *Se são um perigo para a saúde publica as pessoas que estiveram em contacto com doentes de peste em predios de más condições hygienicas, também **o são** as que não escaparam ao contacto em predios de boas condições.* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1900 – gênero Editorial).

(86) *Miguel Rinaldi, satisfeito com a pontualidade da Camara, não é o recorrente do acto da municipalidade, mas petulantemente **o é** a Empresa, que nada tem com o contracto de Miguel Rinaldi [...].* (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1905 – gênero Edital).

Quanto ao pronome **se**, atribuem-se os seguintes valores:

- **Apassivação**⁹⁵:

(87) *[...] algumas tempestades que **se traduzem** pelas exigencias das minorias [...].* (“A Província de São Paulo”, São Paulo, 1880 – gênero Editorial).

(88) ***Fallam-se** 3,046 linguas sobre a terra [...].* (“Correio do Oeste”, Rio Claro, 1880 – gênero Notícia).

⁹⁵ No jornal “O Rio Claro”, de Rio Claro, de 1915, encontrou-se 1 registro do pronome **me**, adjungido a uma lexia verbal simples, na função de **Apassivação**: ***Achando-me** atacado de pertinaz tosse acompanhada de abundante expectoração de bronchite [...].* (gênero Anúncio).

- **Indeterminação:**

(89) *Trata-se na rua da Estação n.12.* (“A Província de São Paulo”, São Paulo, 1880 – gênero Classificado).

(90) **Precisa-se** de alguns para serviço de lavoura. (“Diário do Rio Claro, Rio Claro, 1894 – gênero Classificado).

- **Inerência/Reflexividade**⁹⁶:

(91) *As armas achadas em companhia destas ossadas [...] são eguaes ás achadas no littoral do Brasil e de todo o mundo, por tanto são de uma mesma origem, um mesmo uso de armas de defeza, de enfeitar-se e alimentar-se com a caça do paiz [...].* (“A Província de São Paulo”, São Paulo, 1880 – gênero Artigo).

(92) *Para assim proceder, so podemos admittir que S.S. não verificou a exactidao dos factos indicados [...]. Mas se syndicou – como era seu dever – porque razão não exhibiu as provas em contrario do que dissemos, uma sequer e limitou-se ao papel da simplesmente negar.* (“Correio do Oeste”, Rio Claro, 1880 – gênero Editorial).

4.3.2.1.3 Formas Verbais

Ainda que se espere, quanto aos verbos nos tempos do Modo Indicativo, nenhum favorecimento a nenhuma posição – seriam neutros quanto à ordem dos clíticos pronominais, atuando, de forma predominante, na oração, outros fatores condicionantes – e se acredite que os tempos do Modo Subjuntivo influenciam o uso da próclise – já que apresentam natureza subordinativa, ocorrendo, também, em orações que exigem conjunções e palavras QU, típicos atratores, quanto ao pronome, da posição pré-verbal –, convém observar a atuação deste grupo de fatores. Por fim, em contextos de formas no Imperativo e Formas Nominais, avalia-se sobressair o uso da ênclise. Destacam-se as seguintes formas verbais:

- **Presente do Indicativo:**

(93) *O assassino chama-se Carlos André Schüller [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1895 – gênero Notícia).

⁹⁶ Nos jornais de São Paulo, encontraram-se também registros dos clíticos **nos** e **me**, adjungidos a lexias verbais simples, exercendo esse valor. Quanto aos jornais rioclarenses, além desses dois tipos de pronome, verificou-se ainda 1 dado do pronome **vos** com aspectos dessa função.

(94) *E o que mais me indigna, é o lembrar, que a estas horas ella está deliciando algum outro [...].* (“A Semana Militar”, Rio Claro, 1920 – gênero Crônica).

- **Pretérito Perfeito do Indicativo:**

(95) *Os lettrados que ficaram de fôra condemnaram a universidade como lembrança da idade média e concentração de ensino na capital, e a qualificaram instituição anti-democratica.* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1920 – gênero Editorial).

(96) *Apresentou se a prisão Manoel Pinto de Godoy [...].* (“Correio do Oeste”, Rio Claro, 1880 – gênero Nota).

- **Pretérito Imperfeito do Indicativo:**

(97) [...] *dizendo-lhe que matara Celestina porque ella lhe havia dado muitos prejuizos, era a sua aza negra e lhe perturbava todos os negocios em que elle se metia [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1895 – gênero Notícia).

(98) *Um silencio pesado amortalhava aquelle aposento e, atravez da meia escuridão, distinguia-se um corpo bastante joven estendido em um leito [...].* (“A Semana Militar”, Rio Claro, 1920 – gênero Crônica).

- **Pretérito Mais-que-perfeito do Indicativo:**

(99) *Noticias não officiaes, recebidas aqui hoje, dizem que um pelotão de metralhadores mexicanos, que tinham servido no exercito norte-americano, na França, durante a guerra, se juntara ao exercito rebelde de Pancho Villa no norte do Mexico.* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1920 – gênero Notícia).

(100) *A Camara Municipal do Rio Claro, [...], deu a esses engenheiros, doutores Ataliba Valle e Paula Ramos, o usufructo das rendas não só da rêde de exgottos (de que já lhes pagára o serviço de construcção, para o que contraiu um emprestimo com Miguel Rinaldi e isso se verifica do contracto [...]) [...].* (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1905 – gênero Edital).

- **Futuro do Presente do Indicativo:**

(101) *Como precisamos de algum tempo para carimbar com o competente numero a grande quantidade de recibos que nos chegaram do interior, não nos é possível marcar desde já o dia em que se fará o sorteio dos tres premios [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1910 – gênero Aviso).

(102) *E sendo assim ninguém me qualificará de ingrato [...].* (“O Tempo”, Rio Claro, 1885 – gênero Crônica).

- **Futuro do Pretérito do Indicativo:**

(103) *A recorrente e a Camara previram a hypothese de Rio Claro em progresso, subir o valor locativo dos predios, e como segurança á ganancia resolveram na clausula n, 21^a que as taxas de agua e exgottos de usufructo da recorrente não se modificariam si houvesse um augmento anual de 120 mil réis em casa predio.* (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1905 – gênero Edital).

- **Presente do Subjuntivo:**

(104) *Entende muita gente que só devem ser postos de observação no hospital de isolamento os individuos que residirem em predios de más condições hygienicas nos quaes se manifestem casos de peste bubonica.* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1895 – gênero Editorial).

(105) *[...] e mostrar ao Jornal como nos é facil crear neologismos e aliás sem que nos afastemos da verdade.* (“Diário do Rio Claro”, Rio Claro, 1894 – gênero Crônica).

- **Pretérito Imperfeito do Subjuntivo:**

(106) *O meu oppositor, afivelada – por humildade ou discreção – a mascara (mal seguro talvez o chão **lhe parecesse...**), quiz converter [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1910 – gênero Resenha ou Crítica).

(107) *Ninguém mais pedindo a palavra o senhor Presidente pediu a votação dos senhores vereadores declarando que os que fossem favoraveis a aprovação do contracto em todos os seus termos preliminares e clausulas se **conservassem** sentados.* (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1910 – gênero Edital).

- **Futuro do Subjuntivo:**

(108) *Fugiram do pasto de José Jacyntho Borges dous animaes sainos, gateados; pede-se ás pessoas que **os encontrarem**, entrega-los ao abaixo assignado [...].* (“A Província de São Paulo”, São Paulo, 1880 – gênero Aviso).

(109) *Autorizando-o a fazer desta o que **lhe convier**, sou com estima e consideração amigo criado [...].* (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1915 – gênero Anúncio).

- **Imperativo Afirmativo:**

(110) *Grandes pedreiras á venda!*

*Na estação da Rifalna, linha Mogyana, vendem-se as grandes e inexgottaveis pedreiras alli existentes, as melhores até hoje conhecidas neste Estado, pela vantajosa colloação dellas, e enorme quantidade de pedras de superior qualidade, para toda obra, como alvenaria, calçadas, etc. Quem pretender **dirija-se** pessoalmente ou por carta para melhores informações [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1905 – gênero Classificado).

(111) *Quereis a vossa felicidade? **Inscrevei-vos** hoje mesmo na A Gloria.* (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1915 – gênero Anúncio).

- **Imperativo Negativo:**

(112) *Não se **illuda**.* (“Correio do Oeste”, Rio Claro, 1880 – gênero Editorial).

- **Infinitivo:**

(113) *Seguindo rumo de horisontes tão largos e já tão definidos nas seguras licções da historia, e vindo pleitear pela causa nacional em tais condições e n’esta época, em que até mesmo a palavra republica já não assusta a Provincia de São Paulo, certamente encontrará terreno firme para **consolidar-se** e dar ao paiz resultados proficuos.* (“A Província de São Paulo”, 1880 – gênero Editorial).

(114) *Ao **ouvil-a**, respondera entre risos e carinhos [...].* (“A Semana Militar”, Rio Claro, 1920 – gênero Carta do Leitor).

- **Gerúndio:**

(115) *Tem tido o maior êxito para os doentes atacados de psoriasis, herpres e ecrema, **melhorando-lhe**, em breve, o estado geral.* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1905 - Anúncio).

(116) *Pianos Novos, allemães [...], vende em prestações mensaes de 50\$000, recebendo outros usados em troca, com uma obrigação legal dando ao comprador o direito de não querendo mais devolver, pagando só um aluguel mesal de 30\$000 pelo tempo que esteve em seu poder, **embolsando-o** do excedente não estando o piano extragado [...].* (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1910 – gênero Anúncio).

- **Particípio:**

(117) [...] *depois de feitas todas as citações, louvarem-se em aggrimensor, arbitradores que procedam á medição e divisão das terras, **segregado-se** afinal a parte do supllicante [...].* (“Diário do Rio Claro”, O Rio Claro, 1894 – gênero Edital).

4.3.2.1.4 Tipo de verbo, do ponto de vista lógico-semântico

Desconhece-se qualquer estudo que trate a colocação pronominal e que tenha controlado o verbo hospedeiro do pronome, do ponto de vista lógico-semântico. Pretende-se averiguar se as diferenças estabelecidas entre verbos dinâmicos e estáticos influenciam na posição do clítico na oração. Para isso, adota-se a nomeação sugerida por Chafe (1979), que se baseia na Teoria da Predicação ou Teoria Argumental, centrada na Gramática de Valências e na Gramática de Casos, e considerando sempre como ponto de referência as relações com o sujeito. Deve-se mencionar que, para efetuar a classificação dos verbos, foi utilizado o **Dicionário Gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil** (BORBA, 1991 [1990]).

- **Verbos de ação**⁹⁷:

Indicam um FAZER em relação ao sujeito. O sujeito é um agentivo, função semântica própria de um ser animado que, sendo dotado de voluntariedade, tem controle sobre o ato.

(118) *Roupa branca - **Concerta-se fabrica-se** e encontra-se á preços nunca vistos [...].* (“A Província de São Paulo”, 1885 – gênero Classificado).

(119) *Ao povo? **Tambem não, porque as populações não se movem** sem ver a frente do caso a imprensa [...].* (“A Semana Militar”, Rio Claro, 1920 – gênero Artigo).

- **Verbos de processo:**

Indicam um ACONTECER. A característica do sujeito selecionado por um verbo de processo é de ser afetado física ou psicologicamente, representado assim por um paciente ou um experimentador.

⁹⁷ Os comentários referentes à tipologia verbal foram extraídos, e adaptados, de Ignácio (2003).

(120) *Grave doença do peito*

Curado pelo

PEITORAL de CAMBARA'

O sr. João Antonio Pereira Santiago, [...], declarou que uma sua filha, de 13 annos de idade, sendo atacada de uma tuberculose aguda, curou-se radicalmente com o uso do Peitoral de Cambara' [...]. (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1895 – gênero Anúncio).

(121) *Effetivamente tal systema torna-se inconveniente [...].* (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1910 – gênero Edital).

- **Verbos de ação-processo:**

Indicam ao mesmo tempo um FAZER por parte do sujeito e um ACONTECER em relação ao objeto.

(122) *Ha cinco annos que nesta data appareceu o primeiro numero do jornal <A Provincia de São Paulo>. De um grupo de cidadãos que associaram seus capitães, sahii a empreza que teve por fim sustenta lo.* (“A Província de São Paulo”, São Paulo, 1880 – gênero Editorial).

(123) *Pela primeira vez honrou-nos com a sua visita o Diario de Santos [...].* (“O Rio Claro, Rio Claro, 1905 – gênero Nota).

- **Verbos de estado:**

Indicam um SER/ESTAR/EXISTIR em relação ao sujeito. Estabelece-se uma relação entre uma entidade e o estado em que ela se encontra; refere-se uma qualidade que lhe é atribuída ou um sentimento de que é dotada.

(124) *A' ultima hora e quando esta noticia já se achava prompta o exm. sr. Barão de Almeida Vallim, [...], veio nos trazer um pedaço do dito fio [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1890 – gênero Comentário).

(125) *Relogio para a Matriz*

Muito breve a nossa grandiosa igreja Matriz irá possuir, em seu luxuoso frontispicio, um grandioso relógio luminoso. E'ra de relevante necessidade esse desideratum. Pois, as classes menos protegidas pela fortuna, o terão como o seu unico regulador para o cumprimento exato das suas obrigações. (“A Semana Militar”, Rio Claro, 1920 – gênero Nota).

Contudo, cabe observar que uma mesma forma verbal pode funcionar como verbo estativo ou como verbo dinâmico, dependendo da relação existente com o sujeito.

4.3.2.1.5 Ocorrência, ou não, de elemento proclisador na oração

Averigua-se a presença, constituindo-se um contexto desfavorável à ênclise, e a ausência de elementos proclisadores na oração. Consideram-se atratores: partículas negativas, pronomes indefinidos, interrogativos e relativos, conjunções subordinativas e coordenativas, preposições, advérbios e orações optativas.

- **Presença:**

(126) *Ao Commercio*

João David & Neves declaram nada dever nesta praça nem noutras da União, bem como no estrangeiro; e que tendo de entrar esta firma em liquidação desde a presente data, todas as compras futuras serão feitas a dinheiro a vista, não se responsabilizando por contas feitas seja por quem for em nome da firma. [...] (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1895 – gênero Aviso).

(127) *Uns se ocupão da roda. Outros se ocupão no fuço.* (“Correio do Oeste”, Rio Claro, 1880 – gênero Crônica).

(128) *O unico preparado que restitue cabellos a quem os perdeu [...].* (“O Estado de São Paulo”, 1905 – gênero Anúncio).

(129) *As pessoas que comprarem porcos neste municipio e não derem avizo imediatamente ao Procurador e ao fiscal da Camara da compras feitas e do lugar onde se achase o vendedor, fica sujeito ao imposto sobre a venda dos mesmos porcos [...].* (“O Tempo”, Rio Claro, 1885 – gênero Edital).

(130) *As scenas que então se deram, mal descriptas pelos jornaes durante o estado de sitio [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1905 – gênero Editorial).

(131) *E’ um phantasma que conduz sua victima credula e confiada por entre caminhos bordados de flores para a despenhar em medonho precipicio [...].* (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1915 – gênero Artigo).

(132) *Egualmente se sabe que o presidente da Republica arde em desejos de vingança [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1910 – gênero Editorial).

4.3.2.1.6 Verbo hospedeiro do pronome clítico em início, ou não-início, absoluto na oração

Controla-se se o verbo ao qual o clítico está adjunto aparece em início, ou não-início, absoluto na oração. Em início absoluto, sabe-se, por ser uma regra prescrita, e talvez a mais divulgada, que há um maior monitoramento para que o clítico ocupe a posição pós-verbal.

- **Início absoluto:**

(133) *Vende-se uma chácara [...]. Quem pretender **dirija-se** á rua Visconde do Rio Branco, n 74.* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1890 – gênero Classificado).

(134) *Preso Joaquim Vicente de Moraes por ferir com bordoadas a Fiorencio Teixeira do Amaral; **procedeu-se** o auto do corpo de delicto neste, forão julgados leves os ferimentos.* (“O Tempo”, Rio Claro, 1885 – gênero Nota).

4.3.2.2 Grupos de Fatores observados quando o clítico pronominal está adjunto a um Complexo Verbal

Além de alguns dos grupos de fatores citados acima – **tipo de clítico, função sintática do clítico, presença (ou ausência) de possível proclisador na oração** e, agora, quanto ao complexo verbal hospedeiro do pronome clítico, **início (ou não-início) absoluto na oração** –, serão controlados outros quanto à posição do clítico pronominal em relação a mais de um verbo. Seguem-se abaixo.

4.3.2.2.1 Formas Verbais do primeiro verbo

Controlam-se as formas verbais de V1 para que sejam observadas possíveis influências desse fator em relação à colocação do clítico pronominal. Espera-se que com verbos dos tempos do modo Subjuntivo, por serem mais recorrentes em contextos de subordinação, haja um maior uso do pronome em posição pré-complexo verbal. Analisam-se os seguintes tempos e modos:

- **Presente do Indicativo:**

(135) *O dr. Faro [...] executa as operações de sua especialidade, pelos methods mais modernamente aconselhados, como já os tem feito em diversos doentes nesta capital e no norte da republica.* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1890 – gênero Classificado).

(136) *O inverno vem se aproximando, e traz na vanguarda a legião horrivel dos temporaes.* (“Correio do Oeste”, Rio Claro, 1880 – gênero Crônica).

- **Pretérito Perfeito do Indicativo:**

(137) [...] *um movimento de entusiasmo fez levantar-se quasi todo o salão.* (“O Estado de São Paulo” São Paulo, 1910 – gênero Nota).

(138) *O cocheiro, que conheceu as intenções da dama sopsou as rédeas, e com a maior destreza pôde evitar-lhe a morte.* (“Correio do Oeste”, Rio Claro, 1880 – gênero Notícia).

- **Pretérito Imperfeito do Indicativo:**

(139) [...] *José Lopes entendeu que devia fazel-o calar a tiros [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1915 – gênero Notícia).

(140) *Todas as tardes, sentava-me gostosamente na minha “preguiçosa” e me deixava transportar, para um mundo melhor para um mundo de sonhos.* (“A Semana Militar”, Rio Claro, 1920 – gênero Crônica).

- **Pretérito Mais-que-perfeito do Indicativo:**

(141) [...] *eil-o que recorre ao Larousse, operoso – não ha negar – mas que tem, nos assumptos de latinidade, o mesmo pezo de opinião que lhe houveramos de reconhecer na variada encyclopedia da historia [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1910 – gênero Resenha ou Crítica).

- **Futuro do Presente do Indicativo:**

(142) [...] *o governo só nos poderá livrar, multiplicando os seus cuidados.* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1900 – gênero Carta do Leitor).

(143) *Ninguem lhe poderá mudar o genio [...].* (“A Semana Militar”, Rio Claro, 1920 – gênero Artigo).

- **Futuro do Pretérito do Indicativo:**

(144) [...] dizendo que a França **continuará a interessar-se** pela manutenção da paz [...]. (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1910 – gênero Notícia).

(145) [...] pois, si reconhecesse para mais do que o verdadeiro o valor locativo de um predio, seria o proprietario contribuinte quem **o iria reclamar**, si inferior ao dito valor, prejudicaria a receita muncipal. (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1905 – gênero Edital).

- **Presente do Subjuntivo:**

(146) Do major fiscal do corpo policial, pedindo que **lhe seja arbitrada** uma gratificação [...]. (“A Província de São Paulo”, São Paulo, 1885 – gênero Edital).

(147) [...] o governo japonéz exigirá que **lhe seja entregue** a esquadra chinesa [...]. (“Diário do Rio Claro”, Rio Claro, 1894 – gênero Notícia).

- **Pretérito Imperfeito do Subjuntivo:**

(148) [...] o juiz ordenou que **lhe fosse garantida** a posse [...]. (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1895 – gênero Editorial).

(149) Se isso **nos fosse dito** por um menino [...]. (“Correio do Oeste”, Rio Claro, 1880 – gênero Editorial).

- **Futuro do Subjuntivo:**

(150) [...] e para uso de pessoas sadias que **quizerem nutrir-se** bem [...]. (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1895 – gênero Anúncio).

(151) [...] e outros generos que **lhes forem consignados**. (“Correio do Oeste”, Rio Claro, 1880 – gênero Aviso).

- **Imperativo Afirmativo:**

(152) Quem se julgar credor **queira-se apresentar** no prazo [...]. (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1900 – gênero Aviso).

(153) [...] e rogão aos amigos e freguezes que se quizerem utilizar de seus prestimos **queirão fazel-os** antes das horas marcadas. (“O Correio do Oeste”, Rio Claro, 1880 – gênero Aviso).

- **Infinitivo:**

(154) *Ao appear-se o illustre hospede e depois de se **fazerem ouvir** as duas bandas de musica locaes, o sr. capitão Aristocles Oscar da Matta e Silva, deu as boas vindas ao manifestado [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1910 – gênero Nota).

(155) *Pois segundo cá a minha abalisada opinião, devia mas era, para aguçar-lhes a curiosidade e picar-lhes na vaidade, **ir-lhes mostrando** este pequeno canto revolucionario a ponta de dedo [...].* (“O Tempo”, Rio Claro, 1885 – gênero Crônica).

- **Gerúndio:**

(156) *Uma senhora amiga minha ficou surprehendida e attonita quando uma vez, **querendo consolar-me** de uma contrariedade, me disse que era apenas temporaria, e eu lhe observei que tambem eu era temporario e tudo neste mundo, até ella.* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1920 – gênero Crônica).

(157) *E nada mais **havendo a tratar-se** o sr. Presidente levantou a sessão.* (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1910 – gênero Edital).

4.3.2.2.2 Forma Verbal do segundo verbo

A Forma Verbal de V2 também pode influenciar na posição realizada pelo pronome átono. Quando o verbo estiver no Infinitivo, espera-se maior ocorrência do clítico na posição pós-verbal. Quando se apresentar no Particípio, assim como postulado nos compêndios gramaticais, há forte restrição ao uso da ênclise. Ainda, deseja-se verificar a posição dos clíticos quando relacionados ao V2, sob a forma nominal Gerúndio.

- **Infinitivo:**

(158) *[...] na eleição de presidente que **deve realisar se** no dia 7 do corrente.* (“A Província de São Paulo”, São Paulo, 1885 – gênero Carta do Leitor).

(159) *[...] era como que o aviso prévio, de que aquella alma estava aniquilada e que em breve **teria que extinguir-se!*** (“A Semana Militar”, Rio Claro, 1920 – gênero Crônica).

- **Gerúndio:**

(160) *[...] o povo **foi-se agglomerando** á porta [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1895 – gênero Notícia).

(161) *O moço de talento que nos vem proporcionando o seu valioso concurso [...].* (“A Semana Militar”, Rio Claro, 1920 – gênero Nota).

- **Particípio:**

(162) *Tendo desaparecido de minha casa em 9 de setembro p. p. Josomino D’ Amante, que era meu empregado, rapaz de 15 a 16 annos [...] que até agora nem siquer escreveu a seu pai, apesar de este tel-o procurado aqui em Santos e no Rio de Janeiro [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1895 – gênero Carta do Leitor).

(163) *Si Deus me tivesse feito nascer com habilidade [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1905 – gênero Artigo).

4.3.2.2.3 Presença ou Ausência de elementos intervenientes entre os verbos do Complexo Verbal

Deve-se considerar a presença ou a ausência de elementos intervenientes no complexo verbal por se supor que esse elemento possa funcionar como um operador de próclise no interior da construção. Verifica-se a existência de preposições, conectores e até mesmo sintagmas, adverbiais ou nominais.

(164) *[...] os vereadores opposicionistas da camara receiosos de que a hypothese de uma deposição viesse a se realizar [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1900 – gênero Nota).

(165) Assim é que, aquelle, capitalista, **acaba de se inscrever** como irmão do Hospital da Santa Casa local. (“A Semana Militar”, Rio Claro, 1920 – gênero Nota).

(166) *Não o tivesse jamais feito!* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1920 – gênero Comentário).

(167) *A procuração que s. Thereza cassara ao sr. Jacome dos Santos foi-lhe de novo restituída.* (“A Província de São Paulo”, São Paulo, 1885 – gênero Aviso).

(168) *[...] é somente por ter o dono de retirar-se.* (“O Tempo”, Rio Claro, 1885 – gênero Classificado).

4.3.2.2.4 Tipo do Complexo verbal⁹⁸

Acredita-se que as diversidades entre os vários tipos de complexo verbal, aos quais os pronomes átonos estão relacionados – que são definidas a partir das naturezas de V1 e de V2, gerando várias possibilidades de combinação –, podem corresponder a diferenças na produtividade da colocação pronominal. Tem-se que outros estudos já evidenciaram esse tipo de correlação; assim, tenciona-se observar se os resultados obtidos neste estudo corroboram tal comportamento (cf. VIEIRA, 2002).

Dessa forma, têm-se os seguintes fatores, componentes desta variável:

- **Passiva do verbo *ser*:**

(169) *Ao chegar a casa um dia, encontro um pedaço de papel almasso [...], que ahi havia sido deixado para **me ser entregue**.* (“A Província de São Paulo”, São Paulo, 1880 – gênero Carta do Leitor).

(170) *Faço saber aos que este edital com praso de 30 dias virem ou delle noticia tiverem que por Ubaldino Leite Penteado **foi me feita** a petição do theor seguinte [...].* (“Diário do Rio Claro”, Rio Claro, 1894 – gênero Edital).

- **Tempos compostos mais estruturas aspectuais:**

(TER + PARTICÍPIO, HAVER + PARTICÍPIO, SER + GERÚNDIO, ESTAR + GERÚNDIO, ESTAR + PARTICÍPIO, IR + INFINITIVO, IR + GERÚNDIO, VIR + INFINITIVO, VIR + GERÚNDIO)

(171) *Não só na America Meridional como em mais de um paiz europeu **tem-se feito**, com desastrosos resultados, emissões excessivas de papel inconvertivel.* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1900 – gênero Nota).

(172) *O gerente desta casa convida os amigos e freguezes a **virem visital-a** [...].* (“Diário do Rio Claro”, Rio Claro, 1894 – gênero Anúncio).

- **Perífrases verbais modais e aspectuais:**

(HAVER + DE/QUE/A + INFINITIVO, TER + DE/QUE + INFINITIVO, PODER + INFINITIVO, DEVER + INFINITIVO, ACABAR + DE + INFINITIVO, COMEÇAR + A + INFINITIVO, PRINCIPIAR + A + INFINITIVO, PASSAR + A + INFINITIVO,

⁹⁸ A classificação utilizada quanto aos tipos de complexos verbais foi extraída, e modificada – consoante as particularidades desta pesquisa –, de Nunes (2009).

CONTINUAR + A + INFINITIVO, VOLTAR + A + INFINITIVO, TORNAR-SE + A + INFINITIVO, FICAR + A + INFINITIVO, COSTUMAR + INFINITIVO, entre outras construções)

(173) *Por essas amostras sugestivas é que eu já me sinto assaz inteirado daquelle de quem falo; porquanto os quilates de um doutor se **hãõ de tomar**, assim pela quantidade como, principalmente, pela qualidade [...] das fontes de sua erudição.* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1910 – gênero Resenha ou Crítica).

(174) *As feiras em Araras **devem realizar-se** nos dias 7 a 9 [...].* (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1905 – gênero Nota).

(175) *Depende d’este justo e nobre equilibrio a influencia benefica que o jornal deve exercer em uma sociedade cujos elementos de civilisação mal **começam a concretisar-se**.* (“A Província de São Paulo”, São Paulo, 1880 – gênero Editorial).

- **Complexos bioracionais:**

(PRETENDER, QUERER, DESEJAR, PROCURAR, PREFERIR, DIZER, FAZER, SABER, MANDAR, DEIXAR, TENTAR, CONSEGUIR, PERMITIR, entre outros verbos)

(176) *Por pouco que não matou o urbano que **tentou detel-o** em sua fúria.* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1890 – gênero Notícia).

(177) *A Camara recorrida, elaborando o orçamento que se **pretende annullar**, não violou disposição alguma de lei federal ou estadual [...].* (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1905 – gênero Edital).

5 DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

Os resultados apresentados, quantificados pelo programa GOLDVARB-X, a partir de análises unidimensionais e multidimensionais⁹⁹ e determinados cruzamentos, são provenientes dos jornais “A Província de São Paulo”, dos anos de 1880 e 1885, e “O Estado de São Paulo”, dos anos de 1890, 1895, 1900, 1905, 1910, 1915 e 1920, da capital do estado de São Paulo, e os jornais “Correio do Oeste”, de 1880, “O Tempo”, de 1885, “Diário do Rio Claro”, de 1894, “O Rio Claro”, dos anos de 1900, 1905, 1910 e 1915, e “A Mocidade” e “A Semana Militar”, de 1920, da cidade de Rio Claro, como mencionado anteriormente.

Apresentam-se, separadamente, as análises realizadas para os contextos em que o clítico pronominal está adjungido a um único verbo e a um complexo verbal. No primeiro caso, os resultados são oriundos de observações referentes à manifestação das variáveis independentes extralinguísticas e linguísticas apontadas, pelo tratamento estatístico realizado pelo programa, como as que atuam de forma mais relevante sobre a posição dos pronomes clíticos na oração; no que concerne às ocorrências de complexos verbais, por serem análises restritas a cálculos de frequência¹⁰⁰, faz-se um levantamento da percentagem de aplicação de cada variante da variável dependente para cada um dos fatores que compõem as variáveis independentes consideradas, indicando-se também os números absolutos. Em relação às análises dos dados, foram feitas, primeiramente, rodadas voltadas à observação das interferências, quanto à colocação pronominal, das variáveis extralinguísticas e, posteriormente, verificaram-se as peculiaridades das variáveis linguísticas. Por fim, depois de feitos os cruzamentos dessas variáveis e das variáveis independentes linguísticas entre si, foram considerados aqueles de maior relevância à interpretação dos resultados¹⁰¹.

Na tabela a seguir são mostrados os números de ocorrências dos clíticos pronominais, de acordo com os contextos – lexias verbais simples e complexos verbais – em que são averiguados, nos referidos jornais, num total de **3.914** dados.

⁹⁹ Ver notas de rodapé 15 e 16.

¹⁰⁰ Segundo Lawrence, Robinson e Tagliamonte (2001), a análise de multivariância só é possível quando houver arquivado um conjunto de resultados com um valor de aplicação binário (isto é, não mais que dois fatores especificados para a variável dependente) que tenha variação em todo fator.

¹⁰¹ Deve-se lembrar, como já citado anteriormente, que os contextos referentes a lexias verbais simples e a complexos verbais foram rodados separadamente, assim como também foram separados – para as rodadas no GOLDVARB-X – os dados provenientes da cidade de São Paulo e da cidade de Rio Claro. Por fim, diante dos interesses desta pesquisa, optou-se, ainda, por rodadas diferenciadas entre as análises das variáveis linguísticas e das variáveis não-linguísticas.

	Jornais/São Paulo	Jornais/Rio Claro	Total
Lexias Verbais Simples	2785	546	3331
Complexos Verbais	463	120	583
Total	3248	666	3914

Tabela 1 – Distribuição geral das ocorrências de clíticos pronominais nos jornais das cidades de São Paulo e de Rio Claro.

Dentre as justificativas para esclarecer a significativa diferença, em termos quantitativos, das ocorrências dos pronomes clíticos presentes nos jornais das cidades de São Paulo e Rio Claro, pode-se indicar que, lembrando-se da diversidade de periódicos analisados para o município de Rio Claro, os exemplares investigados da cidade interiorana apresentavam particularidades quanto à sua organização e, também, quanto às funções de alguns textos neles publicados, acarretando maior ou menor volume de material escrito e a exclusão, embora de um número pouco representativo, de alguns desses textos – a saber: folhetins, poesias e textos reproduzidos de outros jornais – para a coleta de dados.

Na sequência, os resultados são expostos segundo as especificações descritas anteriormente.

5.1 Lexias Verbais Simples: Próclise x Ênclise

Do total de 3.914 clíticos pronominais encontrados, **3.331** estavam adjuntos a um único verbo, constando **2.785** nos jornais da cidade de São Paulo e **546** nos periódicos de Rio Claro, como descrito na tabela 1. Dentre os dados obtidos nas publicações da capital do estado, **983** pronomes ocupavam a posição pré-verbal e **1.802** a posição pós-verbal, enquanto nas produções rioclarenses, foram coletadas **236** ocorrências de pronomes proclíticos e **310** de pronomes enclíticos, como pode ser visto, a partir dos percentuais, nos gráficos 1 e 2, a seguir.

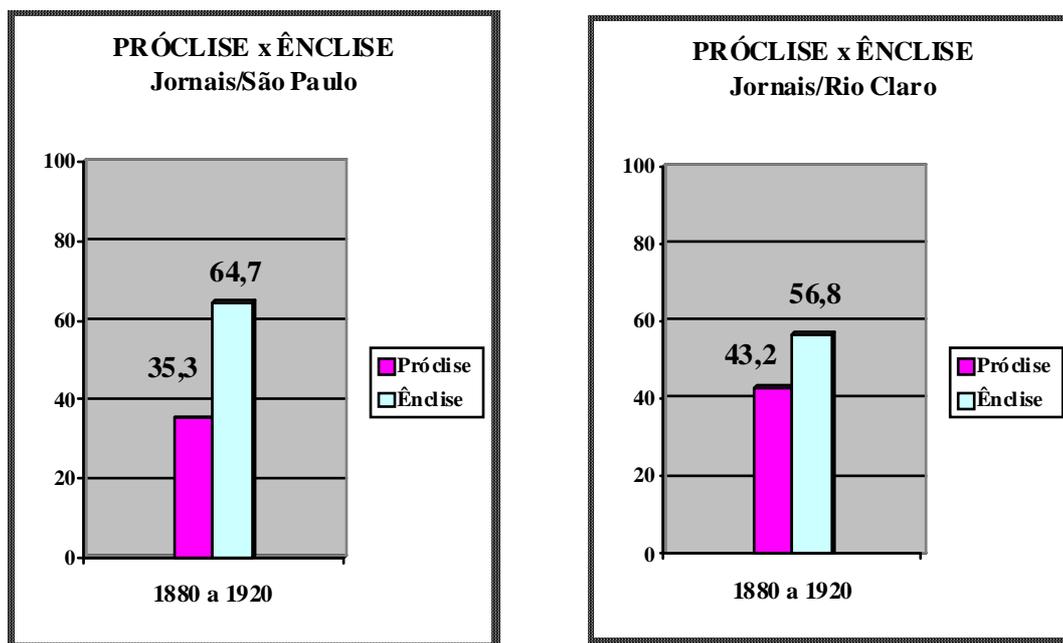


Gráfico 1

Gráfico 2

Distribuições gerais das ocorrências de próclise e ênclise em lexias verbais simples, nos jornais das cidades de São Paulo e de Rio Claro, de 1880 a 1920.

Considerando-se, de um modo geral, os percentuais dos usos dos pronomes clíticos nas posições pré-verbal e pós-verbal, nos jornais oriundos das duas localidades em questão, sem, nesse momento, atentar-se aos contextos linguísticos em que figuram, pode-se supor a não comprovação de uma das hipóteses desta pesquisa: por um lado, de que na cidade de São Paulo, por ser uma localidade densamente mais povoada, onde a fermentação da vida é mais intensa, seria mais expressiva a frequência do uso da próclise – apontada, naquela época, como uma tendência maior de uso do PB. Por outro lado, de que em Rio Claro, devido ao seu perfil mais conservador, o contrário seria notado: um predomínio altamente significativo do uso da ênclise. No entanto, os resultados gerais revelaram correlações exatamente opostas às esperadas, indicando a necessidade de aprofundar e refinar a análise.

5.1.1 Lexias Verbais Simples: Variáveis Independentes Extralinguísticas selecionadas¹⁰²

Dentre as variáveis independentes extralinguísticas consideradas nesta pesquisa, descritas na subseção 4.3.1, foram indicadas as variáveis **jornal estudado** e **gênero textual**,

¹⁰² Os resultados, referentes às análises das variáveis independentes extralinguísticas e linguísticas, são apresentados segundo a ordem em que essas variáveis estão dispostas na seção 4.

como os grupos de fatores mais significativos quanto à motivação da colocação do pronome clítico em determinada oração. Abaixo, os números absolutos, os percentuais, os pesos relativos e, quando necessário, certos cruzamentos, particularmente da variável independente extralinguística **gênero textual** com determinadas variáveis independentes linguísticas, são explicitados.

5.1.1.1 Variável JORNAL ESTUDADO

As análises dos dados da cidade de São Paulo indicaram a variável **jornal estudado**, no que diz respeito à interferência que pode apresentar quanto à colocação pronominal, como a segunda mais relevante, ao mesmo tempo em que a considerou o primeiro grupo de fatores descartado. Segundo Sankoff (1988), quando uma variável é selecionada pelo *step-up* e eliminada pelo *step-down*, diz-se que é uma variável de *status* indefinido.

Deve-se reputar que os fatores que compõem esta variável são “A Província de São Paulo” e “O Estado de São Paulo”, isto é, o mesmo jornal, nomeados, por questões históricas, diferentemente. Desse modo, o número de exemplares examinados de cada periódico também diverge, sendo observados 2 do primeiro e 7 do último. Os resultados, tendo-se em conta os percentuais, mostram-se bastante semelhantes. Porém, a partir da observação dos pesos relativos, atentando-se à posição pré-verbal, assegura-se o jornal “O Estado de São Paulo” como o mais propenso ao uso da próclise. Nas tabelas seguintes – 2 e 3 – essas informações podem ser consultadas.

	Próclise		Ênclise		Total	
<i>A Província de São Paulo</i>	N-113	%-36.2	N-199	%-63.8	N-312	%-11.2
<i>O Estado de São Paulo</i>	N-870	%-35.2	N-1603	%-64.8	N-2473	%-88.8
Total	N-983	%-35.3	N-1802	%- 64.7	N-2785	

Tabela 2 – Número de ocorrências e percentuais da colocação dos pronomes clíticos em lexias verbais simples nos jornais da cidade de São Paulo, de 1880 a 1920.

	Próclise	Ênclise
<i>A Província de São Paulo</i>	0.390	0.610
<i>O Estado de São Paulo</i>	0.514	0.486

Tabela 3 – Pesos relativos da colocação dos pronomes clíticos em lexias verbais simples nos jornais da cidade de São Paulo, de 1880 a 1920.

Quanto aos dados dos jornais rioclarenses, as análises multidimensionais referentes a eles selecionaram esta variável como o grupo de fator mais relevante. As especificidades de cada jornal, interferindo na posição do clítico pronominal, podem ser as responsáveis por essa indicação. Entretanto, julgando-se necessário à construção das identidades dos jornais conhecer, além de aspectos formais, suas características sócio-históricas, culturais e políticas, pouco pode ser relatado a respeito dos periódicos interioranos em questão, devido à falta de uma bibliografia que contenha essas informações¹⁰³.

Contudo, é válido notar os resultados obtidos em relação à colocação pronominal nesses periódicos, comprovando-se o predomínio do pronome enclítico, exceto no jornal “A Semana Militar”, de 1920, que, em que grande parte dos seus textos, se comparado aos outros periódicos rioclarenses, aborda assuntos menos solenes. A tabela 4, a seguir, indica os números de ocorrências de próclise e ênclise e os seus respectivos percentuais, de acordo com os jornais avaliados de Rio Claro.

	Próclise		Ênclise		Total	
	N	%	N	%	N	%
<i>Correio do Oeste</i>	N-36	%-48	N-39	%-52	N-75	%-13.7
<i>O Tempo</i>	N-18	%-27.3	N-48	%-72.7	N-66	%-12.1
<i>Diário do Rio Claro</i>	N-26	%-35.1	N-48	%-64.9	N-74	%-13.6
<i>O Rio Claro</i>	N-94	%-46.5	N-108	%-53.5	N-202	%-37
<i>A Mocidade</i>	N-20	%-34.5	N-38	%-65.5	N-58	%-10.6
<i>A Semana Militar</i>	N-42	%-59.2	N-29	%-40.8	N-71	%-13
Total	N-236	%-43.2	N-310	%-56.8	N-546	

Tabela 4 – Número de ocorrências e percentuais da colocação dos pronomes clíticos em lexias verbais simples nos jornais da cidade de Rio Claro, de 1880 a 1920.

Logo após, evidenciam-se os pesos relativos resultantes das análises multidimensionais realizadas com os dados dos jornais interioranos. O uso da próclise é mais favorecido nos jornais “A Semana Militar” e “Correio do Oeste”, respectivamente. Ressalta-se, ainda, o equilíbrio entre os índices, que assinalam tendência à próclise e à ênclise, no jornal “A Mocidade”.

¹⁰³ Essa questão está mais detalhada na subseção 4.3.1.2.2.

	Próclise	Ênclise
<i>Correio do Oeste</i>	0.625	0.375
<i>O Tempo</i>	0.386	0.614
<i>Diário do Rio Claro</i>	0.426	0.574
<i>O Rio Claro</i>	0.446	0.554
<i>A Mocidade</i>	0.501	0.499
<i>A Semana Militar</i>	0.694	0.306

Tabela 5 – Pesos relativos da colocação dos pronomes clíticos em lexias verbais simples nos jornais da cidade de Rio Claro, de 1880 a 1920.

Desse modo, generalizando-se (já que, até aqui, ainda não houve o detalhamento dos possíveis contextos das orações em que os clíticos pronominais estão inseridos), pode-se afirmar a dominância dos pronomes enclíticos, na maior parte dos jornais paulistas aqui considerados. No entanto, ainda que em termos de frequência não haja representativa diferença, os dados de “O Estado de São Paulo” apresentam, em relação à próclise, peso relativo mais significativo, se comparado com “A Província de São Paulo”, podendo-se, então, apontar uma possível postura levemente menos normativa, se considerado o fenômeno da colocação pronominal, nos exemplares desse periódico. Deve-se considerar, para tal fato, o perfil de “O Estado de São Paulo”, no decorrer dos anos, e a plausível busca pela aproximação do leitor, refletindo também nos usos linguísticos, ressaltando-se que, mesmo que a norma-padrão vigente naquela época refletisse a norma do PE, no contexto linguístico brasileiro coexistiam outras normas. Quanto aos jornais rioclarenses, a ressalva feita sobre o periódico “A Semana Militar” pode se estender ao jornal “A Mocidade” e, em relação ao jornal “Correio do Oeste”, o exemplar que o representava era constituído, em notável parte, de textos considerados produzidos com menor monitoramento.

5.1.1.2 Variável GÊNERO TEXTUAL

No que concerne à variável independente extralinguística **gênero textual**, pode-se mencionar que, de acordo com as funções comunicativas que seus discursos desempenhavam e com as características textuais que apresentavam, atentando-se às singularidades de cada um, os gêneros foram, primeiramente, identificados, e nomeados – ressaltando-se, novamente, o caráter conflituoso dessa classificação, por se tratar de produções do final do século XIX e início do século XX –, para, então, averiguar as posições dos clíticos pronominais em cada texto selecionado.

Desse modo, a fim de que sejam encontradas respostas a uma das hipóteses estabelecidas nesta pesquisa – a saber, a de que os textos que circulam nos jornais possam ser fonte de formas ou construções linguísticas conservadoras e inovadoras, considerando-se a presença (ou ausência) dessas unidades diretamente relacionadas com o gênero que cada um desses textos materializa – convém reforçar a imprescindibilidade de uma caracterização pormenorizada dos gêneros textuais observados nos jornais analisados em questão.

Assim, como descrito na subseção 4.3.1.4, foram elencados os seguintes gêneros textuais, presentes nos jornais das cidades de São Paulo e de Rio Claro: **Editais**, **Editoriais**, **Notícias**, **Notas**, **Comentários**, **Avisos**, **Artigos**, **Resenhas** ou **Críticas**, **Crônicas**, **Carta do Leitor**, **Anúncios** e **Classificados**. Segundo os traços peculiares desses gêneros textuais, espera-se observar realidades diversas, quanto à colocação pronominal, em cada um deles, isto é, ora a predominância do pronome enclítico ora a do pronome proclítico, de acordo com o gênero textual averiguado.

Acredita-se que os gêneros **Editais**, **Notícias** e **Avisos**, embora em escalas diferentes – já que o **Edital**, por exemplo, em consequência da sua função, essencial, de documento oficial, caracteriza-se pelo seu caráter demasiadamente rígido –, assegurem, como resultado de suas estruturas organizacionais e de seus conteúdos detalhados, um uso mais representativo da forma (em geral considerada) conservadora, a ênclise.

Pode-se dizer, quanto aos gêneros **Anúncio** e **Classificado**, que, embora pudessem possibilitar aos indivíduos maior liberdade de criação, devido à diversidade de temas que abrangem, apresentam-se redigidos, quase, invariavelmente, sob as mesmas formas, privilegiando, no que concerne ao fenômeno linguístico aqui examinado, também, a colocação enclítica.

Por outro lado, espera-se nos gêneros textuais **Editorial**, **Artigo**, **Resenha** ou **Crítica**, **Crônica** e **Carta do Leitor** a incorporação de usos linguísticos variados, destacando-se, referente ao clítico pronominal, a posição pré-verbal. Tal apontamento, no caso do gênero **Editorial**, deve-se por sua característica de apresentar ao leitor determinado acontecimento e persuadi-lo a adotar a sua opinião, utilizando-se de formas mais usuais, e, quanto aos demais gêneros – **Artigo**, **Resenha** ou **Crítica**, **Crônica** e **Carta do Leitor** –, por poderem retratar os assuntos mais diversos e por apresentarem finalidades as mais distintas, salientando-se, muitas vezes, características associadas ao próprio escritor.

Por fim, no que concerne aos gêneros **Nota** e **Comentário**, se considerados o dinamismo e a brevidade de seus textos, apostando-se na transmissão clara e direta de determinada mensagem, presume-se maior aceitação da próclise; no entanto, consoante a

finalidade dessas produções, isto é, de acordo com a intenção de quem os produz, pode-se verificar formas mais rebuscadas, acentuando-se, também, a ocorrência da ênclise.

Os resultados obtidos, em relação à posição dos pronomes clíticos, de acordo com os gêneros textuais – variável independente extralinguística selecionada como a primeira mais relevante na análise dos dados dos jornais de São Paulo e a segunda mais significativa referente às informações dos jornais de Rio Claro –, podem ser apurados nas tabelas seguintes.

	Próclise		Ênclise		Total	
	N	%	N	%	N	%
Resenha ou Crítica	N-29	%-72.5	N-11	%-27.5	N-40	%-1.5
Editorial	N-65	%-65	N-35	%-35	N-100	%-3.7
Artigo	N-57	%-60.6	N-37	%-39.4	N-94	%-3.5
Carta do Leitor	N-144	%-57.1	N-108	%-42.9	N-252	%-9.3
Comentário	N-20	%-51.3	N-19	%-48.7	N-39	%-1.4
Aviso	N-104	%-49.1	N-108	%-50.9	N-212	%-7.9
Edital	N-78	%-42.9	N-104	%-57.1	N-182	%-6.7
Notícia	N-249	%-41	N-358	%-59	N-607	%-22.5
Nota	N-97	%-28.4	N-245	%-71.6	N-342	%-12.7
Anúncio	N-73	%-18.9	N-314	%-81.1	N-387	%-14.3
Classificado	N-12	%-2.7	N-435	%-97.3	N-447	%-16.5
Total	N-928	%-34.3	N-1774	%-65.7	N-2702	

Tabela 6¹⁰⁴ – Número de ocorrências e percentuais dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com os gêneros textuais dos jornais da cidade de São Paulo, de 1880 a 1920.

	Próclise	Ênclise
Resenha ou Crítica	0.859	0.141
Editorial	0.832	0.168
Artigo	0.830	0.170
Carta do Leitor	0.783	0.217
Comentário	0.722	0.278
Aviso	0.702	0.298
Edital	0.639	0.361
Notícia	0.620	0.380
Nota	0.493	0.507
Anúncio	0.356	0.644
Classificado	0.062	0.938

Tabela 7 – Pesos relativos da colocação dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com os gêneros textuais dos jornais da cidade de São Paulo, de 1880 a 1920.

¹⁰⁴ O gênero Crônica foi encontrado no periódico de 1920. Por estar presente apenas em um exemplar, foi desconsiderado da análise.

Identifica-se, nos dados retirados dos jornais de São Paulo, significativa relação entre as considerações, descritas acima, e os resultados averiguados.

Quanto aos dados dos gêneros **Editais**, **Notícia** e **Aviso** – ainda que o último apresente uma diferença bastante comedida entre as ocorrências de próclise e ênclise (cf. tabela 6) –, pode-se dizer que confirmariam a tendência de que a ênclise prevalece em textos com estrutura e papel a desempenhar mais cuidadosos, sendo produzidos, então, com maior monitoramento. No entanto, os pesos relativos apontam para a próclise.

Os resultados provenientes dos gêneros **Editorial**, **Artigo**, **Resenha** ou **Crítica** e **Carta do Leitor** permitem afirmar a predominância da próclise em textos que, muitas vezes, principalmente de acordo com os temas que retratam, procuram construir um lugar de familiaridade para a relação enunciador/enunciatório, qualificando-se como mais subjetivos.

O fato dos gêneros **Anúncio** e **Classificado** apresentarem predomínio relevante do uso do pronome enclítico – no caso do **Classificado**, a posição pós-verbal é praticamente categórica, apresentando tendência ao uso da próclise de apenas 0.062 – corrobora a ideia de possuírem certo grau de rigidez, através do uso de expressões cristalizadas.

O comportamento dos gêneros **Nota** e **Comentário** revela orientações diversas, quanto à posição do pronome clítico nos textos que os materializam. No gênero **Nota**, as frequências indicam expressiva diferença entre os usos dos pronomes proclíticos e enclíticos e, no gênero **Comentário**, assinalam representativo equilíbrio entre eles. Quanto aos pesos relativos, naquele gênero se nota uma tendência discreta à ênclise (0.507) e, neste, notável significância da próclise (0.722). Desses resultados, portanto, pode-se dizer que esses fatores não se mostram relevantes, por si sós, para explicar a variação.

Por fim, apesar dos dados pertencentes ao gênero **Crônica** haverem sido excluídos da análise, como mencionado em nota de rodapé, cabe destacar, nele, a dominância do uso da próclise em relação à ênclise (37 dados – 69.8% x 16 dados – 30.2%), confirmando-se, novamente, a hipótese aqui descrita.

As tabelas 8 e 9, a seguir, referem-se aos dados provenientes dos jornais de Rio Claro.

	Próclise		Ênclise		Total	
	N	%	N	%	N	%
Edital	N-67	%-62.6	N-40	%-37.4	N-107	%-19.9
Artigo	N-24	%-66.7	N-12	%-33.3	N-36	%-6.7
Comentário	N-14	%-56	N-11	%-44	N-25	%-4.7
Editorial	N-19	%-52.8	N-17	%-47.2	N-36	%-6.7
Crônica	N-39	%-45.9	N-46	%-54.1	N-85	%-15.8
Notícia	N-8	%-33.3	N-16	%-66.7	N-24	%-4.5
Anúncio	N-22	%-30.6	N-50	%-69.4	N-72	%-13.3
Carta do Leitor	N-20	%-29	N-49	%-71	N-69	%-12.8
Nota	N-12	%-26.7	N-33	%-73.3	N-45	%-8.4
Classificado	N-5	%-18.5	N-22	%-81.5	N-27	%-5
Aviso	N-2	%-16.7	N-10	%-83.3	N-12	%-2.2
Total	N-232	%-43.1	N-306	%-56.9	N-538	

Tabela 8¹⁰⁵ – Número de ocorrências e percentuais dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com os gêneros textuais dos jornais da cidade de Rio Claro, de 1880 a 1920.

	Próclise	Ênclise
Edital	0.743	0.257
Artigo	0.722	0.278
Comentário	0.622	0.378
Editorial	0.609	0.391
Crônica	0.469	0.531
Notícia	0.438	0.562
Anúncio	0.382	0.618
Carta do Leitor	0.344	0.656
Nota	0.334	0.666
Classificado	0.239	0.761
Aviso	0.195	0.805

Tabela 9 – Pesos relativos da colocação dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com os gêneros textuais dos jornais da cidade de Rio Claro, de 1880 a 1920.

Os resultados, para os dados rioclarenses, apontam, comparando-os aos resultados dos jornais paulistanos, discreta comprovação da hipótese proposta.

Os gêneros **Notícia**, **Aviso**, **Editorial**, **Artigo**, **Anúncio** e **Classificado** apresentam os resultados esperados. No entanto, admira-se o fato dos gêneros **Edital** e **Carta do Leitor** apresentarem resultados bastante destoantes entre as ocorrências de pronomes proclíticos e enclíticos, apresentando o **Edital** o maior índice à próclise (0.743) e a **Carta do Leitor** mostrando uma correlação maior com a ênclise (0.656). O gênero **Crônica** apresenta alternância equilibrada entre os pronomes em posições pré e pró-verbais.

¹⁰⁵ Ainda foi encontrado no jornal de 1880, da cidade de Rio Claro, o gênero Resenha ou Crítica. Por estar presente apenas em um exemplar, foi desconsiderado da análise.

Quanto aos gêneros **Nota** e **Comentário**, finalmente, observam-se comportamentos distintos. No gênero **Nota**, as frequências marcam diferença expressiva entre os usos dos pronomes em posições pré e pós-verbal e os pesos relativos indicam maior tendência à ênclise (0.666); acerca do gênero **Comentário**, os percentuais, de forma menos destoante, assinalam maior propensão ao uso do pronome proclítico, confirmando-se essa posição, quando atestados os pesos relativos (0.622 – próclise x 0.378 – ênclise). Em termos, a observação feita a esses dois gêneros, quando analisados nos jornais paulistanos, estende-se aos jornais da cidade de Rio Claro.

Assim, de acordo com as propensões aos usos da ênclise e da próclise, apresentam-se dispostos, da forma explicitada abaixo, os gêneros textuais dos referidos jornais:

Ênclise < ----- > Próclise
Jornais da cidade de São Paulo
Classificado > Anúncio > Nota > Notícia > Aviso > Carta do Leitor > Artigo > Resenha ou Edital Comentário Editorial Crítica
Jornais da cidade de Rio Claro
Aviso > Classificado > Nota > Anúncio > Notícia > Editorial > Artigo Carta Crônica Comentário Edital do Leitor

Quadro 8 – Distribuição geral dos gêneros textuais entre as predominâncias dos usos dos pronomes enclíticos e proclíticos nos jornais das cidades de São Paulo e de Rio Claro, de 1880 a 1920, para lexias verbais simples.

Aposta-se, em primeiro plano, para a explicação das realidades divergentes, quanto à colocação pronominal, nos gêneros textuais presentes nos jornais das cidades de São Paulo e de Rio Claro, que, embora haja certos aspectos que possibilitem determinadas caracterizações, e possíveis uniformizações, dos gêneros, há, também, de acordo com as funções e as intenções pré-estabelecidas, admissíveis particularidades entre, por exemplo, dois ou mais textos que materializam o mesmo gênero textual. Essas especificações podem ser, entre outros motivos, reflexos do exemplar em questão analisado. Assim, em segundo plano, para as diferenças no quadro acima assinaladas, tem-se que os jornais escolhidos, nesta investigação, apresentavam traços semelhantes, não idênticos. Convém, então, ressaltar a necessidade de serem consideradas as peculiaridades dos materiais utilizados e, paradoxalmente, a dificuldade encontrada, por parte dos pesquisadores, para o resgate histórico dessas informações, em estudos que lidam com o emprego de textos da mídia escrita.

Ainda, em busca de uma melhor compreensão dos índices obtidos, verificam-se os resultados dos cruzamentos entre as informações relativas aos gêneros textuais com aquelas oriundas das variáveis independentes linguísticas. Torna-se, então, possível atribuir algumas considerações às naturezas de determinados gêneros textuais, atentando-se, também, às possíveis particularidades de alguns, de acordo com as localidades – São Paulo ou Rio Claro – dos jornais em que eles estão inseridos.

Os gêneros **Anúncio**, **Classificado** e **Editorial**, nos exemplares paulistanos e nos rioclarenses, quando cruzados os seus resultados com os resultados provenientes da variável independente linguística **tipo de clítico**, mostram-se, de modo geral, os dois primeiros, abertos ao uso predominante da ênclise e, o último, totalmente acessível à colocação proclítica.

Nos jornais da cidade de São Paulo, na amostra utilizada para realizar os cruzamentos, composta de **495** dados (procedimento melhor detalhado na próxima subseção), foram observados, no gênero **Resenha** ou **Crítica**, independentemente do **tipo de clítico**, o uso quase categórico da próclise. Dos **21** dados de pronomes clíticos computados, **20** aparecem em posição pré-verbal. Deve-se lembrar que o mesmo gênero foi excluído das análises, referente aos jornais rioclarenses, por estar presente em apenas um exemplar, o de 1880 (cf. nota 105).

Os gêneros **Artigo** e **Carta do Leitor**, nos jornais da cidade de Rio Claro, apresentam, em seus traços, os representativos domínios do pronome proclítico e enclítico, respectivamente, não dependendo das relações com o **tipo de clítico**. Quanto à **Carta do Leitor**, como mencionado anteriormente, os resultados diferem do que a hipótese inicial marcava como esperado. O gênero **Artigo**, presente nos jornais paulistas, aqui – nos cruzamentos – não foi considerado, por apresentar apenas um total de **8** dados. Quanto à **Carta do Leitor**, ainda nesses periódicos, referente ao tipo de clítico, apresentam de uma soma de **12, 6** em posição pré-verbal e **6** em posição pós-verbal.

O cruzamento da variável **gênero textual** com a variável **função do clítico**, revela as seguintes ponderações: no caso dos jornais da cidade de São Paulo, o gênero textual **Editorial** assinala predominância em relação à **função do clítico**, já que privilegia a próclise, mesmo quando observados pronomes em função de **Inerência/Reflexividade**, **Indeterminação** e **Apassivação** que, de um modo geral, propiciam a ênclise; os gêneros **Anúncio**, **Classificado** e **Resenha** ou **Crítica** mantêm, os dois primeiros, a tendência à ênclise – exceto no registro de **1** dado com pronome proclítico, exercendo a função de **Acusativo**, no gênero **Classificado** – e, o último, o uso quase categórico da próclise, também, independentemente das funções dos

clíticos. Quanto aos jornais rioclarenses, a mesma tendência observada nos jornais paulistanos, referente aos gêneros **Anúncio** e **Classificado**, pode ser, aqui, descrita. Deve-se ressaltar, ainda, nesses jornais, a notável interferência do gênero **Edital** no uso do pronome proclítico, acentuando-se essas ocorrências inclusive com clíticos nas funções **Inerência/Reflexividade**, **Indeterminação** e **Apassivação**.

Nota-se, então, a não relevância das variáveis **tipo de clítico** e **função do clítico**, quando cruzados os seus resultados com a variável **gênero textual**.

As relações entre as variáveis **gênero textual** e **formas verbais**, parecem indicar maior relevância das características do verbo, quanto à posição ocupada pelo clítico pronominal, nos jornais de ambas as localidades, São Paulo e Rio Claro. Os tempos do **Modo Subjuntivo** e o **Imperativo Afirmativo** levam, quase categoricamente, à próclise, e, as **Formas Nominais**, em grande maioria, à ênclise. No entanto, os tempos do **Modo Indicativo**, por apresentarem, de forma geral, equilibrada alternância entre as posições pré e pós-verbal, quando relacionados às ocorrências de acordo com os gêneros, podem apresentar maior ou menor incidência de determinada posição dos clíticos a partir de aspectos particulares desses gêneros. Assim, nos gêneros **Editorial**, **Anúncio** e **Classificado**, prevalecem, nos jornais de São Paulo e de Rio Claro, com verbos nesses tempos, o uso da próclise, no primeiro gênero, e o uso da ênclise, nos outros dois. O gênero **Resenha** ou **Crítica**, nos exemplares da capital paulista, revelam um uso dominante da próclise com verbos nos tempos do **Modo Indicativo** e, nos exemplares de Rio Claro, o mesmo se observa quanto aos dados presentes no gênero **Edital**.

A colocação pronominal de acordo com as relações entre o **gênero textual** em que o clítico está inserido e o **tipo de verbo**, do ponto de vista lógico-semântico – a saber: **Ação**, **Ação-Processo**, **Processo** e **Estado** –, ao qual está adjungido revela que são as especificidades de cada gênero textual que determinam a posição ocupada pelo clítico, tanto nos jornais da cidade de São Paulo quanto nos jornais da cidade de Rio Claro.

Ao se cruzar o **gênero textual** com as variáveis independentes linguísticas **presença (ou ausência) de elemento proclisador na oração** e **início (ou não-início) absoluto da oração pelo verbo hospedeiro do clítico**, constata-se, claramente, que, nos jornais das duas cidades em questão, independentemente de qual gênero textual observado, se há o elemento proclisador na oração, há o predomínio da próclise e, em contextos de início absoluto, há o domínio da ênclise.

A partir de alguns dos resultados averiguados nos cruzamentos realizados, pode-se inferir, generalizando-se, quanto aos gêneros **Editorial**, **Anúncio** e **Classificado**, usos que

tendem à próclise, naquele gênero, e usos que favorecem a ênclise, nestes dois últimos, visto que o comportamento dos clíticos pronominais nesses gêneros, em grande maioria, não difere nos referidos jornais paulistas. Desse modo, portanto, pode-se concluir, quanto a esses gêneros, que as posições ocupadas pelos pronomes clíticos são motivadas por questões de suas naturezas e, também, por determinados fatores linguísticos, em particular aqueles que, de acordo com a norma-padrão, determinam o uso obrigatório do pronome clítico em posição pré ou pós-verbal, como as duas variáveis independentes linguísticas mencionadas no parágrafo anterior.

5.1.2 Lexias Verbais Simples: Variáveis Independentes Linguísticas selecionadas

Quanto ao controle das variáveis independentes linguísticas, fez-se um recorte na amostra de dados analisados, compondo-se, assim, uma sub-amostra. Dos jornais da cidade de São Paulo, foram extraídos **495** dados, considerando-se **55** dados de cada exemplar paulistano – escolhidos entre os primeiros e os últimos presentes em cada periódico, anteriormente organizados para as rodadas referentes às análises das variáveis extralinguísticas. Optou-se por essa quantidade de dados, baseando-se no número de dados presentes nos jornais de Rio Claro, a fim de que o total de dados analisados de ambas as localidades fosse aproximado. Os periódicos de Rio Claro, para esse conjunto de análises, totalizaram **488** ocorrências de clíticos pronominais. Deve-se ressaltar que, para essas observações, os dados provenientes do jornal rioclarense “A Mocidade”, de 1920, foram excluídos, devido aos poucos traços, em termos funcionais, que o assemelhavam aos demais periódicos.

As primeiras rodadas, para os dados oriundos dos jornais das duas localidades, apresentaram *knockouts* – que, no decorrer desta apresentação, quando necessário, serão comentados –, excluídos posteriormente. Assim, no total, para as análises em função das variáveis independentes linguísticas, foram computados **903** usos de pronomes clíticos, divididos entre **441**, referentes aos jornais da cidade de São Paulo, e **462**, representantes dos jornais interioranos.

O quadro abaixo aponta quais variáveis independentes linguísticas foram selecionadas e eliminadas, das primeiras às últimas, nas análises multidimensionais, referentes aos dados dos jornais das cidades de São Paulo e de Rio Claro. Na sequência, detalham-se cada variável e qual a sua significância para a motivação da posição dos pronomes clíticos nas orações.

Variáveis Independentes Linguísticas selecionadas.	
Jornais da cidade de São Paulo	Jornais da cidade de Rio Claro
1ª. Presença ou Ausência de elemento proclisador na oração; 2ª. Formas verbais; 3ª. Verbo hospedeiro do pronome clítico em início, ou não-início, absoluto na oração; 4ª. Função do clítico, e 5ª. Tipo de verbo, do ponto de vista lógico-semântico.	1ª. Presença ou Ausência de elemento proclisador na oração; 2ª. Formas verbais; 3ª. Verbo hospedeiro do pronome clítico em início, ou não-início, absoluto na oração, e 4ª. Tipo de clítico.
Variáveis Independentes Linguísticas eliminadas.	
Jornais da cidade de São Paulo	Jornais da cidade de Rio Claro
1ª. Tipo de clítico.	1ª. Função do clítico, e 2ª. Tipo de verbo, do ponto de vista lógico-semântico.

Quadro 9 – Relação das variáveis independentes linguísticas selecionadas e eliminadas, ordenadas segundo os maiores valores de significância, a partir das análises dos dados presentes nos jornais das cidades de São Paulo e de Rio Claro, para lexias verbais simples.

5.1.2.1 Variável TIPO DE CLÍTICO

A variável independente linguística **tipo de clítico** foi o primeiro, e único, grupo de fatores eliminado nos dados pertencentes aos jornais da capital do estado. Entretanto, cabe evidenciar o número de pronomes clíticos, segundo o tipo, presente nos dados dos jornais de São Paulo, sobressaindo-se a expressiva quantidade de pronomes do tipo **se**. Assim, foram encontrados **10** pronomes **me**, **35** pronomes **o(s)/a(s)** e **FV**, **25** pronomes **lhe(s)**, **347** pronomes **se** e **24** pronomes **nos**. Os percentuais, arredondados, estão representados, na sequência, no Gráfico 3.

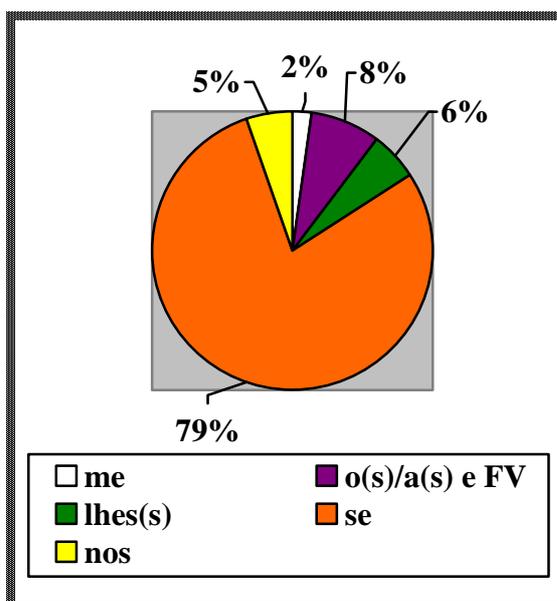


Gráfico 3¹⁰⁶ – Distribuição percentual dos pronomes clíticos nas lexias verbais simples dos jornais da cidade de São Paulo – 1880 a 1920.

Nos dados dos jornais de Rio Claro, esta variável é a quarta escolhida como mais relevante para a colocação dos pronomes clíticos.

As próximas tabelas indicam a posição dos clíticos de acordo com seus tipos, observada no conjunto de dados extraído dos jornais rioclarenses.

Tipo de Clítico ¹⁰⁷	Próclise		Ênclise		Total	
	N	%	N	%	N	%
o(s)/a(s) e FV	N-37	%-58.7	N-26	%-41.3	N-63	%-13.8
nos	N-13	%-38.2	N-21	%-61.8	N-34	%-7.4
se	N-119	%-39	N-186	%-61	N-305	%-66.6
me	N-9	%-39.1	N-14	%-60.9	N-23	%-5
lhes(s)	N-12	%-36.4	N-21	%-63.6	N-33	%-7.2
Total	N-190	%-41.5	N-268	%-58.5	N-458	

Tabela 10¹⁰⁸ – Número de ocorrências e percentuais dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com o tipo de clítico, nos jornais da cidade de Rio Claro, de 1880 a 1920.

¹⁰⁶ Na primeira rodada, foi indicada 1 ocorrência, em próclise, do pronome **vos**.

¹⁰⁷ A célula que apresentou menos de 10 dados, apenas 4, referente ao clítico pronominal **vos** foi desprezada.

¹⁰⁸ Na primeira rodada, foi averiguado 1 registro do pronome **te**, em posição enclítica.

Tipo de Clítico	Próclise	Ênclise
o(s)/a(s) e FV	0.739	0.261
nos	0.588	0.412
se	0.462	0.538
me	0.384	0.616
lhe(s)	0.352	0.648

Tabela 11 – Pesos relativos da colocação dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com o tipo de clítico, nos jornais da cidade de Rio Claro, de 1880 a 1920.

Os pronomes de 1ª pessoa não confirmam a hipótese de que por aparecerem, na maioria das vezes, em destaque, já que se referem às pessoas do discurso, posicionam-se antes do verbo. No entanto, considerando-se os pesos relativos, o pronome **me** tende menos à ocupação da posição pré-verbal do que o pronome **nos**, que atinge o índice de relevância de 0.588 para a escolha da próclise (exemplos 178 e 179, abaixo).

(178) *Bem avisado andarei eu agora que **alugo-me** a S. Miguel e **obrigo-me** por tanto a prestar muito seriamente activissima atenção sobre todos os factos que ocorrem durante a semana [...].* (“O Tempo”, Rio Claro, 1885 – gênero Crônica).

(179) *[...] e mostrar ao Jornal como **nos** é facil crear neologismos e aliás sem que **nos** **afastemos** da verdade.* (“Diário do Rio Claro, Rio Claro, 1894 – gênero Crônica).

O mesmo, isto é, a não-confirmação da suposição anteriormente levantada, ocorre para a colocação dos clíticos acusativos de 3ª pessoa, em que o comportamento esperado – posição enclítica – não se revela predominante, mostrando-se, ao contrário, alta significância (0.739) da próclise (exemplo 180, abaixo). Dentre os dados de ênclise com acusativos de 3ª pessoa, incluem-se, além de outros, os casos em que o pronome clítico assume as formas variantes (FV) **-lo(s)** ou **-la(s)** (exemplos 181 e 182, abaixo).

(180) *Si a estrada de ferro diminue a distancia e o telegrapho quasi **a destróe**, a caridade **a desconhece**, **a anniquila**, faz com que não exista de forma alguma.* (“A Semana Militar”, Rio Claro, 1920 – gênero Artigo).

(181) *Apontam-se para **substituil-o** na chefia de policia os nomes dos drs. Concinato Braga, Azevedo Marques [...].* (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1900 – gênero Nota).

(182) *Agatanhal-as era um bom arranjo, com que faziam dois proveitos, o 1º em se satisfazerem, o 2º em mal fazer á terceiros.* (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1905 – gênero Artigo).

Os pronomes **lhe(s)** e **se** atuam da forma prevista, favorecendo, ainda que de forma discreta, no caso do pronome **se**, o uso da ênclise (exemplos 183 a 187, abaixo).

(183) *Para prova da abjecção desta terra, bastará ponderar que **falta-lhe**, em um magistrado digno, a suprema garantia de nossos direitos.* (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1900 – gênero Artigo).

(184) *Pois segundo cá a minha abalisada opinião, devia mas era, para **aguçar-lhes** a curiosidade e **picar-lhes** na vaidade [...].* (“O Tempo”, Rio Claro, 1885 – gênero Crônica).

(185) *[...] ou **aluga-se** a casa sita á rua de S. Joaquim.* (“Correio do Oeste”, Rio Claro, 1880 – gênero Classificado).

(186) ***Precisa-se** de um cobrador.* (“O Tempo”, Rio Claro, 1885 – gênero Classificado).

(187) *A razão **ostenta-se** garbosa, o direito consagrado nas leis basicas constitucionaes [...].* (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1905 – gênero Artigo).

A partir dos cruzamentos entre os resultados provenientes desta variável independente linguística – **tipo de clítico** – com os alcançados nas outras variáveis linguísticas independentes, nos jornais rioclarenses, algumas ponderações podem ser feitas.

Quando correlacionados à variável **função do clítico**, os pronomes **o(s)/a(s)** e **FV** aparecem, em número quase total, exercendo a função de **Acusativo** e, na maioria dos casos, proclíticos ao verbo. Apenas **1** dado do pronome **o**, em função de **Predicativo**, foi encontrado, como observado no exemplo a seguir.

(188) *Miguel Rinaldi, satisfeito com a pontualidade da Camara, não é o recorrente do acto da municipalidade, mas petulantemente **o** é a Empresa, que nada tem com o contracto de Miguel Rinaldi [...].* (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1905 – gênero Edital).

A função de **Dativo** é desempenhada, em maior escala, pelos pronomes **nos** e **lhe(s)**, priorizando-se, de forma mais ou menos acentuada, os seus usos em posição pós-verbal. No caso do pronome **nos**, há um percentual de 62% de ocorrências, nessa função, em posição enclítica, e, quanto ao pronome **lhe(s)**, vê-se que ocupa, em 59% dos casos, também essa posição (exemplos 189 a 192, abaixo).

(189) *Recebemos a visita do sr. José Sampaio, que comunicou-nos que a aplaudida companhia do circo Clementino estreará nesta cidade a 23 do corrente.* (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1910 – gênero Nota).

(190) *Pedem-nos para chamarmos a atenção da Empresa Electrica para um poste que existe na avenida 3, esquina da rua 11, que póde causar algum desastre, segundo nos disseram.* (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1900 – gênero Comentário).

(191) *Ignacia Lidia de Almeida, Etelvina Márcia de Almeida [...] vêm agradecer do intimo d’alma não só ás pessoas que vizitaram ao mesmo finado, [...], como tambem a todos aquelles que fizeram-lhe o caridoso obzequio de acompanhar o seu sahimento.* (“O Tempo”, Rio Claro, 1885 – gênero Carta do Leitor).

(192) *O moço ofendido chamado á presença de S. S. já lhe declarou que as havia!* (“Correio do Oeste”, Rio Claro, 1880 – gênero Editorial).

O pronome **se**, em um número de ocorrências bastante elevado, se comparado com o número existente de dados com os outros tipos de pronomes, mostra uma tendência a ser usado, preferencialmente, em posição enclítica. A função **Apassivação**, seguida das funções **Indeterminação** e **Inerência/Reflexividade** – com índices de ênclise de 68%, 60% e 52%, respectivamente –, é a que mais interfere na posição pós-verbal desse pronome, como averiguados nos exemplos a seguir, na devida ordem.

(193) *Não de hontem que nuvens temerosas abalaram-se no horisonte da liberdade da imprensa; pejudadas de ameaças, negras de odientas paixões [...].* (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1900 – gênero Editorial).

(194) *[...] além de que, trata-se de um facto realizado, não sob a responsabilidade exclusiva do cidadão que foi ministro das relações exteriores do governo provisorio [...].* (“Diário do Rio Claro”, Rio Claro, 1894 – gênero Crônica).

(195) *Levando essas duas drogas para casa fez com ellas a limonada que, foi dada innocentemente ao italiano que quando sentiu-se mal tomou immediatamente o antidoto que o livrou de ir já desta para uma melhor terra.* (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1900 – gênero Notícia).

Os pronomes, de um modo geral, independentemente de qual seja, de acordo com as **formas verbais** dos verbos aos quais estão adjuntos, alternam as posições que ocupam nas orações. Nota-se uso alternado de próclise e ênclise nos tempos do **Modo Indicativo**, exceto

nos tempos do **Futuro**, em que há uso predominante da próclise. Nos tempos do **Modo Subjuntivo**, há preferência categórica pela posição proclítica do pronome. No **Imperativo Afirmativo**, observa-se quase absoluta tendência à ênclise e, no **Imperativo Negativo**, registra-se apenas **1** caso, claramente, em próclise (exemplo 196, abaixo). Os pronomes adjungidos a verbos nas formas **Infinitivo**, **Gerúndio** ou **Particípio** – havendo, nesta forma, apenas **1** registro (exemplo 197, abaixo) – ocupam, representativamente, a posição pós-verbal.

(196) *Não se illuda.* (“Correio do Oeste”, Rio Claro, 1880 – gênero Editorial).

(197) [...] *depois de feitas todas as citações, louvarem-se em aggrimensor, arbitradores que procedam á medição e divisão das terras, segregado-se afinal a parte do supllicante [...].* (“Diário do Rio Claro”, O Rio Claro, 1894 – gênero Edital).

Quando cruzados os resultados da variável **tipologia verbal**, do ponto de vista lógico-semântico, com o **tipo de clítico**, observa-se os verbos de **Estado** (exemplo 198, abaixo) mais propensos à adjunção do pronome em posição pré-verbal (57% de casos de próclise), os verbos de **Ação** e de **Ação-Processo** (exemplos 199 e 200, abaixo) com tendência à ênclise (34% e 39%, respectivamente, de ocorrências de pronomes proclíticos) e, por fim, os verbos de **Processo** (exemplo 201, abaixo), com certo equilíbrio entre os usos proclíticos e enclíticos (50% de usos proclíticos). Assim, nesse cruzamento, parece definir a escolha da colocação pronominal o **tipo verbal**.

(198) *Já se acha entre nós, tendo regressado hontem de sua viagem á capital federal o sr. dr. Marcos Dolzani [...].* (“Diário do Rio Claro”, O Rio Claro, 1894 – gênero Nota).

(199) *Sei que s.s. é modesto e por isso peço-lhe desculpas se este vae offender-lhe.* (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1900 – gênero Carta do Leitor).

(200) *Coitadas, tem cada uma a sua cordilheira a dividir-lhe o centro mais ou menos, como se por alli passa-se a força demolidora de terrivel terremoto.* (“O Tempo”, Rio Claro, 1885 – gênero Crônica).

(201) *E' o diabo a gente se habituar!* (“A Semana Militar”, Rio Claro, 1920 – gênero Crônica).

Finalmente, quando correlacionados os dados oriundos da variável **tipo de clítico** com os dados obtidos nas variáveis **presença (ou ausência) de elemento proclisador na oração** e **início (ou não-início) absoluto da oração pelo verbo hospedeiro do clítico**, verifica-se a

expressiva significância desses dois fatores para a colocação pronominal. Nas orações em que há o elemento proclisador, independentemente do **tipo de clítico**, há maior uso da próclise, sem, entretanto, desconsiderar a relevante informação de que coexistem, nesse contexto, também orações, em número reduzido, com ênclise. A ocorrência, quase categórica, de ênclise em contextos de início absoluto da oração também confirma a interferência produtiva desse fator na posição do clítico, conforme o esperado. Deve-se, aqui, também, mencionar, a presença de **3** dados com o pronome **se** e **1** com o pronome **nos** (apresentados na subseção 5.1.2.6) em início absoluto na oração.

5.1.2.2 Variável FUNÇÃO DO CLÍTICO

Enquanto nos dados dos jornais de São Paulo a variável independente linguística **função do clítico** foi selecionada como o quarto grupo de fatores que favorece a escolha de determinada variante da variável dependente em questão, os dados dos periódicos de Rio Claro a indicam como o primeiro grupo a ser excluído.

Sugere-se, desse modo, que as distintas funções sintáticas que os pronomes átonos podem desempenhar interferem muito pouco, ou não interferem, em suas posições nas orações. Entretanto, apesar de ser um grupo de fatores eliminado, mostram-se os resultados, na tabela 12, a respeito da colocação pronominal consoante a função que o referido clítico exerce, nos jornais de Rio Claro.

Função do Clítico ¹⁰⁹	Próclise		Ênclise		Total	
Acusativo	N-41	%-55.4	N-33	%-44.6	N-74	%-16.5
Dativo	N-24	%-40	N-36	%-60	N-60	%-13.4
Apassivação	N-33	%-28.4	N-83	%-71.6	N-116	%-25.9
Indeterminação	N-4	%-40	N-6	%-60	N-10	%-2.2
Inerência/Reflexividade	N-84	%-44.7	N-104	%-55.3	N-188	%-42
Total	N-186	%-41.5	N-262	%-58.5	N-448	

Tabela 12¹¹⁰ – Número de ocorrências e percentuais dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com a função do clítico, nos jornais da cidade de Rio Claro, de 1880 a 1920.

¹⁰⁹ Na primeira rodada, apenas 1 dado do clítico com a função de Predicativo foi registrado.

¹¹⁰ As células que apresentaram menos de 10 dados, referentes às funções Dativo ético e Dativo de posse, ambas com apenas 7 dados, foram desprezadas.

Percebe-se a coerência desses resultados, se consideradas as informações disponibilizadas acerca da variável **tipo de clítico**. Os dados referentes às funções de **Acusativo** e **Dativo**, desempenhadas em grande quantidade pelos clíticos **o(s)/a(s)** e **FV** e **lhe(s)**, respectivamente, mostram-se, quanto àquela função, em maior número na posição pré-verbal; e, esta, em predominância da ênclise – assim como melhor detalhado, na subseção anterior, quando correlacionadas as variáveis **tipo de clítico** e **função do clítico**.

As funções **Apassivação**, **Indeterminação** e **Inerência/Reflexividade**, representadas em maior número pelo pronome **se**, tendem à colocação do pronome enclítico.

As tabelas 13 e 14, em seguida, retratam as realidades observadas nos dados dos jornais da cidade de São Paulo.

Função do Clítico	Próclise		Ênclise		Total	
Acusativo	N-25	%-56.8	N-19	%-43.2	N-44	%-10.2
Dativo	N-15	%-41.7	N-21	%-58.3	N-36	%-8.3
Inerência/Reflexividade	N-71	%-44.7	N-88	%-55.3	N-159	%-36.9
Indeterminação	N-4	%-11.8	N-30	%-88.2	N-34	%-7.9
Apassivação	N-19	%-12	N-139	%-88	N-158	%-36.7
Total	N-134	%-31.1	N-297	%-68.9	N-431	

Tabela 13¹¹¹ – Número de ocorrências e percentuais dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com a função do clítico, nos jornais da cidade de São Paulo, de 1880 a 1920.

Função do Clítico	Próclise	Ênclise
Acusativo	0.820	0.180
Dativo	0.622	0.378
Inerência/Reflexividade	0.556	0.444
Indeterminação	0.411	0.589
Apassivação	0.323	0.677

Tabela 14 – Pesos relativos da colocação dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com a função do clítico, nos jornais da cidade de São Paulo, de 1880 a 1920.

As ponderações feitas em relação aos dados de Rio Claro podem ser mantidas para a interpretação dos dados paulistanos. A função **Acusativo** do clítico se associa, mais significativamente, à posição pré-verbal (0.820) (exemplo 202, abaixo), enquanto as outras funções – **Dativo**, **Inerência/Reflexividade**, **Indeterminação** e **Apassivação** –, apresentando dados absolutos e percentuais que indicam a predominância do pronome enclítico, atingem

¹¹¹ As células que apresentaram menos de 10 dados, referentes às funções **Dativo ético** e **Dativo de posse**, a primeira com 3 dados e a última com 7, foram desprezadas.

índices cada vez menores de relevância para o uso da próclise – como ilustram os exemplos (203 a 206). A **Apassivação** é o fator que menos leva à colocação pronominal proclítica.

(202) *O sacrificio a que só nos devemos submeter quando a segurança da republica ou a salvação da patria **o exigir**, foi, então, ignominiosamente imposto.* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1905 – gênero Editorial).

(203) *Não nos julgamos com direito de tomar contas aos que dispõem de seus haveres em taes casos, mas **assiste-nos** o de estudar a espontaneidade [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1890 – gênero Editorial).

(204) *O BON MARCHE’ (PARIS) não tem Succursal nem Representante e pede a seus Clientes de **acautelarem-se** contra os mercadores que usam do seu titulo.* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1895 – gênero Anúncio).

(205) *Para passageiros e mais informações **trata-se** em S. Paulo [...].* (“A Província de São Paulo”, São Paulo, 1885 – gênero Anúncio).

(206) *A 1\$200 e 1\$000 cada um **compra-se** qualquer quantidade de dentes [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1920 – gênero Classificado).

Quanto à função **Predicativo**, deve-se expor o fato de ela ter aparecido, na primeira rodada, registrando-se a realização proclítica de seus 7 dados, presentes em orações com elementos proclisadores, como apresentados nos exemplos 207 e 208.

(207) *[...] para que elles facilitem a acção energica da Directoria do Serviço Sanitario, é preciso que não sejam incondicionaes – e não **o são** [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1900 – gênero Editorial).

(208) *Optimista é o povo e ainda bem que **o é**.* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1900 – gênero Editorial).

Dessa forma, quanto aos resultados obtidos nas análises da variável independente linguística **função do clítico**, percebe-se que os dados dos jornais da capital paulista e da cidade interiorana seguem a mesma direção.

Os cruzamentos referentes aos dados desta variável com os extraídos das outras variáveis independentes linguísticas, todos retirados dos jornais da cidade de São Paulo, indicam, ainda, outras considerações.

Reforça-se a significância da variável independente linguística **formas verbais**, mostrando-se os resultados, referentes à próclise e à ênclise, motivados pela forma verbal do verbo ao qual o clítico pronominal está afixado, sem haver interferência quanto à função desse clítico. Desse modo, persistem: nos tempos do **Modo Indicativo**, alternância entre as posições pré e pós-verbal – salvo o **Futuro do Presente**, em que, do total de 8 casos, todos apresentam pronome proclítico – (exemplos 209 a 211); nos tempos do **Modo Subjuntivo**, o uso indiscutível do pronome proclítico (exemplos 212 a 214); no **Imperativo Afirmativo**, categoricamente, a ênclise (exemplo 215); e, nas **Formas Nominais – Infinitivo e Gerúndio** – (exemplos 216 e 217), notável representatividade do pronome enclítico.

(209) *E' quasi escusado dizer que a imprensa assim dirigida guardará nas columnas editoriaes a harmonia de um pensamento politico, o qual não poderá deixar de ser outro se não o do seculo e particularmente a tradução fiel das tendencias bem pronunciadas da provincia de S. Paulo e mesmo d'esta nação, aonde todos se **confessam** entusiastas da democracia e **louvam-lhe** os intuitos pacificos e civilisadores, versando muitas vezes a disputa palavresa em saber quem melhor **a comprehende** e pratica.* (“A Província de São Paulo”, São Paulo, 1880 – gênero Editorial).

(210) ***Viu-se** o que não **se vira** ainda em nossa decadencia rapida, no proprio tempo em que ainda perdurava o terror que a revolução da armada e a sua sanguinolenta repressão haviam espalhado.* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1905 – gênero Editorial).

(211) *O sr. Simonson, membro da delegação de paz teutonica em Pariz, apresentou á Conferencia as allegações finaes do seu governo referentes ao assumpto, nas quaes o governo de Berlim duvida poder fazer face á situação interna do paiz, situação que **se tornará** mais grave se for muito extensa a lista dos allemães para serem julgados [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1920 – gênero Notícia).

(212) *E não sabemos o que **o seja** mais: — se a facilidade com que o juiz deferiu o requerimento da Directoria do Frontão, se a minima tolerancia com que o intendente municipal leu a intimação do juiz [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1895 – gênero Editorial).

(213) *Mas, a Directoria do Serviço Sanitario, se não é pessimista, como não deve ser, deve proceder como se **o fôsse** [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1900 – gênero Editorial).

(214) *Os assignantes de um anno, que tomarem assignatura enquanto não se fizer o sorteio, tambem terão direito aos premios.* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1920 – gênero Aviso).

(215) *Para passagens e outras informações, **dirijam-se** aos agentes [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1890 – gênero Anúncio).

(216) *Foi designado o dia 25 de janeiro para **proceder-se** á eleição de um vereador da Camara Municipal [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1895 – gênero Nota).

(217) *Sabonte Rifger – Este prodigioso sabonete [...] faz desaparecer em poucos dias as manchas do rosto, espinhas, [...], etc. tornando a pelle agradavelmente fresca e assetinada, fazendo espargir o mais suave aroma, **dando-lhe** belleza, attractivos e encantos.* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1915 – gênero Anúncio).

O cruzamento dos resultados das variáveis **função do clítico e tipologia verbal**, do ponto de vista lógico-semântico, apresentam aquela mais relevante para a colocação pronominal do que esta. Todos os tipos de verbos – **Processo, Estado, Ação e Ação-Processo** – tendem à colocação enclítica, no entanto, os resultados averiguados, de acordo com a função do clítico, variam. No caso da função de **Acusativo**, por exemplo, – que privilegia o uso proclítico – há, independentemente de qual tipo de verbo o pronome está interligado, maior propensão à colocação proclítica, inclusive pelo fato, muitas vezes notado, da presença de um elemento proclisador na oração, como nos exemplos 218 a 221.

(218) *Mas o assassino, logo que **o viu**, voltou para elle o revolver ainda carregado com duas capsulas.* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1895 – gênero Notícia).

(219) *[...] porque a peste ahi está, [...], com caracter mais assustador do que **o tinha** em Santos [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1900 – gênero Editorial).

(220) *O jornalismo é um sacerdocio, e tanto mais nobre e difficil, quanto é certo que aquelles que **o exercem** devem muitas vezes, esquecer sua individualidade e abafar suas paixões pessoaes [...].* (“A Província de São Paulo”, São Paulo, 1880 – gênero Editorial).

(221) *[...] a troca de votos é uma operação politica que deshonra os que **a effectuam** [...].* (“A Província de São Paulo”, São Paulo, 1885 – gênero Comentário).

Novamente – porém, aqui, atentando-se aos jornais de São Paulo –, quando cruzados os dados provenientes da variável **função do clítico** com os resultados observados nas variáveis **presença (ou ausência) de elemento proclisador na oração e início (ou não-**

início) absoluto da oração pelo verbo hospedeiro do clítico, fica demonstrada a relevância desses fatores para a definição da posição dos clíticos pronominais. Quanto à variável **início (ou não-início) absoluto da oração pelo verbo hospedeiro do clítico**, pode-se destacar a presença de 1 dado com pronome clítico em início absoluto na oração, que será apresentado e discutido na subseção 5.1.2.6.

5.1.2.3 Variável FORMAS VERBAIS

As análises multidimensionais dos dados provenientes das localidades de São Paulo, capital, e Rio Claro, indicaram a variável linguística **formas verbais** como a segunda mais relevante para a motivação da colocação pronominal.

Os resultados, em números absolutos, percentuais e pesos relativos, são apresentados a seguir.

Formas Verbais	Próclise		Ênclise		Total	
Pretérito Imperfeito do Indicativo	N-14	%-87.5	N-2	%-12.5	N-16	%-3.6
Pretérito Perfeito do Indicativo	N-31	%-47.7	N-34	%-52.3	N-65	%-14.7
Presente do Indicativo	N-76	%-28.3	N-193	%-71.7	N-269	%-61
Gerúndio	N-3	%-7	N-40	%-93	N-43	%-9.8
Infinitivo	N-13	%-27.1	N-35	%-72.9	N-48	%-10.9
Total	N-137	%-31.1	N-304	%-68.9	N-441	

Tabela 15¹¹² – Número de ocorrências e percentuais dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com as formas verbais, nos jornais da cidade de São Paulo, de 1880 a 1920.

Formas Verbais	Próclise	Ênclise
Pretérito Imperfeito do Indicativo	0.999	0.001
Pretérito Perfeito do Indicativo	0.589	0.411
Presente do Indicativo	0.530	0.470
Gerúndio	0.204	0.796
Infinitivo	0.109	0.891

Tabela 16 – Pesos relativos da colocação dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com as formas verbais, nos jornais da cidade de São Paulo, de 1880 a 1920.

¹¹² Nenhum registro de clíticos adjungidos a verbos no Futuro do Pretérito do Indicativo, no Imperativo Negativo e no Particípio foi encontrado.

De um modo geral, grande parte das proposições, acerca da posição dos clíticos de acordo com as formas verbais de seus hospedeiros, valida-se com os resultados, aqui, obtidos.

Os dados pertencentes aos jornais paulistanos considerados na referida rodada são constituídos apenas de verbos do **Modo Indicativo**, tempos **Presente**, **Pretérito Perfeito** e **Pretérito Imperfeito** e **Formas Nominais – Infinitivo** e **Gerúndio**. Os resultados, quanto aos verbos do **Modo Indicativo**, revelam usos equilibrados de ambas as posições – próclítica e enclítica –, exceto para o tempo **Pretérito Imperfeito do Indicativo**, marcado por um índice elevadíssimo de significância, 0.999, para a ocorrência da próclise – como nos exemplos 222 a 224, em seguida. Quanto às **Formas Nominais**, mostram-se motivadoras, principalmente o **Infinitivo**, de um uso pós-verbal – exemplos 225 e 226.

(222) *Ha dias reclamastes, com razão, contra um máu cheiro horrível, que se sentia então, ao subir a ladeira da rua Florencio de Abreu [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1895 – gênero Carta do Leitor).

(223) *A sua chegada a Poços esteve importantissima. Cerca de duas mil pessoas o aguardavam [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1905 – gênero Notícia).

(224) *Telegrammas de Amsterdam annunciam que uma chalupa desembarcou em Muiden o capitão inglez Hewlet, que piloteava um hydroplano inglez, no ultimo raid feito a Cuxhaven, e cujo destino se ignorava.* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1915 – gênero Nota).

(225) *Em nosso paiz aonde a imprensa é tão cara e o jornal difficil de sustentar-se, ha um erro que acanha a existencia das folhas politicas [...].* (“A Província de São Paulo”, São Paulo, 1880 – gênero Editorial).

(226) *[...] encarregam esse diplomata de felicitar o papa Benedicto XV por motivo da sua ascenção ao throno pontificio e expôr-lhe os motivos que obrigaram o governo de sua magestade britannica a intervir na guerra actual.* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1915 – gênero Notícia).

Convém ressaltar, ainda, que, na primeira rodada, dados referentes aos tempos **Presente**, **Pretérito** e **Futuro do Subjuntivo**, **Futuro do Presente do Indicativo** e **Imperativo Afirmativo** foram registrados. Os clíticos adjungidos a verbos nos tempos do **Modo Subjuntivo** ocorreram, conforme o aguardado, em posição pré-verbal, de forma absoluta. Foram coletados **15** dados referentes ao **Presente do Subjuntivo** (cf. exemplo 227), **6** ao **Pretérito do Subjuntivo** (cf. exemplo 228) e **4** concernentes ao **Futuro do Subjuntivo**

(cf. exemplo 229). Tais comportamentos devem ser motivados pela presença do elemento proclisador.

(227) *Assim promette na medida progressiva de suas forças auxiliar ao commercio, á lavoura, ás artes, industrias, sciencias; e literatura, tratando os assumptos que **lhes digam** respeito, e abrindo espaço a todos os talentos e aptidões que em suas paginas queiram apparecer.* (“A Província de São Paulo”, São Paulo, 1880 – gênero Editorial).

(228) *A Cidade reclama contra o facto de ter sido sepultado o corpo de Joaquim da Silva, sem que **se fizessem** as averiguações legaes para se saber se Joaquim Pio se suicidou ou se foi victima de um crime.* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1895 – gênero Nota).

(229) *Quando, como agora, **nos convencermos** de que a Directoria errou, dil-o-emos com a maior franqueza [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1900 – gênero Editorial).

Quanto ao **Futuro do Presente do Indicativo**, observou-se, a partir de **8** dados (exemplos de 230 a 232, abaixo), o uso quase categórico da próclise, podendo-se – ainda, que em **7** dos dados coletados houvesse a presença de algum elemento proclisador –, talvez, interpretá-lo como uma solução para a tendência a evitar a mesóclise¹¹³. O fato de se escolher a próclise, e não a ênclise, ainda revela e confirma a opção do PB pelo pronome proclítico.

(230) *E’ justo não descreer e é bom não desanimar; presumimos, porém, que sem grande esforço, sem tenaz propaganda, pouco **se conseguirá**.* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1890 – gênero Editorial).

(231) [...] *portanto continua o segredo de que **nos occuparemos** no proximo numero.* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1890 – gênero Comentário).

(232) [...] *pareceu-me que não **lhe será** muito desagradavel esta minha carta que tem por fim, posto que com franco contingente, auxiliial-o no desempenho de sua louvavel missão.* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1900 – gênero Carta do Leitor).

A posição enclítica, por outro lado, é claramente definida como a posição preferida quando o clítico está adjunto a um verbo no **Imperativo Afirmativo**, notando-se essa realização nos **14** dados encontrados – alguns são apresentados na sequência. Observa-se que

¹¹³ Entretanto, deve-se recordar que foram encontrados 59 registros de mesóclise nos jornais da cidade de São Paulo.

o contexto de verbo hospedeiro do pronome clítico em início absoluto na oração ocorre em todos esses dados.

(233) *ALUGA-SE com arrendamento uma grande chácara [...]. Quem pretender **dirija-se** á rua da Esperança, 66 [...].* (“A Província de São Paulo”, São Paulo, 1880 – gênero Classificado).

(234) *Ao lerdes esse livro deveis pensar e procurar comprehender, não o fazendo com a precipitação com que se lê um romance. A meditação é sempre proveitosa. **Experimentae-o.*** (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1910 – gênero Anúncio).

(235) *Para evitar engano, **exija-se** que os letreiros tenham a palavra OMAGIL e o endereço do Deposito geral [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1920 – gênero Anúncio).

Na sequência, verificam-se os resultados pertinentes aos jornais de Rio Claro.

Formas Verbais ¹¹⁴	Próclise		Ênclise		Total	
	N	%	N	%	N	%
Presente do Subjuntivo	N-18	%-94.7	N-1	%-5.3	N-19	%-4.2
Imperativo Afirmativo	N-1	%-7.1	N-13	%-92.9	N-14	%-3.1
Presente do Indicativo	N-103	%-48.4	N-110	%-51.6	N-213	%-46.8
Pretérito Imperfeito do Indicativo	N-9	%-60	N-6	%-40	N-15	%-3.3
Pretérito Perfeito do Indicativo	N-38	%-41.3	N-54	%-58.7	N-92	%-20.2
Infinitivo	N-18	%-25	N-54	%-75	N-72	%-15.8
Gerúndio	N-1	%-3.3	N-29	%-96.7	N-30	%-6.6
Total	N-188	%-41.3	N-267	%-58.7	N-455	

Tabela 17 – Número de ocorrências e percentuais dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com as formas verbais, nos jornais da cidade de Rio Claro, de 1880 a 1920.

¹¹⁴ A célula que apresentou menos de 10 dados, referente ao tempo e modo verbal Pretérito-mais-que-perfeito do Indicativo, com somente 7 dados, foi desprezada.

Formas Verbais	Próclise	Ênclise
Presente do Subjuntivo	0.964	0.036
Imperativo Afirmativo	0.718	0.284
Presente do Indicativo	0.666	0.334
Pretérito Imperfeito do Indicativo	0.545	0.455
Pretérito Perfeito do Indicativo	0.443	0.557
Infinitivo	0.163	0.837
Gerúndio	0.058	0.942

Tabela 18 – Pesos relativos da colocação dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com as formas verbais, nos jornais da cidade de Rio Claro, de 1880 a 1920.

Em parte, os resultados oriundos dos jornais de Rio Claro se mostram diferentes dos obtidos, e especificados acima, nos jornais de São Paulo, dado que outros tempos e modos verbais estão, aqui, elencados. Observa-se, como sugerido, o **Presente do Subjuntivo** como o fator, dessa variável, mais significativo para o uso da próclise (0.964); entretanto, admira-se o fato de o programa apontar o **Imperativo Afirmativo**, nessa escala, como o segundo a motivar tal posição, encontrando-se, nos dados, apenas **1** registro de pronome proclítico com verbo no **Imperativo** (exemplo 236, a seguir).

(236) *Querendo que os habitantes desta florescente cidade do Rio Claro e de sua immediações, participem dos preços baratíssimos por que vendem suas fazendas; resolverão lançar mão deste meio de publicidade para que, quando forem para Campinas e tiverem de comprar fazendas finas, ou grossas, miudezas de armario, calçado, chapéus e com especialidade roupas feitas para homem e crianças, assim como chapéus de sol etc., etc., se dirigão a Grande Loja do VEADO sita a Rua do Commercion 71 A para certificarem-se da veracidade do que dizem.* (“Correio do Oeste”, Rio Claro, 1880 – gênero Anúncio).

Quanto aos tempos do **Modo Indicativo**, vê-se, exceto em relação ao **Presente**, um comportamento equilibradamente distribuído entre as ocorrências de pronomes proclíticos e ênclíticos. Evidencia-se, novamente, quanto às **Formas Nominais**, a preponderância da ênclise.

Assim como na primeira rodada referente aos dados dos jornais de São Paulo, na realizada para esses resultados, observou-se o emprego de outros tempos e modos verbais, a

saber: **Futuro do Presente** e **Futuro do Pretérito do Indicativo** – ambos com dados categóricos de próclise, **9** concernentes ao primeiro e **3** ao segundo (exemplos 237 e 238, abaixo) –, **Pretérito** e **Futuro do Subjuntivo** – aquele com **4** dados e este com **6**, todos proclíticos (exemplos 239 e 240, abaixo) –, **Imperativo Negativo** – com apenas **1** dado, em posição pré-verbal, obviamente em função da palavra de negação imediatamente anteposta ao clítico (exemplo 196, na subseção 5.1.2.1) – e a forma verbal **Particípio** – representada por **1** dado enclítico (exemplo 197, na subseção 5.1.2.1).

(237) *Tendo percorrido parte desta provincia chegará a esta cidade até 15 de Maio futuro, onde se demorará alguns dias.* (“Correio do Oeste”, Rio Claro, 1880 – gênero Classificado).

(238) [...] *bem diz o mesmo profissional nomeado que tal poluição se daria quando houvesse falta de asseio.* (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1910 – gênero Edital).

(239) *As pessoas que comprarem porcos neste municipio e não derem avizo imediatamente ao Procurador e ao fiscal da Camara da compras feitas e do logar onde se achase o vendedor, fica sujeito ao imposto sobre a venda dos mesmos porcos.* (“O Tempo”, Rio Claro, 1885 – gênero Edital).

(240) [...] *ficando marcado o praso até 30 do corrente para aquelles que se julgarem prejudicados no lançamento feito, fazerem suas reclamações [...].* (“Diário do Rio Claro”, Rio Claro, 1894 – gênero Edital).

Os cruzamentos desta variável – **formas verbais** – com as variáveis **tipologia verbal**, do ponto de vista lógico-semântico, **presença (ou ausência) de elemento proclisador na oração** e **início (ou não-início) absoluto da oração pelo verbo hospedeiro do clítico** assinalam tendências semelhantes nos jornais das cidades de São Paulo e Rio Claro.

Quando correlacionados aos tipos de verbos, os tempos do **Modo Subjuntivo**, os **Imperativos** e as **Formas Nominais** motivam, de forma mais acentuada, a posição ocupada pelo clítico pronominal.

Nota-se, mais uma vez, o maior peso das variáveis **presença (ou ausência) de elemento proclisador na oração** e **início (ou não-início) absoluto da oração pelo verbo hospedeiro do clítico** para determinar a posição do pronome clítico na oração, independente da forma verbal do verbo ao qual o clítico está relacionado.

5.1.2.4 Variável TIPO DE VERBO, do ponto de vista lógico-semântico

A referida variável foi a quinta selecionada, como motivadora da colocação pronominal, de acordo com os dados observados nos jornais da cidade de São Paulo e o segundo grupo de fatores a ser descartado, quando voltada a atenção para os resultados dos jornais da cidade interiorana paulista.

Os dados absolutos e os percentuais, referente às ocorrências retiradas dos jornais de Rio Claro – tabela 19 –, revelam usos mais acentuados do pronome enclítico com verbos dos tipos **Ação** e **Ação-Processo**, ao passo que, com verbos dos tipos **Processo** e **Estado**, há certo equilíbrio entre as frequências dos pronomes nas posições pré e pós-verbal.

Tipo de verbo	Próclise		Ênclise		Total	
Processo	N-52	%-47.7	N-57	%-52.3	N-109	%-23.9
Estado	N-48	%-53.3	N-42	%-46.7	N-90	%-19.7
Ação	N-36	%-31.6	N-78	%-68.4	N-114	%-24.9
Ação-Processo	N-53	%-36.8	N-91	%-63.2	N-144	%-31.5
Total	N-189	%-41.4	N-268	%-58.6	N-457 ¹¹⁵	

Tabela 19 – Número de ocorrências e percentuais dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com o tipo de verbo, do ponto de vista lógico-semântico, nos jornais da cidade de Rio Claro, de 1880 a 1920.

Os resultados provenientes dos dados dos jornais de São Paulo indicam a predominância de pronomes enclíticos com todos os tipos de verbos. A tabela abaixo explicita esses números.

Tipo de verbo	Próclise		Ênclise		Total	
Processo	N-39	%-41.1	N-56	%-58.9	N-95	%-21.8
Estado	N-38	%-39.2	N-59	%-60.8	N-97	%-22.3
Ação	N-34	%-37.8	N-56	%-62.2	N-90	%-20.7
Ação-Processo	N-23	%-15	N-130	%-85	N-153	%-35.2
Total	N-134	%-30.8	N-301	%-69.2	N-435 ¹¹⁶	

Tabela 20 - Número de ocorrências e percentuais dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com o tipo de verbo, do ponto de vista lógico-semântico, nos jornais da cidade de São Paulo, de 1880 a 1920.

¹¹⁵ O número total difere do mencionado no início desta subseção já que essa classificação não se aplicou para alguns verbos.

¹¹⁶ O número total difere do mencionado no início desta subseção já que essa classificação não se aplicou para alguns verbos.

No que diz respeito aos pesos relativos, os dados mostram que, com exceção do tipo **Ação-Processo**, todos os tipos de verbos têm pesos mais altos para a próclise, como detalhado na tabela 21, em seguida. Quanto à diferença averiguada entre as frequências e os pesos relativos, a partir do detalhamento das noções de análise uni e multidimensional (cf. notas 15 e 16), acredita-se que a análise multidimensional forneça resultados mais fidedignos da influência desse grupo de fatores.

Tipo de verbo	Próclise	Ênclise
Processo	0.663	0.337
Estado	0.574	0.426
Ação	0.568	0.432
Ação-Processo	0.317	0.683

Tabela 21 – Pesos relativos da colocação dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com o tipo de verbo, do ponto de vista lógico-semântico, nos jornais da cidade de São Paulo, de 1880 a 1920.

Os cruzamentos desta variável com as variáveis independentes linguísticas **presença (ou ausência) de elemento proclisador na oração e início (ou não-início) absoluto da oração pelo verbo hospedeiro do clítico** confirmam, mais uma vez, a relevância destas variáveis para o fenômeno da colocação pronominal.

5.1.2.5 Variável PRESENÇA, ou AUSÊNCIA, de ELEMENTO PROCLISADOR na oração

A variável **presença/ausência de atrator** se mostra, como previsto, um relevante controlador da ordem dos clíticos pronominais, selecionada, tanto nos resultados da cidade de São Paulo quanto nos da cidade de Rio Claro, como o grupo de fatores mais significativo para a motivação da colocação pronominal.

O comportamento dos clíticos varia, consideravelmente, segundo a existência, na oração, de um elemento proclisador. Quando não presente, o uso do pronome enclítico, na maior parte das vezes, é a opção escolhida, revelando maior tendência a obediência da norma-padrão vigente naquela época.

As tabelas a seguir, 22, 23, 24 e 25, apresentam os resultados, bastante semelhantes, averiguados nos jornais paulistas analisados.

	Próclise		Ênclise		Total	
Presença	N-124	%-67.8	N-59	%-32.2	N-183	%-41.5
Ausência	N-13	%-5	N-245	%-95	N-258	%-58.5
Total	N-137	%-31.1	N-304	%-68.9	N-441	

Tabela 22 – Número de ocorrências e percentuais dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com a presença, ou ausência, de elemento proclisador na oração, nos jornais da cidade de São Paulo, de 1880 a 1920.

	Próclise	Ênclise
Presença	0.816	0.184
Ausência	0.258	0.742

Tabela 23 – Pesos relativos da colocação dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com a presença, ou ausência, de elemento proclisador na oração, nos jornais da cidade de São Paulo, de 1880 a 1920.

	Próclise		Ênclise		Total	
Presença	N-179	%-64.2	N-100	%-35.8	N-279	%-60.4
Ausência	N-12	%-6.6	N-171	%-93.4	N-183	%-39.6
Total	N-191	%-41.3	N-271	%-58.7	N-462	

Tabela 24 – Número de ocorrências e percentuais dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com a presença, ou ausência, de elemento proclisador na oração, nos jornais da cidade de Rio Claro, de 1880 a 1920.

	Próclise	Ênclise
Presença	0.749	0.251
Ausência	0.159	0.841

Tabela 25 – Pesos relativos da colocação dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com a presença, ou ausência, de elemento proclisador na oração, nos jornais da cidade de Rio Claro, de 1880 a 1920.

No entanto, ressalta-se, nos dados dos jornais de ambas as localidades – São Paulo e Rio Claro – o fato de haver casos em que se opta pelo uso do pronome enclítico, mesmo com a presença do elemento proclisador – como visto nos exemplos de 241 a 250, em que o elemento atrator do pronome clítico aparece sublinhado.

(241) [...] conta a *Província de São Paulo* fazer da sua independência o apanágio de sua força e a medida da severa moderação, sisudez, franqueza, lealdade e critério em que fundará o salutar prestígio a que *destina-se* a imprensa livre e consciente. (“A Província de São Paulo”, São Paulo, 1880 – gênero Editorial).

(242) *Em nosso paiz aonde a imprensa é tão cara e o jornal difficil de sustentar-se, ha um erro que acanha a existencia das folhas politicas [...].* (“A Província de São Paulo”, São Paulo, 1880 – gênero Editorial).

(243) *No caso de não terminar-se o leilão, continuará no dia immediato ás 10 ½ pa manhã.* (“A Província de São Paulo”, São Paulo, 1885 – gênero Anúncio).

(244) *Vende-se ou arrecada-se uma grande chácara, contendo diversas casas [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1905 – gênero Classificado).

(245) *E’ grande pechincha pois vende-se por pouco mais de um conto de réis tudo [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1910 – gênero Classificado).

(246) *[...] mas nesse caso faria melhor ficar calado – não sahir-nos ao encontro com rompantes de Hespanhol.* (“Correio do Oeste”, Rio Claro, 1880 – gênero Editorial).

(247) *[...] sera eterno o meu reconhecimento áquelle meu amigo que tão generosamente prestou-se, pondo a minha disposição o seu tibio [...].* (“O Tempo”, Rio Claro, 1885 – gênero Crônica).

(248) *R. Leme & C. communicam a esta praça e as demais que tem relações comerciais, que ausentando-se temporariamente, deixa incumbido de seus negocios o sr. Ignácio Baptista de Almeida Junior [...].* (“Diário do Rio Claro”, Rio Claro, 1894 – gênero Aviso).

(249) *Sou filho desta terra onde sou bastante conhecido e até hoje, graças a Deus, ninguém rio-se a minha custa, por espectáculo que eu dêsse em estado interessante pelas ruas.* (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1900 – gênero Carta do Leitor).

(250) *Perola, abaddonou a concha do coração amante e leal, que tão meigamente a acolhêra, para lançar-se ao vae vêm das encapelladas ondas [...].* (“A Semana Militar”, Rio Claro, 1920 – gênero Crônica).

Deve-se lembrar que, na história do português, sempre houve a obrigatoriedade, prescrita nos compêndios gramaticais, de a próclise nos contextos com uma série de elementos – partículas negativas, pronomes indefinidos, interrogativos e relativos, conjunções subordinativas e coordenativas, advérbios, preposições e orações optativas –, que ficaram assim nomeados **operadores de próclise**. Segundo Cavalcante, Duarte e Pagotto (no prelo), casos com ênclise, mesmo na presença de operador de próclise na oração, merecem uma reflexão mais cuidadosa. Para eles,

Uma primeira impressão é a de que seriam fruto de hipercorreção, ou seja, uma tentativa de chegar à gramática alvo, cujo funcionamento estilístico, no período, apontaria para a ênclise. Aqui é preciso não incorrer em raciocínios anacrônicos, pois estamos lidando com padrões de funcionamento que, no Brasil, sofreram grande variação e, especialmente ao final do século XIX, foram objeto de elaboração por parte de gramáticos que tentaram “pôr ordem na casa”, a partir do funcionamento que emergia nos textos. (CAVALCANTE, DUARTE e PAGOTTO, no prelo)

Os autores ainda acrescentam:

No caso de falantes produtores de textos escritos sem maiores pretensões literárias, é de imaginar que a disseminação da ênclise nos contextos de operador de próclise entre textos impressos em geral (aliada, obviamente à ausência da sensibilidade sintática à atuação dos fatores sintáticos de próclise, ausentes na gramática internalizada) funcionasse como um modelo abonador, em confronto com os limites impostos pelas regras sintáticas do português europeu moderno. (CAVALCANTE, DUARTE e PAGOTTO, no prelo)

Evidencia-se, também, nos jornais da capital e do interior, uso proclítico em contextos em que não há a presença do elemento proclisador, uma vez que a ênclise era tida, e por uma notável maioria ainda hoje é conservada, como a posição normal dos pronomes átonos, inclusive quando o sujeito vier imediatamente antes do verbo, em orações afirmativas. (exemplos 251 a 256, abaixo).

(251) *A alternativa, no entanto, se dissipa logo no contexto irrefragavel do livro [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1910 – gênero Resenha ou Crítica).

(252) *Semelhantemente, Carlo Giussui, [...], nos adverte na pág. 285 de seu estudo monumental: [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1910 – gênero Resenha ou Crítica).

(253) *O sabonete Rifger, conhecido ha mais de 10 annos,, se impõe como o melhor para o banho [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1915 – gênero Anúncio).

(254) *O honrado negociante desta praça, sr. Francisco Pereira dos Santos, nos obsequiou com duas garrafas do excellente vinho verde [...].* (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1900 – gênero Nota).

(255) *Como quer que seja, a recorrente se baseia em um contracto.* (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1905 – gênero Edital).

(256) *Possuindo innumerossas construcções novas [...], o nosso Estabelecimento, se acha em vantajosas condições de receber e tratar os enfermos [...].* (“A Semana Militar”, Rio Claro, 1920 – gênero Anúncio).

Desse modo, pode-se apontar inovações referentes à norma-padrão vigente naquela época e que vigora até os dias atuais.

A correlação entre esta variável – **presença/ausência de atrator** – e a variável **início (ou não-início) absoluto da oração pelo verbo hospedeiro do clítico** é relevante. Os dois fatores interagem. Naturalmente, os dados que apresentam presença de atrator se relacionam com o não-início da oração. Nesse contexto, verificam-se os índices de próclise em 73%, nos jornais de São Paulo, e 67%, nos jornais de Rio Claro. Nas orações em que há a ausência do elemento proclisador, os dados podem aparecer em início, ou não-início, absoluto, como mostrado no gráfico 4, abaixo, em relação aos usos de próclise.

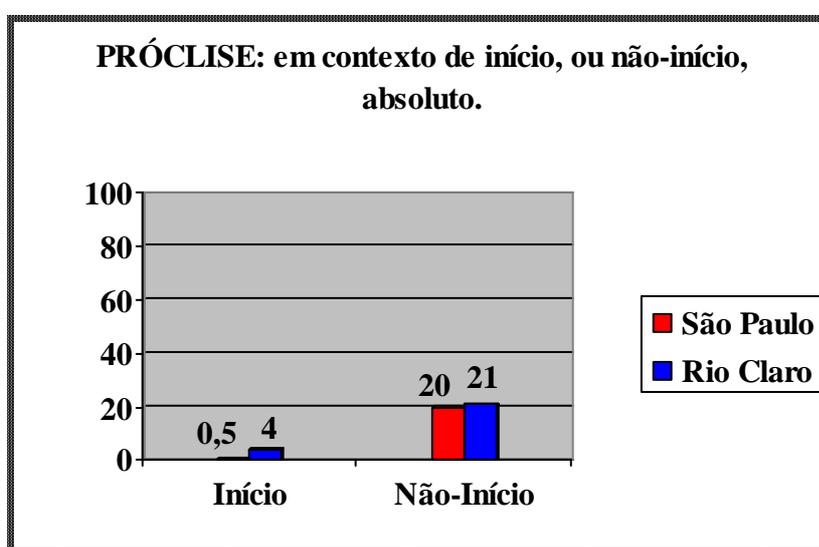


Gráfico 4 – Frequências de próclise em contextos do verbo hospedeiro do pronome clítico em início, ou não-início, absoluto na oração, nos jornais das cidades de São Paulo e de Rio Claro.

Observa-se que o contexto de início absoluto inibi fortemente a posição pré-verbal, embora não a impeça. Por outro lado, em contexto de não-início, mesmo sem a presença de algum elemento proclisador, mostra-se um elevado índice do uso da próclise.

5.1.2.6 Variável Verbo hospedeiro do pronome clítico em INÍCIO, ou NÃO-INÍCIO, ABSOLUTO na oração

Outra importante variável independente linguística, decisiva para o comportamento dos clíticos pronominais, visto que foi selecionada como a terceira mais relevante, nos jornais das duas localidades em observação, é a **posição, inicial ou não, do verbo** ao qual o pronome está adjungido na oração.

Embora, de modo geral, os resultados se apresentem bastante semelhantes entre os dados dos jornais das cidades de São Paulo e Rio Claro, observa-se, segundo os pesos relativos, que é mais significativa essa variável nas análises dos textos paulistanos.

Contudo, tanto nos jornais de São Paulo quanto nos jornais de Rio Claro, em início absoluto, verifica-se a realização quase categórica do pronome enclítico, assim como é prescrito nos estudos normativos. Em não-início absoluto, observa-se a possível alternância entre próclise e ênclise. No entanto, embora os pesos relativos, para os resultados de ambas as localidades, mostrem que a tendência em não-início absoluto é a próclise, essa é mais marcante nos dados provenientes dos jornais de São Paulo, podendo-se reafirmar a ideia apresentada como hipótese de essa variante – a próclise – ser mais significativa nos dados paulistanos.

As tabelas, na sequência, ilustram esses comentários.

	Próclise		Ênclise		Total	
Não-Início	N-136	%-56.4	N-105	%-43.6	N-241	%-54.6
Início	N-1	%-0.5	N-199	%-99.5	N-200	%-45.4
Total	N-137	%-31.1	N-304	%-68.9	N-441	

Tabela 26 – Número de ocorrências e percentuais dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com o verbo hospedeiro do pronome clítico em início, ou não-início, absoluto na oração, nos jornais da cidade de São Paulo, de 1880 a 1920.

	Próclise	Ênclise
Não-Início	0.952	0.048
Início	0.027	0.973

Tabela 27 – Pesos relativos da colocação dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com o verbo hospedeiro do pronome clítico em início, ou não-início, absoluto na oração, nos jornais da cidade de São Paulo, de 1880 a 1920.

	Próclise		Ênclise		Total	
Não-Início	N-186	%-56.9	N-141	%-43.1	N-327	%-70.8
Início	N-5	%-3.7	N-130	%-96.3	N-135	%-29.2
Total	N-191	%-41.3	N-271	%-58.7	N-462	

Tabela 28 – Número de ocorrências e percentuais dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com o verbo hospedeiro do pronome clítico em início, ou não-início, absoluto na oração, nos jornais da cidade de Rio Claro, de 1880 a 1920.

	Próclise	Ênclise
Não-Início	0.613	0.387
Início	0.246	0.754

Tabela 29 – Pesos relativos da colocação dos pronomes clíticos em lexias verbais simples, de acordo com o verbo hospedeiro do pronome clítico em início, ou não-início, absoluto na oração, nos jornais da cidade de Rio Claro, de 1880 a 1920.

Quanto a esta variável, ainda se deve destacar o aparecimento, embora em número pequeno, dos pronomes proclíticos em início absoluto nas orações, como exemplificados abaixo.

(257) *Quer louvando, quer censurando, se esforçará sempre a Província de S. Paulo por ser justa: é este um dever que ella se impõe em virtude de suas condições de folha diaria [...].* (“A Província de São Paulo”, São Paulo, 1880 – gênero Editorial).

(258) *Querendo que os habitantes desta florescente cidade do Rio Claro e de sua immediações, participem dos preços baratissimos por que vendem suas fazendas; resolverão lançar mão deste meio de publicidade para que, quando forem para Campinas e tiverem de comprar fazendas finas, ou grossas, miudezas de armario, calçado, chapéus e com especialidade roupas feitas para homem e crianças, assim como chapéus de sol etc., etc., se **dirigão** a Grande Loja do VEADO sita a Rua do Comercion 71 A para certificarem-se da veracidade do que dizem.* (“Correio do Oeste”, Rio Claro, 1880 – gênero Anúncio).

(259) *Finalmente no parecer da Commissão do Senado se affirmou que a recorrente [...] ficaria impossibilitada de amortizar o capital e juros do emprestimo que Miguel Rinaldi fez a Camara [...]. Entretanto, se **verifica** pelo doc. n. 5 que a amortização do dito emprestimo está suspensa por cinco annos.* (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1905 – gênero Edital).

(260) *[...] é preciso que os senhores vereadores attendam as condições preliminares afim de que uma vez approvedo o contracto, se **comprehenda** a approvação d’essas mesmas condições.* (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1910 – gênero Edital).

(261) *Si a estrada de ferro diminue a distancia e o telegrapho quasi a destróe, a caridade a desconhece, **a anniquila**, faz com que não exista de forma alguma.* (“A Semana Militar”, Rio Claro, 1920 – gênero Artigo).

(262) *Dia a dia, de toda a parte, **nos chegam** novas pessoas que vêm á procura do restabelecimento de sua saude abalada por qualquer moléstia que os atormenta. [...]* (“A Semana Militar”, Rio Claro, 1920 – gênero Anúncio).

Tais comportamentos, transgredindo os preceitos impostos pelas instituições normativas, apontam um caráter relevante, e inovador, da realidade linguística do PB: o uso da próclise em primeira posição na oração, produto de uma norma linguística brasileira.

5.1.3 Síntese: A colocação pronominal em Lexias Verbais Simples, consoante aspectos linguísticos

Apresentam-se, a seguir, nos quadros 10 e 11, de modo geral, os fatores de cada variável independente linguística, observada na presente investigação, que favorecem o uso da próclise ou da ênclise, nos jornais paulistas.

Jornais da cidade de São Paulo.	
PRÓCLISE	ÊNCLISE
<ul style="list-style-type: none"> - clíticos o(s)/a(s) e FV, nos; - função de Acusativo; - formas verbais: Pretérito Imperfeito e Futuro do Presente do Indicativo, Presente, Pretérito Imperfeito e Futuro do Subjuntivo; - Presença de elemento proclisador na oração; - Não-início absoluto do verbo hospedeiro do pronome clítico na oração. 	<ul style="list-style-type: none"> - clíticos se, lhe(s)¹¹⁷; - funções de Dativo, Apassivação, Indeterminação, Inerência/Reflexividade; - formas verbais: Presente e Pretérito Perfeito do Indicativo, Imperativo Afirmativo, Infinitivo, Gerúndio; - verbos de Estado, Processo, Ação, Ação-Processo; - Ausência de elemento proclisador na oração; - Início absoluto do verbo hospedeiro do pronome clítico na oração.

Quadro 10 – Levantamento geral dos fatores linguísticos que favorecem a próclise ou a ênclise, em lexias verbais simples, conforme os resultados averiguados nos jornais da cidade de São Paulo.

Jornais da cidade de Rio Claro.	
PRÓCLISE	ÊNCLISE
<ul style="list-style-type: none"> - clítico o(s)/a(s) e FV; - função de Acusativo; - formas verbais: Pretérito Imperfeito, Futuro do Presente e Futuro do Pretérito do Indicativo, Presente, Pretérito Imperfeito e Futuro do Subjuntivo, Imperativo Negativo; - verbos de Estado; - Presença de elemento proclisador na oração; - Não-início absoluto do verbo hospedeiro do pronome clítico na oração. 	<ul style="list-style-type: none"> - clíticos nos, se, me, lhe(s); - funções de Dativo, Apassivação, Indeterminação, Inerência/Reflexividade; - formas verbais: Presente e Pretérito Perfeito do Indicativo, Imperativo Afirmativo, Infinitivo, Gerúndio, Particípio; - verbos de Processo, Ação, Ação-Processo; - Ausência de elemento proclisador na oração; - Início absoluto do verbo hospedeiro do pronome clítico na oração.

Quadro 11 – Levantamento geral dos fatores linguísticos que favorecem a próclise ou a ênclise, em lexias verbais simples, conforme os resultados averiguados nos jornais da cidade de Rio Claro.

¹¹⁷ O pronome **me** apareceu 50% proclítico e 50% enclítico.

5.2 Complexos Verbais: Pré-Complexo Verbal x Intra-Complexo Verbal x Pós-Complexo Verbal

Quanto aos pronomes clíticos adjuntos a complexos verbais, encontrou-se, como já referido, um total de **583** ocorrências – **463** dados nos jornais da cidade de São Paulo e **120** nos jornais rioclarenses – distribuídas, da seguinte maneira: nos jornais de São Paulo, **199** vezes o clítico está em posição pré-complexo verbal – cl V1 V2 –, **118** vezes em posição intra-complexo verbal – V1 cl V2 – e **146** vezes enclítico ao V2, isto é, em posição pós-complexo verbal – V1 V2 cl –; nos jornais da cidade de Rio Claro, foram registrados **47** pronomes em posição cl V1 V2, **29** em V1 cl V2 e, finalmente, **44** pronomes em posição V1 V2 cl. Os percentuais estão indicados logo em seguida, nos gráficos 5 e 6.

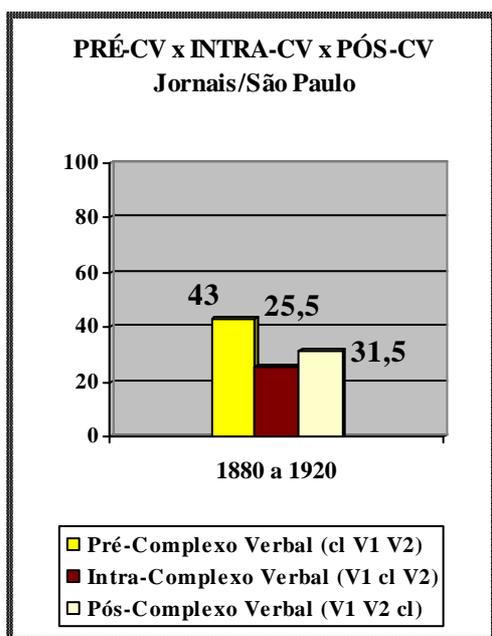


Gráfico 5

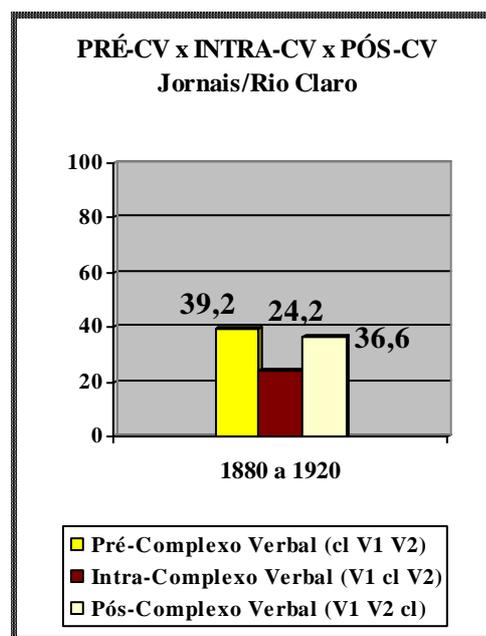


Gráfico 6

Distribuições gerais das ocorrências das posições pré, intra e pós-complexos verbais, nos jornais das cidades de São Paulo e de Rio Claro, de 1880 a 1920.

Novamente, observando-se os percentuais, sem – nesse momento – levar em conta os contextos linguísticos das orações em que os clíticos pronominais estão presentes, pode-se reafirmar que a hipótese adotada – presença mais acentuada dos clíticos nas posições V1 cl V2 e V1 V2 cl nos jornais da cidade de São Paulo e menores índices de ocorrência, nos jornais rioclarenses, dessas posições, prevalecendo, eminentemente, a posição cl V1 V2 – não se valida. Nos dados provenientes dos jornais dos dois municípios, há a preponderância da posição cl V1 V2, destacando-se, ainda mais, nas produções jornalísticas da capital do estado.

Quanto à posição V1 cl V2, nota-se equilíbrio entre os índices resultantes das observações referentes aos jornais de São Paulo e de Rio Claro; e, quanto à posição V1 V2 cl, leve frequência maior nos jornais interioranos. Verifica-se, assim como visto para os clíticos pronominais adjungidos a lexias verbais simples, a relevância do refinamento da análise. No entanto, conclui-se que, quanto à colocação pronominal em orações com complexos verbais, os dados, oriundos dos jornais dessas duas localidades, distribuem-se de forma semelhante.

5.2.1 Complexos Verbais: Variáveis Independentes Extralinguísticas

Optou-se pela descrição dos resultados provenientes da atuação dos três grupos de fatores extralinguísticos considerados nesta pesquisa, a saber: o **ano do jornal analisado**, o **periódico estudado** e os **gêneros textuais averiguados**, devido à impossibilidade de elencar o(s) grupo(s) mais relevante(s) para a determinação da colocação pronominal em determinada oração, uma vez que – como explicitado no início desta seção –, quanto aos complexos verbais, não puderam ser realizadas análises multidimensionais.

5.2.1.1 Variável ANO DO JORNAL ANALISADO

As informações referentes à variável **ano do jornal** podem ser atestadas nas tabelas abaixo.

Ano	Pré-CV		Intra-CV		Pós-CV		Total (N - %)	
1880	N-17	%-53.1	N-8	%-25	N-7	%-21.9	32	6.9
1885	N-15	%-42.9	N-4	%-11.4	N-16	%-45.7	35	7.6
1890	N-18	%-40.9	N-15	%-31.4	N-11	%-25	44	9.5
1895	N-18	%-36	N-16	%-32	N-16	%-32	50	10.8
1900	N-14	%-40	N-8	%-22.9	N-13	%-37.1	35	7.6
1905	N-10	%-27.8	N-13	%-36.1	N-13	%-36.1	36	7.8
1910	N-29	%-55.8	N-9	%-17.3	N-14	%-26.9	52	11.2
1915	N-35	%-40.2	N-22	%-25.3	N-30	%-34.5	87	18.8
1920	N-43	%-46.7	N-23	%-25	N-26	%-28.3	92	19.9
Total	N-199	%-43	N-118	%-25.5	N-146	%-31.5	N-463	

Tabela 30 – Número de ocorrências e percentuais da colocação dos pronomes clíticos em complexos verbais nos anos de 1880 a 1920, nos jornais da cidade de São Paulo.

Ano ¹¹⁸	Pré-CV		Intra-CV		Pós-CV		Total (N - %)	
1880	N-6	%-31.6	N-2	%-10.5	N-11	%-57.9	19	16.1
1885	N-3	%-21.4	N-5	%-35.7	N-6	%-42.9	14	11.9
1894	N-4	%-30.8	N-5	%-38.5	N-4	%-30.8	13	11
1900	N-6	%-37.5	N-1	%-6.2	N-9	%-56.2	16	13.5
1905	N-9	%-81.8	N-1	%-9.1	N-1	%-9.1	11	9.3
1910	N-5	%-35.7	N-3	%-21.4	N-6	%-42.9	14	11.9
1920	N-12	%-38.7	N-12	%-38.7	N-7	%-22.6	31	26.3
Total	N-45	%-38.1	N-29	%-24.6	N-44	%-37.3	N-118	

Tabela 31 – Número de ocorrências e percentuais da colocação dos pronomes clíticos em complexos verbais nos anos de 1880 a 1920, nos jornais da cidade de Rio Claro.

De um modo geral, em relação aos anos observados, nos jornais da cidade de São Paulo, confirma-se o uso mais acentuado da posição cl V1 V2, nos anos de 1880, 1890 a 1900 e 1910 a 1920, indicando-se, portanto, nesses anos, a preferência – ainda que não observados os contextos internos das orações coletadas – pela forma tida como conservadora. A posição V1 cl V2, presente menos vezes nesses jornais, apresenta-se dominante, ao lado do uso dos pronomes clíticos em posição V1 V2 cl, no ano de 1905, atingindo o índice de 36.1%. Quanto à última posição, V1 V2 cl, verifica-se sua maior ocorrência no ano de 1885.

Nos jornais interioranos, nota-se a preponderância da posição V1 V2 cl, nos anos de 1880, 1885, 1900 e 1910. No ano de 1905, destacam-se as ocorrências dos clíticos pronominais em posição cl V1 V2, alcançando-se o percentual de 81.8. Além da predominância nesse ano, a posição pré-complexo verbal, no último ano observado, 1920, apresenta-se, ao lado da posição V2 cl V2, como relevante. Assegura-se, quanto à posição intra-complexo verbal, seu domínio no ano de 1894.

Ainda que nas produções paulistanas seja mais saliente o uso da posição cl V1 V2 e, nos jornais interioranos, haja certa igualdade quantitativa entre os usos dos clíticos pronominais nas posições cl V1 V2 e V1 V2 cl, ocupando a posição V1 cl V2 – traço inovador do PB – destaque como a variante menos utilizada, registra-se, em todos os anos, a convivência dessas três alternativas, referentes à colocação dos pronomes átonos adjungidos a complexos verbais.

¹¹⁸ A célula que apresentou menos de 10 dados, referente ao ano de 1915, com somente 2 dados, foi desprezada.

5.2.1.2 Variável JORNAL ESTUDADO

Os resultados, quanto à posição dos pronomes clíticos nos jornais “A Província de São Paulo” e “O Estado de São Paulo”, da capital paulista, mostram-se bastante próximos, exceto para a variante V1 cl V2, que, no segundo periódico, é mais recorrente (cf. tabela 32), evidenciando-se, assim como mencionado quanto aos dados referentes a lexias verbais simples, a possibilidade de esse jornal, no decorrer dos anos, a partir de alguma mudança em sua estrutura, ter adotado uma postura menos conservadora.

Ano	Pré-CV		Intra-CV		Pós-CV		Total (N - %)	
<i>A Província de São Paulo</i>	N-32	%-47.8	N-12	%-17.9	N-23	%-34.3	67	14.5
<i>O Estado de São Paulo</i>	N-167	%-42.2	N-106	%-26.8	N-123	%-31.1	396	85.5
Total	N-199	%-43	N-118	%-25.5	N-146	%-31.5	N-463	

Tabela 32 – Número de ocorrências e percentuais da colocação dos pronomes clíticos em complexos verbais nos jornais da cidade de São Paulo, de 1880 a 1920.

Ao observar a colocação dos clíticos pronominais a partir dos periódicos rioclarenses em questão, percebem-se disposições peculiares de acordo com o jornal averiguado, como demonstrado na tabela a seguir.

Ano	Pré-CV		Intra-CV		Pós-CV		Total (N - %)	
<i>Correio do Oeste</i>	N-6	%-31.6	N-2	%-10.5	N-11	%-57.9	19	15.8
<i>O Tempo</i>	N-3	%-21.4	N-5	%-35.7	N-6	%-42.9	14	11.7
<i>Diário do Rio Claro</i>	N-4	%-30.8	N-5	%-38.5	N-4	%-30.8	13	10.8
<i>O Rio Claro</i>	N-22	%-51.2	N-5	%-11.6	N-16	%-37.2	43	35.8
<i>A Mocidade</i>	N-5	%-35.7	N-6	%-42.9	N-3	%-21.4	14	11.7
<i>A Semana Militar</i>	N-7	%-41.2	N-6	%-35.3	N-4	%-23.5	17	14.2
Total	N-47	%-39.2	N-29	%-24.2	N-44	%-36.7	N-120	

Tabela 33 – Número de ocorrências e percentuais da colocação dos pronomes clíticos em complexos verbais nos jornais da cidade de Rio Claro, de 1880 a 1920.

Nos jornais “Correio do Oeste” e “O Tempo”, há a predominância da posição V1 V2 cl e, quanto a este, ainda é possível notar um índice relevante para a posição V1 cl V2 (35.7%). Os jornais “O Rio Claro” e “A Semana Militar” marcam como mais frequente o uso do

pronome em posição cl V1 V2. No entanto, referente ao periódico “A Semana Militar”, o uso do pronome em posição intra-verbal também pode ser destacado (35.3%). Em “Diário do Rio Claro” e “A Mocidade”, a posição V1 cl V2 é a mais relevante; observa-se, ainda, naquele, número (e, conseqüentemente frequência) de ocorrências idêntico das posições cl V1 V2 e V1 V2 cl, e, para este, essas posições com frequências de 35.7% e 21.4%, respectivamente.

Para uma melhor interpretação desses resultados, salienta-se, novamente, que, com o conhecimento das histórias desses periódicos, poderia haver indícios para, ao menos, formular hipóteses que tentassem elucidar esses fatos. E, ainda quanto às diferenças dos resultados, menciona-se que podem se dever a aspectos de natureza linguística, detalhando-se, portanto, mais adiante, esses possíveis contextos.

5.2.1.3 Variável GÊNERO TEXTUAL

As ponderações feitas para a análise da colocação pronominal de acordo com os gêneros textuais referentes aos pronomes clíticos adjungidos a lexias verbais simples se repetem quando observados os pronomes em contextos de complexos verbais. Apostam-se, de modo geral, no uso mais acentuado da posição cl V1 V2 nos gêneros **Edital**, **Notícia**, **Aviso**, **Anúncio** e **Classificado**, na predominância, nos gêneros **Editorial**, **Artigo**, **Crônica** e **Carta do Leitor**, das posições V1 cl V2 e V1 V2 cl e, nos gêneros **Nota** e **Comentário**, a alternância equilibrada das três variantes, de acordo com os pressupostos, acerca dos gêneros textuais, e em particular dos gêneros textuais jornalísticos, percorridos durante este estudo, inclusive na subseção 5.1.1.2.

Os resultados, pertencentes aos jornais da cidade de São Paulo, encontram-se na tabela seguinte.

	Pré-CV		Intra-CV		Pós-CV		Total (N - %)	
Edital	N-28	%-63.6	N-12	%-27.3	N-4	%-9.1	44	10
Notícia	N-50	%-45.5	N-28	%-25.5	N-32	%-29.1	110	25.2
Aviso	N-11	%-22.4	N-15	%-30.6	N-23	%-46.9	49	11.2
Anúncio	N-16	%-33.3	N-16	%-33.3	N-16	%-33.3	48	11
Classificado	N-5	%-18.5	N-12	%-44.4	N-10	%-37	27	6.2
Editorial	N-17	%-73.9	N-3	%-13	N-3	%-13	23	5.2
Artigo	N-12	%-60	N-1	%-5	N-7	%-35	20	4.6
Carta do Leitor	N-26	%-44.8	N-13	%-22.4	N-19	%-32.8	58	13.3
Nota	N-14	%-29.2	N-11	%-22.9	N-23	%-47.9	48	11
Comentário	N-4	%-40	N-3	%-30	N-3	%-30	10	2.3
Total	N-183	%-41.9	N-114	%-26.1	N-140	%-32	N-437	

Tabela 34^{119, 120} – Número de ocorrências e percentuais dos pronomes clíticos em complexos verbais, de acordo com os gêneros textuais dos jornais da cidade de São Paulo, de 1880 a 1920.

Há pouca, ou quase nenhuma, correlação entre as hipóteses propostas e os resultados averiguados quanto à colocação dos pronomes clíticos, de acordo com os gêneros textuais, em complexos verbais, nos jornais paulistanos.

Notam-se, apenas nos gêneros **Edital** e **Notícia**, os comportamentos esperados, isto é, o uso mais acentuado dos pronomes clíticos em posição cl V1 V2. Ainda, quanto ao **Edital**, nota-se, nele, o menor índice de uso do pronome posposto ao verbo principal, apenas 9.1%.

Os textos do gênero **Aviso** apresentam, em maior número de ocorrências, os clíticos pronominais nas posições V1 V2 cl e V1 cl V2, na devida ordem. Quanto aos gêneros **Anúncio** e **Classificados**, pode-se dizer que, naquele, há números de ocorrências idênticos para as três posições dos pronomes clíticos, quando adjuntos a complexos verbais – **16** dados que representam 33.3% –; neste, a posição V1 cl V2 é considerada a mais produtiva. Ressalta-se o fato de esses dois gêneros apresentarem as maiores frequências quanto à variante intra-complexo verbal.

Nos gêneros textuais em que se esperava averiguar, devido às suas características, usos mais acentuados das posições, possivelmente, tidas como as construções menos normativas, a saber: **Editorial**, **Artigo** e **Carta do Leitor**, revela-se, ao contrário, como predominante, o uso do pronome em posição cl V1 V2, com frequências de 73.9%, 60% e 44.8%, respectivamente. No entanto, quanto ao gênero **Carta do Leitor**, os índices das três posições

¹¹⁹ Ainda foram encontrados nos jornais da cidade de São Paulo, no ano de 1915, o gênero Entrevista e, no ano de 1920, o gênero Crônica. Por estarem presentes apenas em um exemplar, foram desconsiderados da análise.

¹²⁰ A célula que apresentou menos de 10 dados, referente ao gênero Resenha ou Crítica, com somente 4 dados, foi desprezada.

se aproximam das frequências de uso geral dos clíticos pronominais nas posições cl V1 V2, V1 cl V2 e V1 V2 cl.

Quanto aos gêneros **Nota** e **Comentário**, os clíticos pronominais aparecem em maior número, no primeiro, em posição V1 V2 cl e, no segundo, em posição cl V1 V2. Ainda assim, verificam-se frequências da posição V1 cl V2 próximas, de certo modo, do índice geral observado, nos jornais paulistanos, por essa posição.

Na sequência, faz-se o detalhamento dos gêneros textuais, e da colocação pronominal vista neles, presentes nos jornais da cidade de Rio Claro. A tabela 35, abaixo, indica os referidos números de ocorrências e os percentuais.

	Pré-CV		Intra-CV		Pós-CV		Total (N - %)	
Edital	N-10	%-55.6	N-5	%-27.8	N-3	%-16.7	18	21.4
Notícia	N-3	%-30	N-2	%-20	N-5	%-50	10	11.9
Anúncio	N-5	%-50	N-2	%-20	N-3	%-30	10	11.9
Crônica	N-7	%-31.8	N-9	%-40.9	N-6	%-27.3	22	26.2
Carta do Leitor	N-4	%-33.3	N-5	%-41.7	N-3	%-25	12	14.3
Nota	N-5	%-41.7	N-2	%-16.7	N-5	%-41.7	12	14.3
Total	N-34	%-40.4	N-25	%-29.8	N-25	%-29.8	N-84	

Tabela 35^{121, 122} – Número de ocorrências e percentuais dos pronomes clíticos em complexos verbais, de acordo com os gêneros textuais dos jornais da cidade de Rio Claro, de 1880 a 1920.

Os gêneros **Edital**, **Anúncio**, **Crônica** e **Carta do Leitor** apresentam frequências que correspondem às considerações propostas quanto à posição dos clíticos pronominais nesses gêneros textuais. Nos dois primeiros, há o predomínio da posição cl V1 V2, com frequências de 55.6% e 50%, na devida ordem, e, nos dois últimos, com percentuais bastante próximos entre eles, se comparados os comportamentos das três posições, há o domínio da posição V1 cl V2.

No gênero **Notícia**, observa-se a posição V1 V2 cl em destaque. E, por fim, quanto ao gênero **Nota**, assinalam-se como proeminentes as posições cl V1 V2 e V1 V2 cl.

Ressalta-se, novamente, que as diferenças presentes entre os comportamentos dos pronomes clíticos nos gêneros textuais jornalísticos de São Paulo e de Rio Claro podem ser fruto – além de diferenças de natureza linguística – das especificidades de cada jornal e,

¹²¹ Ainda foi encontrado no jornal de 1880, da cidade de Rio Claro, o gênero Resenha ou Crítica. Por estar presente apenas em um exemplar, foi desconsiderado da análise

¹²² As células que apresentaram menos de 10 dados, referentes aos gêneros Editorial, com 7 dados, Comentário, com 6 dados, Aviso, com 8 dados, Artigo, com 9 dados, e Classificado, com somente 3 dados, foram desprezadas.

inclusive, de acordo com aspectos funcionais, resultado do fato de um mesmo gênero poder ser representado por textos com aspectos sociocomunicativos diversos.

5.2.2 Complexos Verbais: Variáveis Independentes Linguísticas

Para as análises das aplicações de cada variante da variável dependente em questão, referentes aos grupos de fatores de natureza linguística, constituiu-se uma sub-amostra de **568** dados, distribuídos entre os **463** referentes aos jornais de São Paulo – descritos anteriormente – e **105** dados rioclarenses. A justificativa feita quanto à redução no número de dados provenientes dos jornais da cidade de Rio Claro, exposta na subseção 5.1.2, relativa às variáveis independentes linguísticas selecionadas como motivadoras da colocação pronominal em contextos de lexias verbais simples, reproduz-se aqui: os dados provenientes do jornal rioclarense “A Mocidade”, de 1920, foram excluídos, uma vez que eram poucos os traços, em termos funcionais, que o assemelhavam aos demais periódicos.

Em seguida, são detalhados os resultados da colocação pronominal em orações com complexos verbais, de acordo com determinados aspectos internos da língua.

5.2.2.1 Variável TIPO DE CLÍTICO

Os pronomes de 1ª pessoa – **me** e **nos** –, nos jornais da cidade de São Paulo, apresentam maior número de ocorrências na posição cl V1 V2 (cf. tabela 36), inclusive – segundo os resultados fornecidos pelo cruzamento desta variável com a variável **presença (ou ausência) de atrator** na oração – pelo fato de grande parte dos dados com esses dois pronomes aparecem em orações em que há a partícula proclisadora, favorecendo, assim, a anteposição do pronome ao primeiro verbo – como mostram os exemplos a seguir.

(263) [...] *que ahi havia sido deixado para **me ser entregue**.* (“A Província de São Paulo”, São Paulo, 1880 – gênero Carta do Leitor).

(264) [...] *e dos quaes mui sinceramente **me havia feito presente**.* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1890 – gênero Carta do Leitor).

(265) *Agradecemos o convite que **nos foi feito**.* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1890 – gênero Nota).

(266) [...] *o governo só **nos** poderá livrar, multiplicando os seus cuidados.* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1900 – gênero Carta do Leitor).

No entanto, ainda se destaca, quanto ao pronome clítico **me**, a posição V1 cl V2, mesmo em algumas orações que têm o atrator do pronome (exemplos 267 e 268, abaixo), atingindo um índice de frequência de 34.3%.

(267) [...] *o destino que as altas autoridades de S. Paulo **havam me reservado** [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1920 – gênero Notícia).

(268) [...] *o delegado de policia que **intimava-me a fazer entrega** [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1890 – gênero Carta do Leitor).

Os pronomes **o(s)/a(s)** e **FV** apresentam maior recorrência na posição V1 V2 cl, apontando-se, conforme o cruzamento desta variável com a variável **forma verbal de V2**, os **38** dados com V2 na forma de **Infinitivo** – como os exemplos de 269 a 271. Dos **23** registros referentes à colocação do pronome anteposto ao primeiro verbo, tem-se em **22** dados a presença de um elemento atrator na oração, conforme os exemplos 272 e 273. Assim, confirma-se, quanto ao menor índice da posição V1 cl V2, o uso menos produtivo desse tipo de pronome nessa posição, devido ao fato de os pronomes **o(s)/a(s)** serem considerados materiais fônicos fracos (cf. Vieira (2002)).

(269) [...] *venho por isso declarar que **pretendo faze-lo** pelo rito protestante [...].* (“A Província de São Paulo”, São Paulo, 1880 – gênero Aviso).

(270) [...] ***tive de perdoal-o** depois de um dia de prisão [...].* (“A Província de São Paulo”, São Paulo, 1885 – gênero Carta do Leitor).

(271) [...] *aquelles que **entendessem fazel-o**.* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1910 – gênero Editorial).

(272) [...] *á disposição dos interessados que **os quizerem examinar** nesta Repartição [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1890 – gênero Edital).

(273) [...] *de que os seus desejos não **o deixam raciocinar** com serenidade [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1910 – gênero Editorial).

Os dados referentes ao clítico **lhe(s)** assinalam forte predomínio da posição cl V1 V2, ocorrendo em **39** dos **43** registros averiguados a presença do elemento atrator do clítico pronominal, segundo os exemplos 274 e 275.

(274) [...] pois o seu estado não **lhe permittia prosseguir** a sós no seu caminho. (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1920 – gênero Notícia).

(275) Uma multidão desesperada [...], que **lhe tem feito** curtir os horrores da fome [...]. (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1920 – gênero Notícia).

O pronome **se** ocorre nas posições cl V1 V2, V1 V2 cl e V1 cl V2, em ordem decrescente de frequência. Quanto aos dados referentes ao pronome na primeira posição, num total de **98**, em **91** dados há a presença do elemento proclisador, conforme os exemplos 276 e 277. Em posição V1 V2 cl, dos **84** registros computados, em **83** o pronome **se** desempenha a função de **Inerência/Reflexividade**, assim como mostram os exemplos 278 e 279.

(276) A noticia de que **se vão fundar** núcleos coloniaes pela província [...]. (“A Província de São Paulo”, São Paulo, 1880 – gênero Comentário).

(277) [...] onde nunca **se póde explicar** como foi introduzida a peste. (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1900 – gênero Carta do Leitor).

(278) Ha ainda um pensionato para moços do interior, que **queiram matricular-se** no curso [...]. (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1915 – gênero Anúncio).

(279) [...] dizendo que a França **continuará a interessar-se** pela manutenção da paz [...]. (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1910 – gênero Notícia).

Na tabela a seguir apresentam-se os resultados, até aqui, detalhados.

Tipo de Clítico ¹²³	Pré-CV		Intra-CV		Pós-CV		Total (N - %)	
	N	%	N	%	N	%	N	%
me	N-18	%-51.4	N-12	%-34.3	N-5	%-14.3	35	7.7
O(s)/a(s) e FV	N-23	%-29.5	N-17	%-21.8	N-38	%-48.7	78	17.1
lhe(s)	N-43	%-71.7	N-6	%-10	N-11	%-18.3	60	13.1
se	N-98	%-37.8	N-77	%-29.7	N-84	%-32.4	259	56.8
nos	N-15	%-62.5	N-4	%-16.7	N-5	%-20.8	24	5.3
Total	N-197	%-43.2	N-116	%-25.4	N-143	%-31.4	N-456	

Tabela 36¹²⁴ – Número de ocorrências e percentuais dos pronomes clíticos em complexos verbais, de acordo com o tipo de clítico, nos jornais da cidade de São Paulo, de 1880 a 1920.

Nos jornais rioclarenses, os clíticos pronominais **o(s)/a(s)** e **FV** estão distribuídos, igualmente, entre as posições V1 cl V2 e V1 V2 cl, com índice de frequência de 38.1% e, posteriormente, com apenas o registro de **5** dados, em posição cl V1 V2. Dos **8** dados registrados com os clíticos acusativos de 3ª pessoa em posição V1 V2 cl, todos apresentam, quando cruzados com a **forma verbal de V2**, o segundo verbo na forma não-finita do **Infinitivo** – a seguir, mostram-se os exemplos 280 e 281. Quando esse tipo de pronome ocupa a posição anteposta ao primeiro verbo, dos **5** dados computados, em **3** estão presentes, nas orações, elementos proclisadores (exemplos 282 a 284). A reflexão acerca da natureza fônica fraca desses pronomes, mencionada com os casos de V1 cl V2, nos jornais de São Paulo, não se encaixa quanto aos dados dos jornais interioranos.

(280) *O gerente desta casa convida os amigos e freguezes a virem **visital-a** [...].* (“Diário do Rio Claro”, Rio Claro, 1894 – gênero Anúncio).

(281) *[...] é uma norma jornalística e V. S. não **deve ignorar-o** [...].* (“A Semana Militar”, Rio Claro, 1920 – gênero Comentário).

(282) *Quem é que **o vio empallidecer** ante o aspecto [...].* (“Correio do Oeste”, Rio Claro, 1880 – gênero Crônica).

(283) *[...] o antidoto que **o livrou de ir** já desta para uma melhor terra.* (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1900 – gênero Notícia).

(284) *[...] seria o proprietário contribuinte quem **o iria reclamar** [...].* (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1905 – gênero Edital).

O pronome **lhe(s)** confirma o uso mais acentuado em posição cl V1 V2, já observado nos jornais da cidade de São Paulo. Dos **7** dados registrados, verifica-se em **6** a presença do

¹²³ A célula que apresentou menos de 10 dados, apenas 7, referente ao clítico pronominal **vos** foi desprezada.

¹²⁴ Nenhum registro do pronome **te** foi encontrado.

elemento atrator, o que tende à anteposição, ao primeiro verbo, de qualquer pronome em questão, inclusive do próprio pronome **lhe(s)**. Abaixo, mostram-se alguns desses exemplos.

(285) [...] e outros generos que **lhes forem consignados**. (“Correio do Oeste”, Rio Claro, 1880 – gênero Aviso).

(286) [...] que o seu auctor como graça que **lhes foi dada de formular** [...]. (“O Rio Claro, Rio Claro, 1915 – gênero Anúncio).

(287) **Ninguem lhe poderá mudar o genio** [...]. (“A Semana Militar”, Rio Claro, 1920 – gênero Artigo).

Verifica-se, ainda, quanto aos **3** dados com pronome **lhe** em posição V1 V2 cl, que os segundos verbos que compõem esses complexos verbais, aos quais os clíticos estão adjungidos, estão na forma verbal do **Infinitivo** – exemplos 288 a 290.

(288) [...] e com a maior destreza **pôde evitar-lhe a morte**. (“Correio do Oeste”, Rio Claro, 1880 – gênero Notícia).

(289) [...] e por isso peço-**lhe desculpas se este vae offender-lhe**. (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1900 – gênero Anúncio).

(290) **Equivaleria a prescrever-lhe confins** [...]. (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1905 – gênero Edital).

O pronome **se** é mais produtivo na posição V1 V2 cl. Os **24** dados registrados desse pronome, nessa posição, indicam o valor de **Inerência/Reflexividade** do referido pronome e que a forma verbal ao qual o **se** está adjungido está no **Infinitivo**, como mostram os três primeiros exemplos abaixo. O elemento proclisador, novamente, evidencia-se como um fator decisivo para a colocação pronominal, uma vez que está presente em **19** dos **20** casos em que o **se** está anteposto ao primeiro verbo do complexo verbal – exemplos 294 e 295, abaixo.

(291) [...] a linha com que o proximo **procura cozer-se até que a thesoura** [...]. (“Correio do Oeste”, Rio Claro, 1880 – gênero Crônica).

(292) [...] era como que o aviso prévio, de que aquella alma estava aniquilada e que em breve **teria que extinguir-se!** (“A Semana Militar”, Rio Claro, 1920 – gênero Crônica).

(293) [...] que no dia 2 de Fevereiro proximo futuro **deve realizar-se a eleição** [...]. (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1910 – gênero Aviso).

(294) [...] *tudo alli se fez representar*. (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1900 – gênero Comentário).

(295) *Não é crível que se queira annullar uma lei orçamentária [...]*. (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1905 – gênero Edital).

As informações acima discorridas estão presentes na próxima tabela.

Tipo de Clítico ¹²⁵	Pré-CV		Intra-CV		Pós-CV		Total (N - %)	
	O(s)/a(s) e FV	N-5	%-23.8	N-8	%-38.1	N-8	%-38.1	21
lhe(s)	N-7	%-53.8	N-3	%-23.1	N-3	%-23.1	13	14.8
se	N-20	%-37	N-10	%-18.5	N-24	%-44.4	54	61.4
Total	N-32	%-36.4	N-21	%-23.8	N-35	%-39.8	N-88	

Tabela 37 – Número de ocorrências e percentuais dos pronomes clíticos em complexos verbais, de acordo com o tipo de clítico, nos jornais da cidade de Rio Claro, de 1880 a 1920.

5.2.2.2 Variável FUNÇÃO DO CLÍTICO

Na tabela 38, a seguir, constam os resultados da colocação dos pronomes clíticos de acordo com as funções sintáticas que desempenham ou, em alguns casos, principalmente relacionados ao pronome *se*, o papel sintático-semântico que assumem nas orações, nas produções jornalísticas da cidade de São Paulo.

Função do Clítico ¹²⁶	Pré-CV		Intra-CV		Pós-CV		Total (N - %)	
	Acusativo	N-28	%-30.8	N-20	%-22	N-43	%-47.3	91
Dativo	N-67	%-72.8	N-15	%-16.3	N-10	%-10.9	92	20.2
Apassivação	N-5	%-45.5	N-6	%-54.5	N-0	%-0	11	2.4
Indeterminação	N-51	%-58.6	N-35	%-40.2	N-1	%-1.1	87	19.1
Inerência/ Reflexividade	N-45	%-25.9	N-41	%-23.6	N-88	%-50.6	174	38.3
Total	N-196	%-43.1	N-117	%-25.7	N-142	%-31.2	N-455	

Tabela 38¹²⁷ – Número de ocorrências e percentuais dos pronomes clíticos em complexos verbais, de acordo com a função do clítico, nos jornais da cidade de São Paulo, de 1880 a 1920.

¹²⁵ As células que apresentaram menos de 10 dados, referentes aos clíticos pronominais *me*, com 8 dados, *nos*, com 7 dados, e *vos*, com apenas 2 dados, foram desprezadas.

¹²⁶ As células que apresentaram menos de 10 dados, referentes às funções Dativo de posse e Predicativo, com 7 e 1 dados, respectivamente, foram desprezadas.

¹²⁷ Nenhum registro de clítico com a função Dativo ético foi encontrado.

Nos dados coletados dos jornais paulistanos, a função de **Acusativo** é, em grande número (77 dados) – como observado no cruzamento entre a variável **tipo de clítico** e esta –, representada pelos pronomes **o(s)/a(s)** e **FV** que, também, assinalam a posição cl V1 V2 como a mais produtiva. No entanto, ainda são notados, exercendo essa função, **8** dados com o pronome **me** (exemplos 296 e 297, abaixo), **4** com o pronome **nos** (exemplos 298 e 299, abaixo), **1** com o pronome **vos** (exemplo 300, abaixo) e **1** registro com o pronome **lhe** (exemplo 301, abaixo).

(296) *Sendo o mesmo sr [...] mal aconselhado de certos individuos de Piracicaba, entendeu **poder chamar-me** a responsabilidade quanto ao desaparecimento do seu filho.* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1895 – gênero Carta do Leitor).

(297) *[...] uma vez, **querendo consolar-me** de uma contrariedade [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1920 – gênero Crônica).

(298) *[...] o governo só **nos poderá livrar**, multiplicando os seus cuidados.* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1900 – gênero Carta do Leitor).

(299) *[...] **aquelle que nos foi distrahir** das nossas occupaões [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1915 – gênero Entrevista).

(300) *[...] **tenho a honra de convidar-vos** para a sessão ordinaria [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1915 – gênero Aviso).

(301) *[...] com surpresas para os companheiros, que não **lhe puderam socorrer** [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1920 – gênero Notícia).

Nesses jornais, aparecem adjungidos a complexos verbais exercendo a função de **Dativo** os seguintes pronomes: **lhe(s)**, **me**, **nos** e **vos**. Com exceção do último pronome, os outros três aparecem, desempenhando essa função, em posição cl V1 V2, com percentuais bastante significativos, a saber: 76%, 75% e 75%, na devida ordem. Desse modo, totalizam-se **67** dados de pronomes clíticos na função de **Dativo**, em posição anteposta ao primeiro verbo, representando um índice geral de 73%. Na sequência, mostram-se alguns exemplos referentes a esses pronomes átonos.

(302) *Nesse dia, á hora marcada, lá estava o negociante acompanhado de um amigo, que **lhe havia emprestado** 600\$000réis, para perfazer a quantia estipulada [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1910 – gênero Notícia).

(303) [...], *entendeu dever retirar de minha casa, [...], todos os moveis e mais objectos que a guarneciam, e dos quaes mui sinceramente **me havia feito** presente.* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1895 – gênero Carta do Leitor).

(304) *Está nesta cidade e **nos foi apresentado** por estimaveis collegas [...].* (“A Província de São Paulo”, São Paulo, 1885 – gênero Nota).

(305) ***Tenho que participar-vos** que não pude de prompto usar o vosso Cinturão [...].* (“O Estado de São Paulo”, 1905 – gênero Anúncio).

Quando observados os dados com o pronome **se**, de acordo com os possíveis valores que esse pronome possui nas orações, apresentam-se diferenciados os índices para a colocação pronominal. Assim, quando assume o papel de **Apassivação**, verifica-se o favorecimento da posição V1 cl V2 (exemplos 306 e 307, abaixo), não se registrando nenhum dado do pronome **se**, nesse contexto, em posição posposta ao segundo verbo do complexo; quanto ao valor de **Indeterminação**, nota-se o pronome **se**, representativamente, em posição cl V1 V2 – deve-se ressaltar que dos **51** dados averiguados, com o pronome **se**, nessa posição, desempenhando esse papel, em **47** estão presentes elementos proclisadores nas orações (exemplos 308 e 309, abaixo). Por fim, no que concerne ao pronome **se** atuando em **Inerência/Reflexividade**, num total de **161** dados, assinala-se a significativa preferência pela posição V1 V2 cl – como mostram os exemplos 310 e 311 – atestando-se, também, a tendência mais acentuada à forma verbal **Infinitivo** nos segundos verbos desses complexos.

(306) *Na propria garage **pode se ajustar** o preço e fechar negocio [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1915 – gênero Anúncio).

(307) [...] *dentro do qual, na opinião de brilhantes constitucionalistas, **devia se exercer a jurisdição** [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1920 – gênero Edital).

(308) *Nas ostreiras exploradas não **se têm encontrado** ossadas humanas [...].* (“A Província de São Paulo”, São Paulo, 1880 – gênero Artigo).

(309) *Toda a pedra cujos defeitos **se procurar dissimular** [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1895 – gênero Edital).

(310) *O sr. dr. Castilho, medido da policia, procedeu a auto do corpo [...], sendo opinião daquelle facultativo que Antonio de Magalhães não **poderá salvar-se**.* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1895 – gênero Notícia).

(311) *Em Manaos **acaba de fundar-se** a Academia Amazônica [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1905 – gênero Nota).

Apontam-se, ainda, quanto ao fator **Inerência/Reflexividade**, **13** dados, sendo **9** com o pronome **me** e **4** com o pronome **nos**. As posições ocupadas por esses dois pronomes se alternam entre as três variantes. A seguir, explicitam-se alguns exemplos.

(312) *Isto se depreheende a todos os instantes e pelas mais concluedentes formas, sómente a uma, dada a sua mais facil verificação, **me quero reportar**: a imprensa.* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1915 – gênero Artigo).

(313) *Eu abaixo assignado, cidadão francez, natural de Prumatt Olzode, **querendo me casar** com a sra. Carolina Trepp [...].* (“A Província de São Paulo”, São Paulo, 1880 – gênero Aviso).

(314) *Passei a noite sem **poder mover-me** na cama [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1920 – gênero Carta do Leitor).

(315) *O sacrificio a que só **nos devemos submitter** quando a segurança [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1905 – gênero Editorial).

(316) *Não querendo averiguar agora se pode haver manutenção de posse quando se tracta de um direito e não de uma coisa material, **limitamo-nos a perguntar** onde poderá um juiz descobrir a origem do direito [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1895 – gênero Editorial).

(317) *[...] para que, constituindo uma só força, **possamos ocupar-nos** da resolução [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1910 – gênero Notícia).

A seguir, apresentam-se os resultados, referentes à análise desta variável, dos jornais da cidade de Rio Claro.

Função do Clítico ¹²⁸	Pré-CV		Intra-CV		Pós-CV		Total (N - %)	
Acusativo	N-7	%-30.4	N-8	%-34.8	N-8	%-34.8	23	22.3
Dativo	N-13	%-68.4	N-4	%-21.1	N-2	%-10.5	19	18.5
Indeterminação	N-11	%-84.6	N-2	%-15.4	N-0	%-0	13	12.6
Inerência/ Reflexividade	N-10	%-20.8	N-11	%-22.9	N-27	%-56.2	48	46.6
Total	N-41	%-39.8	N-25	%-24.3	N-37	%-35.9	N-103	

Tabela 39¹²⁹ – Número de ocorrências e percentuais dos pronomes clíticos em complexos verbais, de acordo com a função do clítico, nos jornais da cidade de Rio Claro, de 1880 a 1920.

Nos jornais rioclarenses, a função de **Acusativo**, é desempenhada pelos clíticos pronominais **o(s)/a(s)** e **FV** – em maior quantidade, **21** ocorrências –, **me** e **nos** – ambos os pronomes são registrados, cada um, em apenas **1** dado (exemplos 318 e 319, abaixo).

(318) [...] e *me deixava transportar, para um mundo melhor para um mundo de sonhos.* (“A Semana Militar”, Rio Claro, 1920 – gênero Crônica).

(319) [...] com os quaes *nos tem deliciado* como também aos nossos tantos leitores. (“A Semana Militar”, Rio Claro, 1920 – gênero Nota).

Quanto aos dados referentes ao uso dos clíticos **o(s)/a(s)** e **FV**, atuando nessa função, observa-se o mesmo número de ocorrências nas posições V1 cl V2 e V1 V2 cl – **8** dados –, acentuando-se assim, a tendência a essas posições, quando o clítico pronominal apresentar a função de **Acusativo** (exemplos 320 e 321, abaixo). Notam-se, ainda, **5** dados dos pronomes **o(s)** e **a(s)**, com esse papel sintático, em posição cl V1 V2 (os exemplos são explicitados em 282, 283 e 284, anteriormente apresentados).

(320) [...] a defesa imperterrita de um ideal, *fel-o reviver* e ainda gritava altisonante. (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1900 – gênero Editorial).

(321) *Nos termos mais precisos ahi está a confissão de sua cumplicidade com uma policia, que só sabe garantir a vida de quem se diz ameaçado nella, mandando prendel-o.* (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1900 – gênero Artigo).

¹²⁸ A célula que apresentou menos de 10 dados, referente à função Dativo de posse, com somente 2 dados, foi desprezada.

¹²⁹ Nenhum registro de clíticos com as funções Dativo ético, Predicativo e Apassivação foi encontrado.

Os pronomes **lhe(s)**, **me** e **nos** aparecem, respectivamente, em **11**, **3** e **5** dados sob a função sintática de **Dativo**. A posição preferida, quanto à colocação desses pronomes adjungidos a complexos verbais, confirma-se em anteposição ao primeiro verbo do complexo – com índices, para esses três pronomes, de 55%, 67% e 100%, na devida ordem –, resultando-se, assim, maior tendência da posição cl V1 V2, quando o pronome em questão atuar como **Dativo**. Na sequência, podem ser vistos exemplos referentes aos pronomes **me** e **nos** em função de **Dativo** – os exemplos que concernem ao pronome **lhe(s)** podem ser revistos nos exemplos 285 a 287.

(322) *A gratidão, porém, me impunha a assim proceder para com aquelle que salvou-me.* (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1900 – gênero Carta do Leitor).

(323) *Agradecemos e retribuimos as Boas Festas que nos foram enviadas pelos senhores [...].* (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1910 – gênero Nota).

Quanto aos valores de **Indeterminação** e **Inerência/Reflexividade**, verificam-se comportamentos semelhantes nos dados extraídos dos jornais da cidade de São Paulo e de Rio Claro. No que diz respeito à **Indeterminação**, tem-se o pronome **se**, significativamente, em posição cl V1 V2; nos **11** dados obtidos desse pronome, nessa posição e desempenhando o papel de indeterminador, nota-se, nas orações, a presença de elementos proclisadores, como visto nos exemplos de 324 a 326, abaixo. Ressalta-se não haver nenhum registro desse pronome, nesse contexto, em posição posposta ao segundo verbo.

(324) *E’ o que se pode com acerto chamar fazer cortezia com chapéu alheio.* (“O Tempo”, São Paulo, 1885 – gênero Carta do Leitor).

(325) *[...] por isso que se deve ter em vista a maior comodidade em pról dos consumidores [...].* (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1910 – gênero Edital).

(326) *[...] avaliar o apreço que a essa data se ha devotar.* (“A Semana Militar”, Rio Claro, 1920 – gênero Nota).

Os casos de pronome **se**, com valor de **Inerência/Reflexividade**, totalizam **41** dados, estando distribuídos **24** em posição V1 V2 cl – índice de frequência de 59%. Pode-se notar o uso mais acentuado da forma verbal **Infinitivo** nos segundos verbos dos referidos complexos – como exibem os exemplos 291 a 293, descritos anteriormente.

Ainda são registrados, nesse fator, **4** dados do pronome **me** – **2** vezes em posição V1 cl V2 e **2** vezes em posição V1 V2 cl (exemplos 327 e 328, abaixo) –, **1** dado do pronome **nos** – em posição cl V1 V2 (exemplo 329, abaixo) – e **2** pronomes **vos** – cada um nas posições V1 cl V2 e V1 V2 cl (exemplo 330, abaixo). Desse modo, quanto à **Inerência/Reflexividade**, afirma-se o percentual de 56.2% para a escolha mais recorrente do pronome, ao complexo verbal em questão adjungido, posposto ao segundo verbo desse complexo.

(327) [...] e *obri~~go~~-me* por tanto *a prestar* muito seriamente *activissima* atenção [...]. (“O Tempo”, Rio Claro, 1885 – gênero Crônica).

(328) [...] como é que *heide sacrificar-me*? (“Correio do Oeste”, Rio Claro, 1880 – gênero Resenha ou Crítica).

(329) *Tambem nos havemos de ver* [...]. (“Correio do Oeste”, Rio Claro, 1880 – gênero Resenha ou Crítica).

(330) *Quereis vos tornar sympathicos? Quereis livrar-vos d’espinnhas?* (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1910 – gênero Anúncio).

Percebe-se, portanto, quanto aos resultados provenientes desta variável e da variável independente linguística **tipo de clítico**, nos jornais das duas referidas localidades, fortes correlações.

5.2.2.3 Variável FORMAS VERBAIS de V1

Observam-se, em seguida, nas tabelas 40 e 41, os dados resultantes da consideração deste grupo de fatores, como possível controlador – a partir de correlações entre esta variável e as outras observadas neste estudo – da posição dos pronomes clíticos em orações com complexos verbais, nos referidos jornais paulistas.

Formas Verbaís de V1 ¹³⁰	Pré-CV		Intra-CV		Pós-CV		Total (N - %)	
	Presente do Indicativo	N-68	%-41.7	N-37	%-22.7	N-58	%-35.6	163
Pretérito Perfeito do Indicativo	N-36	%-46.2	N-17	%-21.8	N-25	%-32.1	78	17.8
Pretérito Imperfeito do Indicativo	N-30	%-68.2	N-10	%-22.7	N-4	%-9.1	44	10.1
Futuro do Presente do Indicativo	N-7	%-25.9	N-3	%-11.1	N-17	%-63	27	6.2
Presente do Subjuntivo	N-21	%-72.4	N-3	%-10.3	N-5	%-17.2	29	6.6
Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	N-8	%-61.5	N-2	%-15.4	N-3	%-23.1	13	3
Infinitivo	N-13	%-43.3	N-7	%-23.3	N-10	%-33.3	30	6.9
Gerúndio	N-0	%-0	N-37	%-69.8	N-16	%-30.2	53	12.1
Total	N-183	%-41.9	N-116	%-26.5	N-138	%-31.6	N-437	

Tabela 40¹³¹ – Número de ocorrências e percentuais dos pronomes clíticos em complexos verbais, de acordo com as formas verbais de V1, nos jornais da cidade de São Paulo, de 1880 a 1920.

Formas Verbaís de V1 ¹³²	Pré-CV		Intra-CV		Pós-CV		Total (N - %)	
	Presente do Indicativo	N-18	%-45	N-6	%-15	N-16	%-40	40
Pretérito Perfeito do Indicativo	N-7	%-46.7	N-3	%-20	N-5	%-33.3	15	18.75
Infinitivo	N-0	%-0	N-7	%-63.6	N-4	%-36.4	11	13.75
Gerúndio	N-1	%-7.1	N-5	%-35.7	N-8	%-57.1	14	17.5
Total	N-26	%-32.5	N-21	%-26.25	N-33	%-41.25	N-80	

Tabela 41¹³³ – Número de ocorrências e percentuais dos pronomes clíticos em complexos verbais, de acordo com as formas verbais de V1, nos jornais da cidade de Rio Claro, de 1880 a 1920.

¹³⁰ As células que apresentaram menos de 10 dados, referentes ao Pretérito-mais-que-perfeito e ao Futuro do Pretérito, do Modo Indicativo, com 3 e 7 dados, respectivamente, ao Futuro do Subjuntivo, com 9 dados, e ao Imperativo Afirmativo, com 7 dados, foram desprezadas.

¹³¹ Nenhum registro de clíticos adjungidos a V1 no Imperativo Negativo e no Participio foi encontrado.

¹³² As células que apresentaram menos de 10 dados, referentes ao Pretérito Imperfeito do Indicativo, com 9 dados, Futuro do Presente do Indicativo, com 2 dados, Futuro do Pretérito do Indicativo, com 3 dados, Presente do Subjuntivo, com 4 dados, Pretérito Imperfeito do Subjuntivo, com 3 dados, Futuro do Subjuntivo, com 3 dados, Imperativo Afirmativo, com 1 dado, foram desprezadas.

Quanto à variável **formas verbais de V1**, no que concerne aos tempos do **Modo Indicativo**, a saber **Presente** e **Pretérito Perfeito**, os resultados oriundos dos jornais de São Paulo e de Rio Claro indicam comportamentos semelhantes. Há, nesses tempos do **Modo Indicativo**, maior preponderância do clítico pronominal em posição cl V1 V2, atingindo, nos dados da capital, percentuais de 41.7% e 46.2%, respectivamente, e, em Rio Claro, resultados que apontam 45% e 46.7%, nessa devida ordem. Os demais dados ocorrem, em ordem decrescente de frequência, nas posições V1 V2 cl e V1 cl V2. Ressalta-se que os percentuais observados para a colocação pronominal conforme os tempos **Presente** e **Pretérito Perfeito do Modo Indicativo**, nos periódicos das duas localidades, se apresentam bastante próximos dos índices gerais de colocação dos clíticos pronominais distribuídos nas três variantes.

Nos jornais da capital, quanto aos tempos mencionados acima, dos **68** casos com **Presente** registrados com o clítico em posição cl V1 V2, **67** apresentam a presença de algum elemento proclisador na oração; quanto ao **Pretérito Perfeito**, de um total de **36** registros, em **33** há atratores e, ainda, quanto ao **Pretérito Imperfeito do Indicativo** – que também, com V1 nesse tempo, é mais propício à anteposição do pronome –, em todos os dados selecionados, totalizando **30**, existem elementos proclisadores. A seguir, observam-se os exemplos de 331 a 333.

(331) [...] *o premio maior que até hoje se tem vendido na cidade de S. Paulo [...]*. (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1890 – gênero Anúncio).

(332) *No requerimento em que Manuel Joaquim Cardoso se propoz comprar [...]*. (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1920 – gênero Nota).

(333) [...] *fez a narrativa de tudo o que lhe havia sucedido, desde a prisão [...]*. (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1920 – gênero Notícia).

Ainda há o tempo **Futuro do Presente do Modo Indicativo**, nos resultados dos jornais de São Paulo, em que o percentual de usos dos pronomes clíticos é maior quando posposto ao segundo verbo do complexo verbal (63%). Do número total de ocorrências, **17** dados, verifica-se que o a forma verbal de V2, nesses complexos, é predominantemente o **Infinitivo**, como mostram os exemplos a seguir.

¹³³ Nenhum registro de clíticos adjungidos a V1 no Pretérito-mais-que-perfeito, no Imperativo Negativo e no Particípio foi encontrado.

(334) *Procura-se um capitalista que disponha de oito contos para um negocio decente e garantido ao que **poderá associar se** ou emprestar aquella quantia, mediante um bom juro [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1910 – gênero Classificado).

(335) *[...] quando os famintos deixarem de o ser, outros **virão liquidal-os**.* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1920 – gênero Crônica).

Os resultados provenientes, ainda dos tempos **Presente e Pretérito Perfeito do Modo Indicativo**, nos jornais de Rio Claro, em posição cl V1 V2, também confirmam a relevância, nesses casos da presença de um elemento proclisador. No **Presente**, de um total de **18** dados, **17** apresentam algum tipo de atrator na oração e, no **Pretérito Perfeito**, em todos os casos – **7** –, a presença desse elemento se confirma. Na sequência, observam-se os exemplos.

(336) *A dificuldade está na qualidade da escolha do cantinho do céu, em que cada qual se **quer aninhar**.* (“Correio do Oeste”, Rio Claro, 1880 – gênero Crônica).

(337) *[...] ou fazer explicita declaração de que essa certidão **lhe foi denegada**.* (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1900 – gênero Artigo).

Os resultados para o contexto de V1, nos tempos **Presente e Pretérito Imperfeito do Modo Subjuntivo**, presentes nos resultados dos jornais da cidade de São Paulo, confirmam a ideia de que o **Modo Subjuntivo** por, geralmente, predominar em contextos de subordinação, tende à construção cl V1 V2. Obtêm-se, quanto a esses tempos, os seguintes índices: 72.4% e 61.5%, respectivamente. A seguir, os exemplos 338 e 339.

(338) *O governo, porém, que não se **deixe embalar** por estas idéas optimistas [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1900 – gênero Carta do Leitor).

(339) *[...] apavorando o negociante e seu amigo que fugiram, sem que o primeiro se **quizesse importar** com o 1:200\$000 réis.* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1910 – gênero Notícia).

Por fim, quanto às **Formas Nominais**, nos jornais de São Paulo, apresentam-se, quando V1 está no **Infinitivo**, resultados muito próximos dos índices gerais de colocação dos pronomes clíticos em orações com complexos verbais, notando-se os percentuais de 43.3% para a posição cl V1 V2, 23.3% para a posição V1 cl V2 e 33.3% para a posição V1 V2 cl. Tem-se, nos **13** dados com pronomes clíticos em posição anteposta ao primeiro verbo, a

presença do elemento proclisador nessas orações – exemplos 340 e 341, abaixo. Quanto ao **Gerúndio**, há o predomínio da posição V1 cl V2 (exemplos 342 e 343), não se registrando nenhum caso do pronome clítico adjungido a qualquer verbo, nessa forma, em posição pré-complexo verbal.

(340) [...] *o tempo decorrido deu margem bastante para se poder verificar o cumprimento da promessa.* (“A Província de São Paulo”, São Paulo, 1880 – gênero Editorial).

(341) [...] *dizem que esse marinheiro, por se ter rebellado, recebeu um empurrão [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1920 – gênero Notícia).

(342) *Pela collectoria de rendas geraes desta capital faz se publico que tendo-se de proceder á renovação da matricula de escravos [...].* (“A Província de São Paulo”, São Paulo, 1880 – gênero Edital).

(343) *Pede a seus amigos e freguezes a continuação de suas ordens promettendo-lhes ser prompto na execução.* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1890 – gênero Aviso).

Nos jornais rioclarenses, os resultados apontam, quando o primeiro verbo do complexo verbal está na forma de **Infinitivo**, o prevalectimento da posição V1 cl V2, com 63.6% – exemplos 344 e 345, abaixo. Não foi registrada nenhuma ocorrência, com essa forma verbal, de pronome átono em posição cl V1 V2.

(344) [...] *e assim cousa a cousa até fazer-lhes sentir o aguilhão da inveja.* (“O Tempo”, Rio Claro, 1885 – gênero Crônica).

(345) [...] *a mais algum tempo sera obrigado a cobrir-se de luto e deixar-se ficar muito quietinho lá por qualquer canto escuro [...].* (“O Tempo”, Rio Claro, 1885 – gênero Crônica).

A forma de V1 no **Gerúndio**, nos jornais interioranos, faz com que haja a tendência do clítico pronominal ocupar a posição V1 V2 cl – como nos exemplos 346 e 347. No entanto, ainda são registrados 1 uso do pronome clítico em posição cl V1 V2 e outros 5 em posição V1 cl V2 (exemplos 348 e 349, abaixo).

(346) *Na rua da Cruz em Madrid tentou suicidar-se uma dama indo metter-se debaixo dos cavallos d’um trem [...].* (“Correio do Oeste”, Rio Claro, 1880 – gênero Notícia).

(347) *O abaixo assignado participa a esta praça, a de Campinas e de S. Paulo, onde tem tido negocios, que tendo de retirar-se por algum tempo para a Europa, deixa encarregado de todos os seus negocios o sr. Manoel [...].* (“O Tempo”, Rio Claro, 1885 – gênero Aviso).

(348) *[...] não se podendo determinar os calibres com rigor.* (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1910 – gênero Edital).

(349) *[...] ali devendose demorar alguns dias na Fazenda Santa Maria.* (“A Semana Militar”, Rio Claro, 1920 – gênero Nota).

5.2.2.4 Variável FORMA VERBAL de V2

Os resultados referentes à colocação pronominal em contextos de complexos verbais, de acordo com a **forma verbal de V2**, nos jornais da cidade de São Paulo e de Rio Claro, apresentam-se de forma bastante próxima, realçando as mesmas tendências. Tais comportamentos podem ser vistos nas tabelas 42 e 43, a seguir.

Forma Verbal de V2	Pré-CV		Intra-CV		Pós-CV		Total (N - %)	
	Infinitivo	N-114	%-33.2	N-83	%-24.2	N-146	%-42.6	343
Gerúndio	N-6	%-54.5	N-5	%-45.5	N-0	%-0	11	2.4
Particípio	N-79	%-72.5	N-30	%-27.5	N-0	%-0	109	23.5
Total	N-199	%-43	N-118	%-25.5	N-146	%-31.5	N-463	

Tabela 42 – Número de ocorrências e percentuais da colocação dos pronomes clíticos em complexos verbais, de acordo com a forma verbal de V2, nos jornais da cidade de São Paulo, de 1880 a 1920.

Forma Verbal de V2 ¹³⁴	Pré-CV		Intra-CV		Pós-CV		Total (N - %)	
	Infinitivo	N-28	%-34.6	N-15	%-18.5	N-38	%-46.9	81
Particípio	N-12	%-60	N-8	%-40	N-0	%-0	20	19.8
Total	N-40	%-39.6	N-23	%-22.8	N-38	%-37.6	N-101	

Tabela 43 – Número de ocorrências e percentuais da colocação dos pronomes clíticos em complexos verbais, de acordo com a forma verbal de V2, nos jornais da cidade de Rio Claro, de 1880 a 1920.

¹³⁴ A célula que apresentou menos de 10 dados, referente à forma verbal Gerúndio de V2, com 4 dados, foi desprezada.

Pode-se mencionar, em relação à posição do clítico quando adjungido a um complexo verbal com o V2 na forma de **Particípio**, a inexistência de dados, em ambas as localidades, que apontem esse pronome em posição V1 V2 cl, confirmando-se, quanto ao tratamento da colocação pronominal, a produtividade de algumas prescrições gramaticais que, para esse caso, dita a obrigatoriedade de não deslocar o clítico pronominal para depois de um verbo principal quando este estiver no **Particípio**.

Quanto à forma **Infinitivo**, novamente, nos jornais das cidades de São Paulo e Rio Claro, os resultados, de um modo geral, parecem mostrar consentimento aos preceitos expressos pelos compêndios gramaticais, a saber: (i) quando o verbo principal estiver no infinitivo, sempre a ênclise ao infinitivo e (ii) quando ocorrem as condições exigidas para a anteposição do pronome a um só verbo, deve-se recorrer à próclise ao verbo auxiliar.

Assim, evidenciam-se, nos dados dos jornais paulistas, as preferências, com V2 na forma de **Infinitivo**, pelas posições V1 V2 cl, cl V1 V2 e V1 cl V2, nessa ordem. Observa-se que, mesmo com a presença, em muitos casos, de um elemento proclisador na oração, ainda é nítida a produtividade da posição V1 V2 cl – assim como mostram os exemplos 353 e 354 abaixo. No entanto, ainda se constata, dentre os **114** dados, nos jornais de São Paulo, em posição cl V1 V2 e, dentre os **28**, nessa mesma posição, nos jornais de Rio Claro, as presenças de elementos proclisadores em **109** e **26** orações, respectivamente – exemplos 355 e 356.

(353) *O abaixo assignado vem declarar ao publico e aos seus amigos, que deixou de ser empregado da casa acima, por não **poder entender-se**, com o proprietario [...].* (“A Província de São Paulo”, São Paulo, 1880 – gênero Aviso).

(354) *Sabe que não se chama a juizo a responsabilidade de um facto praticado publicamente pela simples razão de que **pode provar-se**.* (“Correio do Oeste”, Rio Claro, 1880 – gênero Editorial).

(355) *Quando se **queira obter** somente um relaxamento [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1905 – gênero Anúncio).

(356) *[...] de nossa parte não se **chegue a presumir** um symptoma de franqueza [...].* (“Diário do Rio Claro”, Rio Claro, 1894 – gênero Crônica).

Sobre a forma **Gerúndio**, considerada nos resultados dos jornais da capital, nota-se um número bastante restrito de registros, ainda mais se observados os números de casos das formas **Infinitivo** (**343**) e **Particípio** (**109**). Os dados, nos casos com V2 **Gerúndio**, estão

distribuídos de forma equilibrada entre as posições cl V1 V2 (54.5%) e V1 cl V2 (45.5%) – exemplos 357 e 358. Nenhum dado com o clítico em posição V1 V2 cl, nesse contexto, foi encontrado.

(357) *Devido ao grande desenvolvimento que se vae notando ultimamente aqui [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1915 – gênero Nota).

(358) [...] *porquanto os vermelhos estão se concentrando para varrer [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1920 – gênero Notícia).

5.2.2.5 Variável PRESENÇA, ou AUSÊNCIA, de ELEMENTO PROCLISADOR na oração

Assim como já demonstrado nos resultados referentes à colocação dos pronomes clíticos adjungidos a lexias verbais simples, aqui, também, mostra-se relevante, motivando para determinada posição do clítico pronominal na oração, a **presença – ou ausência – de elemento proclisador**.

Nos referidos jornais paulistas, quando presentes, os elementos proclisadores condicionam a colocação da variante cl V1 V2 e, quando ausentes, observa-se o aumento da produtividade das outras duas variantes – V1 cl V2 e V1 V2 cl.

Os resultados gerais, oriundos dos jornais das cidades de São Paulo e de Rio Claro, podem ser verificados nas tabelas seguintes.

	Pré-CV		Intra-CV		Pós-CV		Total (N - %)	
Presença	N-189	%-61.8	N-42	%-13.7	N-75	%-24.5	306	66.2
Ausência	N-10	%-6.4	N-75	%-48.1	N-71	%-45.5	156	33.8
Total	N-199	%-43.1	N-117	%-25.3	N-146	%-31.6	N-462 ¹³⁵	

Tabela 44 – Número de ocorrências e percentuais da colocação dos pronomes clíticos em complexos verbais, de acordo com a presença ou ausência de elemento proclisador na oração, nos jornais da cidade de São Paulo, de 1880 a 1920.

¹³⁵ O número total difere do mencionado no início desta subseção já que essa classificação não se aplicou a um verbo.

	Pré-CV		Intra-CV		Pós-CV		Total (N - %)	
Presença	N-37	%-47.4	N-15	%-19.2	N-26	%-33.3	78	74.3
Ausência	N-5	%-18.5	N-10	%-37	N-12	%-44.4	27	25.7
Total	N-42	%-40	N-25	%-23.8	N-38	%-36.2	N-105	

Tabela 45 – Número de ocorrências e percentuais da colocação dos pronomes clíticos em complexos verbais, de acordo com a presença ou ausência de elemento proclisador na oração, nos jornais da cidade de Rio Claro, de 1880 a 1920.

Novamente, assim como averiguado nas análises referentes a contextos de lexias verbais simples, podem ser assinalados, entretanto, casos em que mesmo com a presença do elemento proclisador, o pronome clítico aparece na posição V1 cl V2 ou na posição V1 V2 cl – como mostram os exemplos 359 a 362, abaixo, com os determinados atratores sublinhados, extraídos dos jornais das cidades de São Paulo e de Rio Claro.

(359) *Fazendo esta declaração entende o abaixo assignado ter cumprido um dever de honra, tanto mais que nessa conformidade já tinha-se manifestado.* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1890 – gênero Edital).

(360) *Telegramma que transcrevemos ha dias noticiava a chegada a Montevidéo dos revoltosos brasileiros que haviam se refugiado nas corvetas portuguezas [...].* (“Diário do Rio Claro”, Rio Claro, 1894 – gênero Notícia).

(361) *[...] um povo que se nutria principalmente de molluscos não devia estabelecer-se no interior [...].* (“A Província de São Paulo”, São Paulo, 1880 – gênero Artigo).

(362) *Hoje deve realizar-se mais um espectáculo [...].* (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1910 – gênero Nota).

Por outro lado, ainda nos referidos jornais, encontram-se dados em que os pronomes clíticos estão em posição cl V1 V2 mesmo com a ausência de elementos proclisadores. Os exemplos, abaixo, indicam esse contexto.

(363) *Em confirmação d’este asserto me foi mostrado este additamento [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1890 – gênero Carta do Leitor).

(364) *Todos os negocios se podem tratar directamente [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1895 – gênero Anúncio).

(365) *Este agradecimento lhe é dirigido como medico e como particular [...].* (“O Tempo”, Rio Claro, 1885 – gênero Carta do Leitor).

(366) [...] *o macaco, bem cuidadosamente, as ia comendo [...]*. (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1905 – gênero Artigo).

Os exemplos, acima descritos (359 a 366), revelam que ao lado das prescrições estabelecidas pela norma-padrão vigente naquela época – e que ainda vigora atualmente –, no que concerne à colocação pronominal em contextos de complexos verbais, também, coexistiam outros usos. Os exemplos 359 a 362 vão de encontro à norma-padrão, já que não seguem a recomendação de que, com locuções verbais, utiliza-se próclise ao verbo auxiliar, quando presentes as condições exigidas para a anteposição do pronome a um só verbo, como é o caso da presença do elemento proclisador. Quanto aos exemplos 363 e 365, sem a presença de atratores do pronome, haveria ainda a possibilidade de o pronome átono aparecer entre os verbos, em posição V1 cl V2, uma vez que a colocação posposta a V2 no **Particípio** não é permitida. Por fim, nos exemplos 364 e 366, também ocorrem usos diversos aos que seguem o caráter normativo, dado que, em orações com verbo principal no **Infinitivo** ou no **Gerúndio**, sem a presença do elemento proclisador, preceitua-se a ênclise ao verbo principal.

A correlação entre esta variável – **presença/ausência de atrator** – e a variável **início (ou não-início) absoluto da oração pelo verbo hospedeiro do clítico**, novamente, mostra-se significativa. Os dados que apresentam algum atrator na oração, relacionados – logicamente – ao fator **não-início absoluto**, distribuem-se nas posições cl V1 V2, V1 cl V2 e V1 V2 cl, com índices de 62%, 14% e 24%, nos jornais paulistanos, e 47%, 19% e 33%, nos jornais interioranos, respectivamente. Com a ausência do elemento proclisador, os dados, em orações de início, ou não-início absoluto, apresentam os percentuais evidenciados nos gráficos abaixo (7, 8 e 9), de acordo com a posição ocupada pelo pronome clítico.

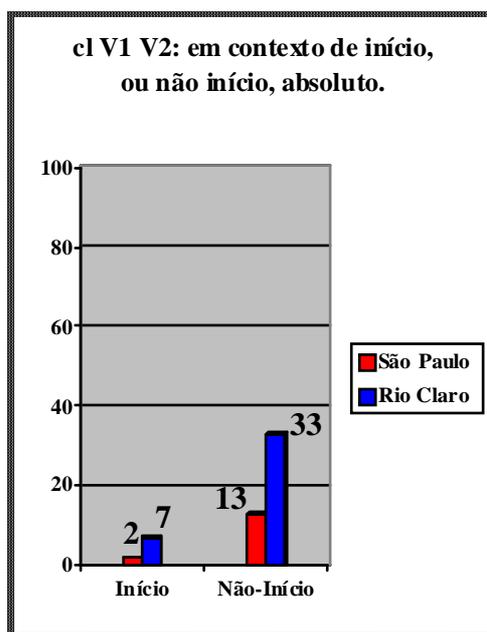


Gráfico 7 – Frequências da posição cl V1 V2 em contextos do complexo verbal hospedeiro do pronome clítico em início, ou não-início, absoluto na oração, nos jornais das cidades de São Paulo e de Rio Claro.

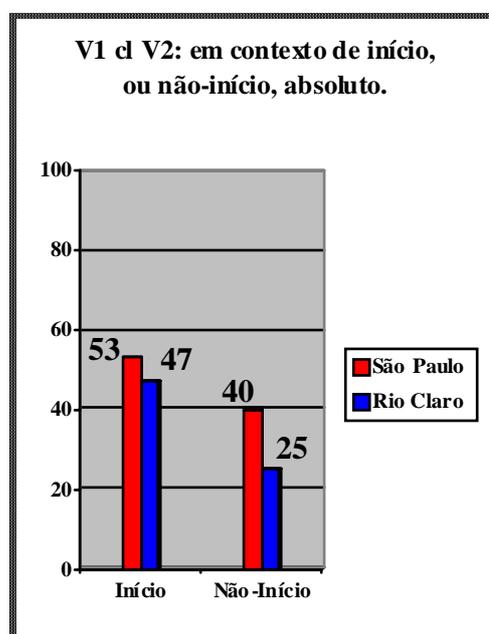


Gráfico 8 – Frequências da posição V1 cl V2 em contextos do complexo verbal hospedeiro do pronome clítico em início, ou não-início, absoluto na oração, nos jornais das cidades de São Paulo e de Rio Claro.

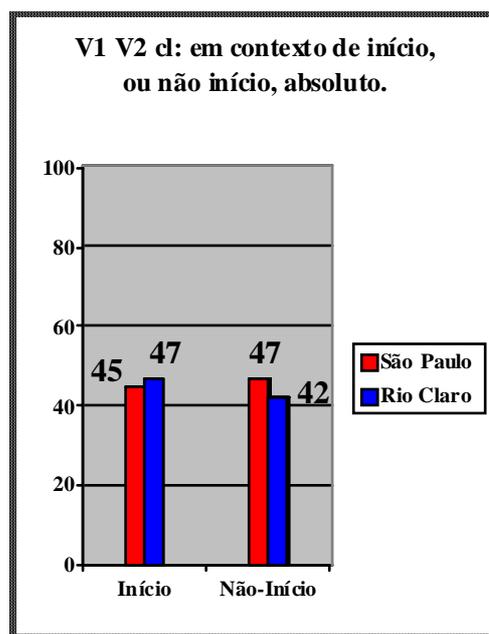


Gráfico 9 – Frequências da posição V1 V2 cl em contextos do complexo verbal hospedeiro do pronome clítico em início, ou não-início, absoluto na oração, nos jornais das cidades de São Paulo e de Rio Claro.

Nota-se, do mesmo modo como averiguado nos resultados referentes a lexias verbais simples, a forte restrição do uso da posição cl V1 V2 em contexto de início absoluto, privilegiando-se, principalmente nos jornais da capital paulista, a posição V1 cl V2. Em contextos de não-início, sem a presença do atrator, opta-se, nos jornais de São Paulo, pelas posições pós, intra e pré- complexo verbal e, nos jornais rioclarenses, pelas posições pós, pré e intra-complexo verbal, em ordem decrescente de frequência.

5.2.2.6 Variável Complexo Verbal hospedeiro do pronome clítico em INÍCIO, ou NÃO-INÍCIO, ABSOLUTO na oração

Verificam-se, quanto à análise desta variável, resultados, em parte, semelhantes nos jornais das duas localidades em questão. Percebe-se, nos jornais paulistas, em contextos do complexo verbal ao qual o pronome clítico está adjungido em não-início absoluto na oração, a preferência pela posição cl V1 V2, seguida das posições V1 V2 cl e V1 cl V2, assim como detalhado nos índices gerais. Quanto aos contextos de início absoluto, observa-se, nos jornais da cidade de Rio Claro, equilíbrio entre as frequências das posições V1 cl V2 e V1 V2 cl; enquanto, nos jornais da cidade de São Paulo, averigua-se maior produtividade da posição V1 cl V2. Novamente, pode-se refletir, diante desse fato, acerca do possível caráter menos

conservador apresentado pelos jornais paulistanos, uma vez que a variante vista como inovação do PB – a posição intra- complexo verbal – é mais recorrente nesses periódicos. Abaixo, nas tabelas 46 e 47, mostram-se os índices mencionados.

	Pré-CV		Intra-CV		Pós-CV		Total (N - %)	
Início	N-3	%-3.1	N-51	%-52.6	N-43	%-44.3	97	21
Não-Início	N-196	%-53.7	N-66	%-18.1	N-103	%-28.2	365	79
Total	N-199	%-43.1	N-117	%-25.3	N-146	%-31.6	N-462 ¹³⁶	

Tabela 46 – Número de ocorrências e percentuais da colocação dos pronomes clíticos em complexos verbais, de acordo com o início ou não-início absoluto do complexo verbal na oração, nos jornais da cidade de São Paulo, de 1880 a 1920.

	Pré-CV		Intra-CV		Pós-CV		Total (N - %)	
Início	N-1	%-6.7	N-7	%-46.7	N-7	%-46.7	15	14.3
Não-Início	N-41	%-45.6	N-18	%-20	N-31	%-34.4	90	85.7
Total	N-42	%-40	N-25	%-23.8	N-38	%-36.2	N-105	

Tabela 47 – Número de ocorrências e percentuais da colocação dos pronomes clíticos em complexos verbais, de acordo com o início ou não-início absoluto do complexo verbal na oração, nos jornais da cidade de Rio Claro, de 1880 a 1920.

Ressaltam-se, ainda, os **4** dados – estando **3** presentes nos jornais de São Paulo e **1** no periódico “O Rio Claro”, de Rio Claro – referentes à posição cl V1 V2, em contexto dos complexos verbais hospedeiros dos determinados pronomes clíticos em início absoluto na oração. Tem-se, assim, um comportamento que transgride uma, de tantas outras, regra – quanto à colocação pronominal – prescrita pela norma-padrão, a saber (como já indicado): não se inicia a oração com o pronome átono. Abaixo, ilustram-se esses exemplos:

(367) *Aos fazendeiros deste município que queiram mandar seus escravos doentes, **lhes será apresentada** a conta em fim do anno.* (“A Província de São Paulo”, São Paulo, 1880 – gênero Anúncio).

(368) *Com uma longa pratica de sua profissão, **se propõe a fazer** escriptas grandes e pequenas [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1890 – gênero Classificado).

(369) *E’ dispensável vos dizer que no meu estado de saúde anterior a data que principiei a fazer uso do referido Cinturão, **se tem manifestado** sensiveis melhoras [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1905 – gênero Anúncio).

¹³⁶ O número total difere do mencionado no início desta subseção já que essa classificação não se aplicou a um verbo.

(370) *A recorrida como se verá, não violou clausula alguma do contracto com a recorrente, porém, o tivesse feito, a clausula 44 do contracto prevê o recurso [...].* (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1905 – gênero Edital).

5.2.2.7 Variável PRESENÇA ou AUSÊNCIA de ELEMENTO INTERVENIENTE entre os verbos do complexo verbal

As tabelas 48 e 49, abaixo, indicam os resultados provenientes das análises referentes a esta variável, nos jornais das cidades de São Paulo e de Rio Claro, na devida ordem.

	Pré-CV		Intra-CV		Pós-CV		Total (N - %)	
Presença	N-31	%-28.4	N-38	%-34.9	N-40	%-36.7	109	23.5
Ausência	N-168	%-47.5	N-80	%-22.6	N-106	%-29.9	354	76.5
Total	N-199	%-43	N-118	%-25.5	N-146	%-31.5	N-463	

Tabela 48 – Número de ocorrências e percentuais da colocação dos pronomes clíticos em complexos verbais, de acordo com a presença ou ausência de elemento interveniente entre os verbos, nos jornais da cidade de São Paulo, de 1880 a 1920.

	Pré-CV		Intra-CV		Pós-CV		Total (N - %)	
Presença	N-8	%-29.6	N-7	%-25.9	N-12	%-44.4	27	25.7
Ausência	N-34	%-43.6	N-18	%-23.1	N-26	%-33.3	78	74.3
Total	N-42	%-40	N-25	%-23.8	N-38	%-36.2	N-105	

Tabela 49 – Número de ocorrências e percentuais da colocação dos pronomes clíticos em complexos verbais, de acordo com a presença ou ausência de elemento interveniente entre os verbos, nos jornais da cidade de Rio Claro, de 1880 a 1920.

Notam-se, quanto à ausência de algum elemento interveniente, nos jornais de ambas as localidades, índices de frequência relativamente próximos aos índices gerais da colocação dos pronomes átonos adjuntos a complexos verbais, destacando-se, em ordem decrescente de percentuais, as posições cl V1 V2, V1 V2 cl e V1 cl V2.

Quando presente na oração algum elemento interveniente entre os verbos do complexo verbal, verifica-se, ainda em todos os jornais, a preferência pela posição V1 V2 cl. Tem-se que, a partir do cruzamento desta variável com a variável **forma verbal de V2**, dos **40** dados coletados nessa posição, e nesse contexto – presença de elemento interveniente –, nos jornais de São Paulo, e dos **12** extraídos dos jornais rioclarenses, todos apresentam V2 no **Infinitivo** – exemplos 371 a 374, abaixo.

(371) *A extracção destas lettras continua a effectuar-se com a maior regularidade [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1890 – Anúncio).

(372) *Procurou mesmo aliar-se a ela.* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1915 – gênero Artigo).

(373) *O motivo desta venda é somente por ter o dono de retirar-se.* (“O Tempo”, Rio Claro, Rio Claro, 1885 – gênero Classificado).

(374) *Só depois de satisfeito este insensato capricho, e que foi deferido o requerimento, devendo ainda processar-se o habeas-corpus no dia seguinte.* (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1900 – gênero Artigo).

Ainda com a presença do elemento interveniente, ressalta-se, como segunda variante mais recorrente, nos jornais de São Paulo, a posição V1 cl V2 – como nos exemplos 375 e 376, abaixo – e, nos jornais de Rio Claro, a posição cl V1 V2. Dos 8 dados em posição pré-complexo verbal, com o registro do elemento interveniente, extraídos dos jornais rioclarenses, em 6 há a presença, na oração, de algum tipo de elemento proclisador (cf. exemplos 324, 329 e 356).

(375) *Podendo, no entanto, vos afirmar que após o emprego do vosso Cinturão [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1905 – gênero Anúncio).

(376) *Tambem afirmou que os democratas terão de se conformar com a acceitação [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1920 – gênero Notícia).

Pode-se inferir, portanto, que a hipótese inicial – a de que a ocorrência de algum elemento interveniente no complexo verbal, por se supor que esse elemento possa funcionar como um atrator, favoreceria o uso da posição V1 cl V2 – não se confirma.

5.2.2.8 Variável TIPO DE COMPLEXO VERBAL

Os resultados referentes à colocação pronominal na oração de acordo com o tipo de complexo verbal, nos referidos jornais, estão distribuídos nas tabelas 50 e 51, abaixo.

Tipo de CV	Pré-CV		Intra-CV		Pós-CV		Total (N - %)	
Passiva do verbo <i>ser</i>	N-34	%-87.2	N-5	%-12.8	N-0	%-0	39	8.4
Tempos Compostos e Estruturas Aspectuais	N-56	%-56	N-31	%-31	N-13	%-13	100	21.6
Perífrases Verbais Modais e Aspectuais	N-52	%-33.5	N-24	%-15.5	N-79	%-51	155	33.5
Complexos Bioracionais	N-57	%-33.7	N-58	%-34.3	N-54	%-32	169	36.5
Total	N-199	%-43	N-118	%-25.5	N-146	%-31.5	N-463	

Tabela 50 – Número de ocorrências e percentuais da colocação dos pronomes clíticos em complexos verbais, de acordo com o tipo de complexo verbal, nos jornais da cidade de São Paulo, de 1880 a 1920.

Tipo de CV	Pré-CV		Intra-CV		Pós-CV		Total (N - %)	
Passiva do verbo <i>ser</i>	N-8	%-80	N-2	%-20	N-0	%-0	10	9.5
Tempos Compostos e Estruturas Aspectuais	N-7	%-36.8	N-8	%-42.1	N-4	%-21.1	19	18.1
Perífrases Verbais Modais e Aspectuais	N-11	%-29.7	N-4	%-10.8	N-22	%-59.5	37	35.2
Complexos Bioracionais	N-16	%-41	N-11	%-28.2	N-12	%-30.8	39	37.1
Total	N-42	%-40	N-25	%-23.8	N-38	%-36.2	N-105	

Tabela 51 – Número de ocorrências e percentuais da colocação dos pronomes clíticos em complexos verbais, de acordo com o tipo de complexo verbal, nos jornais da cidade de Rio Claro, de 1880 a 1920.

Quanto ao tipo **Passiva do verbo *ser***, prevalece, nos jornais de ambas as localidades, a posição cl V1 V2, com índices de 87.2%, nos jornais de São Paulo, e 80%, nos jornais de Rio Claro. Na sequência, é registrada a preferência pela posição V1 cl V2. Pela forma verbal de V2, nessas construções, ser a do **Particípio**, e pela vigorosa restrição imposta à posposição do pronome a essa forma verbal, não há nenhum registro do pronome clítico em posição V1 V2 cl, quando adjungidos a esse tipo de complexo. Nos jornais de São Paulo, dos **34** dados em posição cl V1 V2, em **28** há a presença, na oração, de algum elemento proclisador (exemplos 377 e 378, abaixo); enquanto, nos periódicos de Rio Claro, dos **8** dados coletados nessa

mesma posição, em **7** está presente algum atrator (exemplo 379, abaixo/ cf. exemplos 286, 337 e 323).

(377) *Agradecemos o fasciculo do Dicionario, que nos foi oferecido e recommendamos a nova agencia aos nosso leitores.* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1890 – gênero Nota).

(378) *Esperando que no decorrer do anno futuro continuará a merecer a confiança que até aqui **lhe foi dispensada**, declara que nada deve até esta data [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1915 – gênero Aviso).

(379) [...] *está nas condições de extrahir quaesquer encommendas que **lhes sejam confiadas** [...].* (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1915 – gênero Anúncio).

Com o tipo **Tempos compostos e estruturas aspectuais**, nos jornais de São Paulo, os pronomes clíticos, de modo mais acentuado, posicionam-se antepostos ao verbo auxiliar e, nos jornais rioclarenses, entre os verbos auxiliar e principal. Dos **56** dados observados, nos jornais paulistanos, nessa posição, **45** apresentam V2 em **Particípio**, **6** em **Infinitivo** e **5** em **Gerúndio**. Ainda, quanto a esses registros, em **52** é verificada a presença de algum elemento proclisador (exemplos 380 a 382, abaixo). Quanto aos dados observados nos jornais da cidade de Rio Claro, em posição V1 cl V2, num total de **8**, **6** possuem o V2 na forma verbal do **Particípio** e **2** no **Gerúndio**; enquanto a presença do atrator é observada em apenas **3** registros (exemplos 383 e 384, abaixo/ cf. exemplo 360).

(380) [...] *e não ha ninguem que mais se **tenha esforçado** por denegrir a memoria outr’ora tão sagrada [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1905 – gênero Notícia).

(381) [...] *o juiz ordenou que lhe fosse garantida a posse do direito de abrir, todos os dias, as portas do edificio aos meninos incautos que alli, todos os dias, se **vão entregar**, numa precocidade assustadora, ao terrivel vicio do jogo...* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1895 – gênero Editorial).

(382) [...] *deu-se um desastre num aterro que alli se **está construindo** [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1915 – gênero Notícia).

(383) *Hoje é que completa o seu 9º aniversario, e por esse motivo não podemos deixar de exarar aqui um voto de louvor aos seus fundadores, e uma palavra de animação aos que, tão intelligente e zelosamente, **tem-n’o dirigido**.* (“O Tempo”, Rio Claro, 1885 – gênero Editorial).

(384) [...] *de que seu deshumano senhor **tinha-o surrado** com bacalháu [...]*. (“O Tempo”, Rio Claro, 1885 – gênero Notícia).

Nota-se, com o tipo **Perífrases verbais modais e aspectuais**, comportamentos semelhantes nos resultados dos jornais das cidades de São Paulo e de Rio Claro. Quando adjungidos a complexos verbais desse tipo, os pronomes clíticos são motivados a ocupar a posição V1 V2 cl, ainda que haja em algumas orações a presença do elemento proclisador, como averiguado em **42** dados, de um total de **79**, nos jornais da capital do estado (exemplos 385 e 386, abaixo), e em **17**, de uma soma de **22** registros, nos jornais interioranos (exemplos 387 e 388, abaixo). Em ambas as localidades, os resultados encontrados nessa posição, e com esse tipo de complexo verbal, apresentam-se todos com V2 na forma de **Infinitivo**.

(385) [...] *nada absolutamente **deve** ahi **estabelecer-se** que não seja a fé catholica [...]*. (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1890 – gênero Carta do Leitor).

(386) [...] *as sextas felizes do feliz padre, que **continua** por certo a **deleitar-se** em ceias [...]*. (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1915 – gênero Carta do Leitor).

(387) *Eu que não **posso rir-me!*** (“O Correio do Oeste”, Rio Claro, 1880 – gênero Resenha ou Crítica).

(388) [...] *e mesmo nesse caso a Camara não **podia aceitar-o** [...]*. (“O Rio Claro”, Rio Claro, 1910 – gênero Edital).

Finalmente, referente ao tipo **Complexos bioracionais**, observa-se, no caso dos jornais da cidade de São Paulo, índices de frequência bastante equilibrados entre as três referidas variantes. Os pronomes clíticos aparecem 33.7% na posição cl V1 V2, 34.3% na posição V1 cl V2 e, na posição V1 V2 cl, 32%. Do total de **57** dados, em posição cl V1 V2, em **55** há a presença de algum elemento proclisador e, nos **57** registros, V2 está sob a forma de **Infinitivo** (exemplos 389 e 390, abaixo). Os dados em posição V1 cl V2, numa soma de **58**, apresentam-se todos com V2 no **Infinitivo** (exemplos 391 e 392, abaixo), assinalando-se algum atrator em apenas **17** orações. O clítico pronominal é encontrado em posição V1 V2 cl **54** vezes, estando V2 sob a forma de **Infinitivo** em todos os registros (exemplos 393 e 394, abaixo); enquanto o elemento proclisador, este está presente em **25** orações.

(389) [...] *e confiança com que sempre **o souberam distinguir** na sua antiga *pharmacia* [...]*. (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1890 – gênero Aviso).

(390) [...] *durante o qual se fez ouvir a orchestra do maestro Carlos Cruz.* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1920 – gênero Notícia).

(391) *Para informações **queiram se dirigir** aos UNICOS AGENTES [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1890 – gênero Anúncio).

(392) ***Deseja-se arrendar** ou comprar uma chácara [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1905 – gênero Classificado).

(393) *O nosso collega **procurou informar-se** do facto [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1895 – gênero Notícia).

(394) [...], *o medico da Assistencia **mandou removel-o** para o Hospital da Misericórdia [...].* (“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1915 – gênero Notícia).

No caso dos jornais da cidade de Rio Claro, com esse tipo de complexo verbal, nota-se o uso mais recorrente do pronome clítico em posição cl V1 V2. De uma soma de **16** dados registrados, em **14** estão presentes elementos proclisadores e, em todos, V2 está sob a forma de Infinitivo (exemplos 395 e 396, abaixo).

(395) [...] *e rogão aos amigos e freguezes que **se quizerem utilizar** de seus prestimos [...].* (“O Correio do Oeste”, Rio Claro, 1880 – gênero Aviso).

(396) *Satisfeita essa pequenina exigencia que **nos cumpre solicitar**, aqui estamos ás ordens de V. S. [...].* (“A Semana Militar”, Rio Claro, 1920 – gênero Comentário).

De acordo com os resultados apresentados, pode-se dizer que as correlações entre esta variável e as variáveis **forma verbal de V2**, principalmente, e **presença, ou ausência, de atrator** são relevantes.

5.2.3 Síntese: A colocação pronominal em Complexos Verbais, consoante aspectos linguísticos

A seguir, nos quadros 12 e 13, mostram-se os fatores linguísticos, de cada variável independente linguística, aqui, considerada, que, de uma forma geral, motivam as alternâncias de uso dos clíticos pronominais nas posições cl V1 V2, V1 cl V2 e V1 V2 cl, nos jornais das cidades de São Paulo e de Rio Claro.

Jornais da cidade de São Paulo.		
Cl V1 V2	V1 cl V2	V1 V2 cl
<ul style="list-style-type: none"> - clíticos me, lhe(s), se, nos; - função de Dativo, Indeterminação; - formas verbais de V1: Presente, Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito do Indicativo, Presente e Pretérito Imperfeito do Subjuntivo, Infinitivo; - forma verbal de V2: Gerúndio, Particípio; - Presença de elemento proclisador na oração; - Não-início absoluto do complexo verbal hospedeiro do pronome clítico na oração; - Ausência do elemento interveniente entre os verbos do complexo verbal; - tipo de complexo verbal: Tempos compostos mais estruturas aspectuais; Passiva do verbo ser. 	<ul style="list-style-type: none"> - função de Apassivação; - formas verbais de V1: Gerúndio; - Ausência de elemento proclisador na oração; - Início absoluto do complexo verbal hospedeiro do pronome clítico na oração; - tipo de complexo verbal: Complexos bioracionais. 	<ul style="list-style-type: none"> - clítico o(s)/a(s) e FV; - função de Acusativo, Inerência/Reflexividade; - formas verbais de V1: Futuro do Presente do Indicativo; - forma verbal de V2: Infinitivo; - Presença do elemento interveniente entre os verbos do complexo verbal; - tipo de complexo verbal: Perífrases verbais modais e aspectuais.

Quadro 12 – Levantamento geral dos fatores linguísticos que favorecem as posições cl V1 V2 ou V1 cl V2 ou V1 V2 cl, conforme os resultados averiguados nos jornais da cidade de São Paulo.

Jornais da cidade de Rio Claro.		
Cl V1 V2	V1 cl V2	V1 V2 cl
<ul style="list-style-type: none"> - clítico lhe(s); - função de Dativo, Indeterminação; - formas verbais de V1: Presente e Pretérito Perfeito do Indicativo; - forma verbal de V2: Particípio; - Presença de elemento proclisador na oração; - Não-início absoluto do complexo verbal hospedeiro do pronome clítico na oração¹³⁷; - Ausência do elemento interveniente entre os verbos do complexo verbal; - tipo de complexo verbal: Complexos bioracionais, Passiva do verbo ser. 	<ul style="list-style-type: none"> - formas verbais de V1: Infinitivo; - tipo de complexo verbal: Tempos compostos mais estruturas aspectuais. 	<ul style="list-style-type: none"> - clítico se¹³⁸; -função de Inerência/Reflexividade¹³⁹; - formas verbais de V1: Gerúndio; - forma verbal de V2: Infinitivo; - Ausência de elemento proclisador na oração; - Presença do elemento interveniente entre os verbos do complexo verbal; - tipo de complexo verbal: Perífrases verbais modais e aspectuais.

Quadro 13 – Levantamento geral dos fatores linguísticos que favorecem as posições cl V1 V2 ou V1 cl V2 ou V1 V2 cl, conforme os resultados averiguados nos jornais da cidade de Rio Claro.

¹³⁷ O **início absoluto** do complexo verbal hospedeiro do pronome clítico na oração apareceu 46.7% na posição V1 cl V2 e 46.7% na posição V1 V2 cl.

¹³⁸ Os pronomes **o(s)/a(s)** e **FV** apareceram 23.1% em posição V1 cl V2 e 23.1% em posição V1 V2 cl.

¹³⁹ A função de **Acusativo** aparece 34.8% em posição de V1 cl V2 e 34.8% em posição V1 V2 cl.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo, circunscrito às premissas da Sociolinguística Variacionista e da Linguística Histórica, desenvolveu-se a partir das seguintes etapas – concomitantemente ao aprofundamento das orientações teóricas, aqui adotadas, e de conhecimentos acerca dos clíticos pronominais –: a) definição das variáveis dependentes, optando-se, em seguida, pelos contextos a serem considerados; b) seleção e coleta de todos os registros de pronomes clíticos, adjungidos a lexias verbais simples e a complexos verbais, nos jornais analisados; c) definição das variáveis independentes, extralinguísticas e linguísticas, que, possivelmente, motivariam os usos alternados das variantes em questão; d) codificação dos dados selecionados; e) utilização, para as análises, do pacote de programas do GOLDVARB-X, e, por fim, a descrição e a interpretação dos resultados obtidos.

Desse modo, verificou-se a posição dos pronomes clíticos, adjuntos a um, ou a mais de um, verbo, em produções jornalísticas das cidades de São Paulo e de Rio Claro, durante os anos de 1880 a 1920 – isto é, final do século XIX e início do século XX –, alcançando-se, assim, o objetivo geral proposto no início.

Constatou-se, referente aos condicionamentos extralinguísticos, maior significância da interferência da variável **gênero textual** na colocação pronominal, ainda que, quanto aos contextos de lexias verbais simples, a variável **jornal estudado** tenha sido selecionada pelo programa – no caso dos dados de São Paulo, como a segunda mais relevante, ao mesmo tempo em que é considerada a primeira variável descartada e, nos dados de Rio Claro, atestada como o grupo de fatores mais relevante.

A hipótese, relacionada ao comportamento dos clíticos pronominais nos gêneros do jornal, de que nos textos jornalísticos possam circular construções linguísticas conservadoras e inovadoras, privilegiando-se, respectivamente, ora as posições pós-verbal, em contextos de um único verbo, e pré-complexo verbal, em contextos de mais de um verbo, ora as posições pré-verbal e intra ou pós-complexo verbal, diretamente estabelecidas segundo qual gênero textual determinado texto materializa, fez com que houvesse detalhada caracterização dos gêneros textuais encontrados nos jornais das referidas localidades, atentando-se a aspectos estruturais e funcionais. Observaram-se, então, os seguintes gêneros: **Editais**, **Editoriais**, **Notícia**, **Nota**, **Comentário**, **Aviso**, **Artigo**, **Resenha** ou **Crítica**, **Crônica**, **Carta do Leitor**, **Anúncio** e **Classificado**.

Pode-se considerar, na elaboração de determinado texto, questões como a escolha do estilo que o falante faz para se acomodar ao seu destinatário – dependendo da intimidade

construída entre os interlocutores –, o apoio contextual na produção dos enunciados, o grau de complexidade cognitiva exigida no tema e a familiaridade do falante com a tarefa comunicativa realizada, propiciando-se, assim, maior ou menor controle e monitoramento dessa produção linguística, o que, possivelmente, resulta em usos linguísticos diversos. Desse modo, acreditou-se que os textos referentes aos gêneros **Editais**, **Notícia** e **Aviso**, em escalas diferentes, pudessem assegurar, conforme as suas estruturas organizacionais e os seus conteúdos detalhados, um uso mais significativo das variantes – em geral – consideradas conservadoras, como mencionado anteriormente, as posições pós-verbal e pré-complexo verbal. Nessa mesma direção, apostou-se destacar a colocação pronominal nos gêneros **Anúncio** e **Classificado**, devido ao fato de se apresentarem com certo grau de rigidez, através do uso de expressões cristalizadas.

Por outro lado, nos gêneros **Editorial**, **Artigo**, **Resenha** ou **Crítica**, **Crônica** e **Carta do Leitor**, supôs-se as predominâncias do pronome proclítico, adjunto a um único verbo, e das posições intra e pós-complexo verbal, por poderem ser qualificados como mais subjetivos, conforme os temas que retratam e pela busca, muitas vezes, de certa familiaridade entre emissor e receptor. Quanto aos gêneros **Nota** e **Comentário**, optou-se por destacar ora o possível caráter dinâmico e breve de seus textos, apostando-se na maior aceitação das formas inovadoras – próclise e as posições intra e pós-complexo verbal –, ora os seus traços mais rebuscados, consoante, principalmente, a intenção de quem os produziu, acreditando-se nas acentuadas ocorrências de ênclise e da posição pré-complexo verbal.

Nos dados referentes a contextos de lexias verbais simples extraídos dos jornais paulistanos, notou-se representativa correlação entre as expectativas apresentadas sobre a colocação pronominal nos gêneros textuais elencados e as posições efetivamente ocupadas, quando considerados, de fato, os textos representantes desses gêneros. Nos gêneros **Editais**, **Notícia** e **Aviso**, averiguou-se, predominância do uso do pronome enclítico, com índices de 57.1%, 59% e 50.9%, respectivamente. O uso mais acentuado do pronome proclítico nos gêneros **Editorial**, **Artigo**, **Resenha** ou **Crítica** e **Carta do Leitor**, com frequências de 65%, 60.6%, 72.5% e 57.1%, na devida ordem, confirmaram as ideias propostas. Nos gêneros **Anúncio** e **Classificado**, significativos índices de ênclise – 81.1%, no primeiro, e 97.3%, no último, foram notados. Quanto aos gêneros **Nota** e **Comentário**, naquele, verificou-se expressivo percentual de ênclise – 71.6% –, e, neste, discreto domínio da posição pré-verbal.

Comparados aos resultados dos jornais da cidade de São Paulo, acima descritos, os resultados dos clíticos pronominais em lexias verbais simples, de acordo com os gêneros textuais dos jornais rioclarenses, mostram menor comprovação da hipótese apresentada. Os

gêneros **Notícia**, **Aviso**, **Anúncio**, **Classificado** – com frequências do uso do pronome enclítico de 66.7%, 83.3%, 69.4% e 81.5%, respectivamente –, **Editorial** e **Artigo** – com percentuais de 52.8% e 66.7%, nessa ordem, privilegiando-se a próclise – apresentaram os resultados esperados. Todavia, os gêneros **Edital**, com índice predominante – 62.6% – do uso do pronome proclítico, e **Carta do Leitor**, com percentual de 69% para a posição pós-verbal, indicaram maior número de ocorrências adverso ao esperado. Os gêneros **Nota** e **Comentário** mostraram percentuais mais significativos, cada um, para determinada posição. O primeiro apresentou 73.3% de propensão à ênclise; e, o último, 56% à próclise.

No que concerne à colocação pronominal, de acordo com os gêneros textuais, em complexos verbais, notou-se a limitada correlação entre as hipóteses adotadas e os resultados averiguados, nos jornais paulistanos. Apenas nos gêneros **Edital** e **Notícia**, com índices de 63.6% e 45.5%, respectivamente, para a posição pré-complexo verbal, foram confirmados os comportamentos esperados. No gênero **Aviso**, verificou-se maior frequência do pronome em posição pós-complexo verbal, com 46.9%. Quanto aos gêneros **Anúncio** e **Classificado**, registraram-se, naquele, números de ocorrências idênticos para as três variantes – 33.3% –; neste, maior produtividade, com 44.4%, da posição intra-complexo verbal. Os gêneros **Editorial**, **Artigo** e **Carta do Leitor** revelaram usos predominantes da posição pré-complexo verbal, com percentuais de 73.9%, 60% e 44.8%, na devida ordem. Sobre os gêneros **Nota** e **Comentário**, verificou-se, no primeiro, os clíticos pronominais em maior número na posição pós-complexo verbal, com 47.9%, e, no segundo, a predominância da posição pré-complexo verbal, com 40%.

Dentre os gêneros textuais considerados para a análise da colocação pronominal em contextos de complexos verbais, nos jornais da cidade de Rio Claro, comprovou-se a relação entre as ideias adotadas como hipótese e o comportamento dos clíticos nos gêneros **Edital**, **Anúncio**, **Crônica** e **Carta do Leitor**. Nos dois primeiros, houve a predominância da posição pré-complexo verbal, com percentuais de 55.6% e 50%, respectivamente, e, nos dois últimos, o predomínio da posição intra-complexo verbal, com frequências de 40.9% e 41.7%, na devida ordem. Quanto aos gêneros **Notícia** e **Nota**, aquele apresentou, com 50%, maior ocorrência dos pronomes clíticos em posição pós-complexo verbal; e, este, equilíbrio do predomínio das posições pré e pós-verbal, com 41.7%, cada uma.

Deve-se destacar, novamente, no que se refere às diversidades observadas entre os resultados provenientes dos jornais das cidades de São Paulo e de Rio Claro, o fato de haver, além da necessidade de serem consideradas as especificidades de cada periódico em questão, a possibilidade de um mesmo gênero textual ser representado por textos com aspectos

comunicativos diferentes, propiciando, assim, estruturas organizacionais e usos linguísticos não idênticos. Ressalta-se, ainda, que essas diferenças também podem se dever a aspectos de natureza linguística diferenciados, consoante as características particulares de cada contexto no qual o clítico pronominal estava inserido. Percebe-se, também, a relevância de um maior aprofundamento em busca de traços que melhor definam as naturezas dos gêneros textuais, uma vez que ainda são poucas as discussões, no meio acadêmico, que retratam essa questão, a fim de que sejam somadas, cada vez mais, informações que possam auxiliar na interpretação, mais fidedigna, dos resultados. Contudo, acredita-se, a partir dos resultados apresentados nesta pesquisa, ter mostrado que as relações entre variação, mudança linguística e gêneros textuais devem ser consideradas na investigação dos processos ocorridos na história de uma língua.

Considerando-se a sub-amostra composta para a análise das variáveis independentes linguísticas, quanto aos clíticos pronominais adjuntos a lexias verbais simples, nos anos de 1880 a 1920, de um modo geral, averiguou-se a predominância da ênclise, com percentuais de 64.7%, nos jornais de São Paulo, e 56.8%, nos jornais de Rio Claro, não se comprovando a hipótese de que nos dados extraídos dos jornais paulistanos prevaleceria, através do uso mais acentuado da próclise, um caráter mais inovador; ao mesmo tempo que, nos resultados de Rio Claro, diante de um perfil mais conservador da localidade, predominaria a colocação do pronome enclítico. No entanto, quando observados os pesos relativos referentes à variável **verbo hospedeiro do pronome clítico em início, ou não-início, absoluto na oração**, mostrou-se mais acentuadamente a tendência para a próclise (0.952), em não-início absoluto, nos dados provenientes da cidade de São Paulo, podendo-se restabelecer, novamente, a ideia apresentada como hipótese de essa variante ser mais significativa nos dados paulistanos.

Observou-se, nos jornais paulistas, a partir do tratamento do pacote de programas do GOLDVARB-X, a seleção dos seguintes grupos de fatores linguísticos, em ordem decrescente de significância, para a escolha de determinada posição ocupada pelo pronome átono: variáveis **presença, ou ausência, de elemento proclisador** na oração, **formas verbais e verbo hospedeiro do pronome clítico em início, ou não-início, absoluto** na oração. Ainda foram selecionadas, nos dados dos jornais da cidade de São Paulo, as variáveis **função do clítico e tipo de verbo, do ponto de vista lógico-semântico**, nessa ordem, e, nos jornais de Rio Claro, a variável **tipo de clítico**. São consideradas, nesse momento, entretanto, somente as variáveis independentes linguísticas selecionadas, concomitantemente, como relevantes à escolha de determinada posição nos resultados dos jornais de ambas as localidades, para que se possam tecer alguns comentários.

A presença de elemento proclisador motivou nas orações, dos jornais de São Paulo, o uso do pronome proclítico, em 67.8%, e, dos jornais interioranos, em 64.2%. Quando o verbo hospedeiro do clítico pronominal estava em não-início absoluto na oração prevaleceu a próclise em 56.4% e 56.9%, nos jornais da capital do estado e da cidade de Rio Claro, respectivamente. No entanto, deve-se ressaltar os percentuais de 32.2% e 35.8%, referentes ao uso da ênclise em contextos de presença de atrator, e as frequências de 0.5% e 3.7%, relacionadas à colocação proclítica em início absoluto na oração, nessas ordens, nos jornais de São Paulo e de Rio Claro, que revelaram a possível não total obediência às prescrições impostas pela norma-padrão.

Ainda que o decorrer do século XIX, principalmente as suas últimas décadas, e o início do século XX tenham sido marcados pela busca por uma identificação com o modelo europeu, adotando-se, também, a norma-padrão do português de além-mar, para os mais diversos usos linguísticos, revelou-se através dos dados, uma das características de qualquer língua, a de que é infinitamente variada, não existindo uma norma única, mas sim uma pluralidade de normas, distintas segundo níveis sociolinguísticos e circunstâncias comunicativas. Evidenciou-se, principalmente pela ocorrência – ainda que em número bastante restrito – do pronome átono em início absoluto na oração, que a língua que servia, e ainda serve, para a interação social dos brasileiros poderia ser um português bastante diferenciado do PE, falado em Portugal, e da norma-padrão tradicional. Reconheceram-se, já naquela época, através dos usos dos falantes, características próprias do PB, afirmando-se como traços inovadores.

Os fatores da variável **formas verbais**, nos jornais paulistas, comportaram-se do mesmo modo. Assim, os clíticos pronominais adjuntos a verbos nos tempos **Pretérito Imperfeito** e **Futuro do Presente** do **Modo Indicativo**, apareceram 87.5% e 100% das vezes, respectivamente, em posição proclítica, nos jornais de São Paulo, e, nos jornais de Rio Claro, também em posição pré-verbal, 60% e 100%, nos referidos tempos. Quanto ao **Presente** e **Pretérito Perfeito** do **Modo Indicativo**, verificou-se preferência pela ênclise, com índices de 71.7% e 52.3%, nessa devida ordem, nos jornais paulistanos, e, nos jornais rioclarenses, frequências de 51.6% e 58.7%, respectivamente. Nos resultados da cidade de Rio Claro, registros de pronomes clíticos adjungidos a verbos no tempo **Futuro do Pretérito do Indicativo** ainda foram encontrados, com uso categórico desses pronomes – 100% – em posição pré-verbal. O fato de se ter prevalecido, com os tempos **Futuro do Presente** e **Futuro do Pretérito do Modo Indicativo** a próclise, puderam confirmar a opção do PB pelo pronome proclítico.

Com os tempos do **Modo Subjuntivo, Presente, Pretérito Imperfeito e Futuro**, os pronomes se apresentaram, predominantemente, em posição proclítica, nos periódicos de ambas as localidades. Averiguaram-se, no caso dos periódicos de São Paulo, índices de 100% de próclise nesses três tempos. Quanto aos dados interioranos, observaram-se índices de próclise de 94.7%, 100% e 100%, com pronomes átonos ligados a verbos nos tempos **Presente, Pretérito Imperfeito e Futuro do Modo Subjuntivo**, nessa devida ordem. Os verbos no **Imperativo Afirmativo** e nas formas nominais – **Infinitivo e Gerúndio** – revelaram usos predominantes dos pronomes em posição enclítica a eles; no caso dos jornais da capital do estado, os percentuais foram, respectivamente, 100%, 72.9% e 93%, enquanto, nos jornais de Rio Claro, atingiram as marcas de 87.5%, 75% e 96.7%. Registraram-se, ainda, um pronome proclítico a um verbo no **Imperativo Negativo**, no exemplar de 1880, e um pronome enclítico adjunto a um verbo sob a forma de **Particípio**, no exemplar de 1894, nos resultados da cidade de Rio Claro. Confirmaram-se, assim, quanto aos verbos nos tempos do **Modo Indicativo**, alternâncias em relação às posições ocupadas pelos clíticos pronominais, podendo atuar, para determinada escolha, outros fatores condicionadores; quanto aos verbos nos tempos do **Modo Subjuntivo**, notou-se o forte favorecimento ao uso da próclise, devido à presença significativa de elementos proclisadores nas orações; e, finalmente, quanto aos contextos de verbos no **Imperativo Afirmativo e Formas Nominais**, sobressaiu-se o uso de pronomes pospostos. De um modo geral, esses resultados se assemelharam ao que estava prescrito pela norma da época.

Quanto aos clíticos pronominais adjungidos a complexos verbais, constituiu-se, também, uma sub-amostra para a análise das variáveis independentes linguísticas, em que foram registrados, nos anos de 1880 a 1920, de um modo geral, nos jornais da cidade de São Paulo, 43% dos pronomes em posição pré-complexo verbal, 25.5% em posição intra-complexo verbal e 31.5% em posição posposta ao segundo verbo do complexo. Os dados referentes aos periódicos de Rio Claro se apresentaram de modo bastante semelhante, estando o pronome em posição anteposta ao verbo auxiliar em 39.2% dos casos, 24.2% das vezes em posição intra-complexo verbal e 36.6% dos registros em posição pós-complexo verbal. Novamente, a partir da consideração dos percentuais, pôde-se concluir que a hipótese adotada – presença mais acentuada dos clíticos nas posições intra e pós-complexo verbal nos jornais da cidade de São Paulo e menores índices de ocorrência, nos jornais rioclarenses, dessas posições, destacando-se, de modo proeminente, a posição pré-complexo verbal – não se confirmou.

Como anteriormente justificado, com os complexos verbais não puderam ser feitas análises multidimensionais. Dessa forma, privilegiaram-se, quando descritos, os comportamentos de todos os fatores de cada variável considerada. A partir dos cruzamentos realizados – e comentados na seção referente à descrição dos resultados –, pôde-se, de um modo geral, destacar a relevância das variáveis independentes linguísticas **forma verbal de V2, presença, ou ausência, de elemento proclisador na oração e tipo de complexo verbal**, por considerá-las mais interferentes à determinação da posição do clítico pronominal, em contextos de complexos verbais. A seguir, ressaltam-se algumas ponderações acerca dessas variáveis.

Os resultados, conforme a forma verbal de V2, apresentaram-se bastante semelhantes nos jornais das cidades de São Paulo e de Rio Claro. Ressaltando-se os dados em que a forma verbal **Infinitivo** era utilizada – visto ser a causa, dentre muitos registros dos pronomes clíticos em posição pós-complexo verbal, quando observadas as relações com outros grupos de fatores –, notou-se a produtividade do pronome clítico posposto ao verbo principal, com percentuais de 42.6%, nos jornais de São Paulo, e 46.9%, nos jornais de Rio Claro, possivelmente, por ser um dos preceitos, quanto ao tema da colocação pronominal, estabelecidos pelos compêndios gramaticais.

Quanto à variável **presença, ou ausência, de elemento proclisador na oração**, nos referidos jornais paulistas, quando presentes, os atratores condicionavam a colocação da variante pré-complexo verbal, com percentuais de 61.8%, nos jornais de São Paulo, e 47.4%, nos jornais de Rio Claro. Quando ausentes, observava-se o aumento da produtividade das outras duas variantes. Pode-se inferir, também, que muitos dos registros com os pronomes clíticos adjungidos a complexos verbais em posição anteposta ao primeiro verbo, mesmo que considerados outros aspectos linguísticos, eram motivados pela presença de um elemento atrator. Entretanto, ainda foram verificados casos em que mesmo com a presença do elemento proclisador, o pronome clítico aparecia nas posições intra ou pós-complexo verbal; ou, ao contrário, dados em que os pronomes clíticos estavam em posição pré-complexo verbal mesmo com a ausência de elementos proclisadores. Desse modo, as considerações acerca dessas transgressões da norma-padrão, explicitadas quando mencionados comportamentos semelhantes em contextos de lexias verbais simples, também se estendem ao que se observou em contextos de complexos verbais.

Quanto à variável tipo de complexo verbal, deve-se ressaltar o fator **Passiva do verbo ser** que privilegiou, nos jornais de ambas as localidades, a posição pré-complexo verbal, com índices de 87.2%, nos jornais de São Paulo, e 80%, nos jornais de Rio Claro. Tem-se que pelo

fato de a forma verbal de V2, nessas construções, ser a do **Particípio**, e pela obrigatoriedade à não posposição do pronome clítico a essa forma verbal, consoante preceitos tradicionais, não se registrou nenhum pronome clítico em posição pós-complexo verbal.

A partir do levantamento de todas as variáveis – extralinguísticas e linguísticas – discutidas no correr desta pesquisa, conclui-se, portanto, que a presente investigação pôde contribuir com a descrição da variedade do Português Paulista, assinalando, concomitantemente, um avanço em relação aos estudos já existentes sobre esta mesma temática – a posição dos clíticos pronominais –, principalmente no que concerne à análise da variável independente extralinguística **gênero textual**, que, de acordo com os propósitos esclarecidos neste estudo, ainda é pouco examinada, e a relevância desses trabalhos e de tantos outros que, possivelmente, virão a se realizar, acerca desse rendoso assunto.

7 REFERÊNCIAS

ALKMIM, T. M. Sociolinguística- Parte I. In: MUSSALIM, F; BENTES, A. C. **Introdução à linguística**- domínios e fronteiras. v. 1. São Paulo: Cortez, 2001. p. 22-47.

BAGNO, M. Língua, história & sociedade. Breve retrospecto da norma-padrão brasileira. In: _____. (org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 179-199.

_____. **A norma oculta**. Língua & poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola, 2003.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 279 – 326.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.

BECHARA, E. **Lições de português pela análise sintática**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Grifo, 1978.

_____. **Moderna gramática portuguesa**. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BERBER SARDINHA, T. **Linguística de Corpus**. Barueri: Manole, 2004.

BONINI, A. Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no Brasil? **Revista Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 4, n. 1, p. 205-231, 2003a. Disponível em: < <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0401/00.htm>> Acesso em: 13 jan. 2008.

_____. Veículo de comunicação e gênero textual: noções conflitantes. **DELTA** - Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 65-89, 2003b.

_____. Em busca de um modelo integrado para os gêneros do jornal. In: CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. (org.). **Gêneros textuais e referenciação**. Fortaleza: PPGL/UFC, 2004. p. -.

_____. Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (org.). 2ed. **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 57- 71.

BORBA, F. da S. (org.). **Dicionário Gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

BRITO, A. M.; DUARTE, I.; MATOS, G. Tipologia e distribuição das expressões nominais. In: MATEUS et al. **Gramática da língua portuguesa**. 6ª ed. Lisboa: Caminho, 2003. p. 797-867.

CALVET, L.-J. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMACHO, R. G. Sociolinguística. Parte II. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.) **Introdução à linguística**. Domínios e fronteiras. v. 1. São Paulo: Cortez, 2001. p. 49-75.

CAMARA JR, J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

_____. **Estrutura da língua portuguesa**. 36ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

CAMPOS, A. L. de A. Vida cotidiana e lazer em São Paulo oitocentista. In: PORTA, P. (org.) **História da Cidade de São Paulo**: a cidade no Império – 1823-1889. v.2. São Paulo: Paz e Terra, 2004. p. 251-305.

CAVALCANTE, S. R. de O.; DUARTE, M. E. L.; PAGOTTO, E. G. **Clíticos no século 19: uma questão de posição social?** (no prelo).

CHAFE, W. L. Estados, Processos e Ações. In: _____. **Significado e estrutura linguística**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979. p. 95-105.

CHOMSKY, N. **Aspects of the theory of Syntax**. Cambridge, Mass: The MIT Press, 1965.

COHEN, I. S. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, A. L.; LUCA, T. R. de. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 103-130.

COSTA, C. **Pequena história da República**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

COSTA, S. R. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CRUZ, H. de F. A imprensa paulistana: do primeiro jornal aos anos 50. In: PORTA, P. (org.) **História da Cidade de São Paulo: a cidade no Império – 1823-1889**. v.2. São Paulo: Paz e Terra, 2004. p. 351-385.

CUNHA, C. **Gramática do português contemporâneo**. Belo Horizonte: Editora Bernardo Álvares S/A, 1970.

_____; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CYRINO, S. M. L. Observações sobre a Mudança Diacrônica no Português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS & KATO. (org.). **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. 2 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996. p. 163-175.

_____. **O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico**. Londrina: Editora da UEL, 1997.

DEAN, W. **Rio Claro: um sistema brasileiro de grande lavoura – 1820 a 1920**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

DUARTE, M. E. L. **Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no Português do Brasil**. 1986. 73 f. Dissertação (Mestrado em Ciências – Linguística aplicada ao ensino de línguas) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1986.

_____. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no Português do Brasil. In: TARALLO, F. (org) **Fotografias sociolinguísticas**. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989. p. 19-34.

ELEUTÉRIO, M. de L. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, A. L.; LUCA, T. R. de. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 83-102.

FARACO, C. A. **Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola, 2005.

_____. Apresentação de um clássico. In: WEINREICH, V.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 9-29.

_____. **Norma culta brasileira – desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola, 2008.

FIORIN, L. J. Os gêneros do discurso. In: _____. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008. p. 60-76.

GALLOTTA, B. C. Cronologia: 1823 a 1889. In: PORTA, P. (org.) **História da Cidade de São Paulo**: a cidade no Império – 1823-1889. v.2. São Paulo: Paz e Terra, 2004. p. 617-624.

_____.; PORTA, P. Cronologia: 1889 a 1954. In: PORTA, P. (org.) **História da Cidade de São Paulo**: a cidade na primeira metade do século XX – 1890-1954. v.3. São Paulo: Paz e Terra, 2004. p. 603-617.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística Quantitativa**. São Paulo: Parábola, 2007.

HALL, M. Imigrantes na Cidade de São Paulo. In: PORTA, P. (org.) **História da Cidade de São Paulo**: a cidade na primeira metade do século XX – 1890-1954. v.3. São Paulo: Paz e Terra, 2004. p. 121-151.

IGNÁCIO, S. E. **Análise sintática em três dimensões**. Uma proposta pedagógica. Franca: Editora Ribeirão Gráfica, 2003.

KOSHIBA, L.; PEREIRA, D. M. F. **História geral e Brasil**. Trabalho, cultura, poder. São Paulo: Atual, 2004.

LABOV, W. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. Building on Empirical Foundations. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (org.). **Perspectives on Historical Linguistics**. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1982.

_____. **Principles of Linguistic Change**. Vol. 1: Internal factors. Cambridge: Blackwell, 1994.

_____. **Principles of Linguistic Change**. Vol. 2: Social factors. Cambridge: Blackwell, 2001.

_____. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LAWRENCE, H.; TOBINSON, J. S.; TAGLIAMONTE, S. **Goldvarb 2001**. A multivariate analysis application for Windows. Outubro de 2001. Disponível em:

<<http://courses.essex.ac.uk/lg/lg654/GoldVarb2001forPCmanual.htm>>. Acesso em: 13 maio. 2009.

LOVE, J. L. **A Locomotiva: São Paulo na Federação Brasileira. 1889-1937.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

LUCA, T. R. de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org). **Fontes históricas.** São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.

_____. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: MARTINS, A. L.; LUCA, T. R. de. **História da imprensa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2008. p. 149-175.

LUCCHESI, D. e LOBO, T. Gramática e Ideologia. **Sitientibus.** Feira de Santana, v. 8, 1988. p.73-81.

LUCCHESI, D. Variação e norma: elementos para uma caracterização sociolingüística do português do Brasil. **Revista Internacional de Língua Portuguesa,** 12, 1994. p.17-28.

_____. Norma lingüística e realidade social. In: BAGNO, M. (org.) **Lingüística da norma.** São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 63-92.

_____. **Sistema, mudança e linguagem:** um percurso na história da lingüística moderna. São Paulo: Parábola, 2004.

MARCHEZAN, R. C. Diálogo. In: BRAIT, B. (org) **Bakhtin:** conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005. p. 115-131.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais : definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs.) **Gêneros textuais e ensino.** 4ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 19-36.

_____. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (orgs.) 2ed. **Gêneros textuais:** reflexões e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 23-36.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

- MATEUS, M. H. M. et al. **Gramática da língua portuguesa**. 6ª ed. Lisboa: Caminho, 2003.
- MATTOS & SILVA, R. V. **Caminhos da Linguística Histórica** - ouvir o inaudível. São Paulo: Parábola, 2009.
- MEDINA, J. L. B. Gêneros jornalísticos: repensando a questão. **Revista Symposium**. Pernambuco, ano 5, n. 1, p. 45-55, 2001.
Disponível em: <<http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/3196/3196.PDF>>. Acesso em: 25 set. 2008.
- MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C; BRAGA, M. L. (org.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004. p. 9-14.
- NOZOE, N. Vida econômica e finanças municipais da capital paulista na época imperial. In: PORTA, P. (org.) **História da Cidade de São Paulo**: a cidade no Império – 1823-1889. v.2. São Paulo: Paz e Terra, 2004. p. 99-151.
- NUNES, C. da S. **Um estudo sociolingüístico sobre a ordem dos clíticos em complexos verbais no PB e no PE**. 2009. 256 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- OLIVEIRA, D. P. de. A variação linguística no Brasil. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (org.) **Português brasileiro II**: contato lingüístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: EDUFF, 2008. p. 93-100.
- PAGOTTO, E. G. **A posição dos clíticos em português**: um estudo diacrônico. 1992. 168f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.
- _____. Clíticos, Mudança e Seleção Natural. In: ROBERTS & KATO. (org.). **Português Brasileiro**: uma viagem diacrônica. 2 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996. p. 185-206.
- _____. Norma e condescendência: ciência e pureza. **Línguas e instrumentos lingüísticos**. n. 2. São Paulo: Pontes, 1998. p. 49-68.
- PAIVA, M. da C.; DUARTE, M. E. L. Quarenta anos depois: a herança de um programa na sociolingüística brasileira. In: WEINREICH, V.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 131-150.

PEREIRA, C. E. **Gramática expositiva**. Curso superior. 97ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

PESSOA, F. **O poeta fingidor**. São Paulo: Globo, 2009.

PONTES, J. A. V. **Resumo Histórico** – O Estado de S. Paulo. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/historico/resumo/conti1.htm>>. Acesso em: 13 set. 2009.

_____. **Cronologia histórica do Grupo Estado**. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/historico/cronologia/crono1.htm>>. Acesso em: 13 set. 2009.

QUEIROZ, S. R. R. de. Política e poder público na Cidade de São Paulo. In: PORTA, P. (org.) **História da Cidade de São Paulo**: a cidade na primeira metade do século XX – 1890-1954. v.3. São Paulo: Paz e Terra, 2004. p. 15-51.

REY, A. Usos, julgamentos e prescrições lingüísticas. In: BAGNO, M. (org.). **Norma lingüística e outras normas**. São Paulo: Edições Loyola, 2001. p. 115-143.

REZENDE, A. P.; DIDIER, M. T. **Resumo da História**. História geral e do Brasil. São Paulo: Atual, 2005.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 39ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.) **Gêneros**. Teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2005. p. 184-207.

SAES, F. São Paulo republicana: vida econômica. In: PORTA, P. (org.) **História da Cidade de São Paulo**: a cidade na primeira metade do século XX – 1890-1954. v.3. São Paulo: Paz e Terra, 2004. p. 215-257.

SAID ALI, M. **Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa**. 3ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1964.

SANKOFF, D. Variable Rules. In: AMMON, U., DITTMAR, N., MATTHEIER, J. K. (orgs.). **Sociolinguistics** – An International Handbook of the Science of Language and Society. Berlin: Walter de Gruyter, 1988. p. 984-997.

SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral**. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 23 ed. São Paulo: Cultrix, 2001. Tradução de: Cours de linguistique générale.

SILVA, F. de A. **História do Brasil**. São Paulo: Moderna, 1992.

SILVA-CORVALÁN, C. Introducción. In: _____. **Sociolingüística**. Teoría y análisis. Madrid: Alhambra, 1989. p. 1-15.

SOUZA, L. V. de. As ações do professor: a análise comparativa entre trabalho prescrito e trabalho realizado sobre o discurso argumentativo do editorial de jornal. In: NASCIMENTO, E. L. (org.) **Gêneros textuais – Da didática das línguas aos objetos de ensino**. São Carlos: Claraluz, 2009. p.91-111.

TARALLO, F. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além mar no final do século XIX. In: ROBERTS & KATO. (org.). **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. 2 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996. p.69-105.

_____. **A pesquisa sociolingüística**. 8ed. São Paulo: Ática, 2007.

VIEIRA, S. R. **Colocação pronominal nas variedades européia, brasileira e moçambicana**: para a definição da natureza do clítico em português. 2002. 441 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

_____. Colocação pronominal nas variedades européia, brasileira e moçambicana: para a definição da natureza do clítico em português. In: BRANDÃO, S. F.; MOTA, M. A. (org.). **Análise contrastiva de variedades do português**. Primeiros estudos. Rio de Janeiro: Infólio, 2003, p. 37-59.

_____. Colocação pronominal. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. **Ensino de gramática: descrição e uso**. São Paulo: Contexto, 2007. p.121-146.

_____. A variação na ordem dos clíticos pronominais em complexos verbais: condicionamentos morfossintáticos e prosódicos. In: RONCARATI, C., ABRAÇADO, J. (org.). **Português brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Niterói: Editora da UFF, 2008. p. 285-300.

WEINREICH, V.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. São Paulo: Parábola, 2006.